

REVISTA DE

EDUCAÇÃO FÍSICA

Journal of Physical Education

Desde 1932

v. 85 n. 2 (jul 2016)



IX Congresso Internacional
e XVI Congresso Brasileiro
de Psicologia do Esporte

ESPORTE OLÍMPICO E PARALÍMPICO
a contribuição da psicologia do esporte
para o rendimento esportivo



Destaques:

- Treinadores da categoria de base do basquetebol masculino brasileiro: trajetória profissional e condições laborais
- Fatores da ansiedade identificados para atletas da categoria juvenil de futebol
- Existe o efeito da idade relativa entre judocas medalhistas da categoria sub-15?

EXÉRCITO BRASILEIRO

CORPO EDITORIAL

Editores-Chefes Honorários

General de Divisão Décio dos Santos Brasil, Chefe do Centro de Capacitação Física do Exército

Marco Aurélio Souto de Araújo, Centro de Capacitação Física do Exército

Alfredo de Andrade Bottino (Esp.), Centro de Capacitação Física do Exército

Editor-Chefe

Tenente Coronel Eduardo Borba Neves (Dr), Instituto de Pesquisa da Capacitação Física do Exército

Editora-Executiva

Profa. Dra. Lilian C. X. Martins, Instituto de Pesquisa em Capacitação Física do Exército e Centro de Capacitação Física do Exército

Editor-Chefe-Adjunto

Major Felipe Keese Diogo Campos (MS), Escola de Educação Física do Exército

Conselho Editorial

Coronel Mauro Guaraldo Secco (MS), Centro de Capacitação Física do Exército

Profa. Dra. Ângela Nogueira Neves, Escola de Educação Física do Exército

Profa. Dra. Cláudia de Mello Meirelles, Escola de Educação Física do Exército

Profa. Dra. Danielli Braga de Mello, Escola de Educação Física do Exército

Coronel Eduardo Camilo Martinez (Dr), Instituto de Pesquisa da Capacitação Física do Exército

Prof. Dr. Rodrigo Rico Bini, Escola de Educação Física do Exército

Corpo Consultivo

Profº. Dr. Guanís de Barros Vilela Junior

Universidade Metodista de Piracicaba

Profº. Dr. João Carlos Dias

Centro Universitário de Belo Horizonte - UNI-BH

Profº. Dr. Jorge Proença

Universidade Lusófona (Portugal)

Profº. Dr. José Maurício Capinussú de Souza

Universidade Salgado de Oliveira

Profº. Dr. Luis Claudio Cameron

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Profº. Dr. Luiz Antonio dos Anjos

Universidade Federal Fluminense

Profº. Dr. Luiz Alberto Batista

Universidade do Estado do Rio de Janeiro Universidade Castelo Branco

Profª Drª Maria Eliza Caputo Ferreira

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Maria Isabel Fragoso

Universidade Técnica de Lisboa (Portugal)

Profº. Dr. Martim Francisco Bottaro Marques

Universidade de Brasília - UNB

Profº. Ms. Rafael Guimarães Botelho

Universidade Autônoma de Barcelona

Profº. Dr. Wallace Davi Monteiro

Universidade do Estado do Rio de Janeiro Núcleo do

Instituto de Ciências da Atividade Física

Profº. Dr. Antônio Carlos Gomes

Universidade Estadual de Londrina

Profº. Dr. Antônio Claudio Lucas da Nóbrega

Universidade Federal Fluminense

Profº. Dr. Benedito Sérgio Denadai

Universidade Estadual de São Paulo – UNESP

Profº. Dr. Cândido Simões Pires Neto

Unidade de Ensino Superior Vale do Iguaçu - UNIGUAÇU

Profº. Dr. Carlos Ugrinowitsch

Universidade de São Paulo - USP

Profº. Dr. Cláudio Gil Soares de Araújo

Universidade Gama Filho

Profª. Drª. Isabela Pereira de Lucena Guerra

Consultora do GSSI - SP

Profº. Ms. Josué Morisson de Moraes

Centro Universitário Metodista - Bennett

Profº. Dr. Lamartine Pereira da Costa

Universidade Gama Filho

Profº. Dr. Valdir José Barbanti

Universidade de São Paulo

Profº. Dr. Márcio Antônio Babinski

Universidade Federal Fluminense

Profº. Dr. Paulo Sérgio Chagas Gomes

Universidade Gama Filho

Profª. Drª. Renata de Sá Osborne da Costa

Universidade Salgado de Oliveira

Profº. Dr. Roberto Carlos Burini

Universidade Estadual de São Paulo - UNESP

Profº. Dr. Rolando Ceddía

York University

Profº. Dr. Rui Curi

Universidade de São Paulo - USP

Profª. Drª. Tânia Cristina Pithon Curi

Universidade Cruzeiro do Sul - UNICSUL

Profº. Dr. Vitor Agnew Lira

University of Florida

EXPEDIENTE

A *Revista de Educação Física / Journal of Physical Education* é uma publicação para divulgação científica do Exército Brasileiro, por meio do Centro de Capacitação Física do Exército (CCFEx), do Instituto de Pesquisa da Capacitação Física do Exército (IPCFEx) e da Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx).

Sua publicação é trimestral e de livre acesso sob licença *Creative Commons*, que permite a utilização dos textos desde que devidamente referenciados.

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

Revista de Educação Física / Journal of Physical Education

Centro de Capacitação Física do Exército

Av. João Luís Alves, S/Nº - Fortaleza de São João – Urca

CEP 22291-090 – Rio de Janeiro, RJ – Brasil.

FICHA CATALOGRÁFICA

Revista de Educação Física / Journal of Physical Education. Ano 1 nº 1 (1932)

Rio de Janeiro: CCFEx 2014

v.:II.

Trimestral.

Órgão oficial do: Exército Brasileiro

ISSN 2447-8946 (eletrônico)

ISSN 0102-8464 (impresso)

1. Educação Física – Periódicos.
2. Desportos.
3. Psicologia.
4. Cinesiologia/Biomecânica.
4. Epidemiologia da Atividade Física.
5. Saúde.
6. Metodologia em Treinamento Físico.
7. Medicina do Esporte e do Exercício.
8. Neurociência.
9. Nutrição.

<http://www.revistadeeducacaofisica.com/>

EDITORIAL

A *Revista de Educação Física / Journal of Physical Education* continua, neste número, processo de reestruturação e recuperação de sua identidade como periódico científico de relevância da área 21. A orientação editorial nesse processo é de apresentar à comunidade científica trabalhos de qualidade, que reflitam o movimento de interesse e crescimento científico da área da Educação Física e áreas epistemologicamente afins. Assim, é com muita satisfação que entregamos a presente edição, especialmente dedicada às pesquisas em Psicologia do Esporte.

Eventos e artigos científicos são os momentos nos quais o pesquisador tem a oportunidade de se comunicar com seus pares, dividindo suas descobertas, seus questionamentos e comunicando as limitações de sua pesquisa, congregando esforços para a resolução das lacunas ainda existentes e contribuindo então, efetivamente para o desenvolvimento da área.

O presente número reúne esses dois momentos, já que traz a íntegra de cinco artigos indicados como os de maior expressividade e todos os resumos dos trabalhos criteriosamente selecionados pela comissão científica do **IX Congresso Internacional e XVI Congresso Brasileiro de Psicologia do Esporte (CONBIPE)**, ocorridos entre os dias 14 e 16 de abril de 2016, em Belo Horizonte. Organizado pelo Laboratório de Psicologia do Esporte da Universidade Federal de Minas Gerais (LAPES/UFMG), apoiado pela Associação Brasileira de Estudo em Psicologia do Esporte e Exercício (ABEPEEX) e pela *International Society of Sport Psychology (ISSP)* o evento reuniu mais de 400 participantes nacionais e internacionais, entre pesquisadores, psicólogos, professores e estudantes das áreas de Educação Física e Psicologia. Eventos desse porte merecem reconhecimento da comunidade científica e a *Revista de Educação Física / Journal of Physical Education* o faz através desta edição, símbolo de seu apoio aos profissionais que pesquisam, ensinam e atuam nessa área, incentivando o crescimento dos estudos e da pesquisa em Educação Física em nosso país.

Ângela Nogueira Neves – Prof^a PhD

SUMÁRIO

Expediente v 85 n 2

Psicologia do Esporte

Treinadores da categoria de base do basquetebol masculino brasileiro: trajetória profissional e condições laborais	66
<i>Cleiton Pereira Reis, Márcia Cristina Custódia Ferreira, Camila Cristina Fonseca Bicalho, Luiz Carlos Couto de Albuquerque Moraes, Varley Teoldo da Costa</i>	
Fatores da ansiedade identificados para atletas da categoria juvenil de futebol	76
<i>Camila Cristina Fonseca Bicalho, Cristina Carvalho de Melo, Tatiana Lima Boletini, Varley Teoldo da Costa, Franco Noce</i>	
Existe o efeito da idade relativa entre judocas medalhistas da categoria sub-15?	84
<i>Thiago Vinícius Ferreira, Cleiton Pereira Reis, Maicon Rodrigues Albuquerque, Varley Teoldo da Costa</i>	
Estilos de suporte parental para a prática esportiva: uma investigação em jovens atletas brasileiros	92
<i>Gislaine Contessoto Pizzo, Andressa Ribeiro Contreira, Selso Ananias Siteo, Caio Rosas Moreira, Aryelle Malheiros Caruzzo, Lenamar Fiorese Vieira</i>	
Validação do <i>Learning Climate Questionnaire</i> (LCQ): um questionário para avaliação do clima de aprendizagem	102
<i>Luciane Cristina Arantes da Costa, Jorge Both, Patricia Carolina Borsato Passos, Alexandre Igor Araripe Medeiros, João Marôco, Lenamar Fiorese Vieira</i>	

Anais de Eventos

Apresentações de palestrantes	109
Apresentações orais	140
Resumos e Abstracts (pôsteres)	177



Revista de Educação Física

Journal of Physical Education

Home page: www.revistadeeducacaofisica.com



Artigo Original

Original Article

Treinadores da categoria de base do basquetebol masculino brasileiro: trajetória profissional e condições laborais

Coaches of the base category of the brazilian men's basketball: professional development and labor conditions

Cleiton Pereira Reis¹ MD; Márcia Cristina Custódia Ferreira¹ MD; Camila Cristina Fonseca Bicalho² MD; Luiz Carlos Couto de Albuquerque Moraes¹ PhD; Varley Teoldo da Costa^{§1} PhD

Recebido em: 08 de junho de 2016 Aceito em: 15 de junho de 2016.
Publicado online em: 25 de julho de 2016.

Resumo

Introdução: No esporte, a análise da trajetória do treinador iniciante até se tornar um profissional e também das condições laborais que estes indivíduos estão submetidos mostram que essas variáveis estão relacionadas com o desempenho deste profissional.

Objetivo: Este estudo teve como objetivos analisar: a) a trajetória profissional dos treinadores brasileiros de equipes masculinas de basquetebol da categoria de base; b) as atuais condições laborais destes treinadores.

Métodos: Dez treinadores participaram do estudo, filiados à Escola Nacional de Treinadores de Basquetebol (média de idade 38,30±13,05 anos). Foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada. Os dados foram analisados por meio de Miniunidades (MU's).

Resultados: Todos os treinadores foram atletas no passado, e apenas um deles não jogou basquetebol. Seis deles são formados em Educação Física. Nove treinadores foram ex-atletas e tiveram apoio de outros treinadores e de familiares para se tornarem treinadores. Estes profissionais destacam que a remuneração da profissão é diminuta e o cargo instável. Seis dos dez treinadores não se dedicam exclusivamente ao cargo e exercem outras funções laborais, o que na percepção deles prejudica muito a atuação profissional. Invariavelmente, na percepção destes profissionais, os clubes não arcam com todas as obrigações trabalhistas.

Conclusão: A vida esportiva progressiva dos treinadores, bem como os fatores sociais e pessoais, tem influência decisiva na escolha da profissão de treinadores de basquetebol. O cargo de treinador é considerado como instável e com baixa remuneração.

Pontos-Chave Destaque

1- Analisou a trajetória profissional e as condições laborais de treinadores da categoria de base do basquetebol masculino brasileiro.

2 – Mostrou que a maior parte dos participantes foram ex-atletas da modalidade e tiveram apoio de familiares e de outros treinadores para se tornarem treinadores de basquetebol.

3 – Mostrou principalmente que os treinadores entrevistados não apresentam condições laborais adequadas para trabalhar.

Palavras-chave: basquetebol, satisfação no trabalho, educação física e treinamento.

[§] Autor correspondente: Laboratório de Psicologia do Esporte Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional Universidade Federal de Minas Gerais Av. Presidente Carlos Luz, 4664 31310-250 - Belo Horizonte - MG – BRASIL Telefone: (31) 3409 7800.

¹ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

² Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

Abstract

Introduction: In sports, the analysis of the trajectory of the beginner coach to become a professional coach and also the working conditions that the individuals are submitted show that these variables were related to the professional performance.

Objective: This study aimed to analyze: a) the professional trajectory of Brazilians coaches of male basketball of base category; b) the current working conditions of these individuals.

Methods: Ten coaches participated in the study, affiliated with the National School of Basketball Coaches (average age of $38,30 \pm 13,05$ years). A semi-structured interview script was used. The data were analyzed using Meaning Units (MUs).

Results: All coaches were athletes in the past, and only one of them did not play basketball. Six of them have a degree in Physical Education. Nine coaches were former athletes, and had support from other coaches and family members to become coaches. These professionals point out that the remuneration of the profession is low and the job is unstable. Six of ten coaches are not exclusively dedicated to coaching, and have other activities, which in their perception much affect the professional performance. Regarding the perception of professionals, invariably, the clubs do not comply with all labor rights obligations.

Conclusion: The early sport experience of the coaches together with social and personal factors have a decisive influence on the choice of a basketball coach career. The position of coach is considered as unstable and with low remuneration.

Keypoints

- This study analyzed the professional trajectory and the working conditions of brazilians coaches of male basketball of base category.

- The paper showed the most part of these professionals were former basketball players, being supported by family and other coaches to become basketball coaches.

- Also, mainly showed that interviewed coaches do not have adequate working conditions for work.

Keywords: basketball, job satisfaction, physical education and training.

Treinadores da categoria de base do basquetebol masculino brasileiro: trajetória profissional e condições laborais

Introdução

É recorrente a preocupação de pesquisadores em descrever a trajetória do treinador iniciante no esporte até se tornar um profissional, além de analisar quais são as condições laborais que estes indivíduos estão submetidos (1-6).

De acordo com estudos sobre a *expert performance*, dois fatores são essenciais para que um atleta atinja o patamar de *expert*: ter um expressivo tempo de prática e estar cercado por profissionais capacitados que monitorem seu desenvolvimento (7-8). Neste contexto, o treinador é o principal articulador para que o desenvolvimento de jovens atletas.

Sobre a trajetória destes indivíduos até se tornarem treinadores de basquetebol, muitos treinadores estão inseridos no meio esportivo desde a infância, e algum deles foram atletas da modalidade (1,5). É comum que estes profissionais sejam incentivados e

influenciados a seguir a carreira de treinador por antigos treinadores, familiares e amigos(1-2). Nash e Sproule (4) entrevistaram treinadores considerados *experts* do esporte canadense e verificaram que estes indivíduos foram influenciados positivamente por treinadores mais experientes, sendo que tal situação representou a principal fonte de aprendizagem para os participantes deste estudo.

O modelo do treinador de Côté et al. (7) relaciona a qualidade da formação e o desejo do treinador de estar sempre atualizado com a capacidade deste profissional de desenvolver os atletas. Diante ao alto nível de exigência que os treinadores estão submetidos, é comum que estes profissionais procurem se aprimorar cada vez mais. Estudos mostram que treinadores estão cada vez mais frequentando cursos de formação e se graduando em universidades (9-13). Um maior nível de capacitação do treinador está diretamente

relacionado: à superação do modelo empírico de treinamento e ao estabelecimento de métodos científicos para o aprimoramento dos atletas (11-12,14).

Também sobre as condições laborais do treinador, é necessário que este profissional tenha à disposição no seu ambiente de trabalho recursos adequados para que ele se desenvolva e também consiga estimular o desenvolvimento de seus atletas (7,15). Quanto à realidade do trabalho dos treinadores, Reis et al. (8) mostraram que treinadores de basquetebol de categoria de base de Minas Gerais não tinham recursos adequados para desenvolver seus atletas, principalmente no que tange uma equipe multidisciplinar e recursos financeiros para manter os atletas treinamento.

As condicionais laborais podem ser uma fonte de estresse e de insatisfação para os treinadores. Fletcher e Scott (16) ressaltam que fatores como as condições de treinamento, o calendário esportivo, a situação financeira e administrativa do clube e a estabilidade no cargo de treinador são estressores organizacionais ligados ao trabalho do treinador.

Contraopondo este contexto, treinadores do basquetebol universitário canadense consideram que trabalhar em estruturas de alto nível e uma alta remuneração são fatores que contribuem para que eles se sintam satisfeitos em exercer o cargo e consigam evoluir na carreira (1). Uma remuneração condizente ao cargo também foi citado por treinadores *experts* do basquetebol espanhol como um fator que os ajuda a continuar na profissão (2).

Visto a importância que o treinador possui no processo de formação dos atletas de basquetebol, e considerando-se que a trajetória profissional e o contexto laboral influenciam diretamente no trabalho destes profissionais, segue-se os seguintes questionamentos: como se procede a trajetória destes indivíduos até se tornarem treinadores de categoria de base? Além disso, quais as condições laborais que estes indivíduos têm para trabalhar?

Assim, este estudo teve como objetivos analisar: a) a trajetória profissional dos treinadores brasileiros de equipes masculinas

de basquetebol da categoria de base; b) as atuais condições laborais destes treinadores.

Métodos

O presente estudo tem uma abordagem qualitativa. Tal viés ao privilegiar a fala de atores sociais consegue atingir um nível de compreensão que se torna acessível por meio de discursos, sendo apropriado para investigação cujo objetivo é conhecer como um grupo de pessoas percebe um determinado fenômeno social (17). De acordo com Goellner et al. (18), a pesquisa qualitativa, sobretudo, transforma os colaboradores de um estudo em coautores e protagonistas dos processos metodológicos.

Este tipo de abordagem caracteriza-se pela compreensão das realidades múltiplas que determinam o desenvolvimento dos indivíduos (19) e pelo conhecimento holístico a respeito do contexto a ser estudado (20). Outros estudos também analisaram a trajetória profissional e condições laborais de treinadores através de métodos qualitativos e de entrevista retrospectiva (1,4-5,21).

Amostra

Participaram do estudo 10 treinadores que trabalham em equipes masculinas de categoria de base na região sudeste do Brasil, certificados pela Escola Brasileira de Treinadores de *Basketball*, entidade que está sob a direção da Confederação Brasileira de *Basketball*. Todos os indivíduos são do sexo masculino e têm em média $38,30 \pm 13,05$ anos de idade. Tais profissionais exercem a profissão em média a $14,65 \pm 12,21$ anos.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, sob o número de protocolo 0454.0.203.000-11. Todos os treinadores assinaram um Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Foram garantidos o anonimato e confidencialidade dos dados.

Instrumentos

Os instrumentos utilizados neste estudo foram: uma ficha de identificação, para colher informações demográficas, nível de formação educacional e formas de capacitação profissional e outros fatores relevantes à profissão dos treinadores; e um roteiro de entrevista semiestruturada para análise da

carreira dos treinadores de basquetebol(19,21). As entrevistas foram realizadas com os treinadores para se entender como se procedeu a trajetória destes profissionais até se tornarem treinadores, e quais as condições de trabalho que estes profissionais têm à disposição. Para isso foram feitas perguntas aos treinadores que remetiam às seguintes variáveis: trajetória do treinador e condições laborais.

As perguntas foram elaboradas por um grupo de especialistas em Psicologia do Esporte e Basquetebol e validadas através da técnica de *expert rating* (22) para posterior utilização como roteiro da entrevista com os treinadores (21-22). Este tipo de método de entrevista permite flexibilidade na ordem das perguntas, de acordo com o depoimento de cada treinador, o que resulta em um grande número de informações colhidas (19). Permite atingir também, ao privilegiar a fala de atores sociais, um nível de compreensão que se torna acessível por meio de discursos, sendo apropriada para investigação cujo objetivo é conhecer como um grupo de pessoas percebe um determinado fenômeno social (17,22). Procura-se com esta abordagem a busca de informações previstas ou não previstas no roteiro inicial através da interação com a realidade empírica dos entrevistados (23).

Procedimentos de coleta de dados

A Confederação Brasileira de Basketball enviou uma carta aos pesquisadores apoiando o presente estudo. De posse de tal carta foi feito um primeiro contato com os treinadores, para o agendamento da coleta de dados. A coleta de dados aconteceu em um local que garantisse silêncio e conforto. O tempo médio de cada entrevista foi de aproximadamente 40 minutos.

Posteriormente as entrevistas foram transcritas e enviadas aos treinadores para uma confirmação do conteúdo que havia sido transcrito, juntamente com uma carta-resposta para ser assinada, confirmando a veracidade dos dados (22).

Análise dos dados

As entrevistas foram transcritas por completo. Para análise, seguiram-se os seguintes passos: primeiramente, realizou-se a

uma leitura cuidadosa das transcrições das entrevistas, para um entendimento global das falas. Depois, as entrevistas com os treinadores foram divididas em pequenos trechos, denominadas miniunidades (MU's). Elas são consideradas as menores partes compreensíveis de um texto que expressam uma ideia ou informação (25-26). A partir das MU's foi possível analisar as falas dos entrevistados dentro de temáticas específicas (25). Para prevalecer o anonimato dos entrevistados, cada MU foi identificada com a letra T (treinador), e um número de 1 a 10. A transcrição das entrevistas resultou em 82 páginas digitadas com espaçamento 1.5, fonte Arial. Foram analisadas as MU's mais significativas, no total de 79. Após uma leitura minuciosa, surgiram 2 categorias e 4 subcategorias para classificação das MU's, de acordo com a similaridade presente entre elas(23), conforme mostra a Figura 1.

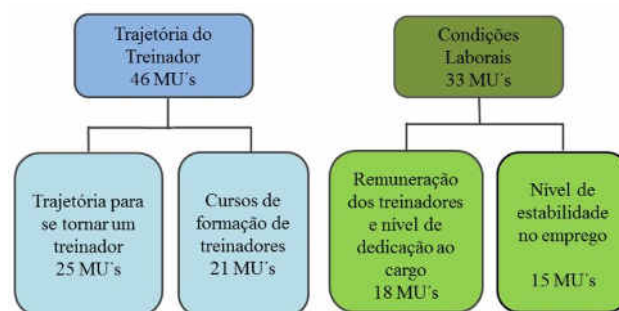


Figura 1 – Estruturação das MU's oriundas das entrevistas semiestruturadas

Resultados

Todos os treinadores de basquetebol que fizeram parte do presente estudo foram atletas de competição. Nove foram atletas de basquetebol e um foi atleta de futebol. Três destes treinadores chegaram a ser atletas profissionais de basquetebol.

“O fato de ter sido jogador de basquete me influenciou muito na carreira. O meu desenvolvimento como atleta me motivou a seguir no esporte. Fui atleta profissional também, e depois foi um caminho natural se tornar treinador de basquetebol [...]. Sempre quis continuar no esporte.” (T8)

Porém, um dos treinadores revelou que se tornou treinador mesmo não sendo ex-atleta de basquetebol.

“Fui atleta de futebol. Tornei-me treinador de basquetebol por influência de um treinador de basquetebol, pois precisava na minha cidade natal de um profissional para trabalhar com basquete. Isso foi possível porque eu tenho a facilidade de entender a dinâmica dos esportes coletivos. Mas precisei estudar muito o basquete para eu me tornar treinador.” (T10)

Oito entrevistados tiveram a influência de outros treinadores para iniciarem as suas próprias carreiras dentro do esporte. Quatro deles também citaram o apoio que obtiveram dos amigos e familiares para se engajarem nesta profissão.

“Eu comecei a jogar basquetebol de 10 para 11 anos, e estou até hoje. Há quatro anos eu sou treinador do clube que eu comecei a jogar. Eu cheguei a jogar profissionalmente. Comecei com o E.R., e eu fui pegando cancha com ele, acompanhando os treinos [...]. Amigos, e principalmente meu pai me incentivaram a se tornar um treinador.” (T2)

“Eu joguei do minibasquetebol até o juvenil, e sabendo que eu não daria prosseguimento à carreira de jogador, eu comecei a fazer a faculdade de Educação Física. No primeiro período eu já trabalhava na base com o minibasquetebol. Eu tive também a oportunidade de acompanhar os treinamentos de treinadores de ponta, desde o começo da minha carreira..” (T5)

Sete treinadores são formados em Educação Física, dois deles ainda são estudantes de Educação Física, e um têm o título de provisionado em Educação Física. Os treinadores também ressaltam a importância dos cursos de formação e qualificação dos treinadores. A Confederação Brasileira de Basketball criou recentemente a Escola Nacional de Treinadores de Basketball, com o

objetivo de melhorar a formação destes profissionais. Porém esta iniciativa, na opinião de dois treinadores, deveria atingir também as cidades do interior e também ser mais específico para a formação de treinadores iniciantes.

“A Escola Nacional de Treinadores foi um passo muito grande, sem dúvida. Procuo ir sempre aos cursos. A Escola é válida, mas precisa abrir mais para outros estados, atingir as cidades menores, popularizar mesmo. Cursos regionalizados. Palestras em campeonatos menores, com preços mais acessíveis.” (T4)

“A ideia é boa, entretanto pode ser melhorada. Hoje infelizmente eu vejo que os cursos da Escola Nacional de Treinadores são mais voltados para os profissionais que já trabalham com o basquetebol. Não é um curso para quem é iniciante, que nunca trabalhou com basquetebol e quer aprender. Hoje para o treinador iniciante aprender o ofício e mais no dia-dia nos clubes.” (T7)

Sobre as condições laborais, todos os treinadores recebem salário para trabalhar, porém seis deles não exercem tal função em tempo integral, e possuem mais de um emprego para se manterem economicamente. Os treinadores comentam sobre os baixos salários pagos aos profissionais. A dedicação exclusiva à função de treinador, segundo os entrevistados, possibilitaria a eles estarem mais integrados ao processo de treinamento dos atletas.

“Mesmo sendo coordenador de basquetebol, eu tenho outro emprego. Não dá para trabalhar só com basquetebol [...]. Eu acho que teve um período que eu trabalhei só como treinador. Eu passava o dia no clube, fazia muitos treinos em horários alternativos. Eu acho que neste período consegui formar grandes atletas. [...]. Mas seria fundamental para o desenvolvimento dos atletas que o treinador fosse só treinador [...].” (T1)

“Além do baixo salário, como é feito o vínculo empregatício com os treinadores representa um grande problema. Poucos clubes assinam a carteira, outros clubes já pedem para você abrir uma empresa [...]. Muitas vezes o treinador trabalha 5 anos, 10 anos em um clube, aí ele é demitido ele não tem direito a nada. O treinador perde benefícios como décimo terceiro salário, fundo de garantia, férias, porque o clube não tem interesse de assinar a carteira deste profissional. Por conta disso muitos precisam ter mais de um emprego.” (T9)

A profissão treinador de basquetebol, de acordo com os entrevistados, enfrenta algumas controvérsias no que tange a estabilidade empregatícia. Dois treinadores relatam que nos clubes há certa estabilidade no emprego. Todavia, os outros revelam que os treinadores estão à mercê dos interesses dos patrocinadores, das prefeituras e de dirigentes esportivos para que continuem trabalhando com o esporte.

“Você vê que os clubes dificilmente mudam, os treinadores ficam um tempo razoável. O mercado de basquetebol é muito interessante, não tem muitos profissionais, mas também não tem muita demanda. Por isso os treinadores têm certa estabilidade.” (T1)

“Existem situações que clubes dependem de prefeituras, então o treinador está trabalhando, daí muda o prefeito, e ele pode não estar mais trabalhando. Ou então se o clube está sem dinheiro, o emprego não é garantido.” (T3)

Discussão

O presente estudo teve como objetivos analisar: a) a trajetória profissional dos treinadores brasileiros de equipes masculinas de basquetebol da categoria de base; b) as atuais condições laborais destes treinadores.

Nove dos dez entrevistados foram atletas de basquetebol antes de se tornarem treinadores. Ter sido atleta da modalidade no

passado é um fator recorrente na vida dos treinadores de expressão. Treinadores *experts* de futebol, hóquei e natação da Grã-Bretanha relatam que foram atletas em suas respectivas modalidades antes de seguirem a carreira de treinador (4). O estudo de Molina et al. (6) com treinadores espanhóis de handebol mostrou que 92% deles são ex-atletas da modalidade. No basquetebol, Schinke et al. (9) comentam que é comum treinadores de alto rendimento terem atingido no passado elevados níveis de desempenho como atletas da modalidade. Treinadores *experts* nos Estados Unidos acumularam milhares de horas de treinamento como atletas amadores nas escolas (12). Contudo, vale ressaltar que ser ex-atleta da modalidade não é um pré-requisito para que um indivíduo se torne um treinador de excelência, mas sim um fator que pode influenciar na escolha de sua atuação laboral.

Os entrevistados do presente estudo relatam que outros treinadores influenciaram decisivamente na escolha da profissão. Para eles a observação do trabalho de outros treinadores e a experiência da prática cotidiana são fatores essenciais para construção do conhecimento profissional. Nash e Sproule (4), ao estudarem a trajetória profissional de treinadores *experts* britânicos, verificaram que estes indivíduos também atribuem fundamental importância para o desenvolvimento de suas carreiras ao aprendizado que eles tiveram com treinadores mais experientes. Treinadores canadenses de basquetebol também citam que seus treinadores do passado influenciaram positivamente na escolha profissional (1,9). A aprendizagem profissional dos treinadores decorre muitas vezes de um processo contínuo e prolongado, que envolve a experiência pessoal como ex-atleta e o aconselhamento de um treinador mais experiente na modalidade nos momentos iniciais da carreira (1,4). O resultado desta aprendizagem é um misto de conhecimento teórico e prático, que utilizado de forma articulada, permite ao treinador realizar o seu trabalho na formação esportiva de jovens atletas (5).

O conhecimento do treinador é uma construção social que está diretamente ligada

à sua formação e a sua história esportiva prévia. É necessário para o treinador possuir conhecimentos e experiências que ultrapassem as vivências de ex-atleta. Para isso o treinador precisa acompanhar a evolução dos conhecimentos científicos aplicados ao contexto esportivo (10,26). Ramos et al. (5) constataram que treinadores de alto rendimento do basquetebol catarinense têm grande interesse em frequentar cursos de formação. No presente estudo os treinadores relataram a preocupação em participar de cursos de formação. Eles salientam que a formação da Escola Nacional de Treinadores de *Basketball* foi um passo importante, porém ressaltam que tal iniciativa deveria atingir também as cidades do interior, principalmente para dar a oportunidade de treinadores iniciantes participarem de tal evento.

Verifica-se um alto nível de exigência do trabalho do treinador e apenas a intuição e inspiração não são suficientes para que o treinador tenha um elevado nível de desempenho (4,7). Uma parte dos entrevistados possui formação universitária. Aliar a experiência prática à formação universitária é uma tendência para que treinadores sejam bem-sucedidos em suas carreiras. Ramos et al. (5) ao estudarem treinadores de basquetebol de Santa Catarina, observaram que todos possuíam formação universitária. Treinadores *experts* britânicos que participaram do estudo de Nash e Sproule (4) possuem também pós-graduação, além da formação universitária.

Um estudo de Gomes et al. (14) com treinadores portugueses de diversas modalidades mostrou que aqueles que conseguiram se graduar nas universidades ressaltaram a importância da formação acadêmica, já que na percepção deles ter acesso apenas aos cursos de formação oferecidos pelas respectivas federações, por si só, não é suficiente para o desenvolvimento integral do treinador. Já a investigação de Sullivan et al. (13) com treinadores de diferentes esportes que trabalham com crianças de 12 a 16 anos mostrou que a qualidade do trabalho do treinador está diretamente relacionada com o nível educacional destes indivíduos.

Sobre as condições laborais que os treinadores de basquetebol têm à disposição, a falta de dedicação exclusiva ao cargo de treinador foi um dos fatores citados pelos entrevistados que mais prejudica seu trabalho. Restrições inerentes à profissão podem dificultar que o treinador atinja um alto nível, já que a excelência neste domínio é multifatorial (2). A dedicação exclusiva à profissão permite que o treinador: tenha tempo para estudar e melhorar a sua formação, analise os adversários, se prepare melhor para as competições, planeje e controle com excelência o treinamento. Em síntese, o que se pretende dizer é que um treinador com dedicação exclusiva ao cargo tem uma maior probabilidade de exercer com excelência a sua profissão quando comparado com um treinador de basquetebol que dedique horas do seu tempo para outras atividades laborais.

Em um estudo com treinadores de futebol americano dos Estados Unidos, foi possível constatar que estes profissionais passavam horas do seu dia a planejar treinos, a assistir jogos feitos pela sua equipe e por adversários e a verificar estatísticas das partidas disputadas. Para eles, a dedicação exclusiva ao esporte permite uma melhor qualidade do trabalho (12). Achados semelhantes foram encontrados com o estudo de Saiz et al. (2), com treinadores *expert* do basquetebol espanhol, e no estudo de Ericsson et al. (11), com treinadores canadenses de esportes individuais e coletivos. A dedicação exclusiva ao esporte é condicionada pela remuneração oferecida aos treinadores. Davies, Bloom e Salmela (1) ressaltam que os treinadores de basquetebol universitário norte-americano possuem altos salários. É comum que estes profissionais permaneçam por um longo período no mesmo emprego.

Os treinadores revelam também que precisam ter outros empregos, já que o salário como treinador não é suficiente para a sua subsistência. Realidade semelhante foi descrita no estudo de Egerland, Nascimento e Both (3), já que 78,4% dos treinadores investigados, de esportes coletivos e individuais em Santa Catarina, desempenham outra função remunerada, pois os honorários de treinador são modestos. Tal fator

impossibilita que os treinadores se dediquem exclusivamente ao cargo. A realidade de poucos recursos financeiros para trabalhar com atletas de basquetebol também é constatada no estudo de Reis et al. (5), já que muitas vezes os clubes se encontram em crises financeiras.

Pontos fortes e limitações do estudo

Este estudo teve como propósito avançar na discussão científica sobre as condições e a trajetória de formação dos treinadores de basquetebol no Brasil, oferecendo informações relevantes sobre o contexto de formação profissional de treinadores de basquetebol. Estes dados podem contribuir para a discussão e melhoria das condições de trabalho, formação e capacitação de novos treinadores para o basquetebol brasileiro, tendo em vista, que existem poucas evidências científicas e informações na literatura sobre como se dá o processo de formação destes profissionais.

A presente investigação foi a pioneira em investigar a trajetória profissional e as condições laborais de treinadores de basquetebol de categoria de base certificados pela Escola Nacional de Treinadores de *Basketball*, da Confederação Brasileira de *Basketball*.

Como limitação, pode-se ressaltar que os resultados do presente estudo não podem ser generalizados para todos os treinadores de categorias de base do basquetebol brasileiro, já que esta investigação foi conduzida com treinadores que trabalham na região sudeste do Brasil, onde as condições estruturais de trabalho nos clubes, a organização das competições e o desenvolvimento da modalidade estão em um nível mais avançado em comparação a outras regiões do país. Além disso, outros agentes que têm ligação com as atuais condições laborais dos treinadores de basquetebol de base do basquetebol brasileiro, como dirigentes esportivos; e também personagens que influenciaram a trajetória dos treinadores, como amigos, pais e outros treinadores, não foram entrevistados.

Conclusão

A partir dos resultados podemos concluir que a vida esportiva pregressa dos entrevistados influenciou decisivamente na escolha deles de se tornarem treinadores de basquetebol. Tais indivíduos receberam o apoio de amigos e familiares para a escolha da profissão. Quanto às condições laborais destes profissionais destacam que a remuneração da profissão é inadequada, e por isso seis dos dez treinadores não se dedicam exclusivamente ao cargo e exerce outras funções laborais. O cargo de treinador é considerado como instável, e muitas vezes estes profissionais correm o risco de perderem os empregos. Invariavelmente, na percepção destes profissionais, os clubes não arcam com todas as obrigações trabalhistas.

Novas pesquisas que abordem a trajetória profissional e as condições laborais de treinadores, de outros esportes de diferentes regiões do país, poderão contribuir para discussão e a compreensão a respeito do contexto do trabalho destes profissionais, e conseqüentemente, possibilitar uma melhor formação dos atletas brasileiros.

Declaração de conflito de interesses

Não há nenhum conflito de interesses no presente estudo.

Referências

1. Davies MJ, Bloom GA.; Salmela JH. Job satisfaction of accomplished male university basketball coaches: the Canadian context. *Int J Sports Psychol.* 2005; 36: 173-92.
2. Saiz SJ, Ruano MA, Luján PB, Calvo AL. Factores que favorecen el desarrollo de la pericia em entrenadores expertos en baloncesto. *Cult Cien Deporte.* 2007; 4(6): 125-49.
3. Egerland EM, Nascimento JV, Both J. As competências profissionais de treinadores esportivos catarinenses. *Rev Motriz.* 2009; 15(4): 890-99.
4. Nash CS, Sproule J. Career development of expert coaches. *International Journal of Sports Sci Coach.* 2009; 4(1): 121-38.

5. Ramos V, Graça AB, Nascimento JV, Silva R. A aprendizagem profissional- As representações de treinadores desportivos de jovens: quatro estudos de caso. *Rev Motriz*. 2011; 17(2): 280-91.
6. Molina SF, Godoy SJ, Calvo AL, Saiz SJ, Alonso MC. El conocimiento profesional adquirido por el entrenador de balonmano: experiencias y formación. *Rev Psicolog Deporte*. 2012; 21(1): 107-15.
7. Côté J, Trudel P, Baria A, Russel S. The coaching model: A grounded assessment of expert gymnastic coaches' knowledge. *J Sport Exerc Psychol*. 1995; 1(17): 1-17.
8. Reis CP, Moraes LC, Ferreira MC, Noce F, Costa VT. Recursos humanos, financeiros e materiais de atletas de basquetebol nas categorias de base e a percepção dos treinadores sobre a formação dos atletas. *Rev Br Educ Fís Esporte*. 2014; 28(3): 491-503.
9. Schinke RJ, Bloom GA, Salmela JH. The career stages of elite canadian basketball coaches. *Avante*. 1995; 1: 48-62.
10. Cunha GB, Mesquita IM, Rosado AF, Souza T, Pereira P. Necessidades de formação para o exercício profissional na perspectiva do treinador de futebol em função da sua experiência e nível de formação. *Rev Motriz*. 2010; 16(4): 931-41.
11. Ericsson KA, Côté J, Fraser-Thomas J. Sport experiences, milestones, and educational activities associated with high-performance coaches' development. *Sport Psychol*. 2007; 21: 302-16.
12. Gilbert WD, Côté J, Mallett C. Developmental paths and activities of successful sport coaches. *International Journal of Sports Sciences & Coaching*. 2006; 1(1): 69-76.
13. Sullivan P, Paquette KJ, Holt NL, Bloom GA. The relation of coaching context and coach education to coaching efficacy and perceived leadership behaviors in youth sport. *Sport Psychol*. 2012; 26(1): 122-34.
14. Gomes RE, Isidro AS, Batista PM, Mesquita IM. Acesso à carreira de treinador e reconhecimento das entidades responsáveis pela formação: Um estudo com treinadores portugueses em função do nível de escolaridade e da experiência profissional. *Rev Educ Física/ UEM*. 2011; 22(2): 185-95.
15. Côté J, Gilbert W. An integrative definition of coaching effectiveness and expertise. *International Journal of Sports Science & Coaching*. 2009; 4(1): 307-23.
16. Fletcher D, Scott M. Psychological stress in sports coaches: A review of concepts, research, and practice. *J Sports Sci*. 2010; 28: 127-37
17. Fraser MT, Gondim SM. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre entrevistas qualitativas. *Cadernos de Psicologia e Educação*. 2004; 14(28): 139-52.
18. Goellner SV, Reppold Filho AR, Fraga, Mazo JZ, Stigger MP, Neto VM. Pesquisa qualitativa na educação física brasileira: marco teórico e modos de usar. *Rev Educ Física/UEM*. 2010; 21(3): 381-410.
19. Gratton C, Jones I. *Research methods for sports studies*. 2ª ed. London: Routledge; 2010.
20. Gray D. *Pesquisa no mundo real*. 2. ed. Porto Alegre: Penso; 2012.
21. Patton, M. *Qualitative evaluation methods*. 3ª ed. Thousand Oaks, CA: Sage; 2002.
22. Côté J, Ericsson KA, Law MP. Tracing the development of athletes using retrospective interview methods: A proposed interview and validation procedure for reported information. *J Appl Sport Psychol*. 2005; 17(1): 1-19.
23. Minayo, MC. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2012; 17: 621-26.
24. Engel RJ, Schutt RK. Survey research. In: Grinnell Jr RM, Unrau YA (Eds.). *Social work research and evaluation foundations of evidence-base practice*. Oxford: Oxford University Press; 2011.

25. Tesch R. Qualitative research: Analysis types and software tools. New York: Falmer Press; 1990.
26. Talamoni GA, Oliveira FI, Hunger D. As configurações do futebol brasileiro: Análise da trajetória de um treinador. *Mov.* 2013; 19(1): 73-93.



Artigo Original

Original Article

Fatores da ansiedade identificados para atletas da categoria juvenil de futebol

Anxiety factors identified for youth soccer athletes category

Camila Cristina Fonseca Bicalho¹ MS; Cristina Carvalho de Melo² MS; Tatiana Lima Boletini² MS; Varley Teoldo da Costa² PhD; Franco Noce⁵ PhD

Recebido em 08 de junho de 2016. Aceito em: 24 de junho de 2016.
Publicado online em: 25 de julho de 2016.

Resumo

Introdução: A ansiedade no futebol é uma variável de controle fundamental para o desempenho e aderência do atleta no futebol de rendimento. No entanto, considerando as particularidades do futebol e principalmente, da categoria juvenil não há para este grupo uma identificação dos fatores da ansiedade e uma discussão sobre a influência destes nos atletas.

Objetivo: Identificar e analisar os fatores que interferem na ansiedade e afetam a *performance* e o comportamento dos atletas juvenis do futebol de campo.

Métodos: Participaram 40 atletas de futebol de campo, com faixa etária entre 15 a 17 anos ($16,42 \pm 0,55$), tempo de experiência $36,95 (\pm 16)$ meses. A amostra foi selecionada por conveniência durante o Campeonato Mineiro de Futebol. Foi utilizado uma entrevista e questionário. Os dados foram analisados através da estatística descritiva, teste de Kolmogorov Smirnov e teste T para amostras independentes.

Resultados: Dos 21 fatores analisados, 7 mostraram influência negativa nos atletas e 14 influência positiva. O fator "Expectativa de não conseguir a profissionalização" apareceu como o maior fator de influência negativa e o fator "Resolver os problemas financeiros da família", o maior com influência positiva.

Conclusão: Foi comprovada a existência de fatores capazes de influenciar o estado de ansiedade dos atletas de categorias de base do futebol de campo tanto positivo quanto negativamente. Também, foram identificados os fatores positivos motivacionais que estimulam a participação desses jovens atletas no futebol de rendimento.

Palavras-chave: futebol, categoria de base, ansiedade.

Pontos-Chave Destaque

- Este artigo identificou fatores positivos e negativos da ansiedade em atletas de futebol da categoria juvenil.
- Identificou 14 fatores capazes de influenciar positivamente o comportamento e desempenho do atleta e 7 fatores capazes de influenciá-lo negativamente.
- Mostrou principalmente que os atletas estão motivados para alcançar o futebol profissional mas percebem a necessidade de um acompanhamento tanto nos aspectos físicos quanto nos psicológicos.

⁵ Autor correspondente: Prof. Dr. Franco Noce. Laboratório de Psicologia do Esporte Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional /UFMG. Av. Pres. Carlos Luz, 4664 31310-250 - Belo Horizonte - MG – BRASIL Telefone: (31) 3409 7800.

¹Universidade do Estado de Minas Gerais

²Universidade Federal de Minas Gerais

Abstract

Introduction: Anxiety in soccer is a fundamental control variable for *performance* and adherence of competitive soccer athletes. However, considering the peculiarities of soccer and especially the youth category, an identification of the anxiety factors and a discussion about the influence of these on athletes is missing.

Objective: To identify and analyze the interfering factors with anxiety, and affect the *performance* and behavior of juvenile field soccer athletes.

Methods: 40 field soccer athletes participated, aged between 15-17 years (16.42 ±0.55), time experience 36,95 (±16) months. The sample was selected by convenience during the State Championship of Soccer. An interview and a questionnaire were used. Data were analyzed using descriptive statistics from Kolmogorov Smirnov and *t* test for independent samples.

Results: Of the 21 factors analyzed, 7 showed negative influence on athletes and 14 positive influences. The factor "Expectation not to achieve professionalism" appeared as the most negative influence factor and the factor "Solving family's financial problems" the most positive influence.

Conclusion: The existence of factors that can influence the youth field soccer athletes' state of anxiety positively and negatively was proved. Positive motivational factors that stimulate the participation of these young soccer athletes were also identified.

Keywords: soccer, youth category, anxiety.

Keypoints

- This article has identified positive and negative factors of anxiety in soccer players of youth category.

- There were identified 14 factors that can positively influence the behavior and performance of the athlete and 7 factors that can influence it negatively.

- It showed mainly that the athletes are motivated to achieve professional football but realize the need for monitoring both the physical aspects and the psychological

Fatores da ansiedade identificados para atletas da categoria juvenil de futebol

Introdução

O processo de profissionalização do futebol no Brasil tem início nas categorias de base nos centros de treinamentos das equipes profissionais ou amadoras. A partir dos 13 anos o atleta de futebol de rendimento encara uma rotina extensa de treinos e competições almejando alcançar a carreira profissional de jogador de futebol (1). Ainda, segundo Rocha et al. (1) a rotina árdua que envolve a vida do jovem atleta de futebol impõe uma renúncia das atividades comuns da vida social dos jovens atletas de futebol. Dependendo da percepção individual do atleta, pressão interna e pressão externa podem se transformar em fatores geradores de estresse (2).

O estresse é entendido como um desequilíbrio substancial entre demanda (física e/ou psicológica) e capacidade de resposta, sob condições em que a falha em satisfazer aquela demanda tem importantes

consequências (3,4). O conceito de estresse envolve aspectos que podem influenciar de modo positivo e negativo do desempenho do atleta de futebol. Segundo Jones, Swain e Cale (5) e Jonese e Swain (6), não basta apenas analisar se os fatores geram ou não estresse, mas sim, e principalmente, a percepção "direcional" dos sintomas. De acordo com os autores, os atletas que se percebem capazes de enfrentar a situação estressora e de atingir a meta, tendem a interpretar a situação como facilitadora. Contrariamente, aqueles que percebem a si mesmos como não tendo controle sobre a situação estressora tendem a interpretar a situação como debilitante do desempenho. Assim, autores reforçam a ideia de que o evento ou a situação estressora é um estímulo que pode ser avaliado tanto negativa quanto positivamente (2, 5-7). Dependendo dessa avaliação, a resposta do atleta poderá se constituir em uma reação de estresse negativa,

com alterações no sistema nervoso autônomo, desfavoráveis para o rendimento ou em uma reação de *coping* que produzirá reações positivas para o enfrentamento da situação(2).

De acordo com Santos et al. (2) como reflexos positivos do estresse têm-se a preparação do corpo do atleta para a atividade explosiva, deixando-o em alerta, favorecendo a manutenção do foco de atenção, a motivação, o entusiasmo e um alto nível de energia física. Entretanto, quando mal administrada, a carga estressora pode provocar reações negativas fisiológicas, como aumento do batimento cardíaco, sudorese, respiração ofegante, músculos tensos, boca seca; e psicológicos, como o aumento do medo, instabilidade para se concentrar, dificuldades para tomada de decisão, perda de controle a aumento da ansiedade.

A ansiedade é compreendida como o estado afetivo penoso, caracterizado pela expectativa de algum perigo que se revela indeterminado e impreciso, e diante do qual o indivíduo se julga indefeso (8). Para Ballone (9) a principal diferença a ser considerada é em relação ao estado de ansiedade momentânea (fisiológica) e a ansiedade traço da personalidade, característica de pessoas naturalmente ansiosas.

Estudos sobre estresse e ansiedade no futebol vêm demonstrando que o controle dessas variáveis é fundamental para a formação do jovem atleta, tanto na melhoria do seu desempenho como na aderência deste atleta ao longo dos anos de treinamentos. Rosito (10) apontou uma associação significativa entre pertencer à categoria de base juvenil e maiores escores de ansiedade-traço quando comparados às categorias de base junior. O autor também identificou que estar a pouco tempo no clube ou jogadores em início de carreira apresentam níveis mais altos de ansiedade-traço.

Em outros estudos, Bocchini et al. (11) ao verificar os perfis de ansiedade em atletas de futsal observou em atletas de futsal titulares uma prevalência de ansiedade somática, enquanto os reservas apresentaram maior ansiedade cognitiva. O nível de autoconfiança também foi elevado para ambos os jogadores. Já Claudino et al (12) identificaram como fatores positivos do estresse capazes de

estimular o rendimento esportivo em jovens atletas de futebol as situações de desafio como, por exemplo, jogar com adversários do mesmo nível ou desempenho superior, ter uma cobrança individual por vitórias. Identificaram também, fatores positivos externos aos jogos, como boa alimentação e acomodação. Como fatores externos negativos identificados foram condições inadequadas e atraso de salários e benefícios, que podem ser solucionados pelo clube. Os atletas se sentem também prejudicados no desempenho por aspectos relacionados à competição que podem ser observados pela Comissão Técnica. Já os fatores de ansiedade mais citados foram se apresentar para um grande público, jogar bem em jogos importantes e amistosos.

Estudos vêm demonstrando que identificar as situações que mais levam ao estresse é o primeiro passo para quebrar, romper e controlar as cargas emocionais avaliadas como negativas e que diminuem o rendimento (11-13). Além disso, a literatura demonstra que os atletas mais experientes avaliam as situações com menor intensidade do que atletas mais jovens (2,14-15). No entanto, considerando as particularidades de cada modalidade esportiva e principalmente, do processo de formação que envolve as categorias de base do futebol, não há para este grupo uma identificação dos fatores da ansiedade e uma discussão sobre a influência da ansiedade no desempenho dos atletas de futebol da categoria de base. Sendo assim, neste estudo serão identificados e analisados os fatores que interferem na ansiedade e afetam a *performance* e o comportamento dos atletas juvenis de futebol.

Métodos

O presente estudo trata-se de uma abordagem quanti-qualitativa com design transversal.

Amostra

Participaram deste estudo 40 atletas de categorias de base de futebol de campo da categoria juvenil, com faixa etária entre 15 a 17 anos ($16,42 \pm 0,55$). Os atletas apresentaram tempo de experiência médio de 36,95 (± 16) meses. Para tempo de prática foi levado em consideração apenas o tempo no qual eles já

tenham disputado competições oficiais e de nível nacional e estadual.

O trabalho restringiu-se aos atletas juvenis de futebol pertencentes a duas equipes de futebol de campo de grande visibilidade do estado de Minas Gerais. Todos os atletas participaram do Campeonato Mineiro de futebol e dentre a amostra analisada, 60% do total da amostra, participou frequentemente como titular durante a competição.

Instrumento

Foi elaborado um roteiro de entrevista estruturada organizado em três partes envolvendo os dados demográficos, perguntas sobre fatores causadores de estresse e fatores causadores de ansiedade. Para o desenvolvimento do referido roteiro foi verificada a literatura pertinente e consultados especialistas na área de futebol a fim de identificar uma lista de situações potencialmente causadoras de ansiedade e ajustar o instrumento. Os especialistas eram doutores na área de futebol ou área correlata, que detinham, desta forma, notório saber na referida área de conhecimento ou profissionais que tinham relevante experiência prática na área.

Os entrevistados responderam a entrevista estruturada seguindo uma escala de sete (7) valores, sendo +3 – influência muito positiva; +2 – influência positiva; +1 – influência pouco positiva; 0 – nenhuma influência; -3 – influência muito negativa; -2 - influência negativa; -1 – influência pouco negativa.

Procedimentos

Todos os procedimentos éticos para a realização do estudo foram realizados segundo as normas da Resolução 466 do Conselho Nacional de Saúde. O estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de ética sob o nº 081/2007. Os clubes foram previamente contatados para autorização da realização da pesquisa. Todos os pais dos atletas menores de idade assinaram o Termo de Assentimento e os treinadores e atletas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os atletas foram orientados sobre o caráter voluntário da pesquisa e poderiam se retirar das avaliações durante qualquer etapa do processo sem nenhum constrangimento.

A coleta dos dados aconteceu durante o Campeonato Mineiro de Futebol anteriormente a uma pré-partida com adversários de mesmo nível de desempenho ou superior. Todos os atletas responderam ao questionário em uma sala comum e foram orientados pelo mesmo avaliador.

Tratamento dos Dados

Os dados foram analisados através da estatística descritiva (mínimo, máximo, média, e desvio padrão). Para análise da homogeneidade dos dados foi realizado o teste de Kolmogorv Smirnov e para comparação entre grupos o teste T para amostras independentes. Todos os procedimentos foram realizados através do pacote estatístico SPSS 18.0.

Resultados

Os fatores identificados e a influência que cada elemento causa no nível de ansiedade dos atletas de categoria de base do futebol são apresentados nas figuras 1 e 2. Dos vinte e um fatores analisados, sete foram considerados como uma influência negativa nos atletas. O fator “Expectativa de não conseguir a profissionalização” apareceu como o maior fator de influência negativa seguido do fator “Temer uma lesão antes de profissionalizar” (figura 1).

Na figura 2, observam-se os fatores que, apesar de terem sido classificados como causadores de ansiedade, foram considerados pelos atletas como sendo motivantes, em diferentes níveis de influência. O fator “Resolver os problemas financeiros da família”, foi considerado o fator com maior influência positiva.

Discussão

O objetivo do estudo foi identificar e analisar os fatores que interferem na ansiedade e afetam a *performance* e o comportamento dos atletas de categoria de base. Os resultados mostraram que dos 21 fatores analisados, sete corresponderam a uma influência negativa e os outros 14 fatores apontaram uma influência positiva para a ansiedade dos atletas de categoria de base de futebol de campo num período competitivo.

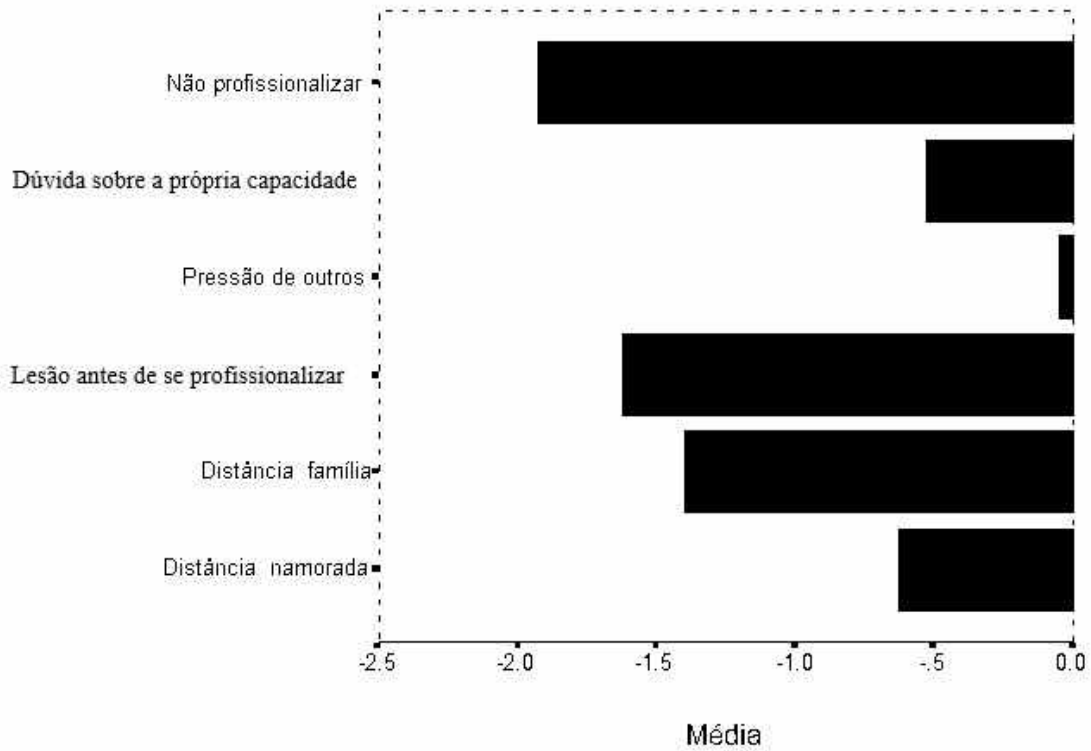


Figura – Apresentação dos fatores negativos da ansiedade em atletas de categoria de base do futebol de campo

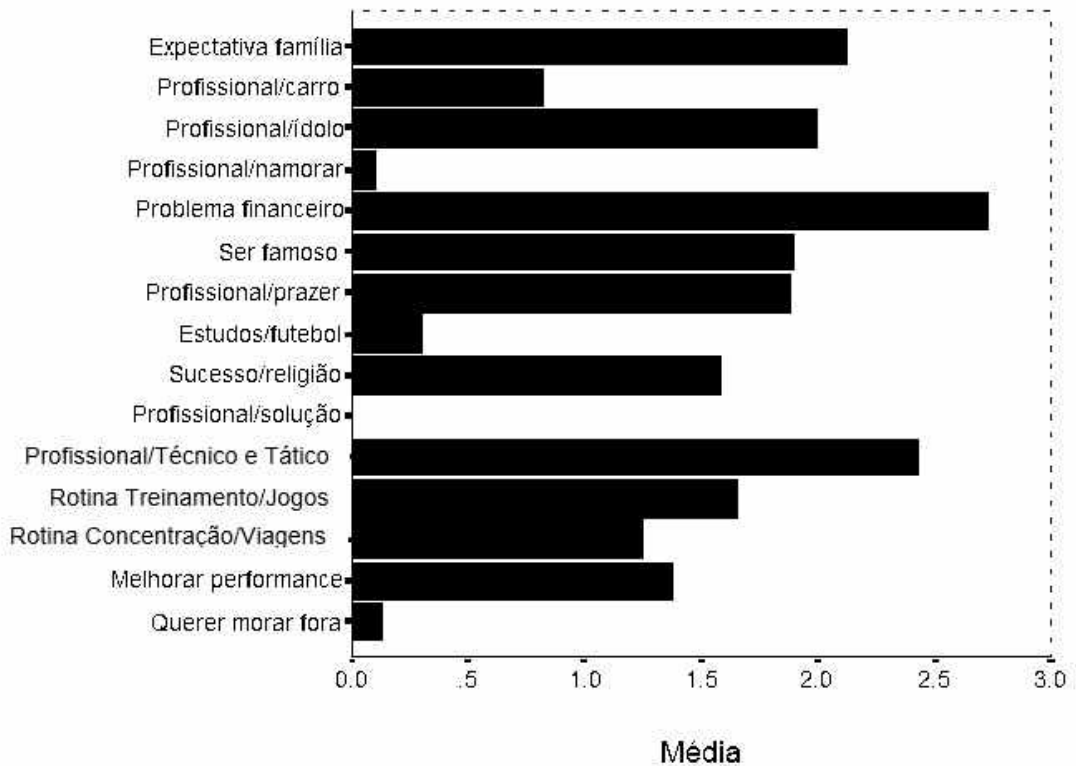


Figura 2 – Apresentação dos fatores positivos da ansiedade em atletas de categoria de base do futebol de campo

Em comparação com outros estudos com o mesmo perfil de amostra, Samulski e Chagas(16) encontraram resultados pouco semelhantes em relação a fatores estressores negativos, sendo, que os conflitos com o treinador, companheiros de time e familiares, nervosismo excessivo, dormir mal na noite anterior à competição, e sensação de debilidade física foram consideradas as situações mais estressantes para os jogadores.

Dentre os fatores de ansiedade identificados neste estudo o fator com maior nível de influência negativa foi a “Expectativa de não conseguir a profissionalização”. Apesar desta variável não ter sido apontada pelos atletas de futebol participantes do estudo de Claudino et al. (12), o resultado encontrado demonstra o grau de importância para os atletas de atuarem no futebol profissional. Santos et al. (2) afirmam que esses jovens atletas são seduzidos pelo futebol na busca de uma vida social de status e independência financeira. Muitos deles são incentivados por seus pais e visualizam a carreira de jogador de futebol com uma das mais promissoras para a ascensão social. No entanto, há uma lógica perversa, pois dos jogadores das equipes de base, poucos conseguem fazer a transição para o futebol profissional. Assim, fica claro que o maior medo destes jovens é se frustrarem caso não alcancem o futebol profissional.

Outro fator negativo para a ansiedade identificado foi “Temer uma lesão antes de profissionalizar-se”. Este resultado vai ao encontro com os achados de Simim et al. (17) que identificaram, em atletas de futebol amputado, que a aquisição de uma lesão em véspera de competição fragiliza e desestabiliza o lado psicológico do atleta deficiente físico, podendo gerar estresse (influência negativa). O mesmo fator parece se apresentar em atletas de base de futebol de campo. Ao mesmo tempo, alguns autores têm demonstrado que o estresse mal administrado favorece as lesões e o conseqüente abandono precoce da modalidade (18-19). Esses dados reforçam que os atletas têm consciência do impacto que uma lesão pode causar na sua carreira de jogador e pode ser utilizado como um alerta para os treinadores e preparadores

físicos que atuam na formação dos atletas de futebol das categorias de base.

Além disso, cabe ressaltar o fator negativo de ansiedade “Estar longe da família muito tempo”. Muitos jogadores que compõem a formação das equipes analisadas são oriundos de outras cidades e/ou estados e por isso residem nos alojamentos e centros de treinamentos. Esses atletas vivem um regime de confinamento, entre horas de treinos, escola e contam como principal suporte social os amigos do clube que representam. Acabam visitando os familiares somente numa frequência reduzida, seja em feriados prolongados e nas férias.

A ansiedade está presente de forma constante na carreira dos jogadores de futebol juvenil. Constatou-se neste estudo, entretanto, que ela pode parecer de forma também motivante. Observaram-se três fatores que são encarados pelos atletas como um desafio que os motivam a continuar a perseguirem o objetivo maior que é a profissionalização. O fator “Resolver os problemas financeiros da família”, a “Expectativa de aprimorar a forma técnica e tática com o objetivo de se profissionalizar” e as “Expectativas de seus familiares”. Rocha et al. (1) destacam, que os altos salários são pagos à minoria dos que alcançam a carreira profissional. De acordo com os autores, 84% dos jogadores, de todas as divisões do futebol profissional no Brasil, recebem salários de até R\$1.000,00, 13% recebem entre R\$1.000,00 e R\$9.000,00, e apenas 3% recebem acima de R\$9.000 por mês. Destaca-se também que hoje os jovens atletas não sonham somente com o destaque no futebol profissional nacional, eles buscam o sonho de se tornarem jogadores de grande prestígio no mercado do futebol europeu. De acordo com Rocha et al. (1) o mercado europeu vem absorvendo parte dos atletas das categorias de base mas o destino dessa massa é de se estabelecer em clubes europeus de segunda e terceira divisões ou em países em que a remuneração está abaixo do imaginário dos altos salários do futebol. Assim, é observado que os atletas de categorias de base de futebol buscam no futebol uma forma de ascensão social e ajudar aqueles que confiaram em seus talentos.

Para se formar um grande jogador, segundo Paoli et al (20) torna-se necessário analisar as capacidades físicas, técnicas e táticas dos atletas de futebol, além da sua personalidade, seu lado emocional, sua liderança, sua visão de jogo, dentre outros. Essa afirmativa vai ao encontro com o fator identificado como positivo pelos atletas de categoria de base do futebol de campo, que apontaram “A busca pelo aprimoramento do desempenho” como um dos fatores que mais impulsionam a ansiedade positiva dos atletas de categoria de base do futebol de campo. Ou seja, os atletas apresentam consciência de que o bom preparo, físico e mental são fundamentais para que se alcance o futebol profissional, de modo a melhorar as suas habilidades motoras, técnicas, físicas, intelectuais e emocionais concordando com Guimarães e Paoli (21).

Finalmente, sobre o perfil dos atletas de categoria de base de futebol de campo analisado, concordando com Rocha (1), apesar de atuarem nas equipes juvenis, os jogadores têm iniciado suas carreiras muito jovens, já com 12 a 13 anos alguns já vivem em clubes de futebol, num regime quase que profissional, pois tem que treinar todos os dias, competirem e assumir responsabilidades sem a devida maturidade para isso. Dentre a amostra analisada neste estudo, 60% do total, tem participado frequentemente como titular durante as competições. Observa-se que o fato do atleta saber ou não se vai atuar como titular pode aparecer como uma determinante para a manifestação da ansiedade.

Pontos fortes e limitações do estudo

Os resultados deste estudo poderão ajudar na conscientização do atleta acerca do seu próprio padrão de comportamento e auxiliá-lo a desenvolver estratégias apropriadas de confronto aos conflitos. Também, contribuir para o trabalho dos profissionais envolvidos com a formação destes atletas e com a transição do atleta da base para o profissional, favorecendo a preparação do atleta para o enfrentamento das pressões do futebol de rendimento, das incertezas e das angústias que envolvem o acesso ao futebol profissional e podem interferir no sucesso esportivo do atleta juvenil. Contribuir com informações que podem evitar o abandono precoce do esporte pelo atleta juvenil de futebol.

O estudo apresenta como principal limitação a baixa representatividade da amostra para generalizar os resultados para todos os atletas juvenis em nível regional e federal. Há um direcionamento para os fatores da ansiedade em atletas de futebol da base sem, no entanto, poder ser apropriado como um resultado para as demais regiões do Brasil.

Conclusão

Conclui-se que existem fatores capazes de influenciar tanto positiva quanto negativamente o estado de ansiedade dos atletas juvenis do futebol. Também foram identificados os fatores positivos motivacionais que estimulam a participação desses jovens atletas no futebol de rendimento.

Estes mesmos fatores deveriam ser mais bem observados e tratados, para que o comportamento e as atitudes dos jovens atletas nesta fase de suas carreiras não comprometam a futura profissionalização dos mesmos. De conformidade com as situações analisadas, estes jovens jogadores necessitam de um acompanhamento psicológico adequado e profissional para que possam amenizar esta ansiedade negativa e otimizar a ansiedade positiva aproveitando suas potencialidades em prol do ideal maior que é se tornar jogador profissional. Deve-se estabelecer um planejamento, o treinamento psicológico sistematizado, principalmente quando a maioria dos atletas mora nas concentrações, ou seja, longe da família.

Recomenda-se que estudos futuros façam uma análise abordando as diversas situações sociais e econômicas do país para verificar a permanência ou não dos fatores de ansiedade para atletas juvenis de futebol. Também se recomenda o estudo em diferentes níveis de treinamento das categorias de base e profissional a fim de elencar os principais fatores de ansiedade que envolvem a amostra brasileira de jogadores de futebol.

Declaração de conflito de interesses

Não há conflito de interesses no estudo.

Referências

- 1- Rocha HPAD, Bartholo TL, Melo LBSD, Soares, AJG. Jovens esportistas: profissionalização no futebol e a formação na escola. *Motriz*.2011;17(2): 252-63.
- 2- Dos Santos PB, Coelho RW, Keller B, Stefanello JMF. Fatores geradores de estresse para atletas da categoria de base do futebol de campo. *Motriz*.2012;18(2): 208-217.
- 3- McGrath JE. A conceptual formulation for research on stress. In J.E. McGrath Ed, *Social and psychological factors in stress*. New York:Rinehart & Winston; 1970.
- 4- Weinberg R, Gould D. *Foundat. Sport Exerc Psycho*. 1ªed. Champaign: Human Kinetics, 1999.
- 5- Jones G, Swain A, Cale A. Antecedents of multidimensional competitive state anxiety and self-confidence in elite intercollegiate middledistance runners. *The Sports Psycho*. 1990;4.
- 6- Jones G, Swain, ABJ. Predispositions to Experience Debilitative and Facilitative Anxiety in Elite and Nonelite Performers. *The Sports Psycho*.1995;9.
- 7- Sanches AB. Influência de fatores produtores de estresse em jogadores de futebol do Distrito Federal. Tese doutorado. Universidade de Brasília;2004.
- 8- Houaiss, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva; 2001.
- 9- Ballone GJ. *Ansiedade e esporte*. São Paulo;2004.
- 10- Rosito EL. Níveis de ansiedade traço-estado em jogadores de futebol das categorias de base de clubes profissionais. Porto Alegre;2008.
- 11- Bocchini D, Morimoto L, Rezende D, Cavinato G, da Luz LMR. Análise dos tipos de ansiedade entre jogadores titulares e reservas de futsal. *Conex*. 2008;6.
- 12- Claudino JGO, Costa IT, Teixeira, PS, Ribeiro RS, Pussieldi GA. Análise dos fatores de estresse e ansiedade pré-competitiva em jogadores de futebol de campo da categoria Sub-20. *Rev Bra Futeb*. 2008;1(1): p11-19.
- 13- Silva SA, Greco, PJ. Characteristics of the referee's perception of the collective sportive games. *FIEP Bull*, 2004; 74: 436-44.
- 14- Campbell E, Jones G. Pre-competition anxiety and self-confidence in elite and non-elite wheelchair sport participants. *Adap Phys Act Quart*. 1997;14: 95–107.
- 15- Galor, Y.; Tenenbaum, G. Shimrony, S. Cognitive behavioral strategies and anxiety in elite orienteers. *J Sport Sci*.Spring. 1986; 4(1): 39-48.
- 16- Samulski, DM.; Chagas, MH. Análise do stress na competição em jogadores de futebol de campo das categorias infantil e juvenil. *Rev Bra Ciênc Mov*.1992;4:12-18.
- 17- Simim MAM, Costa VT, Samulski DM, Ferreira R. Análise do estresse em atletas de futebol para amputados. *Rev Educ Física/UEM*. 2010;21(2): 237-44.
- 18- Abián-Vicén J, Báguena Mainar JI, Abián P. Estrés pre-competitivo en jugadores adolescentes de bádminton. *Rev Psicol Deporte*. 2015;24(2): 217-24.
- 19- Verardi CEL, Miyazaki MCDOS, Nagamine KK, Lobo, APDS, Domingos, NAM Sport, stress, and burnout. *Est Psicol*. 2012;29(3): 305-313.
- 20- Paoli PB, Silva CD, Soares AJG. Tendência atual da detecção, seleção e formação de talentos no futebol brasileiro. *Rev Bra Futeb*. 2008;1(1).
- 21- Guimarães MB, Paoli, PB. O treinamento técnico por posição no futebol: as especificidades na percepção dos técnicos de categorias de base do futebol mineiro. *Rev Bra Futeb*. 2013;4(1): 42-53.



Artigo Original

Original Article

Existe o efeito da idade relativa entre judocas medalhistas da categoria sub-15?

Does the relative age effect exist among judokas medalists on u-15 category?

Thiago Vinícius Ferreira¹ MS; Cleiton Pereira Reis¹ MS; Maicon Rodrigues Albuquerque² PhD; Varley Teoldo da Costa⁵ PhD.

Recebido em: 06 de junho de 2016. Aceito em: 24 de junho de 2016.
Publicado online em: 25 de julho de 2016.

Resumo

Introdução: A diferença na idade cronológica entre indivíduos agrupados em uma mesma categoria é denominada idade relativa. O Efeito da Idade Relativa (EIR) consiste na possível vantagem obtida pelo atleta agrupado em um escalonamento etário dentro do mesmo ano de seleção de uma mesma categoria. Tal variável pode influenciar diretamente a formação de atletas de judô. Assim, judocas nascidos nos primeiros meses do ano podem ser beneficiados pelo EIR.

Objetivo: Verificar se existe o efeito da idade relativa em judocas do sexo masculino e feminino, da categoria sub-15 anos, que foram medalhistas nos Jogos Escolares da Juventude da temporada 2014 e 2015.

Métodos: Foram coletadas, junto à Confederação Brasileira de Judô (CBJ), as datas de nascimento de 120 judocas. Para a análise estatística, recorreu-se ao teste de Qui-quadrado ($p < 0,05$) e realizou-se a correção de Bonferroni ($p < 0,0083$) para as comparações múltiplas pareadas entre os quartis.

Resultados: Foram encontradas diferenças significativas nas datas de nascimento dos jovens judocas das categorias sub-15, que evidenciam a existência do EIR nos judocas dos sexos masculino (1ºQ x 4ºQ) e feminino (1ºQ x 4ºQ e 2ºQ x 4ºQ) que foram medalhistas nos Jogos Escolares da Juventude nas temporadas de 2014 e 2015.

Conclusão: O EIR foi verificado em atletas medalhistas de ambos os sexos, da categoria sub-15, participantes dos Jogos Escolares da Juventude nas temporadas 2014 e 2015.

Palavras-chave: atleta, judô, grupos etários.

Pontos-Chave Destaque

- Este artigo analisou o EIR (Efeito da Idade Relativa) em jovens judocas de ambos os sexos da categoria sub-15 que foram medalhistas em uma competição de elevado nível competitivo no Brasil
- Mostrou que a maior parte dos jovens atletas nasceram nos primeiros quartis do ano
- O estudo mostrou principalmente que o nível competitivo pode favorecer EIR.

⁵ Laboratório de Psicologia do Esporte Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional Universidade Federal de Minas Gerais Av. Presidente Carlos Luz, 4664 31310-250 - Belo Horizonte - MG – Brasil Telefone: (31) 3409 7800.

¹ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

² Universidade Federal de Viçosa (UFV)

Abstract

Introduction: The difference in chronological age among athletes grouped on the same category is called Relative Age. The Relative Age Effect (RAE) it is the possible advantage gained by grouped athlete inside a group of age on the same selection year and the same category. This variable might be a directly influence in the judo athletes formation. Thus, young judo players born in the first months of year can be benefited for the RAE.

Objective: To verify if the relative age effect exists in male and female young judokas, on sub-15 category, who were medalists at the Youth School Games of the season 2014 and 2015.

Methods: There were collected with the Brazilian Judo Confederation (CBJ) the birth dates of 120 judokas. For statistical analysis, it was used the chi-square test ($p < 0.05$) and Bonferroni correction ($p < 0.0083$) for multiple paired comparisons among quartiles.

Results: There were significant differences in birth dates that showed the RAE existence in male (1^oQ x 4^oQ) and female (1^oQ x 4^oQ and 2^oQ x 4^oQ) young judokas, who were medalists at the Youth School Games in 2014 and 2015 seasons.

Conclusion: The RAE was verified on medalist athletes of both genders, of U-15 category, participants of Youth School Games in 2014 and 2015 seasons.

Keywords: athletes, judo, age groups, talent.

Keypoints

- This paper analyzed the RAE (Relative Age Effect) in judo athletes of both sexes of the U-15 category were medalists in a high competitive level in Brazil
- It showed that the most part of the young athletes borned in the first quartes of the year.
- It mainly showed that the competitive level may favor the RAE.

Existe o efeito da idade relativa entre judocas medalhistas da categoria sub-15?

Introdução

O judô é um esporte de combate, intermitente e de alta intensidade, no qual os atletas são categorizados por sexo, peso corporal e faixas etárias (1, 2). Um atleta de judô deve possuir capacidades físicas como: força muscular isométrica, força muscular dinâmica, resistência muscular, além de elevada capacidade anaeróbica (1). As capacidades técnico-táticas para a movimentação, agarres, ataques e defesas (3) também são fundamentais, bem como, as capacidades psicológicas para lidar com o estresse e ansiedade (4), sendo que todas estas capacidades associadas e integradas contribuem para o processo de formação de um judoca de alto rendimento.

No judô, os atletas são divididos de acordo com o ano de nascimento, podendo ser agrupados atletas que nasceram no mesmo ano ou até com três anos de diferença (5). A diferença de idade entre indivíduos em uma mesma categoria é chamada de Idade Relativa (6,7). Como consequência dessa variável, tem-se o Efeito da Idade Relativa (EIR), que

consiste na possível vantagem obtida pelo atleta agrupado em um escalonamento etário dentro do mesmo ano de seleção de uma mesma categoria (6,8-9).

Grande parte da literatura esportiva acerca do EIR é concentrada em esportes coletivos com futebol (7,10), rúgbi, baseball e voleibol (6, 11), e reportam que os atletas nascidos no início do ano de seleção esportiva podem apresentar vantagens nas características antropométricas em relação aos seus pares. Musch, Grondin (6) ressaltam, em uma revisão sobre o EIR em atletas de diversas modalidades esportivas, que atletas beneficiados por essa variável podem levar vantagens em processos de seleção esportiva e podem ter mais oportunidades de desenvolver aspectos técnicos e táticos no esporte. Além disso, esses atletas apresentam melhores recursos psicológicos, tais como: capacidade de lidar com estresse e ansiedade em comparação aos seus pares (6,8). Dessa forma, o EIR pode influenciar no processo de detecção, seleção e promoção do talento esportivo.

Em esportes de combate, o EIR foi reportado em judocas (13,15-16), no taekwondo (17); luta olímpica (18) e boxe (12,19). Tendo em vista os resultados desses estudos, é possível concluir que o EIR está presente em atletas profissionais e de categoria de base de esportes de combate.

Um estudo, com jovens judocas de ambos os sexos, verificou a presença do EIR em atletas medalhistas (16). Logo, as análises do EIR com jovens atletas pertencentes à elite do judô carecem de maiores investigações, para avaliar e identificar como se dão os efeitos relacionados à Idade Relativa neste nível de exigência competitiva.

Autores tentam explicar o EIR (8, 13), com o foco na maturação dos atletas, que pode propiciar melhores atributos físicos para o desempenho no esporte. Essa hipótese é fundamentada pelo jovem atleta estar no período púbere, ou seja, período de variação na maturação biológica entre indivíduos presentes em uma mesma idade (14). Como consequência dessa variação no desenvolvimento maturacional, aqueles que obtêm essa maturação biológica mais cedo irão ter mais oportunidades do que seus pares de maturação tardia, e assim, poderão ter maiores chances de participação competitiva, com consequente melhora nas habilidades técnicas e táticas, assim como nas capacidades psicológicas (11). Além disso, atletas beneficiados pelo EIR poderão dispor de mais recursos durante sua carreira esportiva, o que ajudaria no aumento do sucesso esportivo em campeonatos de elevado índice competitivo (6).

Em esportes de combate, o EIR foi estudado em atletas do sexo feminino e sexo masculino de taekwondo (17), luta olímpica (18), boxe (12) e de judô, em atletas adultos de ambos os sexos (15,13,15) e em jovens judocas de categoria de base de ambos os sexos (16). A meta-análise publicada por Cogley et al. (8) verificou a existência do EIR em atletas do sexo feminino em uma menor magnitude, ou seja, tal variável é verificada com menor frequência para esta população, quando comparado ao sexo masculino. Entretanto, apenas 2% da amostra eram compostas por atletas do sexo feminino (8). Além disso, a maturação precoce de meninas,

aliado à sua menor variabilidade no estado de maturação biológica, em comparação com os meninos, também pode explicar o fato de não se observar o EIR com tanta frequência em jovens atletas do sexo feminino (20). Entretanto, pouco se sabe sobre o modo como o EIR relaciona-se com atletas do sexo feminino, principalmente em jovens atletas de esportes de combate, tal como o judô.

Estudos em diferentes modalidades esportivas relatam que jovens atletas beneficiados pelo EIR são mais propensos a participar em níveis competitivos mais elevados (6,8). De acordo com Musch, Grondin (6), o EIR tem sua manifestação favorecida em esportes com grande competitividade desde a categoria de base. A categoria sub-15 no judô representa a primeira categoria competitiva com importantes competições internacionais, como o Campeonato Pan Americano de Judô, e nacionais como, por exemplo, os Jogos Escolares da Juventude, competição está na qual os melhores atletas brasileiros na categoria sub-15 estão reunidos.

Sabe-se que a competitividade favorece a ocorrência do EIR (8). Assim, por consequência, pode-se pensar que esses atletas poderão ser mais facilmente escolhidos em processos de seleção de equipes esportivas e terão ainda maiores chances de destaque em competições, podendo ter maiores chances de ser medalhistas nas competições. Dessa forma, pode-se teorizar que o EIR irá acontecer nas categorias de base do judô, atingindo assim judocas de ambos os sexos e que foram medalhistas em competições. Assim, será que o EIR está presente em jovens judocas, de ambos os sexos, que são medalhistas nos Jogos Escolares da Juventude e estão na categoria sub-15?

Visto que a variável EIR pode influenciar diretamente a seleção, identificação e desenvolvimento de jovens judocas, principalmente aqueles que já obtêm destaque em competições, o objetivo deste estudo foi verificar a presença do EIR em judocas do sexo masculino e feminino, da categoria sub-15, que foram medalhistas nos Jogos Escolares da Juventude da temporada 2014-2015.

Métodos

Amostra

A amostra foi composta pela data de nascimento de 120 judocas, da categoria sub-15, do sexo masculino e feminino, que foram medalhistas nos Jogos Escolares da Juventude na temporada de 2014 e 2015, organizados pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e Confederação Brasileira de Judô (CBJ). A média de idade geral, contando todos os judocas foi de $13,55 \pm 0,59$ anos. Para o sexo masculino ($n=57$), a média de idade foi de $14,00 \pm 0,79$; para o sexo feminino ($n=63$), a média de idade foi de $14,00 \pm 1,04$. Essa competição envolveu judocas com idades entre 12 e 14 anos, atletas que completam 14 anos no de competição.

Procedimentos de coleta de dados

O estudo foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, sob o número de parecer 0221.0.203.000-11.

Foram coletadas as datas de nascimento dos judocas diretamente no *site* da entidade, a partir de fichas de registros e documentações. Para verificação do EIR, os atletas foram agrupados em quatro quartis de acordo com os meses de nascimento.

O quartil de nascimento se refere à divisão do ano em quatro partes. Foi considerado o calendário anual de 1° de janeiro a 31 de dezembro, sendo o primeiro quartil (1°Q) composto pelos meses janeiro, fevereiro e março; o segundo quartil (2°Q), pelos meses abril, maio e junho; o terceiro quartil (3°Q), pelos meses julho, agosto e setembro; e o quarto quartil (4°Q), pelos meses outubro, novembro e dezembro (8). Para a análise do EIR outros estudos também dividiram a data de nascimento de atletas por quartil (6-7, 10, 17).

Análise dos dados

A avaliação das diferenças dos quartis de nascimento dos judocas foi realizada por meio do teste Qui-quadrado com nível de significância de $p < 0,05$. Os procedimentos estatísticos foram realizados através do pacote SPSS 20.0®. Para identificar onde estariam as diferenças entre os quartis de nascimento foi utilizada a análise de proporção 2x2. Nesta

análise, foi utilizada a correção de Bonferroni que altera o nível de significância (p) com a finalidade de se evitar erros derivados de múltiplas comparações. O nível de significância corrigido após esse procedimento foi de $p < 0,0083$. Esse procedimento foi realizado no pacote estatístico Minitab® 15.0 para Windows®.

Resultados

Os dados da figura 1, mostram a comparação feita entre os judocas do sexo masculino da categoria sub-15 onde foi encontrado diferenças estatísticas de $[X^2_{(3)} = 10,000; p = 0,019]$, sendo entre o quartil 1°Q x 4°Q $[X^2_{(3)} = 9,846; p = 0,002]$ para um $p < 0,0083$.

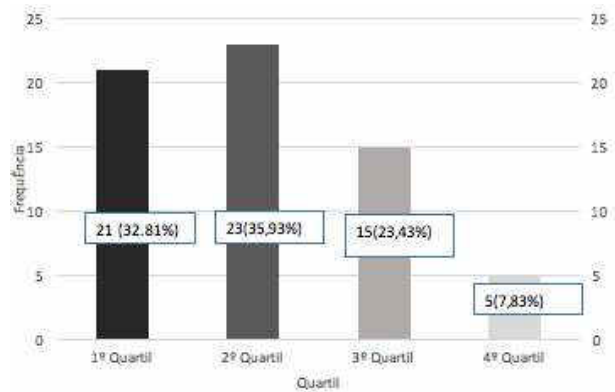
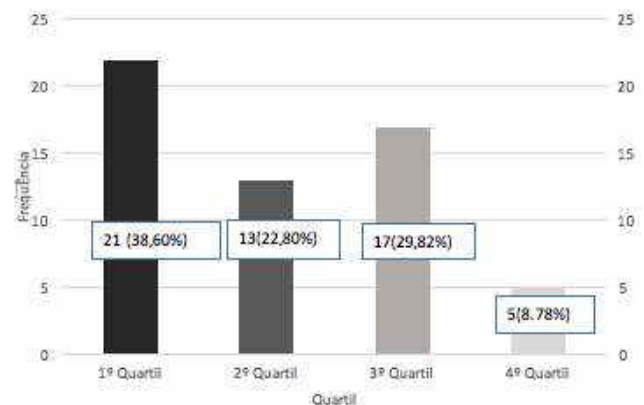


Figura 1 – Distribuição por quartil de data de nascimento dos atletas do sexo masculino participantes dos Jogos Escolares da Juventude sub 15 em 2014 e 2015

Figura 2 – Distribuição por quartil de data de nascimento dos atletas do sexo feminino



participantes dos Jogos Escolares da Juventude sub 15 em 2014 e 2015

Já os dados presentes na figura 2, na qual foi feita a análise entre os quartis de

nascimento para as atletas de judô do sexo feminino, mostram que houve diferença estatística [$X^2_{(3)} = 11,857$; $p = 0,008$] entre os quartis 1ºQ x 4ºQ [$X^2_{(3)} = 7,500$; $p = 0,002$] e entre 2ºQ x 4ºQ [$X^2_{(3)} = 11,571$; $p = 0,001$] para um $p < 0,0083$.

Discussão

O objetivo do presente estudo foi verificar a presença do EIR em judocas do sexo masculino e feminino da categoria sub-15, que foram medalhistas nos Jogos Escolares da Juventude nas temporadas 2014 e 2015.

Foi possível verificar a existência de assimetria na distribuição das datas de nascimento dos jovens judocas, no qual houve uma maior representatividade de judocas nascidos no primeiro e segundo quartil de nascimento e uma consequente baixa representatividade de judocas nascidos no quarto quartil de nascimento. Cabe ressaltar que essa amostra de judocas da categoria sub-15 representa a elite dos judocas presentes nesta categoria no Brasil, retratando assim como o EIR está presente em uma amostra de atletas vencedores no judô brasileiro e, muito provavelmente, poderá se manifestar também em outras categorias etárias.

Um ponto importante de salientar é a qualidade da competição avaliada e o grau de competitividade na modalidade, que podem reforçar os resultados encontrados no presente estudo. Os jogos Escolares da Juventude reúnem os principais atletas do Brasil na categoria sub-15. Sabe-se que o nível de dificuldade e o grau de competitividade da competição são variáveis que podem aumentar ou diminuir o EIR entre os atletas(6,17).

O judô é uma modalidade na qual os atletas são distribuídos em categorias de acordo com o peso corporal e idade dos atletas desde as idades iniciais do esporte (5). Assim, a maturação precoce dos jovens judocas pode estar dentre as possíveis explicações para esses resultados nos jovens judocas do sexo masculino e feminino. Visto que com a maturação mais cedo, os atletas beneficiados por essa variabilidade maturacional podem ter vantagens, principalmente, em modalidades esportivas em que o peso corporal e a força dos atletas têm importância (9, 15). Assim, os

melhores atletas serão favorecidos por apresentarem variáveis importantes para a prática do judô e, assim, conquistando medalhas em competições de elevado grau de competitividade.

As diferenças entre as variáveis físicas e psicológicas dos atletas podem ocorrer de maneira mais acentuada durante a puberdade, momento em que acontece uma maior variação maturacional dos indivíduos (14). A idade entre 12 a 14 anos compõe o período púbere, fazendo com que aqueles atletas que nasceram no início do ano de seleção apresentem melhor desempenho físico, como maior força e potência (8,21). Associado a isto, esses atletas que obtiveram a maturação mais cedo, poderão participar mais de competições e por consequentemente irão apresentar melhores recursos psicológicos e atingir um nível melhor de percepção de competência e autoconfiança para a prática esportiva (6,11). O estudo de Noce et al. (4), mostrou que jovens judocas apresentam um perfil menos positivo e sentem-se menos preparados quando comparados com atletas profissionais. Isso pode ser explicado pelo fato de judocas profissionais acumularem maiores experiências esportivas e tempo de prática no esporte (4). Assim, no judô, jovens atletas que conseguem lidar com o estresse e a ansiedade da competição poderão ter melhor recuperação emocional e física e, assim, atingir um desempenho esportivo (4).

Em atletas do sexo feminino de judô, o EIR não foi verificado em atletas profissionais(13,15). Os autores justificaram esses achados na categoria adulta devido a maturação mais cedo e menor variabilidade no estado de maturidade em meninas, quando comparados com meninos, ser um importante mecanismo ausência do EIR em atletas de judô adulto(13,20). Porém, no presente estudo, o EIR foi encontrado em atletas do sexo feminino, corroborando com o estudo prévio com jovens judocas de categoria de base (16). Esse resultado pode ser explicado devido jovens atletas do sexo feminino de categoria de base ter o início da puberdade entre 12 e 14 anos e, posteriormente apresentarem uma baixa variabilidade maturacional (22). Assim, essas atletas seriam beneficiadas na prática do judô. Aliado a isso,

vale lembrar que o presente estudo é composto por jovens judocas do sexo feminino medalhistas nos Jogos Escolares da Juventude, ou seja, essas atletas caracterizam-se por serem as melhores atletas nacionais presentes nesta categoria, disputando uma competição de alto nível técnico, o que poderia favorecer que ocorra o EIR.

No judô, poucos estudos buscaram verificar o EIR e suas consequências no esporte. O estudo de Albuquerque et al. (15) analisou essa variável em 1.738 judocas de ambos os sexos, participantes dos Jogos Olímpicos e encontrou o EIR apenas em judocas profissionais do sexo masculino e a categoria pesada. Outro estudo publicado por Albuquerque et al. (13) investigou o EIR entre 2.427 judocas de ambos os sexos com participação em olimpíadas entre os anos de 1964-2012 e verificou diferenças estatísticas para o EIR apenas nos atletas do sexo masculino medalhistas e, na análise por categoria, nos atletas da categoria pesado (+100kg). Os dois estudos têm seus resultados explicados com base nas demandas físicas específicas dos atletas da categoria pesado no judô, de modo que estes atletas que utilizam da variável força em maior magnitude do que os seus pares de categorias de peso mais leves.

Em jovens judocas do sexo masculino e feminino, apenas um estudo verificou a existência do EIR. O estudo realizado por Fukuda (16), que coletou datas de nascimento referentes a 1.542 jovens judocas de elite, de ambos os sexos e medalhistas nos campeonatos mundiais nas categorias juvenil (sub-18 anos) entre as temporadas de 2009-2013 e júnior (sub-21) entre as temporadas de 1990-2013. O autor verificou o EIR nestes jovens judocas de elite, ao avaliar grupos de idade (sub-18 e sub-21) e por sexo masculino e feminino, excetuando-se apenas as categorias de peso mais leves (super-leve e leve) (16). Analisando os resultados apresentados por Fukuda (16), observa-se que existe uma diferença na distribuição do número de jovens atletas do sexo masculino e sexo feminino por quartis de nascimento nas categorias de base do judô, com predominância de atletas nascidos nos primeiros quartis de nascimento e o e uma

menor representatividade de judocas nascidos no último quartil de nascimento. Assim como encontrado nos atletas do sexo masculino de judô profissional, o EIR mostrou-se presente em nas categorias de base finais (sub-18 e sub-21) do judô. Aliado a isso, no presente estudo foi verificado o EIR na categoria sub-15 do judô, categorias está que representa o início das competições mais importantes para a carreira do atleta.

A meta-análise de Cogley et al. (8) mostrou que, quanto maior o nível de competitividade em uma população, maior o efeito do EIR. Ou seja, em um ambiente com muita competitividade, os jovens atletas podem ser beneficiados pelo EIR. Porém, deve se considerar que em um ambiente de alta competitividade, atletas que poderiam seguir carreira no judô podem ser preteridos por processos de seleção. Neste sentido, no estudo de Massa et al. (23), mostrou que a maior parte judocas da seleção brasileira que foram para a olimpíadas de Atenas não eram considerados talentosos na categoria de base. É possível refletir que judocas que tiverem o desempenho esportivo destacado tardiamente, apenas da idade adulta podem ser prejudicados pelo EIR, podendo abandonar o esporte. Sendo assim é necessário relativizar a importância do desempenho esportivo em jovens judocas, já que erroneamente pode se favorecer os atletas beneficiados EIR em detrimento dos pares.

Pontos fortes e limitações do estudo

O ponto forte deste estudo reside no propósito de avançar na discussão científica sobre o EIR e sua relação com os esportes de combate em atletas de categoria de base do judô no Brasil, oferecendo informações relevantes sobre o contexto de jovens judocas medalhistas em competições de grande importância e grau de competitividade. Estes dados podem contribuir para a discussão e melhoria das condições de detecção, seleção e capacitação de jovens judocas brasileiros, tendo em vista, que existem poucas evidências científicas e informações na literatura sobre como o EIR se relaciona com as categorias de base de esportes de combate, principalmente o judô.

A presente investigação foi a pioneira em investigar o EIR em jovens judocas de ambos

os sexos na categoria de base sub-15 e que foram medalhistas em uma competição de grande nível competitivo em âmbito nacional, os Jogos Escolares da Juventude.

Como limitação do presente estudo tem-se que foram avaliados apenas judocas medalhistas em uma competição nacional no Brasil, não podendo assim extrapolar os dados para todos os jovens judocas. Além disso, como indicação para novos estudos, sugere-se que sejam avaliados atletas de judô não medalhistas de categorias de base, assim como avaliar o EIR em jovens atletas de judô entre as categorias de peso.

Conclusão

Concluiu-se que foi verificada a existência do EIR em jovens judocas do sexo masculino e feminino da categoria sub-15 e que foram medalhistas em competições de elevado grau de competitividade. Esses atletas foram mais comumente nascidos nos primeiros quartis de nascimento do ano e por isso podem apresentar vantagens físicas, técnicas, táticas e psicológicas em relação aos seus pares nascidos no último quartil de nascimento. Observa-se que a competitividade pode ser um fator importante no favorecimento do EIR em esportes categorizados pela idade, assim, esses atletas seriam cada vez mais beneficiados e perpetuariam o EIR ao longo de sua carreira esportiva.

Sugere-se que novos estudos sejam realizados abordando com o EIR se relaciona com os jovens judocas das demais categorias de base, analisando ambos os sexos e não apenas atletas medalhistas em competições, poderão contribuir para discussão e a compreensão do EIR e por consequentemente propiciar uma melhor formação de jovens atletas de judô.

Declaração de conflito de interesses

Não há nenhum conflito de interesses no presente estudo.

Referências

1. Franchini E, Vecchio FB, Matsushigue KA, Artioli GG. Physiological profiles of elite judo athletes. *Sports Medicine*. 2011; 41(2): 147-166.
2. Casals C, Huertas JR, Franchini E, Sterkowicz-Przybycień K, Sterkowicz S, Gutiérrez-García C, Escobar-Molina R. Special judo fitness test level and anthropometric profile of elite spanish judo athletes. *Journal of Strength and Conditioning*, In press, 2015.
3. Miarka B, Fukuda DH, Del Vecchio FB, Franchin E. Discriminant analysis of technical-tactical actions in high-level judo athletes. *International Journal of Performance Analysis in Sport*. 2016; 16:30-39.
4. Noce F, Costa VT, Szmuchrowski LA, Soares DS, Mello MT. Psychological indicators of overtraining in high level judo athletes in pre- and post-competition periods. *Archives of Budo*, 2014; 10:245-251.
5. Confederação Brasileira de Judô. <http://cbj.com.br/>. Acessado 2016-05-20, 2016.
6. Musch, J.; Grondin, S. Unequal competition as an impediment to personal development: a review of the relative age effect in sport. *Development Review*. Amsterdã, 2001; 21(2):147-167.
7. Costa VT, simimm MAM, Noce F, Costa IT, Samulski DM, Moraes, LCCA. Comparison of relative age of elite athletes participating in the 2008 Brazilian soccer championship series A and B. *Motricidade (Santa Maria da Feira)*, 2009; 5:35-38.
8. Cobleby S, Baker J, Wattie N, Mckenna J. Annual age-grouping and athlete development: a meta-analytical review of relative age effects in sport. *Sports Medicine*. 2009; 39(3):235-256.
9. Carling C, le Gall F, Reilly T, Williams AM. Do anthropometric and fitness characteristics vary according to birth date distribution in elite youth academy soccer players? *Scandinavian Journal of*

- Medicine and Science in Sports. 2009; 19:3–9.
10. Penna, E. M.; Ferreira, F. M.; Costa. V. T.; Santos, B. S.; Moraes, L. C. Relação entre mês de nascimento e estatura de atletas do futebol do mundial sub-17. *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desenvolvimento Humano*. Florianópolis, 2012; 14(5):571-581.
 11. Andronikos G, Elumaro IA, Westbury T, Martindale RJ. Relative age effect: implications for effective practice, *Journal of Sports Sciences*, in press, 2015.
 12. Delorme N. Do weight categories prevent athletes from relative age effect? *Journal of Sport and Science*. 2014; 32(1):16–21.
 13. Albuquerque MR, Costa VT, Lage GM, Franchin E, Costa IT, Malloy-Diniz L. The relative age effect in combat sports: an analysis of olympic judo athletes, 1964–2012. *Perceptual & Motor Skills: Physical Development & Measurement*. 2015; 121(1):1-9.
 14. Malina RM, Eisenmann JC, Cumming SP, Ribeiro B, Aroso J. Maturity associated variation in the growth and functional capacities of youth football (soccer) players 13–15 years. *European Journal of Applied Physiology*. 2004; 91(5-6):555-562.
 15. Albuquerque MR, Tavares V, Lage GM, Paula JJ, Costa IT, Malloy-Diniz LF. Relative age effect in Olympic Judo athletes: A weight category analysis. *Science & Sports*. 2013; 28:58-60.
 16. Fukuda DH. Analysis of the relative age effect in elite youth judo athletes. *International Journal of Sports Physiology and Performance*, 2015; 10(8):1048–1051.
 17. Albuquerque MR, Lage GM, Costa VT, Malloy-Diniz L, Ferreira RM, Penna EM, Couto LC, Moraes A. Relative age effect in olympic taekwondo athletes. *Perceptual and Motor Skills*. 2012; 114(2):461-468.
 18. Albuquerque MR, Costa VT, Faria LO, Lopes MC, Lage GM, Sledziewski D, Szmuchrowski LA, Franchin E. Weight categories do not prevent athletes from Relative Age Effect/ an analysis of Olympic Games wrestlers, *Archives of Budo*, 2014; 10(1):127-132.
 19. Edginton R, Gibson R, Connelly C. Exploring the relative age effect and nation dominance in Olympic boxing, a Review of the last decade. *Procedia Engineering*, 2014; 72:805–810.
 20. Goldschmied N. No evidence for the relative age effect in professional women’s sports. *Sports Medicine*, 2011; 41(1):87–88.
 21. Altimari JM, Altimari LR, Paula L, Bortolotti H, Pasquerelli BN, Ronqué ER, Moraes AC. Distribuição do mês de nascimento dos jogadores das seleções brasileiras de futebol. *Revista Andaluza de Medicina del Deporte*. 2011; 4(1):13-16.
 22. Vincent J, Glamser FD. Gender differences in the relative age effect among US Olympic Development Program youth soccer players. *Journal of Sports Sciences*. 2006; 24(4): 405-413.
 23. Massa M, Uezu R, Böhme MTS, Silva LRR, Knijnik JD. Desempenho esportivo no judô olímpico brasileiro: o talento é precoce? *Revista brasileira de Ciência. e Movimento* 2010; 18(1):5-10.



Artigo Original

Original Article

Estilos de suporte parental para a prática esportiva: uma investigação em jovens atletas brasileiros

Parental support style for sport practice: an investigation in young Brazilian athletes

Gislaine Contessoto Pizzo¹ BS; Andressa Ribeiro Contreira¹ MS; Selso Ananias Siteo¹ BS; Caio Rosas Moreira¹ MS; Aryelle Malheiros Caruzzo¹ BS; Lenamar Fiorese Vieira^{§1} PhD

Recebido em: 06 de junho de 2016. Aceito em: 24 de junho de 2016.
Publicado online em: 25 de julho de 2016.

Resumo

Introdução: As influências parentais são consideradas significativas sobre a introdução, continuidade ou desistência dos adolescentes nas práticas esportivas, uma vez que os pais são considerados os primeiros agentes socializadores dos seus filhos.

Objetivo: Analisar as percepções de estilos de suporte parental para a prática esportiva em jovens atletas brasileiros em função da modalidade esportiva.

Métodos: Foram sujeitos 355 atletas (16,2±0,8 anos), de ambos os sexos, de modalidades coletivas e individuais, participantes dos Jogos Escolares da Juventude 2015 (fase final). Como instrumento utilizou-se a Escala de Suporte Parental (s-EMBU). Os dados foram analisados pelos testes Kolmogorov Smirnov, U de Mann Whitney e Friedman ($p < 0,05$).

Resultados: Foram verificadas diferenças nas percepções dos atletas para os estilos de Suporte emocional, Superproteção e Rejeição, tanto para o pai ($p = 0,001$) quanto para a mãe ($p = 0,001$), com resultados superiores para o suporte de Rejeição ($p = 0,001$). Ao comparar o suporte parental em função das modalidades esportivas, foi observada diferença no suporte de rejeição tanto do pai quanto da mãe ($p < 0,05$) e superproteção dos pais ($p < 0,05$), com valores superiores apresentados pelos atletas de modalidades coletivas.

Conclusão: Concluiu-se que houve predominância do suporte de rejeição tanto para o suporte do pai quanto da mãe na percepção dos jovens atletas brasileiros, principalmente nos atletas de modalidades coletivas, sendo este comportamento marcado por traços de oposição dos pais ou desvalorização. Ainda, estes atletas indicaram menor percepção do suporte de superproteção, apontando ausência de pressão de resultados ou rendimento por parte dos pais.

Pontos-Chave Destaque

- Os jovens atletas brasileiros apresentaram predominância na percepção de rejeição do suporte concedido pelos pais e mães.

- Atletas de modalidades coletivas apresentaram valores superiores na percepção de rejeição de pais e mães quando comparados aos atletas de modalidades individuais.

- Os jovens atletas brasileiros revelaram não ocorrer o suporte de superproteção dos pais, indicando que não existem pressões por resultados por parte dos pais.

Palavras-chave: suporte parental, atletas, esporte.

[§] Autor correspondente: Lenamar Fiorese Vieira. Departamento de Educação Física. Avenida Colombo, 5.790. Campus Universitário CEP: 87.020-900 Maringá-PR Fone: (044) 3011-1380. Email: lenamarfiorese@gmail.com

¹Universidade Estadual de Maringá

Abstract

Introduction: Parental influences are considered significant in beginning, continuity, or desistence of adolescents in sport practice, once parents are considered the first socializing agents of their children.

Objective: To analyze the perceptions of parental support styles for sports practicing in young Brazilian athletes, accordingly with the type of sport.

Methods: The sample consisted of 355 athletes (16,2±0,8 years), of both sexes, from collective and individual sports, participants of the Youth School Games 2015 (final stage). The instrument used was the Parental Support Scale (s-EMBU). Data were analyzed using the Kolmogorov-Smirnov test, U Mann Whitney and Friedman ($p<0.05$).

Results: Differences were found in athletes perception for the styles of Emotional Support, Overprotection and Rejection, both for the father ($p=0,001$), and for the mother ($p=0,001$), with higher values for rejection support ($p=0,001$). When comparing the parental support in function of the sports modalities, a difference in rejection support from both the father and the mother ($p<0,05$) and overprotection from fathers ($p<0,05$) were observed, with higher values in collective sports.

Conclusion: It was concluded that there was a predominance of rejection support for both father's and mother support in the perception of young Brazilians athletes, especially in athletes from collective sports, being this behavior marked by the opposition traits of parents or devaluation. Still, these athletes indicated lower perception of overprotection support, pointing default of pressure results or performance by parents.

Keywords: parental support, athletes, sports.

Keypoints

- The young Brazilian athletes present predominance in rejection perception of the support granted by parents.
- Athletes from collective sports had higher values in the perception of parents rejection when compared to athletes of individual sports.
- The young Brazilian athletes revealed not occur parental overprotective, indicating that there is no pressure results or performance by parents.

Estilos de suporte parental para a prática esportiva: uma investigação em jovens atletas brasileiros

Introdução

Pesquisas apontam que aproximadamente 35% das crianças envolvidas em programas de iniciação esportiva abandonam as práticas por ano na América do Norte (1). Na Europa, os índices de desistência entre os jogadores franceses de futebol nos grupos infantil e juvenil são de 21,76% (2). Este cenário é preocupante, ao considerar que a prática esportiva é um instrumento fundamental na educação integral de adolescentes e jovens, favorecendo seu desenvolvimento psicológico e social (3).

Um aspecto evidente apontado pela literatura para o início e permanência dos jovens nas atividades esportivas é o apoio familiar (4,5). Diversas pesquisas na área da psicologia social e esportiva visam verificar a influência parental nas experiências psicossociais dos adolescentes e jovens atletas (6-11). O enfoque tem sido voltado para a

inclusão, permanência e sucesso dos adolescentes e jovens no esporte, e as relações do suporte parental com outras variáveis psicológicas intervenientes como a motivação, (5,7-9,12) estratégias de enfrentamento (8), satisfação atlética (7), relação treinador-atleta (13), percepção de competência (14), autoestima (15).

Ainda, estas pesquisas caracterizam-se pela avaliação da percepção de suporte parental em atletas considerando modalidades esportivas específicas, como a natação, futebol, futsal, beisebol, ginástica (7-9,16), havendo poucas pesquisas, somente no contexto internacional, investigando o suporte parental em função das modalidades coletivas ou individuais. No entanto, até a extensão onde foi possível investigar no contexto esportivo nacional há uma lacuna na literatura de pesquisas buscando analisar a percepção de suporte parental em atletas em função das

modalidades esportivas (coletivas e individuais).

Pesquisas internacionais apontam que nos esportes coletivos há uma tendência de reações negativas dos pais e maior cobrança por resultados e desempenho, características referentes ao estilo de superproteção (4), enquanto que para os esportes individuais há maior interesse e apoio dos pais pelas práticas esportivas dos filhos (5). No contexto nacional foi verificado que o estilo de suporte parental predominante dos pais de atletas de modalidades individuais como a ginástica é o de superproteção, uma vez que se envolvem excessivamente no rendimento do seu filho no esporte (16).

Em virtude dessas influências antagônicas dos pais sobre a prática esportiva dos filhos, caracterizadas ora pelo excesso de cuidados e consequente pressão, ora pela escassez de incentivo, as pesquisas sobre a temática são desenvolvidas com base em alguns modelos conceituais, dentre os quais se destacam os estilos de criação (17), participação dos pais no desenvolvimento de atletas (6,18-20) e estilos parentais de Grolnick (21). Este estudo será fundamentado pelo modelo de Parris et al.(17), que postula a existência de três dimensões relacionadas às práticas parentais: rejeição, suporte emocional e superproteção. A rejeição está relacionada ao envolvimento escasso dos pais com as atividades desempenhadas pelos filhos; a superproteção refere-se ao excesso de preocupação dos pais com seus filhos e imposição de regras rígidas, enquanto que o suporte emocional revela harmonia na participação e flexibilidade dos pais nas tomadas de decisões dos filhos, oferecendo apoio suficiente para o desenvolvimento da autonomia e segurança(22-24).

Nessa perspectiva, entende-se que os comportamentos parentais exercem influências significativas sobre a introdução e continuidade dos adolescentes no esporte ou também sobre o desinteresse e tensão no contexto esportivo, por serem considerados os primeiros agentes socializadores dos seus filhos (23), implicando também sobre as relações estabelecidas pelos filhos com treinadores e pares (19,25). Diante destas informações e com vistas a preencher a lacuna

no conhecimento, este estudo objetivou analisar as percepções de estilos de suporte parental para a prática esportiva em jovens atletas brasileiros em função do tipo de modalidade esportiva (coletiva e individual).

Métodos

Participantes

Participaram do estudo 355 atletas, de 15 a 17 anos ($16,2 \pm 0,8$ anos), de ambos os sexos, sendo 176 atletas do sexo feminino e 179 do sexo masculino, praticantes de modalidades coletivas (futsal, vôlei, basquete, handebol) e individuais (ciclismo, vôlei de praia, tênis de mesa, judô, luta olímpica, natação, ginástica rítmica, atletismo), participantes dos Jogos Escolares da Juventude 2015 (fase final).

Instrumentos de medida

Para avaliação do suporte parental foi utilizado o questionário s-EMBU baseado na primeira versão de 81 itens de Perris e colaboradores (17) e na versão curta validada por Canavarro (26) em Portugal. O questionário foi validado para a língua portuguesa por Kobarg (14) e tem por objetivo avaliar as lembranças de práticas de criação na infância. O s-EMBU é composto de 23 itens sendo respondido em específico para o pai e para a mãe, respondido numa escala do tipo Likert de 4 pontos (1- não, nunca; 2- sim, ocasionalmente; 3- sim, frequentemente; e 4- sim, a maior parte do tempo). Para análise do questionário as respostas dos itens de cada dimensão são somadas e divididas pelo número de itens de cada dimensão.

As questões abrangem três dimensões de práticas educativas parentais: rejeição (7 itens), superproteção (9 itens) e suporte emocional (9 itens). A dimensão “Rejeição” está relacionada ao envolvimento escasso dos pais com as atividades desempenhadas pelos filhos, caracterizada pela ausência de envolvimento emocional e/ou financeiro dos pais. A dimensão “Superproteção” refere-se às características comportamentais dos pais que demonstram preocupações excessivas com seus filhos, sendo fontes indutoras de estresse para os jovens. Já o “Suporte Emocional” caracteriza os pais pelo nível moderado de participação e flexibilidade nas

tomadas de decisões, oferecendo apoio suficiente para que a criança ou jovem se desenvolva com autonomia e segurança.

Procedimentos de coleta de dados

O estudo está vinculado a um projeto institucional aprovado pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá sob parecer nº 1.324.411 (CAAE: 50335115.3.0000.0104)

As coletas de dados ocorreram no 2º semestre de 2015 nos Jogos Escolares da Juventude Brasileiro, realizados no estado do Paraná. A aplicação dos questionários foi autorizada previamente pelos chefes de delegação e treinadores de cada equipe. Os treinadores foram informados sobre os procedimentos da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido consentindo a participação dos atletas menores de idade. Participaram do estudo os atletas que aceitaram participar voluntariamente da pesquisa e que apresentaram a autorização do seu responsável.

A aplicação dos questionários foi realizada por pesquisadores com formação em educação física, previamente capacitados para aplicação de escalas psicométricas e supervisionados por uma psicóloga. As coletas ocorreram na área social dos hotéis em que as delegações estavam hospedadas e nos locais de competição, sendo o questionário aplicado de forma coletiva e respondido individualmente, com tempo de preenchimento de 15 a 20 minutos por participante.

Análise dos dados

Para caracterização da amostra, foi utilizada a análise descritiva por meio da frequência simples e percentual. A normalidade dos dados foi verificada pelo teste Kolmogorov-Smirnov e diante da distribuição não normal, os resultados foram apresentados pela mediana (Md) e intervalos interquartílicos (Q1-Q3). Na comparação entre os grupos (modalidade coletiva e individual), foi utilizado o teste “U” de *Mann-Whitney* e para comparação dos estilos parentais do pai e da mãe foi utilizado o teste de *Friedman*. A

significância adotada foi de $p < 0,05$. Os dados foram analisados no *software* SPSS 22.0.

Resultados

As características sociodemográficas dos jovens atletas brasileiros são apresentadas na Tabela 1. Os resultados revelaram que 50,4% dos jovens são do sexo masculino, 71,3% dos atletas têm até 5 anos de prática do esporte e 51,8% são praticantes de modalidades coletivas. Ainda, verificou-se que 60,9% dos jovens representavam as regiões norte e nordeste do país, sendo 62,0% estudantes de escolas particulares.

Na Tabela 2 são apresentadas as comparações das percepções dos jovens atletas brasileiros sobre os estilos de suporte parental, tanto do pai quanto da mãe. Os resultados apontaram diferenças significativas nas percepções dos atletas sobre os estilos parentais de Suporte emocional, Superproteção e Rejeição, tanto para o pai ($p=0,001$) quanto para a mãe ($p=0,001$).

Na comparação aos pares (Tabela 2), o Suporte de Rejeição (mãe Md=2,75; pai Md=2,63) apresentou resultados superiores e significativos quando comparados aos estilos parentais de Suporte Emocional e Superproteção ($p=0,001$). Ainda, foram verificadas diferenças significativas entre o Suporte Emocional e Superproteção ($p=0,001$), com valores superiores para o Suporte emocional na percepção dos jovens, tanto para o suporte do pai quanto da mãe.

Na tabela 3 são apresentadas as comparações das percepções dos atletas dos estilos de suporte parental em função da modalidade esportiva (individual e coletiva). Foram encontradas diferenças significativas para o suporte de rejeição tanto do pai (Md=2,63) quanto da mãe (Md=2,75), com valores superiores para os jovens atletas de modalidade coletivas ($p < 0,05$).

Ainda foi verificada diferença significativa entre a superproteção dos pais ($p < 0,05$), com valores superiores para os atletas de esportes coletivos (Md=1,83). No entanto, este foi o estilo de suporte que apresentou menores valores na percepção dos jovens, tanto para o suporte do pai quanto da mãe, podendo indicar menores pressões dos pais nas práticas esportivas escolhidas pelos filhos.

Tabela 1 – Caracterização geral dos atletas participantes dos Jogos Escolares da Juventude do ano de 2015

Variável	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
	n	%
Sexo		
Feminino	176	49,6
Masculino	179	50,4
Idade		
15	93	26,2
16	135	38,0
17	127	35,8
Tempo de prática		
≤ 5 anos	253	71,3
≥ 5 anos	102	28,7
Modalidade		
Coletiva	184	51,8
Individual	171	48,2
Região		
Norte	139	39,2
Nordeste	77	21,7
Centro-Oeste	96	27,0
Sul	23	6,5
Sudeste	20	5,6
Escola		
Particular	220	62,0
Pública	135	38,0
Idade		
15	93	26,2
16	135	38,0
17	127	35,8
Tempo de prática		
≤ 5 anos	253	71,3
> 5 anos	102	28,7
Modalidade		
Coletiva	184	51,8
Individual	171	48,2
Região		
Norte	139	39,2
Nordeste	77	21,7
Centro-Oeste	96	27,0
Sul	23	6,5
Sudeste	20	5,6
Escola		
Particular	220	62,0
Pública	135	38,0

Tabela 2– Comparação entre os Estilos Parentais do pai e da mãe de acordo com a percepção dos jovens atletas brasileiros

Estilos de Suporte Parental	Emocional	Superproteção	Rejeição
	Md (Q1-Q3)	Md (Q1-Q3)	Md (Q1-Q3)
Pai	2,00 (1,7-2,2) ^a	1,83 (1,5-2,1) ^b	2,63 (2,3-2,8) ^c
Mãe	2,14 (1,7-2,5) ^a	1,83 (1,5-2,1) ^b	2,75 (2,5-3,0) ^c

Diferenças significativa ($p < 0,05$) entre: 1) a-b; 2) a-c; e 3) b-c.

Tabela 3 – Comparação dos Estilos Parentais do pai e da mãe em função do tipo de modalidade de atletas brasileiros

SUPORTE PARENTAL	Individual	Coletiva	p
	Md (Q1;Q3)	Md (Q1;Q3)	
Suporte Emocional – PAI	2,00 (1,00; 3,57)	2,00 (1,00; 3,86)	0,246
Rejeição – PAI	2,50 (1,00; 3,75)	2,63 (1,00; 3,63)	0,010*
Superproteção – PAI	1,67 (1,00; 3,50)	1,83 (1,00; 3,83)	0,044*
Suporte Emocional – MÃE	2,00 (1,14; 3,71)	2,14 (1,00; 3,86)	0,232
Rejeição – MÃE	2,75 (1,25; 3,75)	2,75 (1,38; 3,75)	0,013*
Superproteção – MÃE	1,83 (1,00; 3,50)	1,83 (1,00; 4,00)	0,138

Discussão

Pesquisas têm evidenciado a importância das influências parentais sobre o desenvolvimento psicossocial das crianças, adolescentes e jovens, implicando de forma significativa sobre suas escolhas, permanência ou desistência na prática de atividades física e esportes (23,27). Até a extensão do que se pode pesquisar verificou-se que este é um dos primeiros estudos nacionais analisando as percepções de estilo de suporte parental de jovens atletas em função do tipo de modalidade (coletiva ou individual) (7,8,12,16). De forma geral, os resultados revelaram predominância do suporte de rejeição na percepção dos jovens atletas, tanto para o suporte do pai quanto da mãe, sendo este comportamento marcado por traços de oposição dos pais ou desvalorização, desconsiderando o ponto de vista dos filhos nas tomadas de decisões.

Estes resultados são contrários aos observados por Mizoguchi, Balbim e Vieira(7) em atletas juvenis de beisebol, no qual o estilo parental predominante foi o suporte emocional, caracterizado por maior flexibilidade dos pais nas escolhas referentes ao engajamento na prática esportiva dos filhos, permitindo decisões com mais

autonomia e segurança. Vissoci et al. (8) e Vieira et al. (9) em estudos com atletas paranaenses de futebol de campo também verificaram o estilo de suporte emocional como mais evidente, seguido de superproteção, cuja característica principal é a preocupação excessiva no direcionamento dos filhos, implicando em fontes geradoras de estresse (17).

É necessário ponderar que, neste estudo, as percepções dos atletas quanto à rejeição dos pais e mães podem ser típicas da faixa etária (15 a 17 anos), que se caracteriza por uma etapa de transição da adolescência para a vida adulta, na qual são observados conflitos emocionais e exacerbada percepção de competência, que dificultam as relações com os agentes mediadores do seu desenvolvimento, como pais, treinadores e pares (28). Tais considerações são corroboradas por Teques e Serpa (23) que apontam a influência parental como um processo dinâmico e passível de mudanças ao longo das etapas da formação esportiva e crescimento/desenvolvimento das crianças e adolescentes. Ainda, estas mudanças podem ocorrer nas percepções dos diferentes personagens envolvidos nesse processo (crianças, jovens, pais e treinadores).

Há que se considerar na interpretação dos resultados, além dessas informações, que maior apoio e acompanhamento dos pais nos treinos e competições podem ocorrer nas fases iniciais da formação esportiva dos filhos, ao passo que em atletas juvenis e juniores o suporte fornecido por mães e pais é mais escasso, com tendência a reações negativas frente às situações competitivas (4,5).

Em se tratando das modalidades esportivas, os resultados revelaram que os atletas de modalidades coletivas percebem maior rejeição, tanto dos pais como das mães, do que os atletas de modalidades individuais, embora este seja o suporte mais predominante em ambas as modalidades. Esses resultados são corroborados por Gomes e Zão (4) que verificaram em atletas portugueses de modalidades coletivas a tendência dos pais apresentarem mais reações negativas face às situações competitivas. Ainda, os autores revelam que o suporte parental foi mais evidente nas modalidades individuais, as quais apresentam maior interesse e valorização para recreação e manutenção física.

Apesar do comportamento parental ser percebido de forma negativa pelos atletas do presente estudo, as relações parentais positivas nessa etapa da formação esportiva devem ser fomentadas, uma vez que o suporte de rejeição dos pais pode acarretar em maior desmotivação para a prática esportiva dos filhos em modalidades coletivas (9) e, em longo prazo, resultar no abandono da modalidade. Nessa perspectiva, as expectativas dos pais com relação às competências dos filhos devem ser equilibradas fornecendo suporte de encorajamento para influenciar positivamente a prática esportiva, o desequilíbrio nessas expectativas é fonte de estresse e ansiedade nos filhos devido às pressões e avaliações negativas exercidas pelos pais (17,23).

Necessário destacar que foram verificadas diferenças na percepção do suporte de superproteção do pai, com resultados superiores sendo apresentados pelos atletas de modalidades coletivas quando comparados aos atletas de modalidades individuais. A superproteção refere-se à preocupação parental excessiva e envolvimento nas

atividades cotidianas dos filhos, por meio da imposição de regras rígidas, sendo considerada uma fonte de tensão e ansiedade(17,29). Além desses aspectos, a demasiada preocupação dos pais pela determinação das práticas desportivas dos filhos pode resultar em conflitos com técnicos e dirigentes em busca de uma imposição sobre as regras estabelecidas para todos (23), refletindo em constrangimentos ou mesmo desinteresse dos filhos pelo esporte.

Em se tratando do tipo de suporte concedido aos filhos pelo pai ou pela mãe, a literatura aponta o pai atuando sobre o aconselhamento na área técnica e esportiva, enquanto a mãe é uma fonte importante de apoio e acompanhamento (4, 5, 27), o que não foi percebido pelos atletas no presente estudo. Nas modalidades coletivas, especificamente, Gomes e Zão (4) observaram a ênfase do pai sobre a valorização dos resultados, rendimento e reconhecimento social dos filhos, com uma maior tendência a reações negativas face às situações competitivas do esporte coletivo. Em contrapartida, nas modalidades individuais os pais valorizam a orientação para a recreação e manutenção física. Vasconcelos e Gomes (5) destacam a maior pressão dos pais, principalmente em relação à prática competitiva, com maior envolvimento nas fases iniciais da formação esportiva.

Com base nas informações apresentadas, é necessário pontuar que o suporte parental nas atividades esportivas dos filhos é observado como um processo dinâmico, que se modifica ao longo dos anos e em função da etapa de formação esportiva que as crianças, adolescentes e jovens se encontram (23), de modo que nas fases de iniciação é observado um maior acompanhamento nos treinos e competições e nas fases que se sucedem este envolvimento pode ocorrer de forma mais escassa (5). Nessa perspectiva, ao considerar a função paradoxal dos pais no envolvimento dos filhos com esportes ou atividades físicas, as orientações quanto à sua participação como fonte motivacional dos filhos são imprescindíveis, a fim de que haja um equilíbrio no suporte concedido (23). Assim, as expectativas harmônicas dos pais sobre as competências dos filhos são fontes de suporte

emocional e contribuem positivamente sobre os aspectos psicológicos e bem-estar. Tais influências são benéficas ao conforto e estabilidade dos filhos para o engajamento nas práticas esportivas que desejarem e para o desenvolvimento da autonomia e segurança(17,23).

Pontos fortes e limitações do estudo

Apesar das contribuições científicas dos achados desta pesquisa, algumas limitações necessitam ser destacadas. Primeiramente, foram consideradas somente as percepções dos filhos sobre o suporte dos pais, não enfatizando as percepções dos pais sobre o suporte fornecido aos filhos. No entanto, esta limitação se justifica pela ausência de instrumentação validada para o contexto brasileiro sobre a avaliação do suporte parental na perspectiva dos pais. Outra limitação é a análise do suporte parental sem associação com as demais variáveis psicológicas que interferem na percepção dos filhos sobre o apoio dos pais, como a autoestima, motivação e percepção de competência. Outras variáveis intervenientes sobre as fontes de suporte dos pais nas práticas esportivas dos filhos, como o tipo de personalidade, sexo, satisfação com a situação conjugal, também não foram priorizadas, contudo estes fatores não foram fontes de análise do presente estudo que se limitou a analisar as percepções de suporte parental dos jovens atletas brasileiros em função do tipo de modalidade esportiva. Ainda, pode-se considerar o caráter transversal do estudo que não permite o acompanhamento das percepções de suporte parental dos filhos ao longo do processo de formação esportiva. Dessa forma, futuras pesquisas no contexto esportivo nacional devem explorar as relações do suporte parental para a prática esportiva nas percepções de pais e filhos, considerando as variáveis intervenientes anteriormente assinaladas, assim como as influências de outras pessoas significativas nas relações de pais e filhos no contexto esportivo, como treinadores e instrutores.

Conclusão

Concluindo, este estudo verificou que atletas jovens brasileiros apresentaram percepção de rejeição de seus pais para a

prática esportiva, prioritariamente em modalidades coletivas. Ainda, estes atletas indicaram pouco suporte de superproteção, indicando que não existe pressão de resultados ou rendimento por parte dos pais. Ponderam-se os resultados desta pesquisa pelo período de transição da adolescência para a vida adulta dos jovens atletas brasileiros (15 a 17 anos), na qual são observados conflitos emocionais e exacerbada percepção de competência. Este tipo de comportamento dificulta as relações com os agentes mediadores do seu desenvolvimento (pais, professores e treinadores), o que pode justificar a percepção de rejeição concedida pelos pais.

Este estudo apresenta implicações científicas relevantes às práticas de professores de educação física, treinadores, pais e psicólogos do esporte e exercício que desenvolvem e acompanham as atividades esportivas junto aos jovens atletas. Tais implicações referem-se às necessidades de orientações específicas aos profissionais e pais sobre a importância da família (suporte parental) no processo de desenvolvimento esportivo das crianças e jovens, das suas atribuições e da força exercida pelo seu apoio na iniciação, permanência ou abandono da prática esportiva dos filhos. Nesse sentido enfatiza-se o equilíbrio das fontes de suporte concedidas (flexibilidade e apoio às tomadas de decisão), evitando a valorização excessiva dos resultados e o desinteresse funcional ou afetivo/financeiro nas práticas esportivas.

Declaração de conflito de interesses

Não há nenhum conflito de interesses no presente estudo.

Declaração de financiamento

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Referências

1. Gould D, Petlichkoff L. Psychological stress and the age-group wrestler. In: Brown EW, Banta, CF. editors. Competitive sports for children and youth. Champaign: Human Kinetics Books; 1988. p.63-73.

2. Delorme N, Boiché J, Raspaud M. Relative age and dropout in French male soccer. *J Sports Sci.* 2010;28(7):717-722.
3. Bento J. Desporto para Crianças e Jovens: das causas e dos fins. In: Gaya A, Marques A, Tani G. organizadores. *Desporto para Crianças e Jovens – Razões e Finalidades.* Porto Alegre: Editora da UFRGS; 2004. p. 21-28.
4. Gomes AR, Zão DV. Envolvimento parental e orientação motivacional na prática desportiva: desenvolvimento de instrumentos de avaliação e análise das percepções de pais e atletas. *Psicologia: Teoria, investigação e prática.* 2007;2,319-339.
5. Vasconcelos SV, Gomes R. Comportamentos parentais, orientação motivacional e objetivos desportivos: um estudo com jovens atletas. *Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte.* 2015;10(2):215-223.
6. Fredricks, J.A.; Eccles, J.S. Parental influences on youth involvement in sports. In: Weiss MR editor. *Developmental sport and exercise psychology: A lifespan perspective.* Morgantown: Fitness Information Technology. 2004:145-164.
7. Mizoguchi MV, Balbim GM, Vieira LF. Motivação, estilo parental e satisfação de atletas de beisebol: um estudo correlacional. *Revista da Educação física (UEM. Online),* 2013;24(2):215-223.
8. Vissoci JRN, Nascimento Junior JRA, Oliveira LP, Vieira JLL, Vieira LF. Suporte parental percebido, motivação autodeterminada e habilidades de enfrentamento: validação de um modelo de equações estruturais. *Revista da Educação Física.* 2013;24(3):345-358.
9. Vieira LF, Mizoguchi MV, Junior EG, Garcia WF. Estilos parentais e motivação em jovens atletas de futebol de campo. *Pensar a Prática.* 2013;16(1):183-196.
10. Fonseca GMM, Stela ES. Família e esporte: a influência parental sobre a participação dos filhos no futsal competitivo. *Kinesis.* 2015;33(2):41-60.
11. Harwood CG, Knight CJ. Parenting in youth sport: A position paper on parenting expertise. *Psychol Sport Exerc.* 2015;16(1):24-35.
12. Aronis AL. Motivação e percepção do envolvimento parental na prática desportiva de jovens nadadores. 2011. *Dissertação (Mestrado em Treino Desportivo) - Faculdade de Educação Física e Desporto da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal, 2011.*
13. Ross AJ, Mallett CJ, Parkes JF. The Influence of Parent Sport Behaviours on Children's Development: Youth Coach and Administrator Perspectives. *Int J Sports Sci Coach.* 2015;10(4):605-621.
14. Kobarg APR, Vieira V, Vieira ML. Validação da escala de lembranças sobre práticas parentais (EMBU). *Avaliação psicológica.* 2010;9(1):77-85.
15. Kang S, Jeon H, Kwon S, Park S. Parental attachment as a mediator between parental social support and self-esteem as perceived by korean sports middle and high school athletes. *Perceptual & Motor Skills: Physical Development & Measurement.* 2015;120(1):288-303.
16. Nunomura M, Oliveira MS. A participação dos pais na carreira das atletas femininas de ginástica artística. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte.* 2014;28(1):125-134.
17. Perris C, Jacobson L, Lindstöröm H, Von Knorring L, Perris H. Development of a new inventory for assessing memories of parental rearing behavior. *Acta Psychiatr Scand.* 1980;61(4):265-274.
18. Bloom, B. *Developing talent in young people.* New York: Ballantine Books; 1985.
19. Côté J. The Influence of the Family in the Developmental of Talent in Sport. *Sport Psychol.* 1999;13(4):395-417.
20. Côté J, Hay J. Children's involvement in sport: a developmental perspective. In: Silva MJ, Stevens DE editors. *Psychological foundations of sport.* Boston: Allyn and Bacon; 2002.

22. Canavarro M. *Relações afectivas e saúde mental*. Coimbra: Quarteto Editora; 1999.
23. Teques P, Serpa S. Envolvimento parental no desporto: Bases conceptuais e metodológicas. *Revista de Psicología del Deporte*. 2013;22(2):533-53.
24. Holt NL, Tamminen KA, Black DE, Mandigo JL, Fox KR. Youth sport parenting styles and practices. *J Sport Exerc Psychol*. 2009;31(1):37-59.
25. Sage G. Does sport affect character development in athletes? *The Journal of Physical Education, Recreation & Dance*. 1998; 69(1):15–18.
26. Canavarro M. A avaliação das práticas educativas através do EMBU: estudos psicométricos. *Psychologica*. 1996;16(1):5-18.
27. Gomes R. Influência parental no desporto: a percepção de pais e jovens atletas portugueses. *Estudos de Psicologia*. 2010;27(4):491-503.
28. Fiorese L. A relação entre a percepção de competência de atletas adolescentes e seus motivos para a prática esportiva. 1993. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Brasil, 1993.
29. Canavarro MC, Pereira AI. A percepção dos filhos sobre os estilos educativos parentais: A versão portuguesa do EMBU-C. *Revista Ibero-Americana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*. 2007;24(2):193-210.



Revista de Educação Física

Journal of Physical Education

Home page: www.revistadeeducacaofisica.com



Artigo Original

Original Article

Validação do Learning Climate Questionnaire (LCQ): um questionário para avaliação do clima de aprendizagem

Validation of Learning Climate Questionnaire (LCQ): a questionnaire for the climate assessment learning

Luciane Cristina Arantes da Costa^{§1}PhD; Jorge Both² PhD; Patricia Carolina Borsato Passos³ MS; Alexandre Igor Araripe Medeiros⁴ PhD; João Marôco⁵ PhD; Lenamar Fiorese Vieira¹ PhD

Recebido em: 06 de junho de 2016. Aceito em: 24 de junho de 2016.
Publicado online em: 25 de julho de 2016.

Resumo

Introdução: O clima de aprendizagem é considerado uma atmosfera apropriada para que os alunos possam criar vínculos afetivos no ambiente escolar, influenciando sua motivação.

Objetivo: Validar o questionário *Learning Climate Questionnaire* (LCQ) para a realidade brasileira.

Métodos: A adaptação transcultural foi realizada por três doutores em Psicologia do Esporte envolvidos no processo de avaliação de validade de conteúdo, após a realização da tradução e da tradução reversa para o inglês. Para a avaliação da consistência interna e validação do constructo do LCQ a amostra foi composta por 403 alunos de escolas estaduais do noroeste do Paraná. A Análise Fatorial Confirmatória foi realizada por meio do Método de Máxima Verossimilhança.

Resultados: Os resultados evidenciaram que a versão para a língua portuguesa contém questões adequadas em relação à clareza de linguagem e pertinência prática (CVC>0,83). A fidedignidade teste-reteste foi satisfatória (R=0,72). A análise fatorial confirmatória apresentou índices de ajustamento adequados ($\chi^2/gf = 2,81$, GFI = 0,92, CFI = 0,93, TLI = 0,92, RMSEA = 0,06).

Conclusão: Concluiu-se que a versão para a língua portuguesa do LCQ mostrou-se válida para avaliar o clima de aprendizagem no contexto escolar brasileiro.

Palavras-chave: validação; clima de aprendizagem; escola; questionário; psicometria.

Pontos-Chave Destaque

- Validação do questionário para avaliar a motivação dos alunos em suas aulas
- O instrumento psicométrico pode ser utilizado em diferentes disciplinas no ambiente escolar
- Criado pelos maiores experts na atualidade no contexto da motivação, os idealizadores da Teoria da Auto Determinação, Edward Deci e Richard Ryan

[§] Autor correspondente: Luciane Cristina Arantes da Costa. Universidade Estadual de Maringá – UEM, Departamento de Educação Física. Av. Colombo, 5790. Jardim Universitário. Maringá – Paraná – Brasil. CEP 87020-900. Email: luarantes100@gmail.com

¹Universidade Estadual de Maringá (UEM)

²Universidade Estadual de Londrina (UEL)

³Universidade do Paraná (UNIPAR)

⁴Universidade Federal do Ceará (UFC)

⁵Instituto Universitário (ISPA)

Abstract

Introduction: The learning environment is considered an appropriate atmosphere for students to create emotional bonds in the school environment, influencing their motivation.

Objective: Validate the questionnaire Learning Climate Questionnaire (LCQ) to the Brazilian context.

Methods: The cross-cultural adaptation was performed by three experts in Sport Psychology involved in the assessment of content validity, after the completion of translation and back translation. For the internal consistency and construct validation of the LCQ the sample consisted of 403 students from public schools in the northwest of Paraná. The Confirmatory Factor Analysis was performed using the Maximum Likelihood method.

Results: The results showed that the version for the Portuguese language contains appropriate questions for clarity of language and practical relevance (CVC > 0,83). The test-retest reliability was satisfactory (R = 0,72). Confirmatory factor analysis presented adjustment indices suitable ($\chi^2/df = 2,81$, GFI = 0,92, CFI = 0,93, TLI = 0,92, RMSEA = 0,06).

Conclusion: The Brazilian Portuguese version of LCQ showed evidences of validity to evaluate the learning climate on the scholar Brazilian context.

Keypoints

- Validation of the questionnaire to assess the motivation of students in their classes
- The psychometric instrument can be used in different subjects at school
- Created by leading experts at the present time in the context of motivation, the experts of Self Determination Theory, Edward Deci and Richard Ryan

Keywords: validation; learning climate; school; questionnaire; psychometry.

Validação do Learning Climate Questionnaire (LCQ): um questionário para avaliação do clima de aprendizagem

Introdução

A avaliação dos aspectos psicológicos de alunos no ambiente escolar pode contribuir no processo de ensino-aprendizagem, proporcionando uma escolha mais adequada dos aspectos didáticos utilizados pelos professores. Neste âmbito, as abordagens pedagógicas revelam dois extremos, que apontam as características dos professores e sua forma de ensinar: se por um lado a abordagem centrada no aluno promove a motivação durante as aulas, a abordagem centrada no professor pode sugerir a diminuição da autonomia dos alunos e conseqüentemente um clima de aprendizagem inadequado para a melhoria da motivação.

O clima de aprendizagem é considerado uma atmosfera apropriada para que os alunos possam criar vínculos afetivos no ambiente escolar, influenciando em sua motivação. Segundo os autores, o clima de aprendizagem pode ser influenciado pelo comportamento e forma de ensinar dos professores, mas também pelos atributos físicos da escola e

sala de aula (limpeza, organização, iluminação e temperatura) (1).

Quando os professores conseguem criar um clima de aprendizagem mais adequado, os alunos expressam seus sentimentos, suas dificuldades e ideais, construindo experiências mais adequadas para “[...] edificar a sua própria construção enquanto pessoa” (2).

Dessa forma, um processo de ensino e aprendizagem que promovam a motivação intrínseca dos alunos pode contribuir para sua autonomia. Além disso, as atividades realizadas nas escolas nas têm exercido o controle dos alunos para promover o respeito às regras e normas, prejudicando o clima de aprendizagem no ambiente escolar (3).

Diante da importância em avaliar o clima de aprendizagem dos alunos na realidade brasileira, o presente estudo teve como objetivo validar para a língua portuguesa (população brasileira) o questionário Learning Climate Questionnaire (LCQ), buscando especificamente avaliar a

fidedignidade teste-reteste, a confiabilidade e a validade fatorial por meio da análise fatorial confirmatória do instrumento. A finalidade deste instrumento, além de facilitar o processo investigatório e contribuir na avaliação do clima de aprendizagem no âmbito escolar, possui como objetivo facilitar o processo de ensino-aprendizagem.

Estudo 1 Adaptação *cross-cultural* e validação do instrumento

Métodos

Amostra

Participaram do estudo três doutores em Psicologia do Esporte participantes do processo de adaptação e validação de conteúdo da versão na língua portuguesa e três tradutores envolvidos no processo de tradução e *back translation* e do *Learning Climate Questionnaire* (LCQ).

Instrumento

O *Learning Climate Questionnaire* (LCQ) foi construído para a realidade norte-americana (4). O LCQ possui como objetivo verificar a percepção dos alunos em relação aos seus professores. Contém 15 itens sendo utilizado em situações específicas de aprendizagem, tais como uma turma em particular. As questões estão relacionadas ao apoio à autonomia realizada pelo professor durante as aulas. As pontuações são calculadas pela média das respostas. Antes da realização do cálculo da média das classificações de cada item, primeiro deve-se "inverter" a pontuação do item 13; por exemplo, se for anotado "3", será pontuado "5" (exemplo: 1 = 7, 2 = 6, 3 = 5, 4 = 4, 5 = 3, 6 = 2 e 7 = 1). Escores médios mais elevados representam um maior nível de apoio à autonomia realizada pelo professor.

Procedimentos

Para a realização dos procedimentos de validação, requereu-se dos autores a autorização para tradução e utilização destes protocolos na população brasileira. Richard Ryan, um dos autores do instrumento original, autorizou sua utilização para validação na realidade brasileira. Este estudo foi aprovado pelo Comitê Permanente de Ética em

Pesquisa com Seres Humanos com o parecer n. 02249512.2.0000.0104.

No primeiro momento participaram 02 tradutores (de língua materna portuguesa) que realizaram a tradução para a língua portuguesa; os tradutores foram contratados de forma independente. As duas versões em língua portuguesa foram unificadas resultando na primeira versão do instrumento. A tradução reversa para o inglês (*back translation*) da versão traduzida em português foi realizada por outro tradutor. A tradução para a língua inglesa foi comparada com a versão traduzida do instrumento, sendo a semântica das questões analisadas, realizando as alterações necessárias (5).

Uma comissão de especialistas na área de psicologia do esporte foi convidada para participar do processo de avaliação da validade de conteúdo dos protocolos. A avaliação foi realizada por três professores doutores por meio do Coeficiente de Validade de Conteúdo para cada item do instrumento (CVCC) e para o instrumento como um todo (CVCT) (5).

Para responder as questões relacionadas à clareza de linguagem e pertinência prática, foi enviada aos especialistas uma planilha com escala Likert de um a cinco pontos. As sugestões de adequação fornecidas pela comissão de especialistas foram analisadas e um estudo piloto foi realizado com 30 alunos, com o objetivo de revisar e corrigir alguns termos técnicos sugeridos.

Análise

A validade de conteúdo (clareza de linguagem e pertinência prática) foi calculada com base nas respostas dos que avaliaram se a linguagem de cada item apresentava clareza para a população alvo. A pertinência prática avaliou a relevância do item para populações acadêmicas que no futuro poderão participar de investigações.

Foi analisado o Coeficiente de Validade de Conteúdo para o instrumento como um todo (CVCT). Este coeficiente possibilita verificar a concordância entre os juízes (comissão de especialistas), em que valores de *Kappa* inferiores a 0,4 são considerados baixos, entre 0,4 e 0,75 são considerados bons, e maiores que 0,75, excelentes (7).

Resultados

Após a tradução para a língua portuguesa, o questionário *Learning Climate Questionnaire* (LCQ), foi intitulado “Questionário de Clima de Aprendizagem”, sendo representado pela mesma sigla da língua inglesa (LCQ).

Os coeficientes de validade de conteúdo para os critérios clareza de linguagem e pertinência prática na validação do LCQ apresentaram resultados pertinentes. Os resultados obtiveram questões adequadas em relação à clareza de linguagem (0,83) e pertinência prática (0,96) para a língua portuguesa a partir da compreensão dos especialistas. Os achados indicam que a tradução e adaptação da versão brasileira do LCQ podem representar relevância para avaliação do clima de aprendizagem no ambiente escolar (Tabela 1).

Tabela 1 – Coeficiente de validade de conteúdo (CVC_i) para os critérios clareza de linguagem e pertinência prática *Learning Climate Questionnaire* (LCQ)

Escala	CVC _i	
	Clareza de Linguagem	Pertinência Prática
Escala Total	0,83	0,96

Estudo 2

Consistência Interna e Validação do Constructo LCQ

Métodos

A avaliação da consistência interna e validação do constructo do LCQ foram realizadas após a adaptação *cross-cultural* (Estudo 1).

Amostra

A amostra foi composta por 403 alunos matriculados em 08 escolas estaduais de um município do noroeste do Paraná. Participaram 204 alunos do sexo masculino (50,62%) e 199 do sexo feminino (49,38%), sendo 252 do ensino fundamental e 151 do

ensino médio (11 a 18 anos; X=14,30 anos; DP= 1,53).

A população do estudo foi dividida em quatro estratos utilizando-se o mapa de um município do noroeste do Paraná, composto de 48 zonas, sendo 13 zonas no estrato 1 (11 escolas), 13 zonas no estrato 2 (11 escolas), 11 zonas no estrato 3 (4 escolas) e 11 zonas no estrato 4 (3 escolas). Foram sorteadas duas zonas de cada estrato, verificando as escolas públicas existentes; um novo sorteio foi realizado quando nenhuma escola foi encontrada naquela zona; as zonas que possuíam mais do que uma escola, participaram de um novo sorteio, para que somente duas escolas por estrato participassem do estudo; somaram-se 08 escolas para realização do estudo, duas por estrato.

Procedimentos

A carta convite entregue ao Núcleo Regional de Ensino, autorizou a realização do estudo e o contato com diretores e supervisores das escolas. Participaram do estudo, no mínimo 02 turmas de ensino fundamental ou ensino médio em dois momentos distintos (teste e reteste). Para participação no estudo os pais ou responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e os alunos manifestaram verbalmente seu desejo de participar.

Análise estatística

Após a versão adaptada do LCQ foi verificado o Alpha de Cronbach. Para a Análise Fatorial Confirmatória, por meio do Método de Máxima Verossimilhança, (8) foi utilizado o pacote estatístico *AMOS* (v. 18, *SPSS*). Foram verificadas as medidas de ajustamento do modelo por meio dos seguintes índices: *Qui-quadrado* (χ^2), *Comparative Fit Index* (CFI), *Tucker-Lewis Index* (TLI), *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR) e o *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA). A fiabilidade compósita (FC) e a normalidade das variáveis foram avaliadas pelos coeficientes de assimetria (sk) e curtose (ku).

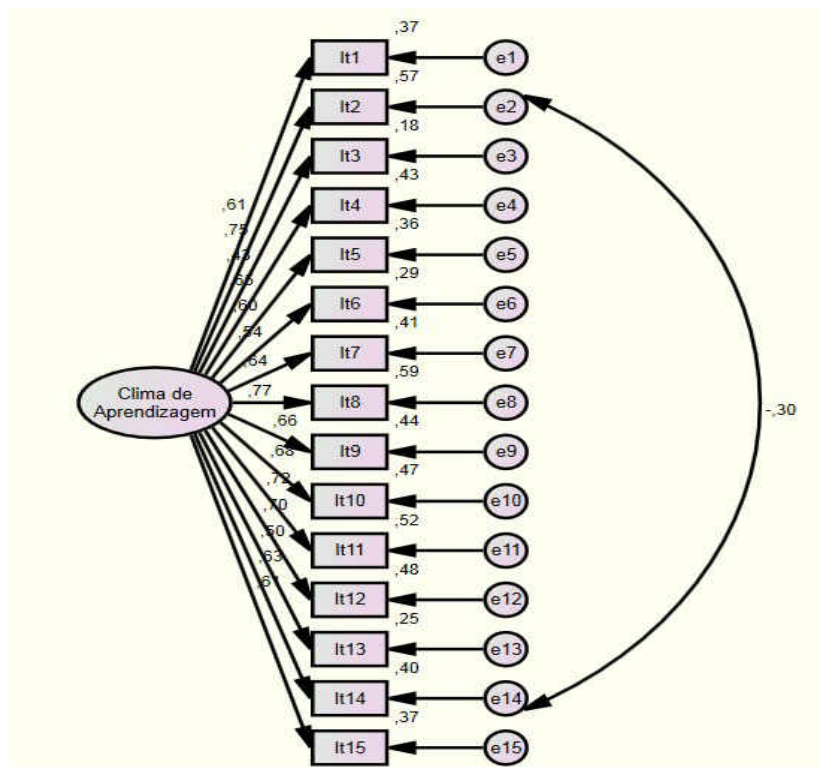


Figura 1 – Modelo unidimensional do Questionário de Clima de Aprendizagem (LCQ) ajustado a uma amostra de 403 alunos ($\chi^2/gf=2,811$; CFI=0,933; GFI=0,920; TLI=0,921; RMSEA=0,067).

Resultados

Nenhuma variável apresentou valores de indicadores de violações severas à distribuição normal ($sk < 3$ e $ku < 10$). Os valores de assimetria (sk) variaram entre 0,06 e 1,42; e os valores de kurtose (ku) entre -1,42 e 0,8. O ajustamento do modelo foi realizado a partir dos índices de modificação (superiores a 11; $p < 0,001$)(8) (Figura 1).

Estudo 3

Estabilidade Temporal do LCQ

Métodos

Amostra

Após a tradução e adaptação para o Português do LCQ (Estudo 1) e da validação do constructo (Estudo 2), 346 alunos matriculados em 08 escolas estaduais do município de Maringá-PR, foram selecionados por conveniência não probabilística para a análise da estabilidade temporal (teste - reteste) do instrumento. Participaram 174 alunos do sexo masculino (50,3%) e 172 do sexo feminino (49,7%), sendo 220 do ensino fundamental e 126 do ensino médio (11 a 18 anos; $M=14,28$ anos; $DP= 1,50$).

Instrumento

Foi utilizado o instrumento LCQ traduzido e adaptado para a língua portuguesa no Estudo 1 e validado no Estudo 2. Contém 15 itens (Anexo 1) sendo utilizado em situações específicas de aprendizagem, tais como uma turma em particular. Pode ser utilizado para os professores de diversas áreas. As questões estão relacionadas ao apoio à autonomia realizada pelo professor durante as aulas. As pontuações são calculadas pela média das respostas (escala *Likert* de 7 pontos). Antes da realização do cálculo da média das classificações de cada item, primeiro deve-se "inverter" a pontuação do item 13; por exemplo, se for anotado "3", será pontuado "5" (exemplo: 1 = 7, 2 = 6, 3 = 5, 4 = 4, 5 = 3, 6 = 2 e 7 = 1). Escores médios mais elevados representam um maior nível de apoio à autonomia realizada pelo professor.

Procedimentos

Para a avaliação da fidedignidade teste-reteste os alunos participantes do Estudo 1 foram avaliados novamente com intervalo de 7 a 14 dias (5), com o de objetivo não proporcionar o efeito memória dos sujeitos do

estudo, o que poderia contaminar os resultados (6).

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado no Estudo 1.

Análise estatística

Foi utilizada a correlação intraclasse (ICC) para indicar a confiabilidade teste-reteste (9).

Os dados foram avaliados com a versão do software SPSS 18.0. A estabilidade temporal foi avaliada pelo coeficiente de correlação intraclasse (R) e verificação da confiabilidade teste-reteste do instrumento.

Resultados

Valores substanciais foram encontrados nos itens do LCQ(10). Os resultados do coeficiente de correlação intraclasse (R) dos itens do LCQ ficaram entre 0,61 e 0,78, com valor médio de 0,72 (tabela 2).

Tabela 2 – Coeficiente de correlação intraclasse (R) dos 15 itens do QCA

Item	R	Intervalo de Confiança (95%)
1	0,77	0,72 – 0,82
2	0,78	0,73 – 0,82
3	0,76	0,70 – 0,80
4	0,74	0,68 – 0,79
5	0,72	0,66 – 0,77
6	0,67	0,60 – 0,73
7	0,69	0,62 – 0,75
8	0,77	0,72 – 0,81
9	0,77	0,72 – 0,82
10	0,70	0,63 – 0,76
11	0,76	0,71 – 0,81
12	0,74	0,68 – 0,79
13	0,61	0,52 – 0,69
14	0,61	0,52 – 0,68
15	0,77	0,72 – 0,81
Média	0,72	

Discussão

Ao analisar a adaptação *cross-cultural* e a validade de conteúdo do LCQ para a língua portuguesa no contexto escolar, os valores encontrados apresentaram validade de conteúdo apropriada (7). A estrutura final do LCQ foi unidimensional, assim como no instrumento original.

O modelo do Questionário de Clima de Aprendizagem (LCQ) ajustado a uma amostra

de 403 alunos do ensino fundamental e médio de escolas públicas do município de Maringá-Pr revelou uma qualidade de ajustamento sofrível ($\chi^2/g1 = 3,102$; CFI = 0,921; GFI = 0,912; TLI = 0,908; RMSEA = 0,072; [RMSEA \leq 0,05] = 0,00. Depois de correlacionados os erros de medidas dos itens 2 e 14 (e2; e14) foi possível obter uma boa qualidade de ajustamento ($\chi^2/g1 = 2,811$; CFI = 0,933; GFI = 0,920; TLI = 0,921; RMSEA=0,067. Na Figura 1, apresentam-se os valores dos pesos fatoriais estandarizados (0,43 a 0,77) de cada um dos itens no modelo final simplificado.

Todos os itens e dimensões do LCQ foram satisfatoriamente correlacionados após a realização do reteste. A análise de confiabilidade por meio do coeficiente de correlação intraclasse mostrou que os 15 itens demonstraram a confiabilidade dos valores de correlação intraclasse.

Os resultados de correlação intraclasse indicam a validade temporal do instrumento para avaliar o clima de aprendizagem. Nenhum estudo para verificar a validade temporal da escala foi encontrada na literatura até o momento.

Pontos fortes e limitações do estudo

Este é o primeiro estudo a mostrar evidências psicométricas para o LCQ com uma amostra de alunos do ensino fundamental e médio no contexto escolar brasileiro. A limitação do presente estudo está relacionada à sua distribuição geográfica da amostra. Todos os sujeitos do estudo foram alunos de escolas de um município do noroeste do Paraná.

Conclusão

A versão brasileira do LCQ (Questionário de Clima de Aprendizagem) apresentou resultados satisfatórios na Adaptação *cross-cultural* e validação do instrumento (Estudo 1), Consistência Interna e Validação do Constructo LCQ (estudo 2) e Estabilidade Temporal (estudo 3), resultando em um instrumento válido e confiável com 15 itens.

Estudos futuros devem investigar outras amostras para que os resultados possam ser comparados. Desta forma, novos estudos devem replicar as propriedades psicométricas

do LCQ para outras amostras e outras culturas para confirmar a estabilidade, especificamente com análises fatoriais confirmatórias.

Finalmente, o LCQ em sua versão final na língua portuguesa de 15 itens mostrou ser uma medida confiável e precisa para ser mais utilizada em investigações com escolares avaliando o clima de aprendizagem durante as aulas.

Declaração de conflito de interesses

Não há nenhum conflito de interesses no presente estudo.

Referências

1. Gregory G. Creating a climate for learning. In: Gregory, G. H.; Chapman, C. Differentiated Instructional Strategies in Practice: Training, Implementation, and Supervision. 2 ed. Thousand Oaks, CA: Corwin Press; 2008.
2. Mesquita I. Fundar o local do desporto na escola através do modelo de educação desportiva. In: Mesquita, I; Bento, J. Professor de educação física: fundar e dignificar a profissão. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física; 2012.
3. Black AE, Deci EL. The effects of student self-regulation and instructor autonomy support on learning in a college-level natural science course: A self-determination theory perspective. Science Education 2000; 84: 740-756.
4. Deci EL, Ryan RM. Perceived Autonomy Support: The Climate Questionnaires. [acesso em 2011 out 23]. Disponível em: <http://www.psych.rochester.edu/SDT/measures/paslearning.php>.
5. Pasquali L. Instrumentação psicológica: fundamentos e práticas. Porto Alegre: Artmed; 2010.
6. Martins GA. Sobre confiabilidade e validade. RBGN, São Paulo. 2006;8(20):1-12.
7. Cook DA, Beckman TJ. Current concepts in validity and reliability for psychometric instruments: theory and application. The American Journal of Medicine. 2006;119 (2): 166.
8. Marôco J. Análise de equações estruturais: fundamentos teóricos, softwares e aplicações. Lisboa: Report Number; 2010.
9. McDowell I, Newell C. Measuring health: a guide to rating scales and questionnaires. New York: Oxford University Press; 1996.
10. Landis JR, Koch GG. The measurement of observer agreement for categorical data. Biometrics 1977, 33: 159-74.

Anexo 1 – Questionário de Clima de Aprendizagem (LCQ)

1. Eu sinto que meu professor me oferece escolhas e opções.
2. Eu sinto que meu professor me compreende.
3. Eu sou capaz de me expressar com meu professor durante as aulas (falar o que penso).
4. Meu professor mostrou confiança na minha capacidade de ter bom desempenho nas aulas.
5. Eu sinto que meu professor me aceita.
6. Meu professor se certifica se entendi os objetivos da aula e o que eu tenho que fazer.
7. Meu professor me encorajou a fazer perguntas.
8. Eu sinto muita confiança no meu professor.
9. Meu professor responde minhas perguntas de forma completa e cuidadosa.
10. Meu professor escuta como eu gostaria de fazer as coisas.
11. Meu professor lida muito bem com as emoções das pessoas.
12. Eu sinto que meu professor se preocupa comigo como pessoa.
13. Eu não me sinto muito bem com a maneira que meu professor fala comigo.
14. Meu professor tenta compreender como eu percebo as coisas, antes de sugerir uma nova maneira de fazê-las.
15. Me sinto capaz de compartilhar/dividir meus sentimentos com meu professor.



Revista de Educação Física

Journal of Physical Education

Home page: www.revistadeeducacaofisica.com



Anais do IX Congresso Internacional e XVI Congresso Brasileiro de Psicologia do Esporte

IX Congresso Internacional
e XVI Congresso Brasileiro
de Psicologia do Esporte



ESPORTE OLÍMPICO E PARALÍMPICO
A contribuição da psicologia do esporte
para o rendimento esportivo

Apresentações dos Palestrantes Internacionais

Nota Editorial: As imagens e figuras eventualmente publicadas pelos autores no evento e na respectiva publicação neste suplemento, são de inteira responsabilidade dos autores.

Dinámicas psicológicas de los equipos de competición (API001)

Alexandre Garcia-Mas¹

¹Universidad de las Islas Baleares, Mallorca, España.

Introducción

En la actualidad los marcos conceptuales de la psicología del deporte aplicada a los equipos deportivos se han multiplicado, generándose una cierta confusión entre los más básicos y los más complejos y sofisticados. Asimismo, desde un punto de vista práctico, se ha generado una gran distancia entre los marcos conceptuales y teóricos, y las aplicaciones prácticas de estos conceptos en el día a día del entrenamiento de los equipos.

Además, esta distancia se ha creado en dos niveles distintos que afectan al desarrollo práctico de las intervenciones: 1) no se ha proporcionado base teórica suficiente psicológica a unas intervenciones psicológicas que sencillamente se han limitado a trasponer las de las áreas organizacional, educativa y/o clínica a la deportiva, sin llevar a cabo asimilación o adaptación más allá de la transituacional (1) no ha existido, desde la psicología del deporte, un trabajo continuo y efectivo para trasladar esos conocimientos a otras ciencias del deporte, sobre todo, las del entrenamiento deportivo, para que se pudieran

integrar efectivamente en la actividad cotidiana de los equipos y permitir a los entrenadores aumentar la calidad psicológica de su trabajo en el equipo.

Desenvolvimento

En este *Workshop* se pretende paliar en una pequeña parte estos problemas, proporcionando un modelo integrado de dinámicas psicológicas (actualizando asimismo la literatura y la investigación en el campo) de los equipos deportivos; discutiendo y analizando diversos casos prácticos, en la medida de lo posible desde la experiencia de los asistentes; y llevando a cabo una autoevaluación con un nuevo instrumento de recogida de información, generado de acuerdo con el modelo expuesto, y los diversos marcos conceptuales que lo componen.

El Modelo global de dinámicas deportivas (2)

Como se puede ver en la Figura 1, el modelo considera primero la existencia de una determinada jerarquía en el equipo, de distinto orden, lo que habitualmente no se integra en los marcos conceptuales psicológicos.

En segundo lugar, a medida que se asciende en la "pirámide" psicológica, aumentan dos factores muy relevantes en el trabajo de entrenamiento: la carga mental del entrenador, y la complejidad de las intervenciones y de las variables psicológicas a utilizar.

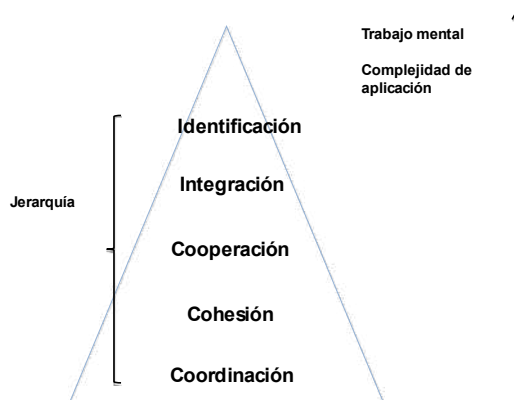


Figura 1 – Modelo global de Dinámicas Psicológicas de los Equipos deportivos (3)

Siguiendo con la Figura 1, en el nivel básico se encuentra la coordinación, que puede ser psicomotora o comunicacional, tanto verbal como no verbal (4,5), y es fundamental conocer las relaciones de interacción entre los miembros de los equipos (6).

En el segundo nivel se halla la cohesión, que ha sido durante mucho tiempo el único marco explicativo propio de la psicología del deporte en este campo. Existen dos formulaciones, la segunda, que se basa en la atracción e integración por la tarea y lo social en el equipo (1); y la primera, que ha rescatado la concepción de equipo también como grupo, con las características específicas de los grupos sociales (7). En el tercer nivel se halla la cooperación deportiva, que considera el nivel pro social de los jugadores, respecto de su adscripción al objetivo común o a los suyos personales, como una toma de decisiones para proporcionar esfuerzo y juego, y que puede ser tanto observada como reforzada por los entrenadores y psicólogos deportivos (8,9).

Los niveles cuarto y quinto, los de la integración e identificación, presentan muchas dificultades de manejo, tanto psicológico como de entrenamiento, y se explican fundamentalmente con los marcos teóricos de individualismo-colectivismo (10), y del compromiso deportivo y su factores, tanto "negativos" como "positivos" (11). Finalmente, se tratará el modelo de forma global y las maneras de integrarlo en el entrenamiento táctico y técnico de los jugadores de equipo.

Casos prácticos

Se discutirán y comentarán los casos prácticos que se presenten por los asistentes en cuanto a:

- Su ubicación dentro del modelo de dinámicas psicológicas;
- Su relación con el rendimiento de los equipos;

- La posible intervención relativa a la variable psicológica del modelo seleccionada, tanto por parte de psicólogos como de entrenadores, y
- Sistema de *feedback* para evaluar la posible eficacia.

Autoevaluación

Para ello, se administrará a cada uno de los participantes el Cuestionario de Dinámicas de Equipo (2) que consta de 12 ítems que cubren los marcos teóricos que integran el Modelo global, desde dos perspectivas distintas: 1) como jugador o miembro del equipo deportivo de rendimiento, y 2) como entrenador o manager de un equipo deportivo.

Conclusión

Una vez autoevaluados, se llevará a cabo la discusión y comentario de los resultados, y su integración en los aspectos formativos de los psicólogos y/o entrenadores en cuanto a su capacidad y habilidades de intervención mediante variables psicológicas de los equipos deportivos.

Referencias

1. Garcia-Mas, A. La Psicología del deporte y su relación con otras ciencias del deporte. *Revista de Psicología del Deporte*. 1997;11: 103-113.
2. Fuster-Parra P, García-Mas A, Cantalops J, Ponseti FJ, Luo Y. Ranking Features on Psychological Dynamics of Cooperative Team Work through Bayesian Networks. *Symmetry*. 9 de maio de 2016;8(5):34.
3. Garcia-Mas A, Olmedilla A, Luo Y, Ponseti FX, Fuster-Parra P. Multilevel Psychological Analysis of Cooperative Workteams. *Cooperative Design, Visualization and Engineering*. Volume 9320 Series Lecture Notes in Computer Science. Switzerland: Springer (in press).
4. Lausic D, Razon S, Tenenbaum G. Nonverbal sensitivity, verbal communication and team coordination in tennis doubles. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*. 2015;13(4): 398-414.
5. López CJ, Mohamed KM, El Yousfi MM, Zurita F, Martínez A. Elementos comunicativos en entrenadores de baloncesto en diferentes categorías. Un estudio de caso. *Cultura, Ciencia y Deporte*. 2011;6: 199-206.
6. Varios Autores. Monográfico de Observación. *Revista de Psicología del Deporte* 2014;23(1):103-217.
7. Carron A, Widmeyer WN, Brawley LR. The development of an Instrument to Assess Cohesion in Sport teams: The Group Environment Questionnaire. *Journal of Sport Psychology*. 1985;7:244-266.

8. Cope AJ, Eys MA, Beauchamp MR, Schinke RJ, Bosselut G. Informal roles in sportive teams. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*. 2011;9(1):129-143.
9. Garcia-Mas A, Olmedilla A, Rivas C, Morilla M, Garcia-Quinteiro E, Ortega E. Un nuevo modelo de cooperación deportiva y su evaluación mediante un cuestionario. *Psicothema*. 2006;18(3):425-432.
10. Lameiras J, Almeida P, Garcia-Mas A. Relationships between cooperation and goal orientation among male professional and semi-professional team athletes. *Perceptual Motor & Skills*. 2014;119(3):1-10.
11. Rivas C, Ponzanelli R, De la Llave A, Pérez-Llantada MC, García-Mas A. Individualismo y Colectivismo en relación con la eficacia colectiva percibida en jugadores de fútbol. *Revista Mexicana de Psicología*. 2015;32(1):68-80.
12. Garcia-Mas A, Palou P, Gili M, Ponseti X, Borrás P, Vidal J, Cruz J, Torregrosa M, Villamarín F, Sousa C. Commitment, enjoyment and motivation in Young soccer competitive players. *Spanish Journal of Psychology*. 2010;13(2):608-615.

Author e-mail: alex.garcia@uib.es

Mental skill strategies for excellent sports performance (API002)

Amasiatu Athan N¹

¹Department of Human Kinetics and Health Education, University of Port Harcourt, Rivers State Nigeria.

Introduction

Sports psychologists and researchers are involved in helping athletes explore better ways to enhancing their performance. One of such techniques that have yielded outstanding result is the mental skill strategy. This paper is poised to explore some of the mental skill strategies that athletes use to attain and sustain excellent performance in sports.

Physical skills, physical fitness and mental skills are the building blocks of the complete athlete that produce outstanding sports performances. At the top level of sport, where many athletes have equal physical ability, the difference between a great performance and a good performance or between winning and losing is often related to mental rather than physical abilities. Indeed, at any level of competition psychological component can become the critical factor of success. There are many examples where a team of less (physically) skilled players have often succeeded over more skilled opponents due to being more mentally prepared or 'psyched up' for the game.

Mental skills' training involves a number of strategies and techniques athletes may use to improve their focus and concentration thereby enhancing their sports performance. These include such psychological skills as goal setting, mental imagery and confidence. Attempt will be made to discuss how this psychological techniques are used to sustain peak performance.

Development

Goal Setting as a Strategy

One technique to enhance positive affect is goal setting. Goal setting is a popular motivational technique for enhancing productivity and performance in achievement domains like business and sport, and is thought to improve performance by helping individuals focus attention on a task, mobilize effort, persist longer at the task, and develop new learning strategies. The purpose of goals is to focus our attention. The body, together with the mind, will not reach toward achievement until they have clear objectives. The magic begins when you set goals. It is then that the switch is turned on, the current begins to flow, and the power to accomplish becomes a reality.

All athletes involved in sport will have their own goals in their lives and these will include goals for sporting achievement.

Having goals in sport can assist athletes in developing their mental skills such as motivation, self-confidence and arousal control, thus enhancing the athletes' sports performance. However, in order to achieve, they must set the right goals. Many people set New Year's resolutions, which are types of goals, but often these resolutions are broken within a week or even a day!

Goals help athletes to recognize their success and achievements more regularly and consequently increase their motivation to strive for and achieve their next goal.

Setting 'smart' goals

Specific

Goals need to be specific. A common error in goal setting is that the goal is too vague. An example of a specific goal is "I want to run the 1500m in 3.56s by 24 July" compared with simply saying "I want to run the 1500m faster".

Measurable

If a goal is specific it should also be measurable and/or observable. Numerical goals are easier to measure (e.g. distance or time) than subjective goals (e.g. an improvement in attitude).

Achievable

Goals should be difficult enough to challenge yet realistic enough to achieve, if you are committed. Goals that are too high will lead to failure and

decrease motivation, even if an athlete has performed well.

Relevant

Goals should be relevant to the athlete's current ability and future potential. Consider the athlete's opportunity for practice and level of commitment towards achieving their goals.

TimeLine

Goals should have a timeframe or target date. Athletes should have long-term objectives to give them focus, but should set short-term goals to keep them motivated.

Goals should be regularly reviewed and evaluated. For example, target dates may need to be changed due to injury or illness, the selected goals may be too hard or too easy, or the strategies for achieving the goals may not be effective.

Mental imagery rehearsal as a strategy

Mental imagery rehearsal is simply a mental technique that programmes the mind and body to respond optimally. By using mental imagery rehearsal as a mental training tool, athletes have the capacity to see and believe, which gives them the confidence and focus to perform successfully. In fact many athletes use imagery, but they do not use it systematically and often are unable to control their images.

Mental imagery involves the athletes' imagery themselves in a specific environment or performing a specific activity. Hence, elite and numerous athletes are turning towards mental imagery rehearsal to take their game to the next level. Different uses of imagery in sport include: mental practice of specific performance skills, improving confidence, and positive thinking, problem solving, controlling arousal and anxiety, performance review and analysis, preparation for performance and during imagery.

Sport psychologists have attempted to understand the exact mechanism that causes mental imagery to work. Evidence supports the effectiveness of imagery in improving sport performance, but only through a controlled systematic practice. Numerous theories exist to support that mental imagery rehearsal is a veritable tool in enhancing sport performance.

These five principles include:

- Imagery skills can be developed.
- The athlete must have a positive attitude relative to the effectiveness of imagery.
- Imagery is most effective when used by skilled athletes.
- Knowing how to relax is a necessary precursor to the effective use of imagery
- There are two kinds of imagery, internal and external.

Emphasizing the importance of internal and external imagery in sport performance Mahoney and Avener (2007) explained that internal perspective means that athletes see the image from behind their own eyes as if they were inside their bodies, as opposed to the external perspective in which they see the image from outside their bodies as with a video camera.

Uses of mental imagery rehearsal in athletic performance

Mental imagery can be used in the following ways to enhancing athletic performance.

- To see success: - Many athletes "see" themselves, achieving their goals on a regular basis, both performing skills at a high level and seeing the desired performance outcomes.
- To motivate: - Before or during training sessions, calling up images of goals for that session, or of a past or future competition or competitor can serve a motivational purpose. It can vividly remind you of your objective, which can result in increased intensity in training.
- To perfect skills: - Mental imagery is often used to facilitate the learning and requirement of skills or skill sequences. The best athletes "see" and "feel" themselves performing perfect skills, programme, routines, or plays on a very regular basis.
- To familiarize:- mental imagery can be effectively used to familiarize yourself with all kinds of things such as a competition site, a race course, a complex play pattern or routine, a pre-competition plan, an event focus plan, a media interview plan, a refocusing plan, or the strategy you plan to follow.
- To set the stage for performance: - mental imagery is often an integral part of the pre-competition plan, which helps to set the mental stage for a good performance. Athletes do complete mental run-through, of the key element of their performance. This helps to draw out their desired pre-competition feelings and focus. It also helps keep negative thoughts from interfering with a positive pre-game focus.
- To refocus: - mental imagery can be useful in helping athlete to refocus when the need arises. For example, if a warm-up is feeling sluggish, imagery or a previous best performance or pervious best event focus can help get things back on track. You can also use imagery as a means of refocusing within the event, by imaging what you should focus on and feeling that

focus. In mental imagery it should be emphasized that the athletes should not focus on the outcome but on good performance.

For decades, athletes of all ages at competitive levels have sought for feelings that will instill the hope and drive in them to persevere even when faced with overwhelming adversity. The modern trends in sports psychology have demonstrated that athletes with a high degree of confidence perform better in a variety of sports than those that lack confidence. Also one of the most consistent findings in the peak performance literature is the significant correlation between self-confidence and successful sporting performance.

The use of confidence as a strategy for peak performance in sports

The study of confidence within the domain of athletics and athletic situation seem to have been traditionally drawn from the concept of self-efficacy. Self-efficacy is an individual's judgment of his or her capabilities to organize and execute a specific course of action required to attain a desired performance. Sport confidence is defined by Vealey, as "the belief or degree of certainty individuals possess about their ability to be successful in sport". Based on recent advances in the study of sport confidence by sports psychologist, Manzo and Silva (1993) developed a theoretical model for sports confidence. This model is based on three underlying constructs: dispositional optimism (having positive attitude), perceived control (the belief that an expectancy is under one's control) and perceived competence (the degree to which one believes that he or she can successfully fulfill the demands of a sport situation).

Prerequisites for gaining confidence

Psychologist and researchers have shown that confidence can be grasped. The following four prerequisites could be useful in providing a solid foundation for building confidence.

Understand the interaction of thought and performance

Philosophers, scientists and poets have known for thousands of years that the thoughts we have of our ability, of the demands we face and the environment we happen to be in determine to a large extent the way we feel inside at any given moment. Think, I have done this many times before, and you feel confident. Think' I am being taken advantage of, and you feel angry. Think "this practice is worthless" and you feel impatient. These immediate feelings, in turn, directly affect performance, because they produce objectively verifiable changes in muscle tensions, blood flow hormone production and attention focus. For example, anticipated failure thoughts lead to feelings of anxiety and among other things overall

muscle tension when the wrong muscles are tense or the right muscles are tense at the wrong times coordination and timing are disrupted. The confident athlete deliberately directs his or her thoughts onto those aspects of self that produce powerful confident feelings so as to produce better and better performance.

Cultivate honest self-awareness

Striving for control over ones thoughts and feelings is a process of demanding honest self-awareness. One must be willing to honestly pursue the question. "Am I really thinking in a way that will give me the best chances of success" For most people who play sport the real opponent is within themselves in the form of self-criticism self-doubt and hesitation, all in which are caused by ineffective cognitive habits. This means athletes with great confidence have simply learned to win the battle with themselves. This is the most difficult battle that anyone will never try to win and it is also the challenge that makes sport such a great experience with so much potential for self-development and satisfaction.

Conclusion

Mental skill training to sustaining peak performance has become one of the vital tools that can make the difference as the cutting edge to enhancing sports excellence if properly utilized. No matter how good or how limited the athletes mental skills are now, they can improve them through daily practice both at home and in their training setting. The strategies discussed in this paper may not be exhaustive but the truth remains that mental skill training is a major psychological technique that will give athletes the needed advantage for peak performance in sports and games.

Author e-mail: athan_amasiatu@yahoo.com

Social Cognitive Mechanisms regulating doping intention and use: research and intervention (API003)

Fabio Lucidi¹

¹Sapienza, University of Rome.

Introduction

The use of doping substances in sports is an old and ongoing issue. Starting in the 60s, the use of substances in professional sport has greatly increased and, more recently, has appeared in amateur sports as well as in adolescence at increasingly younger ages, posing a significant threat to adolescent health. Overall, doping studies conducted on large samples in countries, suggest that between 0.6 and 5% of adolescents report using doping substances (1). Doping use is more

frequent among male than female adolescents and, to a lesser extent, among older than younger adolescents. The characteristics of adolescents' sport or physical activity choices seem to influence adolescents' doping use, although knowledge on this issue is less consolidated. For instance, while it is well known that a substantial percentage of adolescent doping users do not engage in competitive sports on a regular basis, some studies suggest that doping use is less likely among competitive than non-competitive athletes, although other studies report an association between being active in strength training and use of doping agents.

Development

Past psychological doping research has primarily focused on the personal characteristics of doping users. While athletes use doping substances primarily to improve their performance, non-athletes exercisers may do so mainly to enhance their physical appearance. Compared to non-users, doping users experience greater depressed mood and dissatisfaction with their physical appearance and lower self-esteem, fewer concerns about health, and higher global-positive expectancies about doping use (2)

Doping use also co-varies with socio-environmental influences, such as the value assigned to significant others' views, the relevance of weight-related social norms, and the knowledge of policy restrictions and drug testing protocols (3-5). Undoubtedly, the understanding of doping use in young athletes is hindered by the rarity or low frequency of the phenomenon, which adds complexity to the analysis of the characteristics associated with it. It is also in this respect that doping research has recently and increasingly called attention to the value of examining attitudes towards doping use as a social-cognitive factor that greatly increases the risk for doping use (1,4,5).

During the presentation, a doping research program carried by Sapienza- University of Rome will be described. Since its outset, the program was envisioned as an opportunity to cast doping research within well-defined theoretical frameworks articulating a series of psychological processes that intervene in deliberate or volitional forms of behaviors, such as doping use. Broadly speaking, this integrated effort has focused on examining belief systems and appraisal processes possibly regulating doping intentions and actual use (1,3-9). Overall, the research program contributed to establishing that young athletes' doping intentions and use partly depend on key social-cognitive factors and processes, such as positive attitudes toward doping use, the belief that significant others would approve it (i.e., social norms), one's personal confidence that he or she can resist to external or social pressure to use doping substances (i.e., self-regulatory efficacy), and

the personal ways one may adopt or call upon to justify an otherwise illicit or socially reprehensible behavior, such as doping use (i.e., moral disengagement) (4-6). Furthermore, the research program also has contributed to establishing that the relations linking doping to the above set of beliefs hold especially in those adolescents or athletes who tend to misinterpret social situations or the intentions of others who may encourage or solicit doping use (i.e., interpersonal appraisals) (3).

Over the years, the existing research has clearly established the complex ways these beliefs and appraisals may jointly or uniquely contribute to young adolescents' and athletes' doping intentions and use. However, despite the acquisition of this scientific knowledge, there still exist research questions and issues that have yet to be addressed, and our recent research activity departed from these pending issues. In particular our program tried to develop integrated social cognition models to examine the predictors of doping intentions in athletes focused on different motivational, achievement goals, and sportsmanship profiles in elite athletes as well as on beliefs about the causes of success. Another issue is concerned with a clearer understanding of doping use in team sports, and the objective was to develop and rely on specific assessment instruments that were sensitive and tailored to young athletes practicing team sports. Furthermore, we addressed new ways to conceptualize and to measure doping attitudes (10).

Conclusion

Finally, our effort has been to generalize the overall model of psychological effects evidenced in nationally based research to an international European context (i.e., Italy, Germany and Greece), suggesting the possibility to adopt common strategies in these three countries in the development and execution of anti-doping campaigns.

References

1. Mallia L, Lucidi F, Zelli A, Violani C. Doping Attitudes and the Use of Legal and Illegal Performance-Enhancing Substances Among Italian Adolescents. *J Child Adolesc Subst Abuse*. 1 de julho de 2013;22(3):179-90.
2. Lucidi F, Zelli A, Mallia L. When the "how" may at least matter as much as the "what": The value of qualitative approaches in doping research. In *The Psychology of Doping in Sport*, Routledge. Eds Barkoukis V, Lazouras L, Tsorbatzoudis H. 2016:pp.65-77
3. Zelli A, Mallia L, Lucidi F. The contribution of interpersonal appraisals to a social-cognitive analysis of adolescents' doping use. *Psychol Sport Exerc*. julho de 2010;11(4):304-11.

4. Lucidi, F, Grano C, Leone L, Lombardo C, Pesce C. Determinants of the intention to use doping substances: An empirical contribution in a sample of Italian adolescents. *International Journal of Sport Psychology*. 2004;35(2):133-148.
5. Lucidi F, Zelli A, Mallia L, Grano C, Russo PM, Violani C. The social-cognitive mechanisms regulating adolescents' use of doping substances. *Journal of Sports Sciences*. 2008;26(5):447-456.
6. Lucidi F, Zelli A, Mallia L. The contribution of moral disengagement to adolescents use of doping substances. *International Journal of Sport Psychology*. 2014;44(6):493-514
7. Zelli A, Lucidi F, Mallia L. The relationships among adolescents' drive for muscularity, drive for thinness, doping attitudes and doping intentions. *Journal of Clinical Sport Psychology*. 2010;4(1):39-52.
8. Barkoukis V, Lazuras L, Lucidi F, Tsorbatzoudis H. Nutritional supplement and doping use in sport: Possible underlying social cognitive processes. *Scand J Med Sci Sports*. 2015;25(6):e582-588.
9. Petróczi A, Backhouse SH, Barkoukis V, Brand R, Elbe A-M, Lazuras L, et al. A call for policy guidance on psychometric testing in doping control in sport. *Int J Drug Policy*. novembro de 2015;26(11):1130-9.
10. Baumgarten F, Lucidi F, Mallia L, Zelli A, Brand R. Bury the inner hatchet: Complex propositions mediate the relationship of potentially discrepant implicit and explicit attitudes on doping intention. *Perform Enhanc Health* [Internet]. [citado 5 de julho de 2016]; Available at: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2211266915300037>

Athletes' mindfulness training with culture consideration (API004)

Gangyan Si¹

¹Hong Kong Institute of Education.

Introduction

Along with the development and application of the mindfulness programs for athletes, the effectiveness of mindfulness-based training on the well-being and performance of athletes has been preliminarily established over the last decade. Since the pioneer study on the application of mindfulness meditation to collegiate and Olympic rowers was conducted by Kabat-Zinn, Beall, and Rippe in 1985, real interest in this particular applied research area has only grown since the formal introduction of the Mindfulness-Acceptance-Commitment (MAC). Recent correlational and intervention studies have indicated that mindfulness has a positive

association with the flow construct. In line with findings from healthy and clinical populations, performance improvements, positive psychological states, and a decrease in negative psychological states have been reported by several empirical sport studies.

Development

The benefit of applying mindfulness-based training to Chinese athletes has also been acknowledged, given its effectiveness for our Western counterparts. However, the direct application of the Western mindfulness-based programs, such as the MAC, into a Chinese context might be somewhat limited. It seems imperative that socio-culturally relevant education and training should be integrated into mindfulness training programs for Chinese athletes. Specifically, the application of mindfulness-based therapy for Chinese athletes should be integrated with Chinese culture and the Chinese sport system (the Whole-Nation system).

Based on the widely recognized mindfulness training program, the MAC for performance enhancement, we have developed the Mindfulness - Acceptance-Insight-Commitment (MAIC) Program, for Chinese athletes, by integrating our own understanding of mindfulness, decentering and acceptance, from Zen Buddhism. We have extracted the concept of "insight", from Zen philosophy, and integrated it with the concept of "value", which is emphasized by the MAC. We believe that the concept of "insight" can be incorporated into mindfulness training programs as it is a distinct component, frequently used by elite Chinese athletes and coaches in Chinese sport culture. The concept "insight" is closely related to the nonattachment (release from mental fixation) of thinking. This nonattachment demonstrates flexibility with which to understand the world and human value. Insight refers to a new awareness or discovery of life, and its manifestation can be observed when an individual establishes a new understanding of his meaning of life and personal value, which strengthens his ability to face a variety of life issues.

Given that the Chinese athletes train and compete under the Whole-Nation system, which is a political and administrative mechanism founded by the government, they have to adapt themselves to two main characters of this system including: (a) collective interests as the priority, and (b) an executive-led system that takes charge of professional or technical issues. The process of adaptation to this system could be quite tough, and the insight for understanding one's sport career and its relationship to the system is bound to play an important role in this adaptation. Therefore, it seems important and imperative that the culturally-

relevant insight should be integrated into the mindfulness training program for Chinese athletes.

Conclusion

Key Components of MAIC

The MAIC was developed based on several substantial components (e.g., mindfulness, acceptance, cognitive decentering, and value clarification) from the MAC and some new adaptations (e.g., insight, non-attachment, and willingness to encounter adversity) that were specially designed for Chinese athletes. Given the importance of values in athletes' mindfulness-based training, the concept of insight is presented in the introduction to values session as a process of new awareness and discovery in life, or career, and implies flexibility of thinking, and non-attachment of cognition. As athletes will inevitably face various difficulties and adversities, they may experience confusion, bewilderment, and doubts, in the pursuit and commitment of their values. Insight can help athletes cope more effectively with these issues, and enable them to work towards their values more effectively, which, as a result, subsequently is expected to improve performance as well as general well-being. Consistent with the key principles of the adversity coping framework which is an indigenous mental training model, the MAIC aims at raising athletes' willingness to encounter adversities and advocates that individuals accept the existence of adversity as it is, including any negative emotions, thoughts, and body sensations. The MAIC suggests that adversities are inevitable in life, and athletes are encouraged to divert their attention away from resisting or fighting against adversities, and instead direct their attention towards the behavioral tasks that are required at the present moment, and learn to coexist with the mental events. As a result, essential mental resources are available for allocation to the required task, and as such, behavioral efficiency can be improved.

The influence of pressure on sport performance (API005)

Hiroshi Sekiya¹

¹Hiroshima University, Japan.

Introduction

Choking under pressure refers to a phenomenon where psychological stress produced by a desire to perform well leads to performance decrement.

Development

Although psychological factors, such as anxiety and attention, and physiological factors, such as arousal, have been involved in the theories proposed to explain performance decrements under pressure, little is known about behavioral factors,

such as movement kinematics and kinetics. We conducted a series of experiments to examine the movement characteristics under pressure. Common findings of these experiments were decreases in movement amplitude and velocity. Qualitative research was also conducted in order to bridge a possible gap between the experimental studies and fields. Based on the quantitative (experimental) and qualitative studies, we have successfully accumulated knowledge regarding movement characteristics under pressure.

Conclusion

Reasons why we have negative emotions and reduced movements under pressure were discussed from an evolutionary perspective.

Comunicación entre entrenadores y jugadores en deportes de equipo (API006)

Jaume Cruz¹

¹Universitat Autònoma de Barcelona.

Introducción

En esta presentación se describe la importancia del estilo de comunicación del entrenador en la iniciación deportiva de los jóvenes y se resume una línea de investigación sobre intervenciones con entrenadores de jugadores jóvenes de dos deportes de equipo: fútbol y baloncesto. En primer lugar, se describen las ventajas de realizar programas que combinen el asesoramiento en estilo de comunicación y clima motivacional, tratando de individualizar al máximo las intervenciones con entrenadores. En segundo lugar, se enumeran los efectos de Programas de Asesoramiento Personalizado a Entrenadores (PAPE) en los cambios de su conducta, evaluada mediante el *Coaching Behavior Assessment System* (CBAS). Los resultados muestran que los entrenadores en diferentes estudios aumentan las conductas de apoyo a sus jugadores (i.e., refuerzo, ánimo ante el error y ánimo general) y disminuyen sus conductas punitivas (i.e., castigo e instrucción técnica punitiva) en función de los objetivos que se han propuesto en su programa personalizado de asesoramiento. Asimismo, se produce también una mejora en algunos comportamientos que los entrenadores no han establecido como objetivo. Estos programas de asesoramiento personalizado han logrado cambios más importantes en la conducta de los entrenadores que los obtenidos en intervenciones en grupo, en las que los entrenadores no pueden establecer sus objetivos prioritarios.

Desenvolvemento

En la iniciación deportiva el entrenador asume un rol muy importante ejerciendo gran influencia en la experiencia deportiva de los jóvenes, mediante los comportamientos, actitudes y valores que transmite (1). Al ser el deporte un medio para el aprendizaje de habilidades no sólo físicas sino también sociales y personales, la interacción entrenador-deportista puede contribuir al desarrollo del joven más allá del ámbito deportivo. Así pues, el entorno deportivo -entrenadores, monitores, familias y compañeros- se convierte en un medio de influencias socializadoras que juegan un papel importante en la formación de los jóvenes que practican un deporte (2,3). Entre las características psicológicas podemos destacar, por ejemplo: la percepción de habilidad (4, 5); las consecuencias emocionales y afectivas de la práctica deportiva de jóvenes deportistas (6); la participación, motivación, compromiso y grado de implicación en el deporte o en la retirada del mismo (7,8) y también en la transmisión de valores y en el desarrollo moral de los jóvenes (9-11). Sin embargo, a pesar del importante papel que juegan los otros significativos en la experiencia deportiva, la mayoría de investigaciones que estudian los procesos psicológicos en el deporte infantil y juvenil han ignorado hasta fechas muy recientes las influencias sociales, tal como remarcaba (12).

Esta comunicación se centra en el asesoramiento personalizado a entrenadores de deportistas jóvenes a fin de mejorar su estilo de comunicación y el clima motivacional que crean en sus equipos, pues se puede constatar que la mayoría de los entrenadores realiza su trabajo de forma voluntaria y sin una formación adecuada, a pesar de la importancia que tiene la figura del entrenador en el ámbito de la iniciación deportiva. Este es un hecho que se produce de forma transversal en diferentes países y culturas. Diferentes estudios constatan que la mayoría de los entrenadores poseen los conocimientos técnico-tácticos básicos de la modalidad deportiva que entrenan, pero no suelen tener conocimientos o formación en aspectos psicológicos del desarrollo del niño ni de la dinámica del equipo, con los consiguientes efectos en los jóvenes que practican deporte (8,13,14). Si el joven vive la experiencia deportiva como agradable, podemos prever que aumente la probabilidad de adquisición de hábitos de práctica de actividad física y que, en el futuro, sea un adulto activo. En cambio, si el joven vivencia la experiencia deportiva de manera negativa puede padecer ansiedad y estrés y desarrollar actitudes disruptivas hacia la competición, contribuyendo a aumentar la probabilidad de abandonar el deporte (7).

Teniendo en cuenta la relevancia de los aspectos en los cuales el entrenador puede influir en el deportista, es deseable que su influencia sea lo más positiva posible (15). Así pues, podemos afirmar que si la actuación psicopedagógica del entrenador

es una de las variables críticas para lograr que los deportistas jóvenes continúen interesados en la práctica deportiva, un objetivo prioritario de los psicólogos del deporte debería ser la observación de partidos y entrenamientos, a fin de obtener datos de las interacciones que se establecen entre los jóvenes jugadores y sus entrenadores. Los resultados de estas observaciones permitirían conocer el estilo de liderazgo de los técnicos que dirigen las competiciones deportivas para niños y niñas y asesorarles, posteriormente, de una manera más individualizada (16).

Los dos modelos de liderazgo más estudiados en Psicología del Deporte: a) el modelo mediacional de liderazgo, propuesto por Smoll y Smith, 1989 (17) y b) el modelo multidimensional de liderazgo de Chelladurai, 1993 (18) tienen implicaciones para la motivación de los deportistas, y se han trazado algunas interrelaciones entre ellos y la motivación en el marco de la teoría de las metas de logro (19). Al comienzo de la década de los noventa, esta teoría aportó las bases para el diseño de programas de intervención en el ámbito educativo (20) y en el deportivo (21,22), proporcionando directrices para mejorar el clima motivacional a partir de las 6 áreas TARGET: Tarea, Autoridad, Recompensas, Grupo, Evaluación y Tiempo (20). Así pues, a partir de las aportaciones de los modelos mediacional, multidimensional y de la teoría de las metas de logro se puede establecer un marco teórico para diseñar programas, como el *Mastery Approach to Coaching* (MAC) (23), en los cuales los entrenadores desarrollen un estilo de comunicación positivo y, además, recompensen el progreso individual, las tareas realistas pero desafiantes y la colaboración entre los miembros del equipo para establecer climas de implicación en la tarea.

Conclusión

Los resultados de los programas citados han sido positivos en muchos aspectos pero han mostrado la necesidad de individualizar al máximo el asesoramiento psicológico a los entrenadores, pues la efectividad de la intervención queda siempre modulada por los conocimientos, experiencia, ideas, creencias y expectativas profesionales del entrenador. En este sentido, en los últimos trabajos de investigación del Grup d'Estudis de Psicologia de l'Esport (GEPE) de la Universitat Autònoma de Barcelona, se han realizado Programas de Asesoramiento Personalizado a Entrenadores (PAPE) (24), a partir de sesiones individualizadas en las que los entrenadores toman conciencia de sus comportamientos, a partir del *feedback* que se les proporciona de sus conductas, y analizan, conjuntamente con el psicólogo del deporte, las conductas que deben mantener y aquellas que deben disminuir en su perfil conductual. En términos generales, los resultados muestran que los entrenadores en diferentes

estudios aumentan las conductas de apoyo a sus jugadores (i.e., refuerzo, ánimo ante el error y ánimo general) y disminuyen sus conductas punitivas (i.e., castigo e instrucción técnica punitiva) en función de los objetivos que se han propuesto en su programa personalizado de asesoramiento. Asimismo, se produce también una mejora en algunos comportamientos que los entrenadores no han establecido como objetivo, tal como se puede comprobar con más detalle en los resultados de los estudios de Cruz et al. (25), Mora et al. (26) y Sousa et al, 2008 (14).

Referencias

1. Smoll FL, Smith RE. Coaching behavior research and intervention in youth sports. En F. L. Smoll y R. E. Smith (Eds.), *Children and youth in sport: A biopsychosocial perspective*. 2 ed. Dubuque, IA: Kendall/Hunt. 2002: pp.211-234.
2. Cruz J. Factores motivacionales en el deporte infantil y asesoramiento psicológico a entrenadores y padres. En J. Cruz (Ed.), *Psicología del Deporte*. Madrid: Síntesis. 2001;Primera Reimpresión pp.147-176.
3. Cruz J, Torregrosa M, Sousa C, Mora A, Viladrich C. Efectos conductuales de programas personalizados de asesoramiento a entrenadores en estilo de comunicación y clima motivacional. *Revista de Psicología del Deporte*. 2011;20(1):179-195.
4. Boixadós M, Cruz J, Torregrosa M, Valiente L. Relationships among motivational climate, satisfaction, perceived ability and fairplay attitudes in young soccer players. *Journal of Applied Sport Psychology*. 2004;16(4):301-317.
5. Horn TS. Coaches' feedback and changes in children's perceptions of their physical competence. *J Educ Psychol*. 1985;77(2):174-86.
6. Brustad R, Patridge J. Parental and peer influence on children's psychosocial development through sport. En F. Smoll y R. Smith (Eds.), *Children and Youth in Sport*. Dubuque: Kendall-Hunt 2002: pp. 187-210.
7. Barnett NP, Smoll FL, Smith RE. Effects of enhancing coach-athlete relationships on youth sport attrition. *The Sport Psychologist*. 1992;6:111-127.
8. Cruz J. El asesoramiento psicológico a entrenadores: experiencia en baloncesto de iniciación. *Apunts. Educació Física i Esports*. 1994;35:5-14.
9. Boixadós M, Valiente L, Mimbrero J, Torregrosa M, Cruz J. Papel de los agentes de socialización en deportistas en edad escolar. *Revista de Psicología del Deporte*. 1998;14:295-310.
10. Cruz J, Boixadós M, Torregrosa M, Mimbrero J. Existe un deporte educativo?: Papel de las competiciones deportivas en el proceso de socialización del niño. *Revista de Psicología del Deporte*. 1996;9/10:103-109.
11. Shields DL, Bredemeier BJ. *Character development and physical activity*. Champaign, IL: Human Kinetics. 1994.
12. Brustad RJ. Integrating socialization influences into the study of children's motivation in sport. *Journal of Sport and Exercise Psychology*. 1992;14:59-77.
13. Smith RE, Smoll FL, Cumming SP. Effects of a motivational climate intervention for coaches on young athletes' sport performance anxiety. *Journal of Sport and Exercise Psychology*. 2007;29:39-59.
14. Sousa C, Smith R, Cruz J. An individualized Behavioral Goal-Setting Program for Coaches. *Journal of Clinical Sport Psychology*. 2008;2:258-277.
15. Smoll FL, Smith RE. *Claves para ser un entrenador excelente*. Barcelona: INDE. 2009.
16. Cruz J. Avaliação das interações treinador-esportista e assessoramento a treinadores de jovens desportistas. En B. Becker (Ed.). *Psicologia aplicada à criança no esporte*. Novo Hamburgo: FEEVALE. 2000:pp.133-148.
17. Smoll FL, Smith RE. Leadership behaviors in sport: A theoretical model and research paradigm. *Journal of Applied Social Psychology*. 1989;19:1522-1551.
18. Chelladurai P. Leadership. En R.N. Singer, M. Murphy y L. K. Tennant (Eds.) *Handbook of sport psychology*. Nueva York: MCMillan. 1993:pp.647-671.
19. Duda JL, Balaguer I. Towards an integration of models of leadership with a contemporary theory of motivation. En R. Lidor y M. Bar-Eli (Eds.) *Sport psychology: linking theory and practice*. Morgantown: Fitness Information Technology. 1999:pp.213-230.
20. Ames C. Achievement goals, motivational climate, and motivational processes. En G.C. Roberts (Ed.), *Motivation in sport and exercise*. Champaign, IL: Human Kinetics. 1992:pp.161-176.
21. Alonso C, Boixadós M, Cruz J. Asesoramiento a entrenadores de baloncesto: efectos en la motivación deportiva de los jugadores. *Revista de Psicología del Deporte*. 1995;7 8:135 146.
22. Theeboom M, De Knop P, Weiss MR. Motivational climate, psychological responses, and motor development in children's sport: a field-based intervention study. *Journal of Sport and Exercise Psychology*. 1995;17(3):294-311.

23. Smoll FL, Smith RE, Cumming SP. Effects of a motivational climate intervention for coaches on changes in young athletes' achievement goal orientations. *Journal of Clinical Sport Psychology*. 2007;1:23-46.

24. Sousa C, Cruz J, Torregrosa M, Vilches D, Viladrich C. Evaluación conductual y programa de asesoramiento personalizado a entrenadores (PAPE) de deportistas. *Revista de Psicología del Deporte*. 2006;15:263-278.

25. Cruz J, Mora A, Sousa C, Alcaraz, S. Effects of an individualized program on coaches' observed and perceived behavior. *Revista de Psicología del Deporte*. 2016;25:137-144.

The role of agents of change for healthy youth sports (API007)

Jaume Cruz¹

¹Universitat Autònoma de Barcelona.

Introduction

Both positive and negative effects of sport participation on children's psychosocial development are controversial issues for sport psychologists and physical educators. Some authors have outlined the importance of participation in youth competition in order to achieve goals like physical fitness, self-confidence or sportpersonship. However, there is also some evidence of negative effects of athletic participation such as parents' overemphasis on the outcome of the game or the punitive communication style of some youth coaches. In short, the adult leaders - coaches, parents, officials, sport organizers - who interact with young players determine the quality of child's athletic experience, as have pointed out Barnett et al. (1) and Liukkonen et al. (2), among others. So, it is interesting to analyse how specific coaches' and parents' behaviours, as well as the behaviors of others agents of change such as referees, physical educators or managers affect children's reactions to their athletic experience, and to use this information to develop interventions designed to assist the different agents of change in relating more effectively to young athletes.

Development

In this communication, first, we will summarize a line of research to improve coaches communication style; second, a campaign to promote sportpersonship in parents and spectators of young leagues; and third we will do a reflection about the goal of the European Project Psytool, that have just started, in order to improve the role of the different agents of change with young players

Although coaches are considered a key figure in youth sport -because coaches' behaviors, attitudes,

and values are imitated by their players, not only in sport settings but also in other contexts of players' lives- most children receive coaching from untrained amateur coaches (3,4).

Coach training programs represent one model for structuring youth sport setting. Smith et al. (5) developed a pioneer program the Coach Effectiveness Training (CET) that tries to increase those coaching behaviors that are empirically related to positive athlete outcomes, such as positive reinforcement, mistake-contingent encouragement, mistake-contingent technical instruction, and general encouragement, and to reduce those coaching behaviors related to negative evaluative reactions by athletes, particularly punishment and punitive technical instructions. Several interventions with the CET (5,6), the Spanish adaptations of CET (7,8), the Penn State Coach Training Program (9), and a new adaptation of CET-known as the Mastery Approach to Coaching (MAC) (10)- have been shown to produce salutary effects on a range of outcome variables in controlled quasi-experimental studies, including reductions in performance anxiety and stronger perceptions of coach-initiated mastery motivational climates (10,11).

As Sousa et al. (12) have outlined the CET and Mastery Approach interventions occur in the form of a group-administered workshop that involves didactic instructions, modelling, and role-playing. Taking into account that those programs usually had not provided individualized behavioral feedback, these authors took a step forward and encouraged sport psychologists to adapt the coach behavioral guidelines to the individual evaluations assessed in the baseline stage. In three more recent studies (12-14) the *Programa de Asesoramiento Personalizado a Entrenadores* (Individualized Program for Counseling Coaches, PAPE) was developed and implemented in soccer coaches in order to improve their communication style and the motivational climate created in their teams.

The intervention with parents of our research group started in 1998, when the Barcelona Sport Council organized a Congress: "Physical education and sport in school age in the city of Barcelona", with the slogan we want not only a more sporting city, but also a more educational sport. One of the consequences of this Congress was that the Barcelona Sports Council requested the Grup d'Estudis de Psicologia de l'Esport (i.e., Research Group in Sport Psychology; GEPE) of the Universitat Autònoma of Barcelona to design a campaign on the psychological aspects of parents' positive participation in sport (15).

In the above mentioned Congress, the Barcelona City Hall organized a public hearing about the youth sport situation, in which two hundred teenagers concluded that three out of the five main concerns related to sport competitions were the parents'

behaviors as spectators. Specifically, they reported: (a) their wish of less hostility and maximum respect for athletes; (b) the need of families generating a good environment of friendship and respect; and (c) the need to create behavioral rules for spectators. The Barcelona Sports Council accepted the challenge to have “not only a more sporting city, but also a more educational sport”. According to this challenge, the Barcelona Sports Council ordered different professionals to work together to create an attractive campaign theoretically based about sportpersonship in sport. Thus, a group of psychologists worked together with sport scientists, publicists, and politicians in the design of the campaign to promote fair play, positive participation, and sportpersonship of parents in youth sport.

We decided to produce various materials in different formats with a shared message (the slogan) always included in all the materials. This multiplicity of materials and messages was intended to impact the different populations (i.e., children, parents, coaches, and sport coordinators). The visual aid of the campaign was the image of three fingers (see Figure 1) and the slogan “Quan els teus fills estan en joc, compta fins a tres” (i.e., Catalan equivalent to “when your kids are playing, count to three” which means think in what you will do before you do it) was at the same time the title of the whole campaign.

Following the slogan, three points were emphasized in the campaign: (1) Cheer for effort as much as for success, (2) Respect decisions from coaches and officials, and (3) Show sportpersonship.

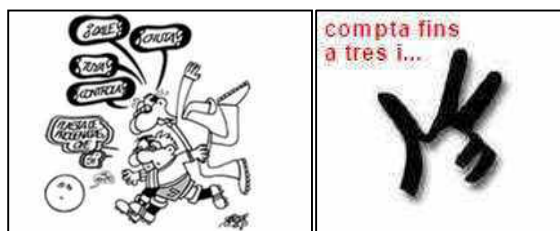


Figure1 – Image of the Barcelona’s Campaign

As the campaign was conceived to be as widespread as possible, not being focused on specific sports or social groups, multiple resources were produced in order to reach diverse sport participants. Six different products were designed in order to divulge the principles of Barcelona’s Campaign: a booklet, leaflets, posters, a video, a web page, and workshops. The booklet was the main element of the campaign explaining: a) the philosophy and objectives of youth sports, b) the family functions related to sport, c) A Decalogue of recommendations for families, and d) a short explanation of socialization process through sport(16,17).

Conclusion

Reflection

The results of Barcelona’s Campaign to promote parents’ sportpersonship in youth sport were promising in terms of the level of awareness by spectators of youth sport and the level of positive communication messages given to the players. Similar results were found in the study of Walley, et al. (18) using self-instructional leaflets that were distributed to adult observers in an attempt to increase their positive verbalizations in a youth baseball league. However, in our study referees of football and basketball games received only 4% of encouragement and 68% of criticism, reflecting that some parents place too much emphasis on winning. In this sense, we have to assume that the elements of the campaign were insufficient by themselves to change the spectators’ behaviors towards referees.

In general, the campaign attempted to influence spectators’ behaviors, but the ones that behave in an appropriate way did not receive any positive reinforcement. If we want to modify parents/spectators behaviors in youth sport, we need to praise them for the positive and supportive behaviors they exhibited towards players, coaches, and referees and not for the verbalizations that reflect a win at all cost attitude. In this sense, it is interesting to follow new developments on parents’ positive participation in sport, such as the “*Juga verd*” (“Play green campaign”) (19), that proposed giving extra scores based on parents and spectators behavior which are taken into account in the outcome of the matches.

Now, that we have only done the kick-off of the European Project Psytool, I think that in sport, everybody has to do their best to win, but if we want to educate children through sport we have to take into account that not only they need to score more than the opposite team, but the fair play behaviors and verbalizations of players, coaches, spectators and other agents of change also matter.

Our final reflection, from a cognitive-behavioral perspective, is that if we want to change the values in youth sport and avoid gamesmanship, discrimination and violence, we have to change the contingencies of the sport context as well, especially the ones related to the different agents of change: parents, coaches, spectators, referees, managers ... in order to reward their supportive behavior towards referees and applauding the players fair play behaviors towards the opponents.

References

1. Barnett NP, Smoll FL, Smith RE. Effects of enhancing coach-athlete relationships on youth sport attrition. *The Sport Psychologist*. 1992;6:111-127.

2. Liukkonen J, Laakso L, Telama R. Educational perspectives of youth coaches: analysis of observed coaching behaviours. *International Journal of Sport Psychology*. 1996;27:439-453.
3. Boixadós M, Cruz J, Torregrosa M, Valiente L. Relationship Among Motivational climate, Satisfaction, Perceived Ability and Fair play Attitudes in Young soccer Players. *Journal of Applied Sport Psychology*. 2004;16:301-317.
4. Smoll FL, Smith RE. Claves para ser un entrenador excelente. Barcelona: INDE. 2009.
5. Smith RE, Smoll FL, Curtis B. Coach effectiveness training: a cognitive-behavioral approach to enhancing relationships skills in youth sport coaches. *Journal of Sport Psychology*. 1979;1:59-75.
6. Smoll FL, Smith RE, Barnett NP, Everett JJ. Enhancement of children's self-esteem through social support training for youth sport coaches. *Journal of Applied Psychology*. 1993;78:602-610.
7. Cruz J. El asesoramiento psicológico a entrenadores: Experiencia en baloncesto de iniciación [Psychological counseling to coaches: One case on youth basketball]. *Apunts. Educació Física i Esports*. 1994;35:5-14.
8. Cruz J. Avaliação das interações treinador-esportista e assessoramento a treinadores de jovens desportistas. En B. Becker (Ed.). *Psicologia aplicada à criança no esporte*. Novo Hamburgo: FEEVALE. 2000;pp.133-148.
9. Conroy DE, Coatsworth JD. Coach training as a strategy for promoting youth social development. *The Sport Psychologist*. 2006;20:128-144.
10. Smith RE, Smoll FL, Cumming SP. Effects of a motivational climate intervention for coaches on young athletes' sport performance anxiety. *Journal of Sport & Exercise Psychology*. 2007;29, 39-59.
11. Coatsworth JD, Conroy DE. Enhancing self-esteem of youth swimmers through coach training: Gender and age effects. *Psychology of Sport and Exercise*. 2006 ;7:173-192.
12. Sousa C, Smith R, Cruz J. An individualized Behavioral Goal-Setting Program for Coaches. *Journal of Clinical Sport Psychology*. 2008;2:258-277.
13. Cruz J, Mora A, Sousa C, Alcaraz S. Effects of an individualized program on coaches' observed and perceived behavior. *Revista de Psicología del Deporte*. 2016;25:137-144.
14. Mora A, Cruz J, Sousa C. Como mejorar el clima motivacional y los estilos de comunicación en el ámbito de la Educación Física y el deporte. *Infancia y Aprendizaje*. 2013;36(1):91-103.
15. Cruz J, Boixadós M, Torregrosa M, Valiente L. Participa amb ells!: Assessorament a famílies que participen en competicions escolars [Participate with them! Assessment for families participating in youth sport competitions]. Barcelona: Ajuntament de Barcelona. 2000.
16. Cruz J, Ramis Y, Torregrosa M. Barcelona' campaign to promote parents' sponsorship in youth sports. In G. Cremades & L. SD. Tashman (Eds.). *Ethical issues in professional practice: international perspectives*. New York: Roudledge. 2016.
17. Cruz J, Torregrosa M, Sousa C. O papel das famílias na promoção do fairplay em jovens desportistas. In R. Lírio, E. Cabral, A. Fernandes (Coordenadores), *A Educação pelo Desporto- Perspectivas Europeias*. Lisboa, Portugal: Instituto do Desporto de Portugal. 2005;pp.35-50).
18. Walley PB, Graham GM, Forehand R. Assessment and treatment of adult observer verbalizations at youth league baseball games. *Journal of Sport Psychology*. 1982;4:254-266.
19. Alastrué P, González C. Juga verd play. Nou model d'esport escolar [Play green. A new model of youth sport]. 2013; Retrieved from <http://www.cebllob.cat/data/informaciones/2950.pdf>.

Olympic Games as career transitions (API008)

Natalia B. Stambulova¹

¹Halmstad University, Sweden.

Introduction

Traditionally in sport psychology research and practice athletes' performance in competitions is considered in a situational context that is with a focus on managing factors that influence the athlete before and during performance. In this presentation I am going to make a shift to considering performance in a broader developmental or career context. Narratives circulating in sporting culture and media stories provide anecdotal evidences that participation in Olympic Games or other subjectively important competitions might have a significant impact on athletes' careers in sport, and often also in life. Career researchers have recently begun to explore important competitions, including Olympic Games, as career change-events or career transitions (1-8). This new trend in career transition research (9) considers how athlete career development and context influence, but also are influenced, by athletic performance.

Development

A pioneering study in this area (6) dealt with junior Russian athletes' retrospective views of their first (well-remembered) competition using a survey

based on the athletic career transition model (7). The participants' answers allowed to provide a description of the transition process with perceived demands (e.g., to reach their goals, to meet own and others' expectations), resources (positive feelings, practice experiences, social support), barriers (a lack of competition knowledge, negative thoughts and feelings), coping strategies ("doing like in practice", "observing how others do", "searching for help if lost"), and consequences of the first competition (inspiration for continuation in sport vs. a fear of competitions that needed to be treated in the further career). The study confirmed that important competitions during the earlier athletic career stages might have an impact on motivating athletes to continue and invest in sport or to dropout. It is even possible to anticipate that the further athletes' progress through the career stages and sport performance levels, the more impact important competitions might have on their athletic and non-athletic planning and development. Illustrative to this extrapolation is a study of Hollings et al. (1) on experiences of New Zealand elite track-and field athletes in regard of the World Junior Championship in Athletics (WJC). The participants were interviewed before and after the WJC to understand its career impact. The authors concluded that the WJC was seen by the athletes as an opportunity to gain experience of world-class competition and test their performance but also as a key reference point in their decision making about further investment in sport and preparation for the junior-to-senior transition.

Another line in exploring the transitional nature of important competitions refers exclusively to Olympic Games. Extensive literature on athletes' Olympic preparation and performance (11-13) is now complemented by identifying phases in the Olympic Games transition process and investigating athletes' experiences (e.g., perceived changes/demands, resources, coping strategies) within each phase retrospectively or proactively. Several attempts were undertaken to structure the Olympic Games transition process as having three-five phases. For example, Wylleman et al. (8) used interviews and athletes' self-reports to describe changes in athletic, psychological, psychosocial and academic/vocational development experienced by four Belgian Olympians prior to the Olympic Games-2008 phase (between the qualification and the Games), during the Games phase, and (two months) after the Games phase. In regard of each phase the participants reported changes covering all four developmental dimensions that allowed the authors to further promote the holistic developmental perspective as important in studying Olympic athletes.

Sigurgeirsdóttir (5) conducted narrative interviews to explore transition experiences of eight Icelandic Olympic athletes who participated at

Olympic Games-2012. Their stories were then shaped using the five-phase Olympic preparation and Games structure (7) emphasizing major themes permeating to each phase. At the preliminary preparation phase the athletes struggled to gain international competition experiences and to get financial support. In the qualification phase they emphasized the importance of clear criteria for team selection and the benefits of early qualification. At the Olympic season phase, the highest priority was given to good relationships with coaches, energy management, overtraining prevention, and exploring the Olympic venue. The Games phase was marked by "hunger" for achievement, distraction awareness and coping, and expert support. The post-Games phase was related to analysis and evaluation of the Games, career change, and increased public attention and responsibility.

Another study related to the 2012 Olympic Games focused on Israeli athletes' and coaches' perceptions of the Games as a career change-event(3) using the scheme of change for sport psychology practice (SCSPP) (2) as a theoretical framework and a survey as data collection method. The Olympic Games were perceived as a significant and positive change-event in the athletes' and coaches' careers regardless of formal results achieved during the Olympic tournament. The authors emphasized two important decisions made by athletes around Olympic qualification phase – a strategic decision to ignore or to address the change (e.g., independently or after consulting with others) and a subsequent decision to change (i.e., to make all necessary adjustments to effectively cope with the change). The study revealed that Israeli athletes mainly addressed the change independently, had high motivation for change, felt that they coped effectively and were satisfied with their coping efforts. The change-event outcomes (i.e., overall perception of Olympic Games experience) were measured through athletes' motivation for sport after the Olympics and their perception of Olympic performance. Motivation was found to be decreased (as many athletes retired after the Games) and also predicted by athletes' satisfaction with their coping effort. Athletes' satisfaction with their performance was a more significant predictor of overall perception of the Olympic Games experience than actual results in the Olympic tournament.

Conclusion

The aforementioned retrospective studies shed light on the temporal structure and content of the Olympic Games transition process and might be used as a basis for working with Olympic athletes. But as shown in the recent study of Schinke et al.(4),

it is possible to plan psychological support system for Olympic athletes based on the proactive vision of their Olympic experiences as a sequences of phases and meta-transitions (i.e., transitions to, within, and out of the Olympic cycle).

Precisely, “Psychological support for Olympic preparation of the Canadian Men’s Boxing Team” was planned for the boxers’ progression through the Own The Podium (OTP) program providing financial and expert support to medal hopefuls for the 2016 Olympic cycle. Six meta-transitions contributing to the Olympic Games transition are: (a) entering the OTP, (b) entering major games tournaments, (c) Olympic qualification, (d) focused preparation for the Olympics, (e) to the Olympic podium, and (f) to the post-Games. In relation to each of these meta-transitions, the athletes’ major anticipated demands (e.g., adaption to the national team staff and orientation in the resources available during the first meta-transition or analysis of the Games experience and plan or the future during the sixth one), and relevant psychological support services were outlined. The next expected step in this project is to follow the real Olympic preparation and participation process and then to summarize the athletes/staff’s reflections in order to make necessary changes for the next Olympic cycle. This project can also serve as an example on how such work can be done in various sports and countries.

References

- Hollings SC, Mallett CJ, Hume PA. The World Junior Athletics Championships: New Zealand athletes’ lived experiences. *International Journal of Sport Science and Coaching*. 2014;9(6):1357-1374.
- Samuel RD, Tenenbaum G. How do athletes perceive and respond to change-events: An exploratory measurement tool. *Psychology of Sport and Exercise*. 2011;12:392-406.
- Samuel RD, Tenenbaum G, Bar-Meher HG. The Olympic Games as a career change event: Israeli athletes’ and coaches’ perception of London 2012. *Psychology of Sport and Exercise*. 2016;24:38-47.
- Schinke RJ, Stambulova N, Trepanier D, Oghene O. Psychological support for the Canadian Olympic Boxing Team in meta-transitions through the National Team Program. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*. 2015;13:1:74-89.
- Sigurgeirsdottir RB. Icelandic Athletes’ Experiences of the Olympic Games as a Career Transition [Internet] [Dissertation]. [Halmstad]: Halmstad University; 2013 [citado 6 de julho de 2016]. Available at: http://hh.diva-portal.org/smash/record.jsf?aq2=%5B%5B%5D%5D&c=236&af=%5B%5D&searchType=SIMPLE&query=&language=sv&pid=diva2%3A634012&aq=%5B%5B%7B%22categoryId%22%3A%2211735%22%7D%5D%5D&sf=all&aq=%5B%5D&sortOrder=author_sort_asc&onlyFullText=false&noOfRows=50&dswid=-154.
- Stambulova N. First competition as a career transition. In V. Klisouras, S. Kellis, & I. Mouraditidis (Eds.), *Sport science through the ages. Proceedings of the 2004 Pre-Olympic Congress*. Thessaloniki, Greece. 2004:pp.57-58).
- Stambulova N, Stambulov A, Johnson U. ‘Believe in yourself, channel energy, and play your trumps’: Olympic preparation in complex coordination sports. *Psychology of Sport and Exercise*. 2012;13:679-686.
- Wylleman P, Reints A, Van Aken S. Athletes’ perceptions of multilevel changes related to competing at the 2008 Beijing Olympic Games. *Psychology of Sport and Exercise*. 2012;13:687-692.
- Stambulova N. Athletes’ transitions in sport and life: Positioning new research trends within existing system of athlete career knowledge. In R. J. Schinke, K. McGannon, and B. Smith (Eds.) *The Routledge international handbook of sport psychology*. New York, NY: Routledge. 2016:pp.519-535.
- Stambulova N. (2003). Symptoms of a crisis-transition: A grounded theory study. In N. Hassmén (Ed.), *SIPF Yearbook*. Örebro: Örebro University Press. 2003:pp.97-109).
- Gould D, Maynard I. Psychological preparation for the Olympic Games. *Journal of Sport Sciences*. 2009;27:1393-1408.
- Haberl P. The psychology of being an Olympic favourite. In R. J. Schinke (Ed.), *Contemporary sport psychology*. New York, NY: Nova Science. 2009:pp.33-54).
- Pensgaard AM, Duda L. Sydney 2000: The interplay between emotions, coping, and the performance of Olympic level athletes. *The Sport Psychologist*. 2003;17:253-267.

(Continua)

Research to practice with immigrant elite athletes in amateur and professional sport (API009)

Robert J. Schinke¹

¹Laurentian University, Canada.

Introduction

Effective sport psychology practice is highly contextualized; the applications in our field require a substantive understanding of the clients we work with, the demands of their training and competitive environments, and in relation, how it is that we as consultants enter into and undertake practice. Within boxing, contextualized practice necessitates the understanding of newcomer athletes and the challenges and processes associated with acculturation (i.e. settling practices) (1). This presentation is developed to centralize contextualized nuances associated with newcomers and acculturation in relation to the presenter's applied practice working with the Canadian National Boxing Teams (female and male).

Development

Contextualization

Each training context brings with it some uniqueness. Though I have seen sport psychology consultants transferring practices from one sport to another and within a sport discipline from one context to another, the most potent approaches to applied practice are uniquely local. Recently, Schinke and Stambulova developed a special issue call in the *Journal of Sport Psychology in Action* in order to centralize these practices: <http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21520704.2016.1143759>. Contextualization by its very definition implies a focus onto the richness of the local environment, including the use of language, dress code, training practices, financial and equipment resources, location of the training facility, and the constituent members found in the environment (2). Understanding each of these nuances permits practitioners to consider their personal skills and practices and how these might intersect / merge and be received by the prospective client (3). If practitioners are astute, they will engage in reflexive practices whereby they consider their own values and practices and how these could marginalize or centralize the identities of their clients (4). For these critical self-evaluations, the next step is to develop contextualized practices that meet the desires and expectations of the intended clients in the performance environments where they work.

Immigrant Athletes and Acculturation

A large part of understanding boxing's context and its richness must be focused onto athletes and

their origins. It is well known that boxing attracts people from working class backgrounds (5). This is not to say that all boxers are from a working class background. One former national team athlete was a law student and a second pursued graduate education as a teacher, both from educated families. However, many of the boxers are indeed from modest origins, such as inner cities. Boxing is viewed as an opportunity – a means to a better living standard. The day this abstract was written, part way through the writing, there was a knock on my hotel door. I sat and listened to a world-class athlete who sees amateur career boxing as an opportunity to launch a lucrative professional athletic career. Several of this athlete's predecessors, also my clients, have achieved multi-million dollar professional careers(6). The thing that the most successful of these athletes share is that they were born outside of Canada.

When examining the success of the Canadian National Boxing Team, all of its most successful performers are relocated athletes, also known as settlers, from countries, including Jamaica, Haiti, Afghanistan, Russia, and Chechnya (5). In fact, at the 2015 Pan-American Games, two of Canada's three gold medals in boxing were earned by settler athletes. Two further medals, tallying to four of the six medals earned by the Canadian Boxing Teams were from settler athletes. This trend is continuing in the current year as Boxing Canada is preparing for the 2016 Rio Olympics. These athletes are treasured within the national team context. However, the integration of acculturating athletes within the boxing context is somewhat challenging. In Canada, there is an extensive coaching education program, and yet none of it is focused onto cultural inclusiveness (7). Within the broader confines of cultural sport psychology, athletes from minority cultures tend to be marginalized in one or more regards, often unintentionally (8). These athletes bring unique identities to the boxing context. For example, one of the Muslim athletes at the 2015 Pan American games prayed before each time he boxed. Before this recent event, people would walk in front and behind him while he prayed, often distracting him, with no regard for what he was doing. During the tournament, he asked me whether I would stop these interruptions for him so that he could spiritually prepare, before he followed up with his psychological preparation and then, his technical preparation. When I eagerly agreed to support the athlete, he seemed quite relieved. This consensual process brought us closer together. A second immigrant athlete from Qatar always goes for Arabic food with me, each time we meet. As well, in major games villages, we attend the multi-faith center, each of us going off to our respective area to practice our faiths. This sharing of religion permits the athletes to disclose some of their deeper beliefs of where religion belongs in relation to their

performance. This shared process also permits me as a practitioner to share my faith with them - a mutual disclosure. Each settler athlete has unique parts of her or his identity that can enrich the national team environment (3); the centralization of parts of an identity, by the national team, place value on the athlete as a whole person (9). The athlete is much more than a medal-producing performer, with no other depth or richness. The role of the sport psychologist is to support the centralization of this richness so that as much as possible of the athlete's identity can be revealed through the realm of performance.

Conclusion

Reflections on Acculturation

Shared processes

Acculturation is often experienced by the athlete (and also the acculturating coach) solely on her / his own shoulders. There is extensive literature that suggests that the outcome of shouldered processes is either alienation or marginalization (10). The objective of the sport psychology consultant is to encourage a shared format of acculturation (11). Shared acculturation permits athletes to disclose parts of their identities in an open forum while learning about the identities of their teammates.

Fluidity

The process of acculturation was first envisioned as a linear process. This conception of acculturation is actually incorrect and misleading (11-13). Settler athletes move fluidly between satisfaction and dissatisfaction regarding the receiving culture and the national team where they are situated. The settler athletes might at one moment move toward assimilation or integration, and in another moment move away from seeking acceptance (14). The role of the sport psychology consultant in this process is to heavily monitor the athlete.

Healthiness

Traditional understandings of acculturation reveal that this process is highly stressful to the settler / newcomer (11,15). Within this process, there are many discussions regarding whether the newcomer's acculturation process might be evaluated as healthy or unhealthy. This polarizing view of acculturation impedes a more truthful understanding that it can be both healthy and unhealthy depending on momentary circumstances and how these are interpreted. As well, traditionally held views of integration as healthy are now being questioned. Each context and circumstance is unique, and only in specific circumstances might the settler's engagement be regarded as healthy.

Exploration

Explorations into athlete acculturation are highly important (16). In Brazil, many of the elite

football players are migrating as transnational athletes in order to pursue lucrative professional sport careers. Similarly, combative sport athletes in the UFC and also professional boxers are valued resources outside of Brazil (and also many further countries). These transnational athletes are commonly traveling from one country to the next to pursue career opportunities (17-20). Understandings of these athletes' experiences are highly important, especially from the vantage of sport psychology (21-23). These understandings are best understood through qualitative methodologies where the fluidities and uncertainties in the acculturation process are centralized and explored (14). Furthermore, I propose that a relatively uncharted method, creative arts based methods might serve to open up narrative understandings (24).

Critical Acculturation

Critical acculturation is an emerging thematic area found within cultural psychology (11,13,15). Though these writings are for the most part at the conceptual level, they have been informed my own vantage / perspective in regards to work with newcomer athletes, in a broader sport system. Further examples of this work all encourage the aforementioned four rules of thumb while opening up opportunities to explore the richness of this process.

References

1. Rudmin F. Constructs, measurements and models of acculturation and acculturative stress. *International Journal of Intercultural Relations*. 2009;33:106-123. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ijintrel.2008.12.001>
2. Ryba TV, Stambulova N, Si G, Schinke RJ. ISSP position stand: Culturally competent research and practice in sport and exercise psychology. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*. 2013;11,123-142. doi:10.1080/1612197X.2013.779812
3. Schinke RJ, McGannon KR. Cultural sport psychology and intersecting identities: An introduction to the special section. *Psychology of Sport and Exercise*. 2015;17,45-47. doi:10.1016/j.psychsport.2014.10.010
4. Schinke RJ, McGannon KR, Parham WD, Lane AM. Toward cultural praxis and cultural sensitivity: Strategies for self-reflexive sport psychology practice. *Quest*. 2012;64,34-46. doi:10.1080/00336297.2012.653264
5. Schinke RJ. A four-year chronology with national team boxing in Canada. *Journal of Sport Science and Medicine*. 2007;6(CSSI - 2):1-5.

6. Schinke RJ, Ramsay M. World title boxing: From early beginnings to the first bell. *Journal of Sport Science and Medicine*. 2009;8(CSSI-3):1-4.
7. Schinke RJ, McGannon K, Yukelson D, Cummings J, Parro W. Sport acculturation of immigrant coaches relocating to Canada. *Journal of Sport Psychology in Action*. 2015;6,17-27. doi:10.1080/21520704.2014.981325
8. Kontos AP. Multicultural sport psychology in the United States. In R. J. Schinke & S. J. Hanrahan (Eds.), *Cultural sport psychology*. Champaign, IL: Human Kinetics. 2009;pp.103-116.
9. McGannon KR, Smith B. Centralizing culture in cultural sport psychology research: The potential of narrative inquiry and discursive psychology. *Psychology of Sport and Exercise*. 2015;17:79-87. doi:10.1016/j.psychsport.2014.07.010
10. Berry JW. Immigration, acculturation, and adaptation. *Applied Psychology: An International Review*. 1997;46:5-68. doi:10.1111/j.1464-0597.1997.tb01087.x
11. Chirkov, V. Introduction to the special issue on critical acculturation psychology. *International Journal of Intercultural Relations*. 2009;33:87-93. doi:10.1016/j.ijintrel.2009.03.003
12. Chirkov V. Summary of the criticism and of the potential ways to improve acculturation psychology. *International Journal of Intercultural Relations*. 2009;33,177-180. doi:10.1016/j.ijintrel.2009.03.005. *Journal of Sport Psychology in Action*. (n.d). Context driven sport and exercise psychology. Retrieved from <http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/21520704.2016.1143759>.
13. Bhatia S. Acculturation, dialogical voices, and the construction of the diasporic self. *Theory & Psychology*. 2002;12,55-77. doi:10.1177/0959354302121004
14. Schinke RJ, McGannon KR., Battochio RC, Wells G. Acculturation in elite sport: A thematic analysis of immigrant athletes and coaches. *Journal of Sport Sciences*. 2013;31,1676-1686. doi:10.1080/02640414.2013.794949
15. Weinreich P. “Enculturation,” not “acculturation”: Conceptualising and assessing identity processes in migrant communities. *International Journal of Intercultural Relations*. 2009;33,124-139. doi:10.1016/j.ijintrel.2008.12.006
16. Blodgett AT, Schinke RJ. “When you’re coming from the reserve you’re not supposed to make it”: Stories of Aboriginal athletes pursuing sport and academic careers in “mainstream” cultural contexts. *Psychology of Sport and Exercise*. Advance online publication. 2015. doi:10.1016/j.psychsport.2015.03.001
17. Aggergaard S, Ryba TV. Migration and career transitions in professional sport: Transnational athletic careers in a psychological and sociological perspective. *Sociology of Sport Journal*. 2013;31,228-247. doi:10.1123/ssj.2013-0031
18. Battochio RC, Schinke RJ, McGannon KR, Tenenbaum G, Yukelson D, Crowder T. Understanding immigrated professional athletes’ support networks during post-relocation adaptation through media data. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*. 2013;11,101-116. doi:10.1080/1612197X.2013.785093
19. Magee J, Sugden J. “The world at their feet”: Professional football and international labor migration. *Journal of Sport and Social Issues*. 2002;26:421-437. doi:10.1177/0193732502238257
20. Weedon G. ‘Glocal boys’: Exploring experiences of acculturation of migrant youth footballers in Premiere League academies. *International Review for the Sociology of Sport*. 2011;47:200-216. doi:10.1177/1012690211399221
21. Blodgett AT, Coholic DA, Schinke RJ, McGannon, KR, Petier D, Pheasant C. Moving beyond words: Exploring the use of an arts-based method in Aboriginal community sport research. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*. 2013;5:312-331. doi:10.1080/2159676X.2013.796490
22. Meisterjahn RJ, Wrisberg CA. “Everything was different”: An existential phenomenological investigation of US professional basketball players’ experiences overseas. *Athletic Insight*. 2013;15(3). Retrieved from <http://www.athleticinsight.com/Vol15Iss3/Diff.htm>.
23. Tanaka S. Acculturation, stress, and coping with cross-cultural transition amongst international rugby players. Unpublished doctoral dissertation, University of Otago, NZ. 2014.
24. Blodgett AT, Schinke RJ, McGannon KR, Coholic D. Navigating the insider-outsider hyphen: A qualitative exploration of the acculturation challenges of Aboriginal athletes pursuing sport in Euro-Canadian contexts. *Psychology of Sport and Exercise*. 2014;15:345-355. doi:10.1016/j.psychsport.2014.02.009.

From Mental Representation of Motor Action to New Approaches in Mental Training and Technology (API010)

Thomas Shack¹

¹Bielefeld University, Germany.

Introduction

Mental representation and memory structures play a central role in the control and organization of actions in sport.

Development

For improving performance in practice it was our interest to measure such structures in memory and brain and use the results for developing new tools in mental training. For measuring the mental structure of movement representations in long term and working memory we used experimental methods like priming reaction time experiments or experimental classification methods. By using an expert-beginner paradigm, differences in the mental representation structure in various kinds of sport, like for instance golf, soccer, volleyball, tennis, climbing are evaluated. In high-level experts these representations were organized in a distinct hierarchical tree-like structure and were well matched with the functional and biomechanical demands of the task. In comparison, action representations in novices were organized less hierarchically and were less well matched with functional and biomechanical demands. To understand the relationship between memory structures and learning in more detail we designed different learning and mental training studies in golf. Results show functional changes in the experimental group's mental representation of the putt. The mental representation structure for the control groups did not reveal any changes between the pre-, post- and retention -test. In a second step it was our interest to measure such structures in memory and brain and use the results for developing new tools in mental training. The technology developed here is to measure the mental representation of the movement before mental training and then integrate these results into the training. This Mental Training Based on Mental Representations (MTMR) has now been applied successfully for several years in professional sports.

To simulate action control and human performance, in a second step, I will discuss challenges and issues that arise when we try to replicate complex movement abilities in the context of technical systems. Interestingly human motor performance, rooted in the profoundness of biological evolution, has matured to a point where it can profit from technical systems. The research results on mental motor representation can not only help to understand the cognitive background of

motor performance, they also provide a basis for building artificial cognitive systems that can interact with humans in an intuitive way and acquire new skills by learning from the user.

Conclusion

In this context, it is clearly advantageous for a real or virtual coach to know how mental representation structures are formed, stabilized and adapted in daily actions. This knowledge enables a coach or technical system (such as intelligent glasses, or intelligent virtual coaches) to address individual users or trainees concerning their current level of learning and performance, and to shape instructions to optimize learning processes and maximize performance.

The Work of Cultural Transition: Implications for Achievement Motivation and Performance (API011)

Tatiana V. Ryba¹

¹Department of Psychology, University of Jyväskylä, Finland.

Introduction

In today's uncertain, fluid job market, transnational mobility has intensified. The geographical movement of highly skilled amateur elite and professional athletes characterizes athletic career development today, which makes transnational mobility into a highly valuable commodity (1,2). The production of mobility and adaptation to a changing context in cultural transition are crucial for initiating and maintaining the transnational career. That is, in addition to being able to establish mobility, it is important for athletic migrants to sustain their performance, which is often predicated on athletes' adapt-abilities to create and maintain social relations and situated knowledge in the different localities they settle in, as well as those they leave behind. Previous sport research provides the basis for suggesting that a cultural transition has important implications for migrant athletes' adjustment to Sport processes, such as playing style, team interaction and coach-athlete relationship, and may create difficulties in their lives outside of sport (3-8). Brandão and Vieira(9), for example, indicated that Brazilian footballers' poor adaptability hampers their professional careers inasmuch as 66% of 1029 players sent to foreign teams in 2010 returned to Brazil before completing their first season. Many players report inability to cope with loneliness and unfriendly climate, and to adapt to a new lifestyle.

Development

Though the concept of cultural transition is increasingly used in sport and career research, insight into the processes of how individuals

produce their own development through work and relationships in shifting cultural patterns of meaning remains limited. The transnational industry of sports, in which athletes' psychological adjustment to cultural transitions has implications for both performance and meaningful life, serves as a backdrop for this collaborative study (10).

The aims of the study were to identify shifting discourses of sport, culture, and gender, and the ways in which transnational athletes negotiated their life fit into different cultural contexts. Taking into consideration the sport migrants' need for adapting to a meaningful working life in transition, the question becomes how psychological tendencies for career adaptability are mobilized through daily practices in transient cultural contexts. The purpose of this study therefore was to understand what dynamics are particularly critical in cultural transition and what impact the time has on these processes. Our specific research aims were to identify the developmental tasks of cultural transition and basic psychological mechanisms underpinning the transition that assisted athletic career adaptability.

This study applied the life story method to interviews with 15 professional and amateur elite (semiprofessional) athletes, focusing particularly on the cultural transition aspect of their transnational athletic careers. The participants were from different sports, seven were male and eight were female, their educational background varied from high school dropouts to university graduates, and their ages ranged from 18 to 37 (median age was 26). The participants' countries of origins included Bulgaria, Canada, Denmark, England, Estonia, Finland, Nigeria, Slovakia, and Sweden; however, during the interviews they resided in the Nordic countries. The life story approach typically involves a series of interviews with each participant, allowing for flexibility to gain a rich and holistic understanding of participants' experiences (11,12). In our preparation for the interviews, we followed basic interview guidelines proposed by Atkinson(11), including preparing background information on the athletes' lives and generating questions for the person to be interviewed. The main purpose of contextual preparation for the life story interview is to be able to guide participants to a deeper understanding of their own experiences.

As shown by Schultheiss et al. (13), within the relational cultural framework life stories, co-constructed in the process of telling and being heard, provide a means for making meaning out of work-life experiences of migrants and how these experiences shape their lives.

The thematic narrative, structural and performative analyses were used to analyze data. The first step in our engagement with the transcripts was a thematic narrative analysis (14,15) to map a shifting content of the cultural

transition from a temporal perspective. The periods before and immediately following relocation emerged as common themes across the participants' stories. The third theme was linked to prolonged engagement with a sociocultural context and was common for athletes in a long-term migration. Drawing on relevant literature, these themes were labeled pre-transition, acute cultural adaptation, and sociocultural adaptation. In the second step, we worked with both structural and performative analyses (14,16). We identified three common performative processes that penetrated through multiple layers of unique storylines—repositioning in social networks, negotiation of daily practices and meaning reconstruction. Serving the adaptive functions, these processes were mobilized around the key developmental tasks at each phase of the transition and appear to be the underlying mechanisms through which cultural transition was enacted. Based on the data analyses, a temporal model of cultural transition is proposed (see Figure 1).

The model in Fig. 1 shows the cultural transition process which consists of three phases: two on post relocation. While the temporal phases were extracted from the data by means of analytical abstraction and are presented in a sequential progression, they should not be interpreted as unfolding in a simplistic linear manner. We suggest that the transition process is relational, meaning that it does not merely unfold, but is rather constructed within a transnational sociocultural field dynamically and subjectively adjusted by individuals to the multiplicity of cultural contacts in various localities. The psychological domain is embedded in the fluid trans-local cultural field of social practices that constitute and sustain daily functioning and relational experiences of athletic migrants. Although individual experiences are unique and "cultures play infinite variations during the course of development and daily activity" (17), our data analyses suggest that the athletes interviewed possessed common developmental tasks that mobilized the adaptive strategies/mechanisms in cultural transition. As Fig. 1 demonstrates, we propose three underlying psychological mechanisms through which cultural transitions are enacted. These basic processes are adaptive responses that might be hidden beneath an array of culturally patterned behaviors and discourses that, in turn, may or may not lead to a successful task resolution in a particular cultural context. It seems important to reiterate that we identify the underlying psychological mechanisms as adaptive because they are mobilized to regulate one's mode of being in cultural transition.

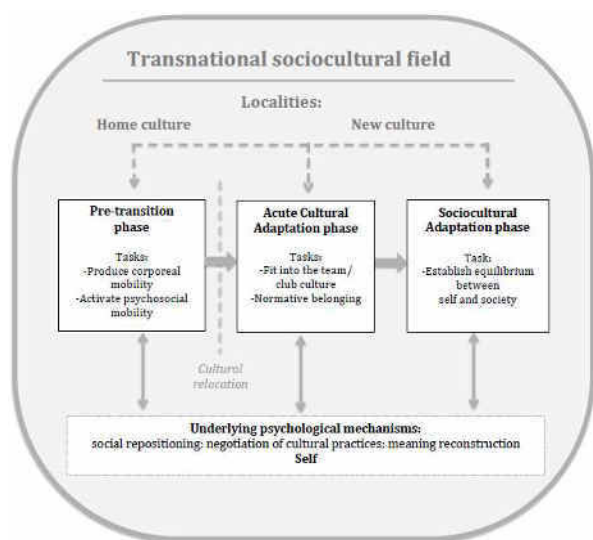


Figure 1 – Cultural Transition Model.

From: Ryba et al. (10)

Conclusion

The results of this research clearly suggest that cultural transition has important implications for the direction of athletes' careers and also their opportunities to have a meaningful life. Their transnational career accounts revealed a lack of psychosocial support available for transitioning athletes in sport organizations and, therefore, call for the need to make career and life design counseling available for them. The findings of this research offer some important insights for sport psychologists and career counselors regarding the ways in which they can assist their clients with the psychological work of mending cultural rupture. The Cultural Transition Model provides professionals working in the fields of career counseling and migrant support with a content framework for enhancing athletes' adaptabilities and psychological wellbeing. We believe that these recommendations can, moreover, be applicable in counseling with other groups of high-skilled workers who pursue work-related migration.

References

1. Agergaard S, Ryba TV. Migration and career transitions in professional sports: Transnational athletic careers in a psychological and sociological perspective. *Sociology of Sport Journal*. 2014;32:228-247. doi: 10.1123/ssj.2013-0031.
2. Maguire J, Falcous M. *Sport and migration: Borders, boundaries and crossings*. London and New York: Routledge. Riessman, C. K. (2008). *Narrative methods for the human sciences*. Thousand Oaks, CA: Sage. 2011.
3. Duchesne C, Bloom GA, Sabiston CM. Intercollegiate coaches' experiences with elite international athletes in an American sport context.

International Journal of Coaching Science. 2011;5:1-20.

4. Khomutova A. Basketball coaches' experience in working with multicultural teams: Central and Northern European perspectives. *Sport in Society: Cultures, Commerce, Media, Politics*. 2015. DOI:10.1080/17430437.2015.1067777.
5. Ronkainen NJ, Harrison M, Ryba TV. (2014). Running, being and Beijing – an existential analysis. *Qualitative Research in Psychology*. 2014;11:189-210. doi:10.1080/14780887.2013.810796.
6. Ryba TV, Stambulova NB, Ronkainen NJ, Bundgaard, J, Selänne H. Dual career pathways of transnational athletes. *Psychology of Sport and Exercise*. 2015;21:125-134. doi:10.1016/j.psychsport.2014.06.002.
7. Schinke RJ, McGannon KR, Battochio RC, Wells GD. Acculturation in elite sport: Athematic analysis of immigrant athletes and coaches. *Journal of Sports Sciences*. 2013;31:1676-1686. doi:10.1080/02640414.2013.794949.
8. Stambulova NB, Ryba TV. (Eds.). *Athletes' careers across cultures*. London: Routledge. 2013.
9. Brandão MRF, Vieira LF. "Athletes' careers in Brazil: Research and application in the land of ginga," in *Athletes' careers across cultures*, eds. N. Stambulova, and T.V. Ryba (London: Routledge). 2013:43-52.
10. Ryba TV, Stambulova NB, Ronkainen NJ. The work of cultural transition: An emerging model. *Frontiers in Psychology*. 2016;4:27. doi:10.3389/fpsyg.2016.00427.
11. Atkinson R. *The life story interview*. Thousand Oaks, CA: Sage. 1998.
12. Liversage A. Finding a path: Investigating the labour market trajectories of high-skilled immigrants in Denmark. *Journal of Ethnic and Migration Studies*. 2009;35:203-226. doi:10.1080/13691830802586195.
13. Schultheiss DE, Watts J, Sterland L, O'Neill M. Career, migration and the life CV: A relational cultural analysis. *Journal of Vocational Behavior*. 2011;78:334-341. doi: 10.1016/j.jvb.2011.03.013.
14. Riessman C. *Narrative methods for the human sciences*. London: Sage. 2008.
15. Smith B, Sparkes AC. Narrative analysis and sport and exercise psychology: Understanding lives in diverse ways. *Psychology of sport and exercise*. 2009;10:279-288. doi:10.1016/j.psychsport.2008.07.012.
16. Bamberg M. "Narrative analysis," *APA handbook of research methods in psychology*. H. Cooper (Washington, DC: APA Press) 2ed. 2012:77-94.

17. Berry, J. W. (2009). A critique of critical acculturation. *Int. J. Intercult. Relat.* 33,361–371. doi: 10.1016/j.ijintrel.2009.06.003.

Psychological and socio-cultural/environmental factors associated with sport activity (API012)

YoungHo Kim¹, SooJin Kang¹

¹Seoul National University of Science and Technology.

Introduction

It is well documented that active lifestyles including sport activity and physical activity are an important contributor in the reduction of various negative symptoms and the prevention of many chronic diseases. Particularly, regular participation in physical and sport activity has been recognizing to be the most effective health-related behavior in maintaining and promoting individual's health status. In spite of the benefits of such activities toward health, many people around the world have failed to engage in physical activity on a regular basis.

Development

Physical and sport activity and the factor influencing it are very complex. It means that physical and sport activity is difficult to change, especially without an interaction among the factors that does not support change. Traditionally, efforts aimed at promoting people' physical and sport activity have focused on applying the educational and counseling programs without fully considering various significant factors associated with their physical and sport activity (1). In Korea, particularly, many activity studies have primarily aimed at the socioeconomic characteristics (i.e., gender, age, and income etc.) or psychological variables (i.e., self-efficacy, belief, attitude etc.)(2,3). However, these studies have rendered little activity research on identifying significance of social and physical environment. In this regard, it is well documented that factors affecting physical and sport activity can derive from psychosocial and environmental domain. Given its complex nature, the multiple influences of physical activity, such as psychological, social, and environmental variables, must be considered in a comprehensive framework(4).

The social ecological model (SEM) has been increasingly applied in identifying correlates of participation in physical and sport activity in a comprehensive viewpoint (5,6). The SEM emphasizes that physical and sport activity is influenced by a complex interaction of multiple factors (i.e., psychological, social, and environmental), and therefore addressing variables at multiple levels is necessary to understand

physical and sport activity (7). According to this model, the influences on physical and sport activity are made up by a series of layers (i.e., individuals, social environment, and physical environment). The innermost level represents the individual factors, which is then surrounded by the environmental factors (8). Specifically, individual factors that increase or decrease the likelihood of an individual being physically active include demographic variables (i.e., sex, age, and level of education etc.) and psychological variables (i.e., self-efficacy, perceived benefits, and perceived barriers etc.)(9). The next level surrounding the individual is the social environment that comprises the social relationships, the culture, and the society within which the individual lives and functions. The social environment includes social support from family, spouse and friends, social norm, and cultural background and has a significant influence on physical activity (10). Along with the social environment, the physical environment plays an important role to continue physical and sport activity participation because physical and sport activities take place in physical environments. There are a number of considerations when attempting to understand how the physical environment might influence physical and sport activity participation. Natural factors (i.e., weather and geography etc.), availability and access to exercise facilities (i.e., parks, playgrounds, swimming pool etc.), and perceived qualities and safety of facilities are an example of physical environments (11).

Conclusion

The current presentation will introduce some research outcomes based on social ecological model of SEM which is taking into consideration the multiple levels of influence on physical and sport activity participation and suggest concrete possibility of SEM to increase physical and sport activity participation. From the research outcomes which are shared in this presentation it can be summarized that psychological, social environmental, and physical environmental variables have the effects on physical and sport activity. Specifically, among the social ecological variables, self-efficacy is the most important predictor of physical and sport activity. However, as it is widely understood that the psychological attributes of individuals are formed within a social physical environment, these findings emphasize to pay much attention to the significance of social and physical environment variables and the interaction of these variables with psychological variables in explaining physical and sport activity. Moreover, the findings revealed that self-efficacy and perceived benefits significantly mediate the relationships between family supports and physical activity and moreover perceived benefits has a significant

mediating effect on the relationship between availability of exercise facilities and physical activity. Therefore, the current studies imply that application of the social ecological model is warranted to provide a more concrete association of the contextual factors to explain physical activity and to design a more effective intervention for promoting physical and sport activity.

References

1. American College of Sports Medicine. Physical activity programs and behavior counseling in older adult populations. *Medicine and science in sports and exercise*. 2004;36:1997-2003.
2. Kim YH, Cardinal BJ. Psychosocial correlates of Korean adolescents' physical activity behavior. *Journal of Exercise Science and Fitness*. 2010;8:97-104.
3. Renner B, Spivak Y, Kwon SK, Schwarzer R. Does age make a difference? Predicting physical activity of South Koreans. *Psychology and Aging*, 2007;22:482-493.
4. Martinez SM, Ayala GX, Patrick K, Arredondo EM, Roesch S, Elder J. Associated pathways between neighborhood environment, community resource factors, and leisure-time physical activity among Mexican-American adults in San Diego, California. *American Journal of Health Promotion*. 2012;26:281-288
5. Furman J. Individual, social and physical environment determinants of physical activity among adolescents grades 10-12 in a suburban region. (Doctoral Thesis) 2005. Retrieved from ProQuest Dissertations and Theses (Accession Order No. AAT 3169908).
6. Sylvia SN. An ecological understanding of recreational physical activity among young adults. (Doctoral dissertation). (Doctoral Thesis) 2004. Retrieved from ProQuest Dissertations and Theses (Accession Order No. AAT 3141022).
7. Shibata A, Oka K, Harada K, Nakamura Y, Muraoka I. Psychological, social, environmental factors to meeting physical activity recommendations among Japanese adults. *International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity*. 2009;6:60-71.
8. Bronfenbrenner U. Ecological models of human development. *International Encyclopedia of Education*, Vol. 3, Oxford, Elsevier. 1994.
9. Elder JP, Lytle L, Sallis JF, Young DR, Steckler A, Simon-Morton D, Stone E, Jobe JE, Stevens J, Lohman T, Webber L, Pate R, Saksvig, BI, Ribisl K. A description of the social-ecological framework used in the trial of activity for adolescent girls. *Health Education Research*. 2007;22:155-165.
10. Pis MB. Physical activity social support, self-efficacy, and self-definition in adolescents: A correlational cross-sectional comparative study. (Doctoral Thesis) 2006. Retrieved from ProQuest Dissertations and Theses (Accession Order No. AAT 3224723).
11. Troped PJ, Saunders RP, Pate RR, Reininger B, Addy CL. Correlates of recreational and transportation physical activity among adults in a New England community. *Preventive Medicine*. 2003;37:304-310.

Interdisciplinary Connections in Sport Psychology Service Delivery: From Theory and Research to Practice (API013)

Artur Poczwadowski¹

¹University of Denver, USA.

Introduction

Grounding one's consulting work in theory-to-practice insights (theory), evidence-based principles (data), and practice-based recommendations (art) enhances the delivery of sport and performance psychology services to clients. In particular, the challenge to work with the whole person in increasingly more complex and competitive sport context demands from a consultant an interdisciplinary approach.

Development

The purpose of this presentation is to present "5Rs for Tennis," a step-by-step educational program on how to develop a 'point-to-point' mental strategy in tennis. This strategy was developed as a step one (or an "entry product") in the presenter's private practice to attract youth tennis academies and individual clients to a systematic and long term sport psychology consultation. Individualizing the services was the second step (and was the actual product) and guided the overall consulting relationship and service delivery process. "5Rs for Tennis" are: 'Respond,' 'Release,' 'Replay,' 'Recharge,' and 'Refocus,' which collectively aimed at facilitating a mental state that could be characterized by "4Cs": 'Calm,' 'Concentrated,' 'Confident,' and 'Control.'

The work of Ravizza and Hanson along with Vernacchia was the sport psychology theoretical foundation that was further situated in other scientific and practice-focused disciplines. Briefly, 'Respond' engages a player's pre-serve (or pre-return) routine and is meant to allow him or her best chance to execute the tactical plan for the next point. 'Release' is a first phase in the between-point sequence and aims at regulating the physiological aspect of emotions. Once the excessive positive or

negative energy is neutralized (from either winning or losing a point), 'replay' is the phase during which the players either reinforces the right shot or fixes the problem through replaying the shot in their head. 'Recharge' is a micro-break and promotes brief restoration (or relaxation) phase in the between-point sequence. Here the player has another opportunity to adjust their intensity (activation) levels to one's that they learned to be an optimal one for a particular moment in the match, for a specific opponent, or both. Finally, 'refocus' shifts the player's attention from the mental. Emotional, and energy adjustments to tactical planning and is finished with a decision, to which they commit. The point is then played and this is also the moment where the cycle completes and responds (pre-serve or pre-return routine) is initiated. Exemplary goals for achieved in this manner (i.e., 5Rs) mental state are: 'calm,' 'concentrated,' 'confident,' and (being in) 'control' and is captured by "4Cs." Meanings of these words are developed with a particular client and can be (naturally) replaced with words that make most sense to the player. Depending on the individual needs, preferences, and capacity to process information, the 5Rs can become "2Rs" or "3Rs." Importantly, mental practice on the tennis court follows to acquire, master, and automatize this 'point-to-point' routine. Clearly, the goals with the young elite players are to maximize the brief time allocated between the points (about 20 seconds).

Keeping the interdisciplinary approach in mind, theoretical and practical recommendations for introducing, implementing, and individualizing the "5Rs" with "4Cs" are grounded in sport psychology, neuroscience, cognitive psychology, psychophysiology, motor learning, and motor control. From a sport psychology standpoint, the following are frameworks have been used in the presenter's consulting practice: (a) general aspects of sport psychology service delivery; (b) recommendations for the objectives and methods of mental training; and (c) empirical support for the usefulness of psychological skills in performance enhancement.

Conclusion

The last part of the presentation will offer a brief insight into interdisciplinary connections between sport psychology solutions illustrated through "5Rs" and sport and exercise science principles derived from a number of sister and foundational scientific disciplines as mentioned above. Examples of the phenomena utilized in conceptualizing "5Rs" are: (a) shifting motor control processes from controlled (upper brain centers [e.g., motor cortex]) to automatic (lower brain centers [e.g., basal ganglia]); (b) reducing demands on information processing (or simplifying); (c) reinforcing and enhancing general motor program and specific control parameters; and (d) activating appropriate motor programs (response selection) and prepare the neuromuscular system for action (response programming).

Apresentações dos Palestrantes Nacionais

Lesões em competições paralímpicas: atuação da fisioterapia (APN001)

Andressa da Silva¹

¹Universidade Federal de Minas Gerais.

Introdução

O esporte paralímpico tem se desenvolvido rapidamente nos últimos anos, e este fato tem sido relacionado ao aumento do número e dos tipos de lesões músculo-esqueléticas. A partir disso, surge a necessidade de monitoramento, diagnóstico precoce, reabilitação e prevenção.

Desenvolvimento

O esporte paraolímpico competitivo abrange uma ampla variedade de características biomecânicas, o que propicia o surgimento de lesões comuns e algumas vezes específicas a cada modalidade. O aumento da complexidade no

esporte competitivo provocou o aumento simultâneo no contingente de lesões, causando preocupações para atletas e treinadores em todas as esferas de rendimento, pois interrompem o processo evolutivo das adaptações sistemáticas impostas pelo treinamento. E com isso, surge à necessidade de implementação de programas fisioterapêuticos para que essas lesões sejam minimizadas e solucionadas de maneira eficaz e definitiva, para que o atleta restitua rápida e precocemente sua plena capacidade em nível competitivo.

Conclusão

Diante disso, a reabilitação envolve quatro grandes áreas que podem ser implementadas no esporte paraolímpico, sendo elas: Monitoramento, Avaliação, Intervenção e Prevenção, tendo, cada uma dessas áreas um importante papel para que haja controle e minimização de lesões e recidivas, devolvendo e / ou garantindo ao atleta seu melhor

nível de desempenho em treinamentos e competições.

Overtraining (APN002)

Birgit Keller Marsili

Introdução

O *overtraining* pode ser caracterizado como uma desordem fisiológica que acomete principalmente atletas, causando redução do desempenho competitivo, incapacidade de manutenção das cargas de treinamento, fadiga crônica, desequilíbrios na homeostasia, enfermidades frequentes e transtornos psicológicos.

Desenvolvimento

O desequilíbrio nas cargas de treinamento, excesso de competições e períodos inadequados de recuperação são alguns dos principais agentes causadores do *overtraining*, que pode durar semanas ou até meses.



O *overreaching* é o acúmulo de estresse de treinamento e não treinamento, resultando num decréscimo do desempenho em curto prazo com ou sem sinais e sintomas psicológicos e fisiológicos, sendo que, a restauração das capacidades normais se dá de alguns dias a algumas semanas. O *overreaching* é um momento chave no processo de treinamento, pois marca o início de uma falha do organismo em se adaptar a sobrecarga (demanda) imposta.

Identificar o *overreaching* é essencial, para que o treinador manipule as variáveis do treinamento, a fim de proteger seu atleta contra as adaptações negativas, já que, o *overreaching* pode se tornar uma fase positiva, se for planejado previamente.

Vários são os fatores que podem causar o *overtraining*, que não o de treino como: frequência de competições, monotonia do treinamento, estressores psicossociais, excesso de viagens, problemas familiares e sociais.

A incidência de *overtraining* observada nas Olimpíadas de Atlanta em 1996, entre 296 atletas de 30 diferentes esportes mostraram que 84 deles (28%) estiveram em um estado de *overtraining* e que este explicava a queda de seus desempenhos. Nas Olimpíadas de Inverno em Nagano, 1998, oito dos 83 atletas olímpicos americanos (quase 10%), de 13 diferentes esportes, reportaram que estiveram com *overtraining* e que isto os levou a um baixo desempenho. Pesquisas realizadas com atletas de *endurance* (esportes predominantemente aeróbicos), especialmente nadadores, de 7% a 21% apresentam sinais e sintomas, sendo que 10% apresentavam sintomas graves.

Conclusão

Considerações finas: os métodos mais apropriados para um programa de monitoramento do *overtraining* ainda são discutidos; testes fisiológicos compreensivos não têm mostrado ser mais eficientes do que testes psicológicos; a associação de parâmetros psicológicos em conjunto com avaliações fisiológicas, bioquímicas e/ou imunológicas; baseado na complexidade e na dificuldade de detecção do *overtraining* no esporte, desenvolver o programa multidisciplinar; implantação de um programa sistematizado de prevenção aos efeitos nocivos no desempenho, na saúde e consequentemente no bem-estar do atleta.

Psicometria para quê? Investigando a validade de teorias (APN003)

Cristiano Mauro Assis Gomes¹

¹Laboratório de Investigação da Arquitetura Cognitiva – (LAICO) da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.

Introdução

Este texto sintetiza uma apresentação oriunda da mesa-redonda “Validação e avaliação: utilizando Instrumentos Psicométricos para o Esporte”. Especificamente, “Psicometria para quê? Investigando a Validade de Teorias” busca refletir sobre a relevância da Psicometria para a ciência psicológica e campos adjacentes do conhecimento. De forma tentadora, poderia responder rapidamente a esta questão afirmando que a maior contribuição da Psicometria é a de propiciar a investigação da validade de instrumentos em psicologia e ciências afins.

Desenvolvimento

Um instrumento precisa mostrar-se capaz de aferir o construto, ou os construtos, para o qual foi construído e a Psicometria possui métodos bem elaborados para investigar esta exigência. Não fortuitamente, concluir que a Psicometria tem muito a contribuir aos estudos de validade de instrumentos para o esporte é uma inferência

bastante correta. Mas, ao refletir de forma menos imediata, vislumbro uma utilidade maior para a Psicometria: a investigação a respeito da validade das teorias, seus pressupostos, seus construtos, entre outros elementos pertencentes às mesmas. Mas por que considerar esta segunda utilidade mais importante do que a primeira? Por um motivo lógico e um motivo epistemológico. O primeiro (lógico) é bastante simples. A investigação da validade de instrumentos é um subconjunto das investigações a respeito da validade de uma teoria, na medida em que qualquer instrumento é uma peça ou componente de uma teoria ou arcabouço teórico. O segundo motivo é menos simples, e por isso mesmo passível de maior controvérsia, pois envolve um julgamento de valor epistemológico. Parto do princípio de que as teorias científicas, com todos os seus diversos elementos (definições, pressupostos, argumentos, instrumentos, evidências, etc.), são construções feitas por pessoas, criações provenientes de comunidades de cientistas. Neste princípio, as teorias não são entendidas como verdades ou conhecimentos inquestionáveis que traduzem fielmente o que são os objetos da realidade, seu funcionamento e seus processos. Ainda nesta visão, qualquer cientista, por mais otimista, não deve ou pode ignorar que as teorias que ele/ela adota ou admira são meras construções, por mais sedutora que seja a expectativa de que a teoria adotada ou construída por ele/ela expresse a verdade sobre algo.

Conclusão

Enfim, seja pelo critério lógico ou epistemológico, penso que para isso serve a Psicometria: questionar e duvidar, e, por consequência, investigar a validade das teorias. Por via da Psicometria, os cientistas têm a oportunidade de questionar as suas próprias teorias, os seus próprios argumentos, os resultados até então encontrados, e as evidências construídas, assim como os instrumentos aplicados. Nesse sentido, usar a Psicometria para estudar a validade de um instrumento psicológico é uma boa ideia, bastante sensata. Mas usar a Psicometria para investigar a validade de uma teoria é algo que supera uma boa ideia, pois exprime o que a Psicometria tem de melhor a oferecer.

E-mail do autor: cristianomaurogomes@gmail.com

Intervenções psicológicas para a melhoria do desempenho de equipes esportivas (APN004)

Franco Noce¹

¹Universidade Federal de Minas Gerais.

Introdução

Nos últimos anos, a psicologia do esporte tem contribuído efetivamente para um melhor entendimento de como os fatores psicológicos influenciam a *performance* atlética, especialmente desempenho de elite apresentado nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos. O treinamento psicológico tem como meta desenvolver, estabilizar e aplicar as capacidades e habilidades psíquicas em diferentes situações, de forma variada e flexível. Aborda, segundo Nitsch (1986), os aspectos comportamentais (treinamento de autocontrole) e cognitivos (treinamento das capacidades psíquicas).

Desenvolvimento

O trabalho de preparação psicológica de um atleta ou uma equipe passa, de forma geral, pelas etapas da demanda, do diagnóstico e da intervenção. A demanda pode surgir a partir da iniciativa de um atleta ou de um treinador, bem como em situações críticas com a finalidade de conter um determinado e eventual prejuízo, mas o ideal é que o trabalho de preparação psicológica ocorra ao longo do período de preparação como parte da vida diária do atleta. O diagnóstico é um fator determinante para o sucesso do trabalho na psicologia do esporte como um todo. Tem a função de indicar as áreas que necessitam trabalho. O uso de entrevistas e ferramentas psicométricas básicas é recomendado para estabelecer o perfil de cada atleta, bem como obter informação inicial sobre as demandas individuais e coletivas. Atualmente a Psicologia do Esporte, enquanto Ciência, desenvolveu e faz uso de uma série de outras ferramentas, tais como: testes informatizados como o sistema de testes de Viena (para avaliar uma série de variáveis psicológicas e psicomotoras de forma objetiva), o biofeedback (para avaliação dos níveis de ativação psicofísica), o *eye tracking* (para avaliar as estratégias de busca visual e atencionais), o *simi-scout* (ferramentas para análise do comportamento tático) e uma infinidade de outras ferramentas que vem sendo desenvolvidas para a especificidade do esporte. A partir de um bom processo de diagnóstico a intervenção é planejada e inserida no dia-a-dia da vida do atleta/equipe. Técnicas como o treinamento da psicoregulação são fundamentais para ajustar o comportamento do atleta no treino e competição auxiliando, por exemplo, a minimizar o erro favorecendo os processos decisórios. Outra possibilidade é a criação e aplicação de rotinas para treino e competição.

Conclusão

Uma rotina psicológica representa uma combinação de diferentes técnicas fisiológicas e psicológicas com o fim de estabilizar o comportamento emocional de atletas na competição e de ajudá-lo a dirigir sua atenção aos estímulos relevantes da tarefa a ser realizada. Elementos de uma rotina psicológica podem ser o estabelecimento de metas; regulação do nível de estresse e ativação; técnicas de imaginação e visualização; técnicas de atenção e concentração mental; autoafirmações positivas para motivar-se em situações decisivas. As rotinas psicológicas podem ser desenvolvidas e aplicadas em esportes individuais e coletivos.

Estresse: parâmetros biológicos e psicológicos de avaliação em atletas (APN005)

Joice Mara Facco Stefanello¹

Introdução

No contexto esportivo, os atletas estão constantemente expostos aos mais diversos tipos de pressão competitiva, tendo de superar limites de forma vigorosa e manter a efetividade e regularidade do seu desempenho diante dos mais elevados níveis de exigências físicas, técnicas, táticas e psicológicas.

Logo, o fator decisivo para um bom desempenho, não é apenas a competência técnica do atleta, mas sua capacidade de render sob pressão e não sucumbir à diversidade de eventos estressores presentes neste contexto. Cabe ressaltar que uma situação de estresse ocorre sempre que se apresenta um desequilíbrio entre a condição da ação individual e a situacional ou motivacional. Ou seja, quando ocorre uma discrepância entre as capacidades das pessoas e as exigências da situação ou entre suas necessidades e capacidades em satisfazê-las.

Assim, os processos de avaliação psicológica visam avaliar condutas, atitudes e aptidões psicológicas (pontos fortes e vulneráveis) que possibilitam aos esportistas melhorar as condições e os recursos de sua prática esportiva, identificar variáveis psicológicas que interferem no rendimento de atletas, o seu grau de habilidade e as variáveis que o controlam, bem como estabelecer objetivos para cada variável envolvida e promover informações relevantes para seleção de técnicas psicológicas mais efetivas em função das características dos atletas.

Desenvolvimento

Medidas eletrofisiológicas, respiratórias, cardiovasculares e bioquímicas têm sido consideradas como importantes métodos de mensuração do estresse no contexto esportivo. Dentre tais medidas, as concentrações de cortisol se têm destacado (1-3). Quando o indivíduo é submetido a um grande número de agentes estressores, reações psicofisiológicas ocorrem e resultam numa resposta específica do sistema nervoso central e do sistema endócrino, particularmente, da glândula suprarrenal (2), resultando na maior liberação de hormônios glucocorticoides, sendo o cortisol (hidrocortisona, composto F) o mais importante dentre os glucocorticoides produzidos pelo organismo humano, e que exerce a maior parte da atividade metabólica (4). Dentre os diferentes métodos para mensuração do estresse agudo (cortisol salivar, sanguíneo e urinário), o cortisol salivar tem demonstrado ser a medida de análise mais utilizada no contexto esportivo, possivelmente por se constituir numa medida eficaz, acessível, rápida e não invasiva, possibilitando que a coleta seja feita em qualquer situação, sem problemas de reatividade, constrangimentos práticos ou éticos comuns aos métodos de coleta de sangue e urina(2). Para avaliação do estresse crônico, as medidas de cortisol a partir da fibra do cabelo, embora ainda pouco utilizadas no contexto esportivo, têm sido um importante método de análise, pois possibilitam avaliar a concentração média do cortisol ao longo de meses (5). Para tal, aproximadamente, 150 fios ou 20mg fios de cabelo são cortados o mais próximo possível do vértice posterior da cabeça (3cm de comprimento) e armazenados em envelope à temperatura ambiente até as análises laboratoriais(5,6).

Por outro lado, questionários de autoperenchimento têm sido as principais ferramentas psicológicas utilizadas para a avaliação do estresse no contexto esportivo. Estes instrumentos objetivam avaliar diferentes aspectos relacionados ao estresse esportivo, como por exemplo: o estado de estresse e as atividades associadas à recuperação (RESTQ-76 Sport); os sintomas de estresse pré-competitivo (Lista de Sintomas de Estresse Pré-competitivo); os fatores geradores de estresse, o modo como os atletas reagem ao estresse percebido e as estratégias de controle utilizadas para enfrentar as situações estressoras (*feedback* de execução; ficha de avaliação psicológica). Tais instrumentos, por requisitarem a autoavaliação dos respondentes, podem favorecer a compreensão do modo como o atleta vivencia as pressões competitivas e ajudá-lo a obter o necessário autocontrole para atuar num alto nível de rendimento. A tomada de consciência, além de permitir que o atleta reconheça seus pontos fortes e frágeis para potencializar suas capacidades e corrigir seus déficits, permite que ele se prepare

mentalmente para a competição e desenvolva estratégias apropriadas para fazer frente àquelas situações que podem afetar negativamente a sua atuação esportiva (7,8).

Conclusão

Em síntese, para que o atleta possa regular os graus de tensão e enfrentar as exigências esportivas com efetividade, deve aprender a associar respostas emocionais/corporais a determinados comportamentos e funções, pois cada mudança fisiológica do corpo corresponde a uma mudança paralela no estado emocional da pessoa.

Referências

13. Kim KJ, Chung JW, Park S, Shin JT. Psychophysiological stress response during competition between elite and non-elite Korean junior golfers. *International Journal of Sports Medicine*. 2009;30:503-508.
14. Soares AJ, Alves MG. Cortisol como variável em psicologia da saúde. *Psicologia, Saúde e Doenças*. 2006;7:165-177.
15. Suay F, Salvador A, González-Bono E, Sanchís C, Martínez M, Martínez-Sanchis S, Montoro JB. Effects of competition and its outcome on serum testosterone, cortisol and prolactin. *Psychoneuroendocrinology*. 1999;24:551-566.
16. Wilmore J, Costill D. *Fisiologia do Esporte e do Exercício*. São Paulo: Manole, 2001.
17. Sauvé B, Koren G, Walsh G, Tokmakejian S, Van Uum SHM. Measurement of cortisol in human hair as a biomarker of systemic exposure. *Clinical and Investigative Medicine*. 2007;30:E183-E191.
18. Van Uum SHM, Sauvé B, Fraser LA, Morley-Forster P, Paul TL, Koren G. Elevated content of cortisol in hair of patients with severe chronic pain: A novel biomarker for stress. *Stress*. 2008;11:483-488.
19. Ravizza K. Incremento de la toma de conciencia para el rendimiento en el deporte. In: Williams, J.M. (Ed.) *Psicología aplicada al deporte*. Madrid: Biblioteca Nueva. 1991 (p.321-44).
20. Stefanello JMF. Situações de estresse no vôlei de praia de alto rendimento: um estudo de caso com uma dupla olímpica. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. 2007;7:232-244.

Seleção Brasileira de ginástica rítmica: Um trabalho de intervenção psicológica para o ciclo olímpico – Rio 2016 (APN006)

Lenamar Fiorese Vieira¹

¹Universidade Estadual de Maringá, Paraná.

Introdução

A seleção brasileira de ginástica rítmica (GR) teve sua melhor participação em olimpíadas nos Jogos Olímpicos de Sydney 2000, quando foi para final e obteve a oitava colocação. Para a Olimpíada do Rio de Janeiro - 2016 temos como meta ir para final e melhorar essa classificação.

Desenvolvimento

Nesse sentido, o Brasil desde 2011 montou um Centro de Treinamento de GR na cidade de Aracaju-SE, onde mantém uma seleção permanente, as atletas residem na cidade e treinam diariamente. Foi composta uma comissão técnica (técnica, professora de balé, médico, nutricionista, fisioterapeuta e psicóloga), que trabalham durante toda a temporada de treinamentos e acompanham nas competições oficiais.

Conclusão

O trabalho da psicologia é focado nas metas anuais da equipe e é estruturado em três pontos: Acompanhamento das atletas (individual e coletivo); Aconselhamento e preparação mental. É realizada avaliação em todo início de temporada através de testes psicométricos e entrevista com atletas e comissão técnica, visando levantar as necessidades, além de avaliações periódicas buscando resolver problemas emergentes. O trabalho é realizado por meio de atendimentos individuais e de dinâmicas de grupo (necessidades) no local de treinamento das atletas e em competições.

Aspectos psicofisiológicos da prescrição do treinamento esportivo no basquetebol (APN007)

Marcelo Callegari Zanetti^{1,2}

¹Universidade Paulista (UNIP), São José do Rio Pardo.

²Universidade São Judas Tadeu, São Paulo.

Introdução

O Treinamento Esportivo configura-se como um complexo sistema que pode envolver uma série de subáreas, também conhecidas como ciências do esporte (fisiologia do exercício, biomecânica, psicologia do esporte, comportamento motor, nutrição esportiva, entre outras), que conjuntamente deverão proporcionar maior rendimento atlético e menores índices de afastamento por parte dos atletas.

Desenvolvimento

Além dessa integração, o treinamento esportivo atuará na avaliação, prescrição e monitoramento das respostas proporcionadas pelas cargas

psicofísicas aplicadas, seja nas sessões de treinamento físico, técnico, tático, psicológico, conduzidas por diferentes profissionais: preparadores físicos, fisiologistas, psicólogos do esporte, etc. Por outro lado, para Bompa (1), o basquetebol é um esporte que combina velocidade, força e resistência física, o que o torna uma modalidade de alta exigência física e psicológica. Esse autor também cita algumas capacidades físicas importantes para atletas dessa modalidade tais como: alta potência anaeróbia, alta capacidade aeróbia, boa coordenação motora, perfil biométrico específico, resistir à fadiga e a alto grau de estresse, ser dotado de uma boa inteligência tática e espírito cooperativo. Somadas à complexidade do treinamento esportivo e das peculiaridades do basquetebol estão as respostas agudas (queda nas funções orgânicas, fadiga, etc.) e crônicas (aprimoramento das valências psicofísicas, queda no rendimento, *overtraining*, etc.) provenientes das sessões de treinamento. Porém, muitas vezes, tais respostas são ignoradas por envolver métodos diretos e de alto custo (concentração de creatinofosfoquinase, lactato sanguíneo, comportamento da frequência cardíaca, respostas inflamatórias, entre outros) e até por desconhecimento de métodos indiretos e eficazes de monitoramento dessas respostas, como o defendido por Borg (2), que aponta que a percepção geral de esforço físico vem da integração de diferentes sintomas decorrentes de músculos ativos, dos sistemas cardiovascular e respiratório, articulações, transpiração, dor, tonturas, etc. Para esse mesmo autor, estudos têm demonstrado que o esforço percebido parece resultar da integração de uma série de sinais aferentes de receptores sensoriais encontrados nos músculos esqueléticos ativos e no sistema cardiopulmonar, ou o de Balaguer (3) que considera que as pessoas recebem informações de seus estados fisiológicos, e estados de desconforto como uma noite mal dormida, podem indicar ineficácia física e diminuir a percepção de autoeficácia, que também tem sido apontada como determinante no sucesso esportivo.

Conclusão

Nesse sentido, parece prudente a utilização de sistemas de percepção subjetiva de esforço antes, durante e após as sessões de treinamento, além de mecanismos de controle como diários de treinamento e questionários autopreenchíveis, que possam de alguma forma controlar respostas psicofisiológicas por meio da percepção subjetiva desses atletas, tais como: fadiga, horas e qualidade de sono, vontade de treinar, prontidão competitiva, apetite, dores musculares, entre outros, e que as mesmas possam de alguma forma ser utilizadas na prescrição desses treinamentos.

Referências

1. Bompa TO. Periodização: teoria e metodologia do treinamento. 4. Ed, São Paulo: Phorte. 2002.
2. Borg, GAV. Psychophysical bases of perceived exertion. *Medicine and Science in Sports and Exercise*. 1982;14:377-381.
3. Balaguer I, Castillo I. Entrenamiento psicológico en el deporte. In: I. Balaguer I. (Org.), Entrenamiento psicológico en el deporte: Principios y aplicaciones. Valencia: Albatros Educación. 1994:p.307-347.

Paradesporto: da avaliação ao treinamento psicológico (APN008)

Márcia Regina Walter¹

¹Universidade Tuiuti do Paraná.

Introdução

A avaliação psicológica no paradesporto também deve considerar a forma como os atletas são classificados na competição. Para a deficiência física existe uma classificação funcional e a deficiência intelectual é atestada através de testes psicológicos o grau da deficiência intelectual.

Desenvolvimento

No Paradesporto, o treinamento psicológico além dos objetivos descritos por Nitsch (1), devem considerar os fatores que motivam a participação da pessoa com deficiência no esporte. Ser campeão, superar os seus limites e ter um retorno financeiro são comuns a ambos: esporte olímpico e paraolímpico. Porém no Paradesporto, superar os seus limites, suas dificuldades, suas barreiras e o preconceito vem em primeiro lugar. Alguns atletas olímpicos vão além de superar os seus limites e buscam a igualdade de oportunidades para competir nos Jogos Olímpicos.

Conclusão

Para o paratleta, mais do que a identificação com a sua modalidade, existe o prazer por fazer parte daquele contexto, pelas amizades e pelo relacionamento que se estabelece com os colegas, os familiares e a equipe técnica. A família, em modalidades em que o paratleta precisa de assistência e auxílio, torna-se parte da equipe técnica e influência diretamente na permanência ou não do atleta no esporte e, em consequência na sua motivação.

Para o paratleta acostumado com as competições e os desafios da sua modalidade, a deficiência não se constitui de um empecilho na conquista de suas metas. Porém nem sempre foi assim e para muitos ainda existem muitos obstáculos a serem ultrapassados. A doença pode

ser um dos fatores que impedem a continuidade no esporte.

O contexto esportivo para a pessoa com deficiência permite dar um novo significado a sua identidade e ampliar suas relações sociais e, principalmente de amizades.

Referências

1. Nitsch J. Psychoregulative Training in Leistungssport. In Gabler H et al., Psychologie, Diagnostik und Beratung in Leistungssport. Frankfurt: Detscher Sportbund. In: Samulski, D. Psicologia do Esporte. Ed. Manole. São Paulo. 2002.

Preparação psicológica no esporte olímpico e paralímpico (APN009)

Maria Regina F. Brandão¹

¹Universidade são Judas Tadeu.

Introdução

No esporte, pode-se dizer que as pressões psicológicas e fisiológicas que estão associadas aos treinamentos, competições e a sua organização social mostram que o desempenho esportivo é um fenômeno complexo que é afetado pelas características individuais e por fatores ambientais. Uma das teorias que pode ser utilizada para explicar as implicações psicológicas do fenômeno esportivo em geral e a consequente preparação psicológica no esporte olímpico e paralímpico é a Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner. Esta visão ecológica do contexto esportivo torna possível analisar os atletas em seu mundo real, dar a devida atenção à importância da relação e interrelação entre o ambiente esportivo e as pessoas que dele participam e observar as capacidades psicológicas que permitem ao atleta ter êxito no esporte de rendimento. Sendo assim, cabe nos perguntar que propriedades psicológicas dos atletas são importantes e devem ser desenvolvidas ao longo da vida esportiva, independente de serem atletas olímpicos ou paralímpicos.

Desenvolvimento

O principal aspecto a se considerar são os atributos psicológicos dos atletas, em outras palavras, a trama subjetiva do atleta. Para compreender esses atributos, temos que analisar três características psicológicas importantes: suas disposições (forças psicológicas), seus recursos e suas demandas. As disposições têm uma relação direta com o comportamento dos atletas, podem fazê-lo se adaptar às características do ambiente e colocar seu processo de interação em movimento, ou ao contrário, interferir ativamente, retardar ou até impedir sua ocorrência. Essas disposições são denominadas no modelo bioecológico como *desenvolvimento-geradoras* ou

desenvolvimento-disruptivas. As primeiras podem ser associadas com as características positivas do jogador de futebol, como por exemplo, motivação, vontade de cooperar com os companheiros de equipe, iniciativa para aceitar tarefas que favoreçam a equipe, etc. Já as segundas podem ser vistas como características negativas do atleta. Os recursos pessoais constituem ativos e passivos biopsicológicos que influenciam a capacidade para um atleta adaptar-se aos requisitos do ambiente e influenciar positivamente o contexto. Há três recursos que são absolutamente essenciais para se compreender e explicar o comportamento dos atletas: adaptação permanente, resiliência e competência competitiva. Em relação às demandas pode-se dizer que dependem da capacidade do atleta para convidar ou desencorajar reações dos ambientes sociais. As demandas são o terceiro tipo de características pessoais que afetam o atleta. Sua ocorrência se dá por sua capacidade para convidar ou desencorajar reações dos ambientes sociais de um grupo, por exemplo, uma equipe esportiva, as quais podem romper ou favorecer processos de crescimento psicológico e esportivo.

Conclusão

O objetivo escolhido para esta palestra foi propor a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano como um paradigma para explicar a preparação psicológica de um atleta olímpico ou paralímpico. Preparar um atleta nos obriga a um estudo exaustivo do indivíduo, de suas competências, de suas potencialidades, de seus valores e crenças.

Estresse emocional, nível de atividade física e mobilidade em idosos comunitários (APN011)

Vinicius Gomes de Freitas, Andre Torres de Lima, Franco Noce

Introdução

Os benefícios da AF são inúmeros e os seus efeitos tem sido investigados em diversas populações. Sabemos que o sedentarismo, a incapacidade física e a dependência são as maiores adversidades da saúde associadas ao envelhecimento sendo potenciais fatores estressantes. Diante do exposto, o presente trabalho teve como objetivo verificar se a mobilidade do idoso é um fator estressante.

Desenvolvimento

Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados o Teste Timed Up and Go (TUG), a Escala de Estresse Percebido (EEP) e um questionário estruturado. A análise de dados foi realizada por

meio do *software* estatístico SPSS 17.0, realizou-se o teste Kolmogorov-Smirnov e o teste não paramétrico de Friedman. Para encontrar onde estão as interações foi feito o *post hoc* de Dunn. Participaram do estudo 197 idosos de ambos os sexos (81,2% mulheres; 18,8% homens) com média de idade de 70,4 (\pm 6,26). No teste TUG a média foi de 9,3 segundos, já no EEP o escore médio foi de 20,0 pontos e o tempo médio de prática de atividade física foi de 82 meses. Primeiramente estratificou-se a amostra quanto à faixa etária e observou-se correlação fraca entre mobilidade e tempo de prática de atividade física e não teve correlação entre mobilidade e estresse. Ao estratificar por desempenho no teste TUG foi encontrada interação entre as variáveis: mobilidade, tempo de atividade física e estresse.

Conclusão

Concluiu-se que existe uma interação entre: mobilidade e tempo de atividade física; mobilidade e estresse; tempo de atividade física e estresse. Sendo assim o estudo tem importância para que os profissionais da saúde possam compreender com maior clareza esses desfechos e, assim, possam desenvolver estratégias mais assertivas de intervenção clínica para idosos.



Revista de Educação Física

Journal of Physical Education

Home page: www.revistadeeducacaofisica.com



Anais do IX Congresso Internacional e XVI Congresso Brasileiro de Psicologia do Esporte

IX Congresso Internacional
e XVI Congresso Brasileiro
de Psicologia do Esporte



ESPORTE OLÍMPICO E PARALÍMPICO
A contribuição da psicologia do esporte
para o rendimento esportivo

Apresentações Orais

Estado de ansiedade pré-competitiva em nadadores federados (A0001)

Ivan Wallan Tertuliano¹; Caio Graco Simoni da Silva¹; João Vitor Rosa; José Maria Montiel^{1,2}; Afonso Antonio Machado¹

¹Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; ²Centro Universitário FIEO.

Introdução: Investigar as habilidades psicológicas do ser humano, em competições esportivas, é de suma importância, pois podem interferir negativamente no desempenho do atleta, caso o mesmo não dê conta do processo de adaptação aos fatores psicológicos. Um dos fatores psicológicos que mais interferem no desempenho é a ansiedade.

Objetivo: O objetivo do presente estudo foi analisar a ansiedade-estado (competitiva) em nadadores federados.

Métodos: Participaram 25 nadadores e 14 nadadoras, com idade entre 12 e 16 anos, federados e atletas de clubes. Todos responderam a um questionário online, mediante autorização dos responsáveis através do termo de consentimento, livre e esclarecido (TCLE). O questionário utilizado foi a versão brasileira do *Competitive State Anxiety Inventory* (CSAI-2). O CSAI-2 engloba 27 itens, distribuídos por 3 subescalas: a) ansiedade somática; b) ansiedade cognitiva; c) autoconfiança. A pontuação mínima para cada escala é 9 e a máxima é 36. A ferramenta tecnológica utilizada foi *Google Formulários*. Os participantes responderam entre 3 dias antes da competição mais importante para a equipe na temporada de 2015. Os dados

foram analisados através de estatística descritiva e inferencial, utilizando-se de testes não paramétricos, dado a natureza ordinal dos dados: Os testes utilizados foram: teste de Friedman para diferenças intragrupos (com *post hoc* de *Wilcoxon*) e o teste U de *Mann Whitney* para diferenças entre grupos. O nível de significância foi 0,05. Os dados foram analisados com a utilização do software IBM *SPSS Statistics 20*.

Resultados: Não houve diferença estatisticamente significativa para nenhuma das subescalas: Somática ($p= 0,837$), Cognitiva ($p=0,176$) e autoconfiança ($p= 0,247$), ou seja, homens e mulheres apresentam resultados semelhantes. Na análise intragrupo, houve diferença significativa entre as médias de ansiedade somática, cognitiva e autoconfiança, apenas para os homens ($p=0,00$). O *post hoc* demonstrou que a diferença está entre autoconfiança e os demais aspectos ($p < 0,02$).

Conclusão: Com base nos dados e no objetivo do trabalho pode-se concluir que os nadadores apresentam maior autoconfiança, em relação a ansiedade somática e cognitiva, do que as nadadoras, podendo ajudá-los na melhoria dos resultados na competição.

Palavras-chave: natação, saúde mental, atletas.

Indicadores das dimensões da síndrome de *burnout* nas categorias de base do futebol amador (A0002)

Fábio José Silva Souza¹; Daniel Alvarez Pires¹; Gilmar Nonato de Souza²

¹Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus Universitário de Castanhal; ²ABC da Bola - Belo Horizonte.

¹Universidade Federal de São Paulo; ²Santos Futebol Clube.

Introdução: A realidade do futebol amador apresenta diferenças consideráveis de ordem social e econômica em relação ao futebol de alto rendimento. Entretanto, percepção de esgotamento físico e mental, desvalorização e sentimentos de abandono podem ser observados em ambos os contextos. Esses elementos estão associados à manifestação da síndrome de *burnout*, compreendida como uma reação ao estresse crônico que pode ocasionar o abandono da atividade esportiva.

Objetivo: O presente estudo teve como objetivo mensurar as dimensões da síndrome de *burnout* e suas dimensões em atletas das categorias de base do futebol amador de Belo Horizonte e avaliar o efeito das categorias na percepção de *burnout*.

Métodos: Participaram do estudo 110 atletas, com idade média de 18,02±1,39 anos e idade média de início no futebol de 10,41±1,73 anos, sendo 49 da categoria sub-17 e 61 da categoria sub-20. Os participantes preencheram o Questionário de *Burnout* para Atletas (QBA) e um questionário sociodemográfico. Para a análise dos dados utilizou-se a estatística descritiva e o teste U de Mann-Whitney. O índice de significância adotado foi $p < 0,05$.

Resultados: Os resultados do estudo aparecem na Tabela 1. Os atletas avaliados apresentaram índices baixos a moderados de *burnout* total e suas dimensões exaustão física e emocional, reduzido senso de realização esportiva e desvalorização esportiva.

Conclusão: Portanto, os participantes estão pouco propensos à manifestação da síndrome. Não foram observados efeitos das categorias avaliadas (sub-17 e sub-20) sobre a percepção de *burnout* em jovens atletas de futebol amador.

Palavras-chave: futebol, *burnout*, atletas.

Tabela 1. Medianas de *burnout* total e suas dimensões em atletas de futebol amador de Belo Horizonte.

	Sub-17 n=49	Sub-20 n=61	P	Total n=110
Exaustão Física e Emocional	1,80	1,80	0,19	1,80
Reduzido Senso de Realização	2,40	2,60	0,23	2,60
Desvalorização Esportiva	2,00	2,40	0,12	2,40
<i>Burnout</i> Total	2,00	2,47	0,07	2,27

Ansiedade pré-competitiva e estados de humor de jogadores de futebol profissional (A0003)

Juliane Jellmayer Fechio^{1,2}; Maria Stella Peccin¹; Ricardo da Costa Padovani¹

Introdução: Atletas de alto desempenho necessitam de um conjunto de habilidades que são fundamentais para o sucesso esportivo. Estudos têm evidenciado que sem as características psicológicas adequadas, o desenvolvimento e a manifestação da expertise tornam-se improváveis.

Objetivo: O objetivo deste estudo foi avaliar a ansiedade pré-competitiva e os estados de humor de jogadores de futebol profissional antes de um jogo pelo Campeonato Brasileiro.

Métodos: Participaram deste estudo 21 atletas, do gênero masculino, com idades entre 19 e 38 anos (média de 25,62 anos ± 6,08), jogadores de futebol de campo da equipe profissional de um clube que disputa a primeira divisão do Campeonato Brasileiro. Os instrumentos utilizados foram a Escala de Humor de Brunel (BRUMS), que mensura seis estados de humor, e o *Competitive State Anxiety Inventory-2R* (CSAI-2R) que avalia a ansiedade pré-competitiva (somática, cognitiva e autoconfiança). As aplicações foram coletivas, em três jogos diferentes. As duas primeiras avaliações aconteceram no auditório do clube onde os atletas treinavam e a terceira avaliação aconteceu no auditório do hotel onde os atletas estavam concentrados (o jogo foi em outro Estado). Os atletas estavam concentrados desde o dia anterior e foram avaliados no dia do jogo. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo (No. 394.420). Para análise dos dados foi empregado o modelo de análise de variância com medidas repetidas e o método de comparações múltiplas de Bonferroni.

Resultados: Em relação aos seis estados de humor (tensão, depressão, raiva, vigor, fadiga e confusão mental), o grupo apresentou resultados semelhantes nas três avaliações, com exceção da Tensão que a média no jogo 1 foi estatisticamente superior à média no jogo 3 ($p < 0,05$) e da Confusão mental que no jogo 1 foi estatisticamente inferior às médias dos jogos 2 e 3 ($p < 0,05$). Na avaliação da ansiedade pré-competitiva, a ansiedade somática foi estatisticamente maior no jogo 1 ($p < 0,05$).

Conclusão: Os achados evidenciam a importância do manejo dos estados emocionais negativos e da manutenção da autoconfiança e do vigor no esporte de alto rendimento. Adicionalmente, ilustra a importância do preparo psicológico de atletas de alto nível.

Palavras-chave: futebol, saúde mental, atletas.

Relatos de ansiedade no contexto esportivo e a utilização de aparatos tecnológicos (A0004)

Luciana Botelho Ribeiro¹; Afonso Antonio Machado¹; Kauan Galvão Morão¹; Altair Moioli^{1, 2}; Ivan Wallan Tertuliano¹

¹ Universidade Federal de São Paulo; ² Santos Futebol Clube.

Introdução: A ansiedade é uma apreensão momentânea e negativa, na qual o indivíduo percebe as condições do ambiente como desfavoráveis e ameaçadoras. Dividida em traço de ansiedade, característica para sentir certo grau de ansiedade em diferentes situações e estado de ansiedade que mostra as reações do indivíduo em situação de tensão temporária.

Objetivo: O objetivo deste estudo foi avaliar relatos de ansiedade pré-situacionais dos indivíduos no contexto esportivo e a utilização da tecnologia.

Métodos: Participaram da amostra 40 indivíduos de ambos os sexos, 24 do sexo feminino e 16 do sexo masculino. A faixa etária que prevaleceu entre os participantes foi 18-30 anos (80%). Para coleta utilizou-se o questionário semiestruturado elaborado pelos pesquisadores com perguntas fechadas e abertas. Para maior acessibilidade e economia do tempo o questionário foi adaptado ao Google Drive® e compartilhado no Facebook®.

Resultados: Após análise descritiva dos dados as modalidades mais praticadas pelos indivíduos foram musculação e corrida, com frequência semanal de 5 vezes por semana (35%). Em competições 60% dos indivíduos não utilizaram as tecnologias para monitorar seu rendimento, 27,5% utilizaram e os 12,5% restantes às vezes utilizaram a tecnologia. Nos treinamentos 40% não utilizaram tecnologia, 35% fizeram o uso da mesma e 25% alguns momentos. Os aparatos tecnológicos mais utilizados pelos participantes foram relógios e celulares, tanto em competições como treinamentos. 67,5% dos indivíduos sentiram-se ansiosos com seus resultados antes dos treinos e competições. Porém, 90% destes indivíduos relataram ficarem mais ansiosos em competições do que treinamentos (10%). 45% dos indivíduos não se preocuparam em saber como foi o seu rendimento por meio da tecnologia. Quanto à ansiedade antes de treinamentos e competições, 37,5% relataram ficar ansiosos, 37,5% relataram não ficar e 25% às vezes ficavam. A tecnologia foi utilizada para monitoramento das atividades com diversos objetivos como a busca de melhores resultados (75%) e traçar novos percursos (22,5%), entre outros.

Conclusão: Concluiu-se que os indivíduos sentem-se mais ansiosos em fases competitivas e, em sua

maioria, não utilizam tecnologia para monitorar rendimento. Vale ressaltar que a ansiedade é algo presente em todas as etapas do processo, variando a intensidade.

Palavras-chave: futebol, saúde mental, atletas, tecnologia.

Níveis de ansiedade em nadadores jovens do norte e nordeste do Brasil (A0005)

Glauber Castelo Branco Silva^{1,2}; Danielle Garcia de Araújo²; Denise Araújo Bringel^{1,3}; Gislane Ferreira de Melo¹

¹ Universidade Católica de Brasília; ² Universidade Estadual do Piauí; ³ Universidade Federal do Tocantins.

Introdução: O estresse competitivo desencadeia fatores estressantes como a ansiedade. Em alguns atletas parece desencadear déficit de desempenho. Na tentativa de desenvolver estratégias eficazes, foram desenvolvidas teorias de ansiedade traço e estado competitivo, utilizadas na identificação da ansiedade nos mais diversos contextos esportivos.

Objetivo: Comparar os níveis de ansiedade de atletas de natação por sexo, experiência, especialidades e nível competitivo.

Métodos: Estudo observacional analítico, com 78 nadadores com idades entre 13 e 25 anos, de níveis regional, nacional e internacional. Foram utilizados os questionários (*Sport Competition Anxiety Test – SCAT*) e (*Competitive State Anxiety Inventory – CSAI-2*), ambos validados para o português. Foram utilizadas estatísticas descritivas, teste de *t* Student, Anova *One Way* e uma regressão linear, utilizando o pacote estatístico SPSS- IBM 22.0.

Resultados: Tabelas 1,2 e 3

Tabela 1 – Características dos nadadores do Norte e Nordeste - Brasil

Nadadores	Total ±DP	Masculino ±DP	Feminino ±DP	<i>P</i>
Idade	15,69 ±2,80	16,02 ±3,03	15,26 ±2,45	0,23 0
Frequência em treinos	5,97 ±1,45	6,13 ±1,33	5,76 ±1,57	0,26 0
Anos de natação	7,85 ±4,13	7,70 ±4,20	8,05 ±4,10	0,71 0
Tempo de competição	4,06 ±3,16	5,75 ±3,28	1,88 ±0,80	0,00 1
A - Traço	20,44 ±2,85	20,29 ±3,15	20,64 ±2,46	0,59 0
A - Cognitiva	21,20 ±6,24	20,84 ±6,41	21,67 ±6,07	0,56 0
A - Somática	20,46 ±5,95	20,14 ±5,82	20,9 ±6,23	0,58 0
Autoconfiança	24,14 ±5,18	25,13 ±4,78	22,85 ±5,30	0,04 9

DP: desvio padrão; *P*: p-valor, teste de *t*-Student para amostras independentes

Tabela 2 – Níveis de Ansiedade Estado em nadadores do Norte e Nordeste – Brasil (AO005)

Categorias	Ansiedade Cognitiva	Ansiedade Somática	Autoconfiança
Infantil (n=32)	20,01±5,77	19,06±5,50	24,21±4,86
Juvenil (n=22)	23,77±7,02	22,92±5,62	22,72±5,11
Júnior e Sênior (n=24)	20,62±6,29	20,08±6,34	25,33±5,53
p≤0,05	F=(2,75)2,81,p=0,06	F=(2,75)2,93,p=0,059	F=(2,75)1,47,p=0,23
Provas	Ansiedade Cognitiva	Ansiedade Somática	Autoconfiança
Velocistas (n=43)	21,53±5,72	21,53±5,92	23,72±4,92
Meio Fundistas (n=25)	20,92±7,18	19,52±5,64	23,88±5,20
Fundistas(n=10)	20,50±6,50	18,20±6,37	26,60±6,05
p≤0,05	F=(2,75)0,146,p=0,86	F=(2,75)1,76,p=0,178	F=(2,75)1,30,p=0,27
Anos de modalidade	Ansiedade Cognitiva	Ansiedade Somática	Autoconfiança
1-5 (n=28)	20,92±6,10	20,32±6,03	22,75±4,92
6-9 (n=25)	21,12±6,11	20,80±5,37	24,96±5,15
≥ 10 (n=25)	21,63±6,74	20,28±6,05	24,88±5,83
p≤0,05	F=(2,75)0,146,p=0,92	F=(2,75)0,06,p=0,94	F=(2,75)1,60,p=0,20
Nível competitivo	Ansiedade Cognitiva	Ansiedade Somática	Autoconfiança
Regional (n=15)	23,20±7,58	24,46±6,80*	21,33±5,19*
Reg. e Nac.(n=35)	20,37±5,39	19,08±5,70	24,34±4,74
Reg.Nac. Inter. (n=28)	21,17±6,45	20,03±5,0	25,39±5,30
p≤0,05	F=(2,75)1,08,p=0,34	F=(2,75)4,84,p=0,011	F=(2,75)3,22,p=0,045
Experiência competitiva	Ansiedade Cognitiva	Ansiedade Somática	Autoconfiança
1-3 (n=20)	22,70±6,48	23,15±7,35	22,35±5,06
4-7(n=35)	20,46±5,67	19,34±5,42	24,10±4,46
≥8 (n=28)	20,96±6,75	19,76±4,86	25,57±5,81
p≤0,05	F=(2,75)0,81,p=0,44	F=(2,75)2,92,p=0,06	F=(2,75)2,26,p=0,11

*p≤0,05 Anova One way, ansiedade somática e autoconfiança (nível competitivo)

Tabela 3 – Associação entre experiência competitiva e autoconfiança entre os sexos (AO005)

Experiência competitiva	Autoconfiança	
	Masculino	Feminino
Sexo	0,25*	0,015
R ²		
p≤0,05	p=0,01	p=0,49

* Regressão linear, efeito de predição sobre a variância (sexo masculino)

Conclusão: Competidores de nível nacional e internacional apresentaram valores mais elevados de autoconfiança, bem como os nadadores são mais autoconfiantes que as nadadoras.

Palavras-chave: natação, saúde mental, estresse, atletas.

Concentração de cortisol salivar entre tenistas de elite, vencedores e perdedores do sexo feminino (AO006)

Ivete Balen¹; Maressa P. Krause¹; Birgit Keller²; Carla C. Tagliari³; Cíntia L. N. Rodacki¹; Ricardo W. Coelho²

¹Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR); Curitiba, Brasil; ²Universidade Federal do Paraná (UFPR); Curitiba, Brasil; ³Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba (FARESC), Curitiba, Brasil.

Introdução: O treinamento esportivo impõe um elevado grau de estresse físico e mental, os quais têm sido relacionados ao aumento do hormônio cortisol, classificando-o como um indicador do estresse psicofisiológico.

Objetivo: Comparar as concentrações de cortisol salivar entre vencedores e perdedores em tenistas de elite do sexo feminino, durante uma etapa do torneio internacional de tênis.

Métodos: Participaram deste estudo 48 atletas de elite, mulheres, inscritas nas categorias 16 (n=22) e 18 anos (n=26) da Copa Guga-Kuerten. As concentrações de cortisol foram coletadas através de amostra salivar, por meio do tubo Salivette®, e posteriormente analisada pelo método de ELISA. As coletas foram realizadas durante o meeting (cortisol-pré – C-pré) e logo após o término (cortisol-pós – C-pós) do jogo. A comparação entre atletas perdedores e vencedores foi realizada através de uma ANCOVA que utilizou os valores pré-jogo como covariante e os valores do pós-jogo como covariada, ao nível preditivo de p<0,05.

Resultados: A comparação entre as concentrações de cortisol salivar entre vencedores e perdedores demonstrou não haver diferenças significativas entre as categorias, 12,5±6,7 x 13,5±5,6 (F1,98 = 0,650; p=0,422). Não foram observadas diferenças

entre vencedores e perdedores nas atletas de elite do sexo feminino, categorias 16 e 18 anos.

Conclusão: Outros fatores que não a concentração de cortisol salivar, podem estar presentes e relacionados com o fato de vencer ou perder, os quais, não foram investigados neste estudo. Sendo assim, recomendam-se futuros estudos, com a inclusão de outras variáveis fisiológicas, psicológicas e sociais possibilitando uma melhor compreensão da interferência dos mesmos sobre o desempenho de atletas.

Palavras-chave: tênis, estresse, atletas.

Níveis de auto eficácia e ansiedade pré-competitiva de jogadores de voleibol profissionais em função da posição em quadra (AO007)

Francine Nogueira¹; Bernardo Miloski²; Maurício Bara Filho¹; Lelio Lourenço¹

¹Universidade Federal de Juiz de Fora; ²Faculdade do Sudeste Mineiro - FACSUM.

Introdução: No voleibol profissional, cada função do jogador em quadra, de acordo com a sua posição, exige habilidades psicológicas específicas devido aos fundamentos realizados durante as partidas. Ainda não existem estudos que tenham investigado estas diferenças, sobretudo no que concerne à ansiedade pré-competitiva e à auto eficácia.

Objetivo: O objetivo deste estudo foi descrever e comparar os níveis de auto eficácia e ansiedade pré-competitiva de jogadores profissionais de voleibol, em função da posição que ocupam em quadra.

Métodos: Quatorze atletas do sexo masculino integrantes de uma equipe de voleibol de alto rendimento responderam a Escala de Auto eficácia Individual para o Voleibol e o Questionário de Ansiedade Competitiva no Esporte versão reduzida, antes das 33 partidas disputadas pela equipe em toda a temporada competitiva. O rendimento foi obtido através do programa Data Volley. Para análise dos dados, foi utilizada ANOVA *one-way* com post hoc de Tukey quando necessário. Utilizou-se o

software SPSS versão 20.0, adotando-se o nível de significância de 5%.

Resultados: A Tabela 1 mostra a comparação das variáveis por posição dos jogadores em quadra.

Tabela 1 – Média \pm desvio-padrão das variáveis analisadas por posição (A0007)

Variável/ Posição	Lev.	Lib.	Cent.	Pont.	Op.
Auto eficácia	65,3 $\pm 13,8$ *	61,3 $\pm 4,9^*$	67,2 $\pm 6,3$	70,5 $\pm 9,9$	67,7 $\pm 11,1$
Ansiedade Cognitiva	9,6 $\pm 1,5^*$	9,7 $\pm 3,3^*$	7,7 $\pm 2,1$	7,2 $\pm 2,2$	7,4 \pm 2,3
Ansiedade Somática	8,9 $\pm 2,2^*$	9,5 $\pm 2,8^*$	7,8 $\pm 1,6$	7,7 $\pm 1,1$	9,6 \pm 3,2*
Autoconf.	14,9 $\pm 3,4^*$	17,5 $\pm 2,3$	17,5 $\pm 2,3$	18,3 $\pm 2,5$	17,5 \pm 2,5

Lev.: levantadores; Lib.: líberos; Cent.: centrais; Op.: opostos
* Diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

Conclusão: Concluiu-se que cada posição apresentou um perfil de auto eficácia e ansiedade, ressaltando que os levantadores apresentaram os menores níveis de autoconfiança, fato que pode ser negativo para o seu rendimento e influenciar o resultado dos jogos.

Palavras-chave: tênis, estresse, atletas.

O tempo de jogo em uma competição pode influenciar os níveis de *burnout* em atletas de futebol da categoria sub-20? (A0008)

Camila Cristina Fonseca Bicalho¹; Analice Rodrigues da Cruz¹; Hiago Luan Rolla Martins¹; Varley Teoldo da Costa¹

¹Universidade Federal de Minas Gerais.

Introdução: A categoria sub-20 representa a última etapa da formação do atleta de futebol antes da profissionalização, e nesta fase, situações estressantes como as demandas impostas pelas viagens, competições e pressão dos treinadores, empresários e clubes podem levá-lo ao *burnout*.

Objetivo: Comparar se o tempo de jogo influencia os níveis de *burnout* em atletas de futebol da categoria sub-20 durante uma competição.

Métodos: Participaram 53 atletas de futebol de quatro equipes de Futebol dos estados de MG e PR da categoria sub-20 com 19,20 ($\pm 0,96$) anos, que disputaram o Campeonato Brasileiro de Futebol Sub-20 em 2014. Foram utilizados o Questionário de Burnout para Atletas (QBA) e as súmulas dos três primeiros jogos da fase de grupos do Campeonato. Os atletas responderam ao QBA no dia anterior a uma partida eliminatória da fase de grupos do campeonato. Para análise, os atletas foram divididos

de acordo com a participação individual em “baixo tempo de jogo” (N=27/tempo ≤ 153 min) e “alto tempo de jogo” (N=26/Tempo > 153 min) com poder do teste 0,95; tamanho do efeito 0,25. Aplicou-se o teste *Alpha* de Cronbach, estatística descritiva e o teste de Mann-Whitney, adotando $p < 0,05$. O pacote estatístico utilizado foi o SPSS.

Resultados: A confiabilidade geral do QBA foi de $\alpha = 0,700$. Não foram identificadas diferenças dos níveis de *burnout* dos jogadores com “baixo tempo de jogo” e com “alto tempo de jogo” (Tabela 1).

Conclusão: Na competição analisada os níveis de *burnout* dos atletas de futebol sub-20 não foram influenciados pelo tempo de jogo.

Palavras-chave: futebol, estresse, psicologia.

Tabela 1 - Comparação das dimensões do *burnout* e do *burnout* total dos atletas em relação ao tempo de jogo.

Dimensões	Tempo de Jogo		p=
	Baixo Tempo Média (DP)	Alto Tempo Média (DP)	
Exaustão Física e Emocional	1,99 (0,66)	1,86 (0,68)	0,420
Reduzido Senso de Realização Esportiva	1,99 (0,61)	1,96 (0,63)	0,788
Despersonalização	1,44 (0,37)	1,42 (0,40)	0,814
<i>Burnout</i> Total	1,80 (0,42)	1,75 (0,38)	0,568

Palavras-chave: futebol, estresse, atletas.

Análise dos indicadores de estresse, recuperação e autoeficácia em treinadores de futebol de categorias de base ao longo de uma temporada esportiva (A0009)

Felipe Gustavo dos Santos¹; Varley Teoldo da Costa¹

¹Universidade Federal de Minas Gerais.

Introdução: O estresse laboral afeta o desempenho esportivo e a saúde dos treinadores de futebol de categorias de base que são responsáveis pelo processo de formação de atletas. Para controlar os níveis de estresse é importante que os treinadores possuam eficientes estratégias de recuperação. Treinadores que se avaliam autoeficazes também são capazes de solucionar melhor os problemas laborais e possuem maior capacidade para maximizar o rendimento dos atletas.

Objetivo: Comparar os níveis de estresse geral (EG), estresse específico (EE), recuperação geral (RG) e autoeficácia (AE) em treinadores de futebol de categorias de base ao longo de uma temporada esportiva.

Métodos: Participaram 26 treinadores de futebol das categorias sub-15, sub-17 e sub-20, com idade média de 37,60 ($\pm 7,37$) anos e tempo de prática 7,20 ($\pm 5,37$) anos, dos principais clubes brasileiros de formação. O RESTQ-Coach foi utilizado para

avaliar estresse, recuperação e autoeficácia durante os períodos de férias, treinamento e competição de uma temporada esportiva. Utilizou-se estatística descritiva. A normalidade dos dados foi verificada através do teste de Shapiro-Wilk. Foi utilizado o teste de Friedman e o teste de Dunn para comparar e verificar a diferença entre as variáveis avaliadas ao longo da temporada esportiva. O nível de significância adotado foi de $p < 0,05$.

Resultados: Houve aumento significativo nos níveis de EG ($p=0,002$) e EE ($p=0,001$). Os níveis de RG ($p=0,025$) apresentaram redução significativa ao final da temporada. Houve diferença significativa para os níveis de AE ($p=0,057$) (Tabela 1).

Tabela 1: Valores dos postos médios das variáveis ao longo da temporada

	Férias	Treinamento	Competição
EG	1,44	2,27	2,29
EE	1,27	2,13	2,50
RG	2,38	1,98	1,83
AE	1,58	2,21	2,21

Conclusão: Conclui-se que ao final da temporada esportiva os treinadores de futebol de categorias de base apresentaram maiores níveis de estresse e menores níveis de recuperação. Já a autoeficácia não sofreu interferência da temporada esportiva.

Palavras-chave: futebol, saúde mental, treinadores, tecnologia.

Eficácia de um programa de orientação educacional sobre indícios de *drive for muscularity* em praticantes de treinamento resistido (A0010)

Francieli Pires Barbosa¹; Angela Nogueira Neves²; Afonso Antonio Machado³; Maria Regina Ferreira Brandão⁴; Marcelo Callegari Zanetti^{1,3,4}

¹Universidade Paulista, São José do Rio Pardo, Brasil; ²EsEFEX - Rio de Janeiro, Brasil; ³LEPESPE/UNESP, Rio Claro, Brasil; ⁴Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, Brasil.

Introdução: Os estudos da Imagem Corporal do homem são recentes, e ao contrário do que se imaginava estes também sofrem com a insatisfação corporal. O *Drive for Muscularity* pode ser entendido como o desejo de se alcançar o corpo ideal e ao grau de preocupação com a musculatura, o que pode relacioná-lo a distúrbios de imagem corporal como a Dismorfia Muscular. Programas de ação preventiva e de atenção vêm sendo estruturados ao longo das duas últimas décadas, porém ainda são as mulheres o grande público alvo desses programas, havendo ainda um déficit em relação aos cuidados com o público masculino.

Objetivo: Verificar o efeito de um programa de orientação educacional sobre os indícios de Drive

for *Muscularity* em praticantes de treinamento resistido.

Métodos: Como proposta metodológica foi aplicado o questionário *Drive for Muscularity Scale* – DMS antes e após o trabalho de orientação educacional, elaborado para avaliar especificamente atitudes e comportamentos relacionados à busca por maior volume muscular, além de um questionário demográfico no início da coleta. Este trabalho teve duração de 8 semanas e foi composto por entrega de panfletos, explicações individuais dos temas abordados, além de cartazes expostos nas academias. A amostra foi composta por 82 indivíduos do sexo masculino com idades entre 18 a 35 anos ($26,04 \pm 4,62$). A análise dos resultados foi realizada por meio do Pacote Estatístico SPSS 20.

Resultados: Observou-se uma redução na intensidade dos Comportamentos de investimento na musculatura (Antes: $\bar{X}=3,08$ e Depois: $\bar{X}=2,78$) e na Orientação à Musculatura (Antes: $\bar{X}=3,39$ e Depois: $\bar{X}=2,83$).

Conclusão: Os resultados parecem atestar a eficácia de um programa educacional sobre a redução da intensidade do *Drive for Muscularity* e possivelmente minimizar distúrbios de imagem corporal. Porém, faz-se necessário novos estudos envolvendo maior número de sujeitos e em diferentes regiões do país.

Palavras-chave: treinamento resistido, psicologia do esporte.

Percepção da autoimagem corporal em idosos ativos e inativos do DF (A0011)

Patricia Galdino De Andrade Wollmann¹; Letícia De Sena Pereira¹; Sônia Rodrigues Lima¹; Georgia Danila Fernandes D'oliveira Gonçalves²; Gislane Ferreira Melo²

¹Faculdade LS; ²Universidade Católica de Brasília.

Introdução: A imagem corporal é a representação mental do corpo e a percepção que o indivíduo tem sobre seu próprio corpo sendo influenciada constantemente pelos valores da sociedade. A prática de atividade física pode interferir no processo de envelhecimento, apresentando um resultado positivo em relação a autoimagem corporal, melhorando a capacidade funcional, influenciando na saúde, ocasionando benefícios físicos, psicológicos e sociais.

Objetivo: Demonstrar e comparar a influência e importância que a prática de atividade física exerce sobre a percepção da autoimagem corporal.

Métodos: Trata-se de um estudo transversal onde foram avaliados 100 idosos com idade superior a 60 anos de ambos os sexos. Dos idosos avaliados 50 são praticantes de atividade física e 50 são

sedentários ou não praticam atividade física. Foi utilizado como técnica de coleta de dados dois instrumentos: um questionário sociodemográfico, e para avaliar a percepção da autoimagem corporal real e ideal aplicou-se a escala de silhuetas de Stunkard.

Resultados: As diferenças de percepção da autoimagem corporal sobre envelhecimento relacionado ao sexo foram estatisticamente significativas ($p=0,032$), tanto homens como mulheres estavam satisfeitos com sua imagem corporal. Em relação às variáveis estado civil ($p=0,779$) e escolaridade ($p=0,091$), não houve resultados significativos, e em relação à escala de Stunkard também não houve discrepância dos dados.

Conclusão: Sabe-se que a percepção da autoimagem corporal é um fator subjetivo podendo ser influenciado por multifatores, conceitos e valores que a mídia e sociedade impõe e pode influenciar direta ou indiretamente o indivíduo para um cuidado maior com a saúde. Nesse sentido sugere-se a continuidade do estudo com observações de outras variáveis, como influencia da mídia, da sociedade em relação ao processo de envelhecimento.

Palavras-chave: autoimagem, idosos, atividade física.

Estilos de suporte parental para a prática esportiva: uma investigação em jovens atletas brasileiros (A0012)

Selso Ananias Siteo¹; Gislaine Contessoto Pizzo¹; Andressa Ribeiro Contreira¹; Caio Rosas Moreira¹; Aryelle Malheiros Caruzzo¹; Lenamar Fiorese Viera¹

¹Univesidade Estadual de Maringá.

Introdução: As influências parentais são fundamentais para o desenvolvimento psicossocial dos adolescentes e jovens, bem como para sua inclusão na prática esportiva. A valorização dos pais pelas conquistas dos filhos tem sido apontada como fator chave na superação das dificuldades que o contexto esportivo impõe ao jovem atleta, contudo, a cobrança excessiva por resultados pode refletir no desinteresse ou mesmo desistência.

Objetivo: Investigar as percepções de estilos de suporte parental para a prática esportiva em jovens atletas brasileiros.

Métodos: Participaram 355 atletas (média de idade $16,2 \pm 0,8$ anos), de ambos os sexos, praticantes de modalidades coletivas e individuais, participantes dos Jogos Escolares da Juventude 2015 (Fase final). O instrumento utilizado foi a Escala de Suporte Parental. Para a análise dos dados, foram utilizados os testes Kolmogorov

Smirnov e o Teste de Friedman, adotando-se $p<0,05$.

Resultados: Os resultados apontaram diferenças significativas nas percepções dos atletas sobre os estilos parentais de Suporte emocional, Superproteção e Rejeição, tanto para o pai ($p=0,001$) quanto para a mãe ($p=0,001$). Na comparação aos pares, o Suporte de Rejeição (mãe $Md=2,75$; pai $Md=2,63$) apresentou resultados superiores e significativos quando comparados aos estilos parentais de Suporte Emocional e Superproteção ($p=0,001$). Foram observadas diferenças significativas no Suporte Emocional e Superproteção ($p=0,001$), com valores superiores para o Suporte emocional tanto do pai quanto da mãe. Os jovens atletas brasileiros apresentaram percepção do estilo parental de rejeição tanto do pai quanto da mãe, que pode ser marcado por comportamentos dos pais com traços de oposição ou desvalorização, desconsiderando o ponto de vista dos filhos nas tomadas de decisões.

Conclusão: Tais percepções dos atletas podem ser típicas da faixa etária (15 a 17 anos), que se caracteriza por uma etapa de transição da adolescência para a vida adulta, na qual são observados conflitos emocionais e exacerbada percepção de competência, que dificultam as relações com os agentes mediadores do seu desenvolvimento.

Palavras-chave: autoimagem, idosos, atividade física.

O sentido do esporte para atletas com e sem deficiência: uma compreensão fenomenológica (A0013)

Erika Hofling Epiphanyo; Emanuella Matos da Silva; Marluce Silva de Lima; Roseana Pacheco Reis Batista; Sonha Maria Coelho de Aquino

Introdução: A fundamentação teórica desta pesquisa parte da Fenomenologia enquanto visão de homem e também enquanto método de investigação. A Fenomenologia acredita que a busca do conhecimento deve partir das coisas-mesmas, isto é, parte-se da experiência vivida a partir do relato de quem a vivenciou. Este estudo pretende oferecer um maior conhecimento das vivências subjetivas destes atletas, a fim de ampliar as possibilidades de acesso ao esporte para indivíduos com deficiência, bem como auxiliar a um melhor aproveitamento das vivências esportivas por todos os praticantes.

Objetivo: O presente trabalho tem por objetivo compreender o sentido do esporte competitivo para praticantes de atletismo com e sem deficiência, partindo de suas vivências.

Métodos: Foram realizadas quatro entrevistas abertas: duas com atletas e duas com paratletas,

todos eles praticantes de atletismo profissional. As entrevistas partiram de uma questão mobilizadora que tinha o objetivo de obter um relato pessoal sobre as experiências esportivas destes indivíduos. As entrevistas foram analisadas com base no método qualitativo proposto por Giorgi (1985) em que após a transcrição das entrevistas, entra-se em contato intenso com o conteúdo do relato para identificação de unidades significativas para posteriormente compor a compreensão do fenômeno estudado.

Resultados: Após as análises pode-se concluir que existem vivências semelhantes entre o grupo de atletas e paratletas destacando o atletismo como abertura de possibilidades para o ser-no-mundo do atleta, tanto com relação às conquistas propriamente dita, mas também pelo reconhecimento social obtido a partir de bons resultados no esporte.

Conclusão: O bom relacionamento com treinadores é um fator que também se destaca nos relatos estudados, pois quando há uma cumplicidade entre treinador e atleta o processo de envolvimento do atleta torna-se mais efetivo. A superação de adversidades sociais pelo esporte foi bastante presente em todos os relatos, no entanto para os paratletas é possível também destacar a superação das adversidades físicas.

Palavras-chave: paratletas, psicologia do esporte, atletismo.

Necessidades psicológicas básicas de jovens atletas brasileiros: um estudo em função das modalidades esportivas (A0014)

Andressa Ribeiro Contreira¹; Gislaíne Contessoto Pizzo¹; Selso Ananias Site¹; Caio Rosas Moreira¹; José Roberto Andrade do Nascimento Junior²; Lenamar Fiorese Viera¹

¹Universidade Estadual de Maringá (UEM);²Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf).

Introdução: O contexto esportivo tem sido considerado um elemento interveniente na percepção de satisfação das necessidades psicológicas básicas de competência, autonomia e relacionamento dos atletas, as quais são elementos universalmente essenciais para o desenvolvimento da autodeterminação, integridade e bem-estar geral dos indivíduos.

Objetivo: Este estudo teve como objetivo comparar a satisfação das necessidades psicológicas básicas de jovens atletas brasileiros participantes dos Jogos Escolares da Juventude 2015 em função das modalidades esportivas (individuais e coletivas).

Métodos: Participaram 186 atletas, de ambos os sexos, com média de idade 16,2 ±0,8 anos, sendo

48,4% praticantes de modalidades coletivas (voleibol, basquete, handebol, futsal) e 51,6% de modalidades individuais (natação, tênis de mesa, judô, ciclismo, atletismo, ginástica rítmica, luta olímpica, xadrez). O instrumento utilizado foi a Escala de Satisfação das Necessidades Básicas no Esporte (BNSSS). Para a análise dos dados foram utilizados os testes Kolmogorov Smirnov e U de Mann-Whitney, adotando-se $p < 0,05$.

Resultados: Foi encontrada diferença significativa na satisfação da necessidade psicológica básica de competência ($p = 0,005$), que se refere à necessidade do indivíduo sentir-se efetivo e competente para alcançar os resultados desejados, na qual os atletas de modalidades individuais apresentaram valores superiores ($Md = 6,25$) em comparação aos atletas de modalidades coletivas ($Md = 5,75$). Para as demais necessidades psicológicas básicas não foram observadas diferenças significativas entre os grupos ($p > 0,05$) (Tabela 1).

Tabela 1 - Comparação dos índices de autonomia, competência e relacionamento dos jovens atletas brasileiros em função das modalidades esportivas (n=186)

Satisfação das Necessidades Psicológicas Básicas no esporte	Coletivas (n=96) Md (Q1; Q3)	Individuais (n=90) Md (Q1; Q3)	P
Autonomia	6,80 (6,60; 7,00)	7,0 (6,60; 7,00)	0,353
Competência	5,75 (5,25; 6,50)	6,25 (5,50; 6,75)	0,005
Relacionamento	6,67 (6,0; 7,00)	6,33 (5,67; 7,00)	0,358

Conclusão: Os jovens atletas brasileiros de modalidades individuais percebem maior satisfação na necessidade psicológica básica de competência quando comparados aos atletas de modalidades coletivas.

Palavras-chave: atletas, adolescentes, esporte, psicologia.

Motivação tarefa-ego e potencial esportivo de jovens alunos-atletas (A0015)

Luiza Nascimento Matozinhos¹; Renato Melo Ferreira¹; Emerson Filipino Coelho¹; Luciano Miranda²; Hugo Leonardo Barros de Paula¹; Bárbara Bepler Pires³; Gabriela Teixeira³; Caio Márcio Aguiar¹; Fábio Junio de Miranda Silva¹; Francisco Zacaron Werneck¹

¹Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Centro Desportivo (CEDUFOP), Laboratório de Estudos e Pesquisas do Exercício e Esporte (LABESPEE), Grupo de Estudos do

Jovem Atleta (GEJA); ²Colégio Militar de Juiz de Fora (CMJF);
³Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Introdução: A motivação para a tarefa está relacionada com a motivação intrínseca e a autodeterminação. No esporte infanto-juvenil, existe a necessidade de se conhecer a relação entre a motivação e o potencial esportivo dos jovens, no sentido de contribuir para a melhoria dos processos de identificação e desenvolvimento de talentos.

Objetivo: O presente estudo analisou diferenças no perfil de motivação entre alunos-atletas em função do seu potencial esportivo avaliado pelo treinador.

Métodos: Participaram do estudo 385 alunos-atletas de uma escola militar de Minas Gerais (218 meninos; 167 meninas), com idade entre 11 e 18 anos (14,7±2,0 anos). A motivação foi avaliada pela versão portuguesa do Questionário de Orientação para Tarefa ou Ego no Esporte (TEOSQ). O potencial esportivo dos alunos foi classificado pelo treinador em baixo e alto. A análise foi feita através do teste *t* de Student independente, adotando nível de significância de 5%.

Resultados: O potencial esportivo dos alunos-atletas, foi classificado em: baixo potencial (n=198; 97 meninos; 101 meninas) e alto potencial (n=187; 121 meninos; 66 meninas) (Tabela 1).

Tabela 1: Média ± desvio-padrão da motivação tarefa-ego de alunos-atletas de uma escola militar de Minas Gerais classificados pelos treinadores quanto ao potencial esportivo.

Motivação	Amostra	Alto Potencial	Baixo Potencial	p-valor
Tarefa	Todos	4,25 ± 0,62	4,08 ± 0,72	0,02*
	Masculino	4,24 ± 0,61	4,05 ± 0,74	0,04*
	Feminino	4,26 ± 0,65	4,11 ± 0,70	0,18
Ego	Todos	2,41 ± 0,86	2,29 ± 0,81	0,17
	Masculino	2,49 ± 0,87	2,37 ± 0,76	0,26
	Feminino	2,27 ± 0,83	2,22 ± 0,86	0,76

(*Diferença estatisticamente significativa, p<0,05)

Conclusão: Concluiu-se que a orientação de motivação voltada para a tarefa é maior nos alunos-atletas com alto potencial esportivo avaliado pelo treinador quando comparados aos de baixo potencial esportivo, e que esta diferença parece ocorrer apenas no sexo masculino.

Palavras-chave: esportes, adolescentes, desempenho, psicologia do esporte.

Autoconhecimento, gestão de estresse e motivação: relato de experiência em equipe profissional de futebol (A0016)

Bruno Bember Lofiego¹; Arthur Bernardino Domene Sena¹; Felipe Modenese¹; Fernando Faria Rodenas¹; Afonso Antonio Machado¹

¹Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Introdução: Realizado em equipe profissional de futebol do interior paulista nas dez partidas da fase final de um campeonato estadual, o trabalho em questão, desenvolvido por integrantes do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte (LEPESPE), atuou no campo psicológico e motivacional dos atletas, desgastados emocionalmente por obrigação de resultado.

Objetivo: Com a atuação pautada em autoconhecimento, gestão de estresse e motivação, objetivou-se recuperar o equilíbrio emocional e motivação de uma equipe que vinha desgastada emocionalmente.

Métodos: A partir desse resgate, foi possível almejar uma das duas primeiras colocações que resultariam em acesso da equipe à divisão superior ao término do campeonato. O trabalho foi desenvolvido na perspectiva qualitativa com os 27 atletas profissionais que compunham o plantel do time. As atuações foram pautadas em análises de dados obtidos em encontros psicológicos de grupo. A presença do psicólogo na rotina da equipe permitiu melhor análise do campo na coleta de dados e atuação, a partir de atividades em parceria com a comissão técnica, dirigentes e torcida.

Resultados: Os dados analisados permitiram evidenciar situações aversivas individuais e coletivas da equipe naquele dado momento. A partir da análise de dados estressores, foi possível auxiliar, individual e coletivamente, o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento e motivação. Durante o processo, o grupo relatou melhora em sua autoconfiança e pode ser observado resultado positivo em campo, com quatro vitórias e um empate.

Conclusão: O time atingiu a pontuação necessária, o que pode demonstrar que o trabalho ocorreu de maneira eficiente. A presença dos pesquisadores e a aplicação dos conhecimentos da Psicologia do Esporte demonstraram efetividade na rotina da equipe mesmo em curto período. Em reunião final, atletas e comissão técnica expuseram que o trabalho os auxiliaram e teve participação em autoconhecimento, confiança, motivação e rendimento.

Palavras-chave: futebol, atletas, desempenho, psicologia do esporte.

A influência do tempo de prática na motivação de atletas de futebol sub-20: estudo de caso (A0017)

Maurício José de Souza Filho¹; Israel Teoldo da Costa²; Varley Teoldo da Costa¹

¹Universidade Federal de Minas Gerais; ²Universidade Federal de Viçosa.

Introdução: Atletas de futebol apresentam inúmeros motivos para se engajarem e permanecerem no esporte. Sabe-se que a motivação pode variar com o passar do tempo, porém pouco se sabe sobre a influência do tempo de prática na motivação de atletas de futebol.

Objetivo: Analisar a influência do tempo de prática sobre a motivação de atletas de futebol sub-20.

Métodos: Foram avaliados 111 atletas masculinos ($18,58 \pm 1,06$ anos), participantes do Campeonato Mineiro de futebol sub-20. A mediana do tempo de prática foi de 10 anos. Foi utilizado o Questionário de dados demográficos e a Escala de motivação no esporte (SMS). Aplicou-se o teste Alpha de Cronbach e Kolmogorov-Smirnov, seguido de estatística descritiva e teste 'U' de Mann-Whitney, adotando $p < 0,05$.

Resultados: A confiabilidade geral do SMS foi de $\alpha = 0,903$. Houve diferença na comparação do tempo de prática entre os grupos “abaixo de 10 anos de prática” e “acima de 10 anos de prática” ($p < 0,001$), com tamanho de efeito grande ($r = 0,85$) (Tabela 1).

Tabela 1 - Comparação das dimensões de motivação em relação ao tempo de prática dos atletas de futebol.

Dimensões	Tempo de prática		p =
	<10 anos Mediana (Q1-Q3)	>10 anos Mediana (Q1-Q3)	
Desmotivação	1,00 (1,00-1,75)	1,25 (1,00-2,25)	0,248
ME de Identificação	3,50 (2,50-4,50)	3,75 (3,00-5,00)	0,129
ME de Introeção	3,75 (2,50-4,25)	4,00 (2,50-5,25)	0,111
ME de Regulação Externa	3,25 (2,50-4,25)	3,50 (2,50-4,50)	0,273
MI de Experiências Estimulantes	5,75 (4,75-6,25)	5,75 (5,00-6,25)	0,644
MI para Atingir Objetivos	5,00 (4,00-6,00)	5,00 (4,25-6,00)	0,859
MI para Conhecer	5,00 (3,75-6,00)	5,25 (3,75-6,00)	0,304

Motivação Extrínseca (ME), Motivação Intrínseca (MI).

* ($p < 0,05$)

Conclusão: Concluiu-se que não houve influência do tempo de prática na motivação de atletas que disputaram o Campeonato Mineiro de futebol sub-20.

Palavras-chave: futebol, atletas, motivação.

Perfil motivacional de uma equipe de futebol profissional no início da temporada esportiva (A0018)

Leonardo Henrique Silva Fagundes¹; Cleiton Pereira Reis¹; Varley Teoldo da Costa¹

¹Universidade Federal de Minas Gerais.

Introdução: No futebol profissional, a motivação intrínseca, a motivação extrínseca e a desmotivação podem ser consideradas como elementos importantes que interferem na conduta do atleta frente as demandas de treinamentos e jogos.

Objetivo: O objetivo do estudo é verificar o perfil motivacional dos atletas de uma equipe de futebol profissional.

Métodos: Participaram do estudo 32 atletas de futebol profissional ($24,15 \pm 4,57$ anos). Foi utilizado

o instrumento: Escala de Motivação no Esporte (SMS), que mede as dimensões motivação intrínseca, motivação extrínseca, desmotivação e fornece um índice de autodeterminação. Em uma escala de Likert de 7 pontos (1-7). A coleta de dados aconteceu no primeiro dia de reapresentação dos atletas após as férias, na temporada 2015 e os valores foram considerados como basal. Foi feito um teste de normalidade de Shapiro Wilk, e verificou-se que os dados apresentaram uma distribuição não paramétrica. Utilizou-se o teste de Friedman ($p < 0,05$) para análise dos valores médios das dimensões. Para a comparação entre as dimensões, foi utilizado o teste de Wilcoxon com a correção de Bonferroni ($p < 0,017$). Utilizou-se o pacote estatístico SPSS versão 20.0 para as análises.

Resultados: A Tabela 1 mostra que existe uma diferença estatística entre as dimensões de motivação para os atletas de futebol profissional. Na Tabela 2, observar-se que para os atletas analisados, os níveis do índice de autodeterminação são maiores que os níveis de motivação intrínseca ($Z = -4,62$, $p = 0,001$), motivação extrínseca ($Z = -4,32$, $p = 0,001$) e desmotivação ($Z = -4,82$, $p = 0,001$).

Tabela 1- Comparação entre os valores médios das dimensões da motivação em atletas de futebol profissional

Dimensões da motivação	média, dp	p
motivação intrínseca	5,24 \pm 1,15	*0,001
motivação extrínseca	3,77 \pm 1,34	
desmotivação	1,52 \pm 0,76	
índice de autodeterminação	7,54 \pm 2,72	

* $p < 0,05$

Tabela 2- Comparação entre as dimensões da motivação em atletas de futebol profissional

Comparação entre as dimensões	Z	p
motivação intrínseca x motivação extrínseca	-4,84	*0,001
motivação intrínseca x desmotivação	-4,93	*0,001
motivação intrínseca x índice de autodeterminação	-4,32	*0,001
motivação extrínseca x desmotivação	-4,93	*0,001
motivação extrínseca x índice de autodeterminação	-4,62	*0,001
desmotivação x índice de autodeterminação	-4,82	*0,001

* $p < 0,017$

Conclusão: Concluiu-se que não houve influência do tempo de prática na motivação de atletas que disputaram o Campeonato Mineiro de futebol sub-20.

Palavras-chave: futebol, atletas, motivação.

Relação entre os níveis motivacionais e a eficácia coletiva de atletas do handebol paranaense (A0019)

Vandressa Teixeira Ribeiro¹; Patrik Felipe Nazario¹; Caio Rosas Moreira¹; Marcus Vinicius² Mizoguchi; José Roberto Andrade do Nascimento Junior³; Lenamar Fiorese Vieira¹

¹Universidade Estadual de Maringá; ²Universidade Federal de Mato Grosso; ³Universidade Federal do Vale do São Francisco.

Introdução: A motivação tem sido considerada um fator psicológico interveniente importante no contexto esportivo, e seus estudos têm como objetivo geral aperfeiçoar as ações do ser humano, contribuindo para a melhora de habilidades, alcance de metas e das necessidades individuais e/ou coletivas de atletas.

Objetivo: Correlacionar os níveis motivacionais e a eficácia coletiva dos atletas de handebol dos Jogos Abertos do Paraná de 2014.

Métodos: Fizeram parte do estudo 154 atletas (24,51±6,55 anos), sendo 90 do sexo masculino e 64 do sexo feminino. Os instrumentos utilizados foram a Escala de Motivação para o Esporte (SMS) e o Questionário de Eficácia Coletiva para o Esporte (CEQS). Para análise dos dados utilizou-se os testes Kolmogorov-Smirnov e o teste de correlação de Spearman, adotando $p < 0,05$.

Resultados: Foram encontradas correlações significativas entre a eficácia coletiva e motivação dos atletas de ambos os sexos; com relação ao sexo feminino verificaram-se correlações negativas entre a dimensão de amotivação e as dimensões de eficácia coletiva de habilidade ($p = -0,27$), esforço ($p = -0,34$), persistência ($p = -0,34$) e união ($p = -0,34$); enquanto no sexo masculino, observaram-se correlações significativas positivas entre a dimensão de motivação intrínseca por experiências estimulantes com as dimensões de eficácia coletiva de habilidade ($p = 0,22$) e esforço ($p = 0,29$), e entre a dimensão de motivação intrínseca para atingir objetivos com a dimensão de eficácia coletiva de preparação ($p = 0,23$).

Conclusão: A percepção de eficácia coletiva das equipes do handebol paranaense, apresentou maiores correlações com a motivação intrínseca de experiências estimulantes e para atingir os objetivos competitivos.

Palavras-chave: handebol, atletas, motivação.

Propriedades psicométricas do questionário de relacionamento treinador-atleta (CART-Q) versão atleta para o contexto esportivo brasileiro (A0020)

José Roberto Andrade do Nascimento Júnior¹; João Ricardo Nickenig Vissoci²; Sophia Jowett³; Constanza Pujals²; Renan Codonhato⁴; Lenamar Fiorese Vieira⁴

¹Universidade Estadual de Maringá; ²Universidade Federal de Mato Grosso; ³Universidade Federal do Vale do São Francisco.

Introdução: O relacionamento treinador-atleta tem sido considerado como fundamental para o desenvolvimento psicossocial, motor e físico de atletas, influenciando diretamente na carreira esportiva. A base teórica para estudo dessa relação tem se pautado na perspectiva da liderança, desta forma, o contexto das relações sociais tem recebido menor atenção. Para suprir essa necessidade, foi desenvolvido o Questionário de Relacionamento Treinador-Atleta (CART-Q), que avalia esse relacionamento na perspectiva teórica dos 3 C's (comprometimento, complementariedade e proximidade).

Objetivo: O estudo teve como objetivo analisar as propriedades psicométricas da versão brasileira do CART-Q.

Métodos: Foram realizados três estudos: no Estudo 1, o questionário original foi adaptado para o contexto brasileiro por quatro tradutores e cinco experts em psicologia do esporte; o coeficiente de validade de conteúdo (CVC) e entrevistas foram usados para a análise; Participaram do Estudo 2, 364 atletas de modalidades individuais e coletivas, com análise feita por meio do alpha de Cronbach e Análise Fatorial Confirmatória (AFC); Para o Estudo 3, uma amostra independente de 185 atletas respondeu o CART-Q e o *Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire* (TEOSQ) para validade externa, e 50 atletas responderam o CART-Q em dois momentos para avaliar a estabilidade temporal; Correlação de Spearman, Coeficiente de Correlação-Intraclasse (CCI) e AFC foram usados para análise dos dados.

Resultados: O instrumento apresentou questões claras e relevantes (CVC >0,80); a consistência interna foi satisfatória ($\alpha > 0,70$ /CC >0,70); o modelo com 11 itens apresentou ajuste satisfatório ($X^2/df = 3,03$; CFI = 0,96, GFI = 0,94; TLI = 0,94; RMSEA = 0,08).

Conclusão: Com os resultados do presente estudo, foi evidenciada a validade externa ($r > 0,40$) com o TEOSQ e a interna (AFC com amostra independente), e a estabilidade temporal aceitável (CCI >0,70). A versão brasileira do CART-Q para o

contexto esportivo brasileiro mostrou-se válida para avaliar a percepção do atleta sobre sua relação com o treinador.

Palavras-chave: validade interna, validade externa, propriedades psicométricas, atletas.

Validação do *Learning Climate Questionnaire* (LCQ): um questionário para avaliação do clima de aprendizagem (A0021)

Luciane Cristina Arantes da Costa¹; Jorge Both²; Patricia Carolina Borsato Passos³; Alexandre Igor Araripe Medeiros⁴; João Marôco⁵; Lenamar Fiorese Vieira¹

¹Universidade Estadual de Maringá (UEM); ²Universidade Estadual de Londrina (UEL); ³Universidade do Paraná (UNIPAR); ⁴Universidade Federal do Ceará (UFC); ⁵Instituto Universitário (ISPA).

Introdução: O clima de aprendizagem é considerado uma atmosfera apropriada para que os alunos possam criar vínculos afetivos no ambiente escolar, influenciando sua motivação.

Objetivo: Validar o questionário *Learning Climate Questionnaire* (LCQ) para a realidade brasileira.

Métodos: A adaptação transcultural foi realizada por três doutores em Psicologia do Esporte envolvidos no processo de avaliação de validade de conteúdo, após a realização da tradução e do *back translation*. Para a avaliação da consistência interna e validação do constructo do LCQ a amostra foi composta por 403 alunos de escolas estaduais do noroeste do Paraná. A Análise Fatorial Confirmatória foi realizada por meio do Método de Máxima Verossimilhança.

Resultados: Os resultados evidenciaram que a versão para a língua portuguesa contém questões adequadas em relação à clareza de linguagem e pertinência prática (CVC>0,83). A fidedignidade teste-reteste foi satisfatória (R=0,72). A análise fatorial confirmatória apresentou índices de ajustamento adequados ($\chi^2/df = 2,81$, GFI = 0,92, CFI = 0,93, TLI = 0,92, RMSEA = 0,06).

Conclusão: Concluiu-se que a versão para a língua portuguesa do LCQ mostrou-se válida para avaliar o clima de aprendizagem no contexto escolar brasileiro.

Palavras-chave: clima psicológico, aprendizagem, validação.

Tradução, adaptação transcultural e estrutura fatorial da versão brasileira do Inventário de Impulsividade de Dickman (A0022)

Áurea Kely Viana Gomes¹; Maicon Rodrigues Albuquerque¹

¹Universidade Federal de Viçosa.

Introdução: O tema impulsividade tem sido tratado como negativo em diversos contextos (ex. transtornos psiquiátricos), no entanto, alguns autores acreditam que as consequências da impulsividade nem sempre são negativas. Por exemplo, em modalidades esportivas (ex. modalidades abertas) os praticantes devem responder de forma rápida já que o tempo disponível para as tomadas de decisões é restrito.

Objetivo: O presente estudo teve como objetivos traduzir, adaptar e validar o instrumento Dickman's *Impulsivity Inventor* para aplicação em adultos brasileiros, já que este é o único instrumento de impulsividade que investiga sua dimensão funcional (IF) e disfuncional (ID).

Métodos: O instrumento foi traduzido e adaptado seguindo uma metodologia rigorosa, que inclui a duas traduções independentes, síntese das traduções e duas retrotradução feitas também de forma independentes, análise de vieses e discrepâncias por dois especialistas com experiência em adaptação transcultural. A versão final foi aplicada em 405 estudantes universitários. Os dados foram analisados por meio de Análise Fatorial Confirmatória (AFC) e Exploratória (AFE). Também foi avaliada a validade convergente e discriminante realizando análises de correlação de Pearson, a consistência interna foi avaliada por meio do alfa de Cronbach (α) e a confiabilidade teste-reteste foi verificada por meio do Coeficiente de Correlação Intraclasse (ICC) e pelo teste *t* pareado de Student para comparar as resposta em um intervalo de duas semanas.

Resultados: A AFC indicou que a versão de 23 itens não se adequou aos ajustes do modelo. A AFE com 18 itens indicou medidas de ajuste adequados [CFI = 0,923; TLI = 0,90; RMSEA = 0,057], que juntamente com os valores da consistência interna (IF = 0,73 e ID = 0,75), da validade convergente e do teste-reteste confirmaram a qualidade do instrumento na versão brasileira.

Conclusão: Conclui-se que esta adaptação apresenta-se pronta para utilização em adultos brasileiros semelhantes à amostra do estudo.

Palavras-chave: impulsividade, validação, adaptação, propriedades psicométricas.

Exploratory Structural Equation Modeling (ESEM): evidências de validade da escala de paixão (A0023)

Evandro Morais Peixoto¹; Ricardo Castillo de Almeida²; Leonardo Pestillo de Oliveira³; Tatiana de Cássia Nakano²; Marcos Alencar Abaide Balbinotti²

¹Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUCC;

²Université du Québec à Trois Rivières – UQTR; ³Centro Universitário Cesumar - UniCesumar.

Introdução: Análise Fatorial Exploratória (AFE) e Análise Fatorial Confirmatória (AFC) são métodos comumente utilizados por pesquisadores em Psicologia do Esporte e do Exercício Físico (PEEF) que objetivam estimar evidências de validade dos instrumentos desenvolvidos na área. Mais especificamente a AFC tem se caracterizado como principal abordagem na avaliação do ajuste dos dados empíricos observados aos modelos teóricos, avaliação da invariância de modelos fatoriais e função diferencial do item (DIF) frente a diferentes grupos. Contudo, a alta restrição destes modelos, nos quais os itens são intencionalmente dispostos a correlacionar-se com apenas um fator tem ocasionado algumas falhas nas buscas de tais evidências, as quais podem ser solucionadas fazendo-se uso do *Exploratory Structural Equation Modeling* (ESEM) para avaliação da estrutura interna dos instrumentos desenvolvidos em PEEF. Dentre as principais características deste modelo encontram a interação das principais funções da AFE e AFC. Com base em informações prévias o pesquisador estabelece o número de fatores e uma estrutura complexa onde todos os itens podem se relacionar com todos os fatores é estimada. Um exemplo de aplicação da ESEM foi realizado com a versão brasileira da Escala de Paixão, desenvolvida pelo canadense Robert Valerand e colaboradores, que se baseia no modelo bidimensional da Paixão: Harmoniosa (6 itens) e Obsessiva (6 itens).

Objetivo: O presente estudo teve como objetivos avaliar as propriedades psicométricas da escalada paixão (ESEM).

Métodos: O instrumento foi aplicado em 709 atletas brasileiros (idade: 16,62±3,20; 58,4% homens).

Resultados: Diferentes modelos fatoriais, estimados com métodos adequados a itens ordinais (WLSMV) por meio do software Mplus 7.11, foram avaliados: Unidimensional e Bidimensional (AFC) e bidimensional (ESEM). Conforme a justificativa inicial, o último modelo apresentou melhores índices de ajustes ($X^2/df= 3,33$; CFI= 0,97; TLI= 0,95; RMSEA= 0,07; IC 90% = 0,06-0,08).

Conclusão: A comparação das cargas fatoriais, a invariância fatorial entre homens e mulheres e

análise de DIF também indicaram a pertinência do modelo ESEM.

Palavras-chave: escala da paixão, validação, adaptação, propriedades psicométricas.

Contribuições do Bifactor Model para avaliação da dimensionalidade do inventário de valores do esporte juvenil (IVEJ-2) (A0024)

Ricardo Pedrozo Saldanha¹; Evandro Morais Peixoto²; Tatiana de Cássia Nakano²; Átila Américo Osório¹; Marcos Alencar Abaide Balbinotti³

¹PPG em Saúde e Desenvolvimento Humano – UNILASALLE-Canoas/RS; ²Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUCC; ³Université du Québec à Trois-Rivières– UQTR.

Introdução: Dada a necessidade de instrumentos capazes de medir este construto de maneira confiável, a busca por evidências de validade que possibilitem interpretações a partir dos escores do instrumento, assim como as dificuldades que têm sido encontradas por pesquisadores da área para confirmar esta estrutura, o presente estudo foi concebido. Diferentes modelos foram comparados: unidimensional, modelo com três fatores correlacionados e modelo *Bifactor* com os três fatores teoricamente definidos e um fator geral.

Objetivo: Essa pesquisa tem como objetivo estimar as primeiras evidências de validade com base na estrutura interna da versão brasileira do Inventário de Valores do Esporte Juvenil (IVEJ-2), um instrumento composto por 13 itens que objetiva a avaliação dos valores inerentes ao esporte juvenil, fração determinante no desenvolvimento moral desta população. O instrumento é composto por três dimensões: status (4 itens), competência (4 itens) e moral (5 itens).

Métodos: Uma amostra de 569 jovens respondeu ao instrumento (idade=13, ±0,40; 56% homens), todos praticantes de atividades esportivas em projetos sociais no sul do Brasil. Para avaliação dos modelos recorreu-se a *Structural Equation Modeling* (SEM) estimados pelo método (WLSMV) no software Mplus 7.11.

Resultados: Índices de ajustes significativamente melhores para o modelo *Bifactor* foram observados ($X^2/df= 2,30$; CFI= 0,96; TLI= 0,94; RMSEA= 0,05; IC 90%= 0,04-0,06), sugerindo adequação dos dados à estrutura composta por fator geral (valores) e três fatores específicos (status, competência e moral). O método ômega hierárquico foi empregado para avaliação da precisão dos fatores, controlando-se o efeito do fator geral: 0,66 para o fator geral e 0,11, 0,05 e 0,02, respectivamente, para os específicos.

Conclusão: Tais resultados sugeriram que quantidade elevada da variância nos escores pode

ser atribuída ao fator geral. A pesquisa estimou as primeiras evidências à interpretação dos escores obtidos através do IVEJ-2.

Palavras-chave: escala de valores, esporte, validação, propriedades psicométricas.

Desenvolvimento do Questionário dos Aspectos Intangíveis do Potencial Esportivo (AO025)

Francisco Zacaron Werneck¹; Emerson Filipino Coelho¹; Luciano Miranda²; Davi Mól Barbosa¹, Renato Melo Ferreira¹

¹Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Centro Desportivo (CEDUFOP), Laboratório de Estudos e Pesquisas do Exercício e Esporte (LABESPEE), Grupo de Estudos do Jovem Atleta (GEJA); ²Colégio Militar de Juiz de Fora (CMJF).

Introdução: O potencial esportivo de jovens atletas inclui aspectos intangíveis difíceis de mensurar através de testes objetivos, mas que podem ser avaliados pelos treinadores.

Objetivo: O objetivo do presente estudo foi apresentar o desenvolvimento, a validade e a fidedignidade do Questionário dos Aspectos Intangíveis do Potencial Esportivo.

Métodos: Foram selecionadas 10 características intangíveis do talento esportivo. O instrumento foi submetido à validade de conteúdo, por três juízes e pré-teste com 12 professores-treinadores, sendo aplicado em 378 alunos-atletas de ambos os sexos, de 11 a 18 anos, de uma escola militar de Minas Gerais. Após testes físicos-motores, os alunos-atletas com desempenho superior ao percentil 98 em pelo menos um dos testes foram classificados como talentos motores. Os professores-treinadores avaliaram os alunos-atletas, numa escala de 1-muito fraco a 5-muito bom em cada uma das características. A validade de construto foi avaliada por análise fatorial exploratória, com testes de Kaiser-Meyer-Olkin e de Bartlett) e a consistência interna pelo coeficiente alpha de Cronbach.

Resultados: Os testes Kaiser-Meyer-Olkin (KMO=0,94) e de esfericidade de Bartlett ($p < 0,001$) indicaram ajuste adequado dos dados à análise fatorial, sendo extraído um fator que explicou 77,4% da variância. A pontuação do questionário varia de 10 a 50 pontos. Os talentos motores apresentaram maior escore no questionário do que os demais alunos ($32,1 \pm 8,5$ vs. $28,7 \pm 8,1$, respectivamente; $p < 0,001$). A consistência interna foi satisfatória ($r = 0,97$).

Conclusão: Concluiu-se que o instrumento desenvolvido mostrou evidências de validade de conteúdo, validade de construto e fidedignidade.

Palavras-chave: esporte, validação, propriedades psicométricas, psicologia do esporte.

Evidências de validade do Questionário de Autoconfiança no Esporte: um estudo preliminar (AO026)

Gabriela Frischknecht¹²³; Andréa Duarte Pesca²³⁴; António Fernando Boletto Rosado⁴; Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes¹; Roberto Moraes Cruz¹

¹Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil; ²Faculdade Avantis, Brasil; ³Faculdade CESUSC, Brasil; ⁴Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa, Portugal.

Introdução: A autoconfiança esportiva pode ser definida como o grau de certeza do atleta de que obterá sucesso no esporte, considerando suas próprias habilidades. Atletas com elevados desempenhos tendem a apresentar essa habilidade psicológica bem desenvolvida. Verificaram-se, na literatura científica, poucos recursos para mensuração desse construto em atletas brasileiros. O único instrumento encontrado foi o Questionário de Autoconfiança no Esporte – QAE (Frischknecht, Cruz & Pesca, 2016), resultante do processo de adaptação transcultural do *Sport-Confidence Inventory* (Vealey, 2003), com evidências validade pela estrutura interna, por análise fatorial exploratória. Os modelos propostos sugerem, para esse construto, a dimensionalidade de três fatores: Autoconfiança em Habilidades Físicas e Treinamento; Autoconfiança em Eficiência Cognitiva e Autoconfiança em Resiliência.

Objetivo: Este estudo teve como objetivo investigar evidências preliminares de validade pela estrutura interna, por análise fatorial confirmatória, e precisão do QAE.

Métodos: A amostra foi composta por 366 atletas, 246 do sexo masculino e 120 do feminino; com idades entre 12 e 22 anos (Média = 15,49; DP = 1,52). Desses, 139 praticam ginástica e 227 futebol. Responderam ao QAE, um ou dois dias prévios competitivos. Evidências de validade pela estrutura interna foram verificadas por meio de análise fatorial confirmatória. Evidências de precisão, por confiabilidade compósita.

Resultados: Os resultados indicaram índices satisfatórios de ajustamento para soluções semelhantes às propostas encontradas na literatura científica, entretanto, com duas dimensões. Evidências de precisão indicaram valores adequados para ambos os fatores, superiores a 0,7. A solução com dois fatores demonstrou resultados preliminares que indicam qualidade psicométrica, preservando o conteúdo da proposta original.

Conclusão: Considera-se que o aprofundamento deste estudo é de relevância científica e profissional em Psicologia do Esporte, com perspectivas de aprimoramento da mensuração da autoconfiança esportiva em atletas brasileiros.

Palavras-chave: esporte, validação, propriedades psicométricas, psicologia do esporte.

Modelo hierárquico de vulnerabilidade no esporte (A0027)

Flávio Rebutini^{1,2}; Afonso Antonio Machado¹

¹Universidade Estadual Paulista – UNESP – Rio Claro – SP;

²Universidade Estácio de Sá.

Introdução: Os estudos sobre a vulnerabilidade no esporte são raros e inconsistentes, normalmente centrados nas lesões e situações agudas.

Objetivo: O objetivo foi desenvolver um modelo hierárquico de vulnerabilidade para o esporte.

Métodos: Foram realizadas entrevistas *In-depth* com 21 participantes do esporte de alto rendimento, sendo 7 atletas, 4 técnicos, 3 gestores, 3 psicólogos do esporte e 4 jornalistas, destes 15 tinham experiências em competições internacionais de alto rendimento (Olimpíada e Mundiais) e 6 em competições nacionais. Foi aplicada a análise de conteúdo com a categorização e hierarquização das temáticas. O desenvolvimento das categorias ocorreu a partir dos resultados, sem definição prévia. As análises apontaram para um cenário complexo de aspectos que podem desencadear a vulnerabilidade no ambiente esportivo.

Resultados: A categorização gerou 1 metaclasses (Formação Educacional) que apareceu em todas as entrevistas e permeia praticamente todas as classes e categorias subjacentes; os resultados foram organizados em 5 classes de categorias, compostas por 26 categorias construídas a partir das entrevistas: Instituição e Políticas (Legislação, Políticas de Incentivo, Verbas, Infraestrutura e Corrupção); Comunicação e Marketing (Patrocínios, Mídia, Novas Mídias e Redes Sociais); Desenvolvimento Esportivo (Iniciação Esportiva, Especialização Precoce, Transição de Carreira e Abandono Esportivo); Aspectos Psicossociais (Fatores Emocionais, Gênero, Religião e Espiritualidade, Imagem Corporal, Racismo, Violência e Aspectos éticos e Morais) Desempenho Esportivo (Resultado Esportivo, *Overtraining*, *Doping*, Lesões, Expatriação), uma categoria foi denominada de transcategoria (Assédio) pois ela perpassa o discurso dos entrevistados sobre várias outras categorias discutidas.

Conclusão: Depreende-se que a vulnerabilidade está mais presente no ambiente esportivo do que a literatura tem relatado, de forma muito complexa e recorrente e que através do modelo desenvolvido é possível entender como ela se manifesta e buscar formas de intervenção para sua mitigação.

Palavras-chave: esporte, validação, propriedades psicométricas, psicologia do esporte.

Smartphone application use for initiating and maintaining physical activity: a descriptive analysis (A0028)

André Aroni^{1,2}; Elmer Castillo³; Catarina Sousa⁴; Afonso Machado¹; Gershon Tenenbaum

¹Universidade Estadual Paulista – Brazil; ²Metrocamp – Brazil; ³Florida State University –United States of America; ⁴Universitat Autònoma de Barcelona – Spain.

Introduction: Over the last 10 years, a myriad of companies world-wide have invested in new technologies to help people initiate and maintain physical activity. At the same time, research has shown promising and consistent results indicating a positive relation between more autonomous forms of motivation and exercising.

Objective: The aim of this study was to explore the degree to which smartphone-based fitness applications help people start and maintain a regular physical activity.

Methods: This descriptive and exploratory cross-continental study was approved by the Research Ethics Committee of the UNESP's Institute of Biology in Rio Claro / Brazil. The study consisted of 904 people from the continents of North America, South America, and Europe. The single inclusion criterion was using a smartphone. A survey form was developed through Google Drive® and was distributed through the social media. The survey was composed of demographic questions, closed questions, and scales with Likert-type responses. The questions were designed exclusively for the purpose of exploring how smartphone physical activity apps influenced exercise habits.

Results: Findings revealed that 52.3% of the participants in South America, 72.7% in North America, and 80.1% in Europe had downloaded a physical activity app on their smartphones. Of these, 8.1% in South America, 5.9% in North America, and 1.9% in Europe reported that the application helped them very much in beginning an exercise regimen. Similarly, 8.9% from North America, 6.9% from Europe, and 7.1% from South America reported that it helped them very much to maintain their already implemented exercise regimen.

Conclusion: The findings revealed that fitness applications for smartphones have limited effect on exercise engagement; for the majority who download them, they remain unused, and at this stage do not become part of their internal state of mind.

Palavras-chave: sport, exercise, health, technology.

Estado de humor e qualidade de vida de dependentes químicos em tratamento praticantes e não praticantes de

exercício físico no interior do Paraná (A0029)

Paulo Vitor Suto Aizava¹; Louizy Carla Cassiano Lustosa Marques¹

¹Universidade Estadual de Maringá (PR) – Departamento de Educação Física.

Introdução: A dependência química é uma condição a qual o indivíduo faz uso descontrolado de uma ou mais substâncias químicas psicoativas, influenciando diretamente na sua qualidade de vida e no seu estado de humor.

Objetivo: O objetivo deste trabalho foi analisar a relação do exercício físico no estado de humor e na qualidade de vida de dependentes químicos em duas comunidades terapêuticas no interior do Paraná.

Métodos: Foram utilizados dois instrumentos: Formulário Curto Para Pesquisa Em Saúde e Qualidade de Vida (*Medical Outcomes Study 36 – item 22 short – form health survey*) (SF-36) e a Escala de Humor Brasileira (BRAMS). Foram sujeitos 27 dependentes do sexo masculino em tratamento, 17 praticantes de exercícios físicos e 10 não praticantes de exercícios físicos. A coleta de dados foi realizada de forma individual de acordo com a disponibilidade e consentimento dos sujeitos. Os dados foram analisados através de estatística descritiva (mediana e intervalo interquartil) e inferencial através dos testes: teste de normalidade de Shapiro-Wilk, teste 'U' de Mann-Whitney, coeficiente de correlação de Spearman e o coeficiente Alpha de Cronbach ($p < 0,05$).

Resultados: Os resultados evidenciaram que ambos os grupos não apresentaram o estado de humor ideal (perfil iceberg), e demonstraram níveis bons e muito bons de qualidade de vida, sendo esses praticantes ou não de exercícios físicos regulares. As correlações encontradas entre estado de humor e qualidade de vida dos indivíduos foram inversamente proporcionais, ou seja, mesmo com alterações negativas no estado de humor, os indivíduos em tratamento possuem um nível muito bom de qualidade de vida.

Conclusão: Conclui-se que a dependência química pode ser um fator interveniente no estado de humor das pessoas, assim como a eficácia dos tratamentos, incluindo a prática de regular de exercícios físicos, são fatores positivos na qualidade de vida do grupo estudado.

Palavras-chave: exercício físico, dependência química, saúde mental, qualidade de vida.

Subjetividade coletiva e sua construção por meio do esporte e da tecnologia (A0030)

Arthur Bernardino Domene Sena; Afonso Antonio Machado; Marcelo Callegari Zanetti

Introdução: O presente artigo foi uma iniciativa de pesquisa realizada no Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte – LEPESPE. Esse está ligado a um Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias tendo como foco a produção, a análise e a intervenção de tecnologias nas dimensões de adaptabilidade ambiental do ser humano, as quais ocorrem em diversos campos, a saber: cultural, educacional, esportivo, da reabilitação, do lazer e do trabalho. Por meio de uma pesquisa qualitativa, busca-se entender a relação entre esporte, tecnologia e subjetividade coletiva.

Objetivo: Procurou-se compreender a existência de alguma influência ideológica da capoeira sobre a subjetividade do grupo de praticantes dessa arte marcial, bem como se tal grupo afetava a subjetividade individual de seus membros, além de analisar a possível influência da mais variadas formas de tecnologias (redes sociais; filmes; próteses ortopédicas, etc.) sobre a subjetividade coletiva daquelas pessoas.

Métodos: A partir da necessidade de pesquisar o tema acima referido, escolheu-se a metodologia de pesquisa bibliográfica com intuito de agregar material científico acadêmico que contivesse os temas: esporte, subjetividade e tecnologia, agregada a um questionário com 15 perguntas abertas para ser aplicado aos entrevistados e obter a elucidação dos questionamentos surgidos no decorrer da investigação.

Resultados: Tais indagações estavam ligadas tanto ao sentir psíquico quanto ao físico, numa tentativa de compreender as construções/desconstruções subjetivas acontecidas a partir das vivências em grupo; quais relações os capoeiristas tem com as mais variadas formas de tecnologias e como essa interação afeta seu cotidiano.

Conclusão: Ao término, após análise de conteúdo, chegamos às considerações finais que apontam, sim, que as tecnologias influenciam na subjetividade humana, seja essa coletiva ou individual; notou-se que o grupo utiliza das mais variadas formas de tecnologia para agregar pessoas para si, além de disseminar seus ideais por meio das ferramentas tecnológicas referidas anteriormente, ou seja, foi percebido uma relação entre estilo de vida, ideologia e tecnologia.

Palavras-chave: exercício físico, psicologia, subjetividade.

Perfil da qualidade do sono e cronotipo de nadadores paralímpicos durante uma fase de treinamento (A0031)

Bruno A. Cavalcanti¹; João Paulo P. Rosa¹; Andressa Silva¹; Dayane F. Rodrigues¹; Mário Antônio Simim¹; Marco Túlio De Melo¹

¹Universidade Federal de Minas Gerais.

Introdução: Nos últimos anos, o esporte paralímpico aumentou sua popularidade no cenário esportivo nacional e internacional. A natação é uma das modalidades com maior tradição e competitividade no esporte paralímpico, exigindo dos atletas à busca constante do alto desempenho atlético por meio de planejamento do treinamento físico, técnico e psicológico. O sono e o cronotipo são importantes fatores que devem ser controlados e avaliados durante o processo do treinamento esportivo, auxiliando na recuperação cognitiva e física.

Objetivo: Determinar o perfil da qualidade do sono e cronotipo de nadadores paralímpicos durante uma fase de treinamento.

Métodos: Foram avaliados 22 atletas de ambos os sexos (14 homens e 8 mulheres) com idade média de $26,18 \pm 7,3$ anos da Seleção Permanente de Natação Paralímpica Brasileira. Os atletas responderam em forma de entrevista aos questionários de cronotipo (Horne & Ostberg) e qualidade de sono (Índice de qualidade de sono de Pittsburgh).

Resultados: Noventa e cinco por cento dos atletas foram classificados como “matutino” ou “intermediário”, sendo 14% “definitivamente matutino”, 36% “moderadamente matutino” e 45% “intermediário”. No entanto, 91% dos atletas apresentaram má qualidade do sono com 59% deles exibiram um tempo aumentado para latência de sono ($38,1 \pm 38,2$ minutos) mesmo obtendo em média um tempo total de sono de $07h:45min \pm 0,05$ horas por noite.

Conclusão: Os resultados indicam a preferência ou adaptação dos nadadores paralímpicos por atividades no período da manhã. No entanto a maioria dos atletas apresentaram má qualidade do sono (eficiência < 85%) e alta latência do sono (> 20 min), o que pode resultar em baixos níveis de recuperação física ou cognitiva para o treino do dia seguinte.

Palavras-chave: sono, paratletas, treinamento esportivo.

O fator psicológico como influenciador na qualidade de vida dos corredores de rua da elite do atletismo goiano (A0032)

Ernesto Flavio B. B. Pereira; Adriana Costa Borges

Introdução: Considerando-se que a qualidade de vida (QV), é entendida como um construto subjetivo ligado à satisfação do indivíduo em diferentes esferas da sua vida, a sua melhoria no ambiente esportivo poderá ter reflexo em todo o seu contexto social, bem como no nível de performance atlética.

Objetivo: Identificar a percepção de qualidade de vida dos corredores de rua da elite do atletismo goiano na prova de 10 quilômetros.

Métodos: A amostra foi composta por 20 atletas da elite de corredores de rua com idades entre 18 a 55 anos. A coleta de dados utilizou-se de dois questionários: Qualidade de Vida WHOQOL-bref e Qualidade de Vida para Atletas (QQVA). A análise dos dados foi executada através do SPSS® 11.0.

Resultados: Verificou-se através do WHOQOL-bref, que o domínio psicológico obteve maior significância ($78,34$ dp $5,83$) em todos os domínios. No QQVA verificou-se que indivíduos divorciados/separados na dimensão psicológica foram os que apresentaram escore mais baixo ($43,75 \pm 8,84$) enquanto que o escore mais elevado foi dos casados ($79,17 \pm 22,53$). Neste estudo observou-se que os fatores mais identificados pelos atletas no domínio psicológico foi o nível de alto confiança, prazer nos treinos e competições e sentimentos positivos.

Conclusão: Pode-se concluir que o fator mais interveniente na vida dos atletas está relacionado ao domínio psicológico. Este resultado, alinhado com a literatura, vem reforçar que o aspecto psicológico vem ganhando cada dia mais ênfase, dentro do contexto de alto rendimento, no sentido de contribuir para a melhoria do desempenho esportivo do atleta, demonstrando a importância da psicologia do esporte na preparação de atletas de alto rendimento.

Palavras-chave: atletas, corrida, psicologia, qualidade de vida.

Programa Nacional para la formación integral del futbolista juvenil uruguayo (A0033)

Jorge Ferrari¹; Graciela Pereira¹; Beatriz Torres¹; Silvia Martínez¹; David Burgues¹; Marco Gentini¹; Martín Bergaló¹

¹UDELAR-Universidad de La República Oriental Del Uruguay, Montevideo-Uruguay.

Introducción: El Programa Nacional para la formación integral del futbolista juvenil uruguayo se ejecuta a partir del año 2009 desde la Secretaría Nacional de Deportes y trabaja en tres aspectos fundamentales: educación, salud y deporte. En educación el cometido fundamental es estimular al jugador a transitar los cursos formales y acompañarlo en este proceso; en el aspecto sanitario se trabaja tanto en la prevención como en el plano asistencial y lo deportivo tiene como área de impacto el fútbol en su práctica tanto a nivel de entrenamiento como en la propia competencia.

Objetivo: Presentar el programa a la comunidad científica.

Métodos: Hasta 2015 se han realizado por parte del Área de Psicología del Deporte cinco ciclos de trabajo, todos estos siendo coadyuvantes a los fines del Programa y buscando que los jóvenes comenzaran a incorporar conceptos relacionados con la Psicología como aspecto fundamental de su vida, tanto para su desarrollo personal, como social y deportivo.

Resultados: En todos los ciclos se utilizó distintas metodologías en función de los objetivos específicos de cada uno de ellos.

Conclusión: Primer ciclo: Aproximación Diagnóstica de los deportistas; Segundo ciclo: Información y difusión de la Psicología del Deporte a jugadores, cuerpos técnicos y referentes de los clubes; Tercer ciclo: La Ansiedad en el deporte, información y manejo de la misma; Cuarto ciclo: Intervención como psicólogos del deporte durante dos meses en cada institución trabajando uno de estos temas: Control de la Ansiedad, Motivación, Cohesión de Equipo y Comunicación; Quinto ciclo: Intervención como psicólogos del deporte durante tres meses sólo con la categoría sub 16 de cada club sin temas establecidos de antemano y sumando a los cuerpos técnicos en nuestra tarea. También en todos los ciclos existió la posibilidad para los futbolistas que los atendiéramos en régimen de Consulta Psicológica tanto por su propia demanda como por sugerencia de sus entrenadores o referente del club

Palabras-chave: futbol, atletas, entrenamiento deportivo.

A inteligência no contexto do futsal paranaense: uma análise fundamentada na Teoria Triárquica (A0034)

William Fernando Garcia¹; Andressa Ribeiro Contreira¹; Vandressa Teixeira Ribeiro¹; Renan Codonhato¹; Patricia Carolina Borsato Passos¹⁻²; Lenamar Fiorese Vieira¹

¹Universidade Estadual de Maringá – UEM; ²Universidade Paranaense – UNIPAR.

Introdução: A Teoria Triárquica da Inteligência visa a compreensão dos processos, estratégias e representações mentais utilizados pelos indivíduos no desempenho inteligente de tarefas. Para que tais desempenhos possam transcender, dois elementos são determinantes no processamento da informação, a experiência com tarefas e o contexto em que o indivíduo está inserido.

Objetivo: Analisar as estratégias de inteligência utilizadas pelos atletas de futsal do estado do Paraná, segundo os pressupostos da Teoria Triárquica da Inteligência de Sternberg (1985).

Métodos: Participaram do estudo 27 atletas de futsal do sexo masculino, participantes das 3 divisões do Campeonato Paranaense de Futsal, Chave Ouro, Chave Prata e Chave Bronze. Como instrumentos de medida foram realizadas entrevistas semiestruturadas, elaboradas a partir de uma matriz baseada nos elementos do modelo teórico proposto. Para análise dos dados foi utilizada a análise de conteúdo do tipo categorial de Bardin (2008).

Resultados: Com relação à inteligência contextual, a busca pelo relacionamento interpessoal foi a mais utilizada. Na capacidade de se relacionar com tarefas novas e automatização das mesmas, os comportamentos mais inteligentes foram representados pelo alto grau de interesse pela realização das tarefas, a facilidade no aprendizado das mesmas, bem como as práticas repetidas. A inteligência componencial ficou evidente mediante as estratégias de aprendizagem implícitas no futsal, além de assistir jogos, vídeos como componentes de aquisição de conhecimentos. Adicionalmente, a busca de relacionamento com atletas mais experientes também foi mencionada.

Conclusão: Os atletas de futsal do estado do Paraná que apresentaram estratégias de comportamentos mais inteligentes se caracterizaram pela busca por relacionamentos interpessoais, interesse e facilidade em relacionar-se com novas atividades, assim como pela busca de aprendizagens implícitas. Tais comportamentos abrangem os dois elementos centrais do processamento de informação, a tarefa e o contexto, essenciais para a prática esportiva de rendimento.

Palavras-chave: atletas, futsal, psicologia do esporte.

Tomada de decisão tática e nível técnico de atletas de futsal: um estudo associativo (A0035)

Renan Codonhato¹; William Fernando Garcia¹; Caio Rosas Moreira¹; Luciane Cristina Arantes¹; Vandressa Teixeira Ribeiro¹; Lenamar Fiorese Vieira¹.

¹Universidade Estadual de Maringá – UEM.

Introdução: Devido à complexidade das ações técnicas e táticas presentes no ambiente esportivo, o sucesso de uma equipe depende da capacidade de seus atletas na tomada de decisões rápidas e precisas em meio a um ambiente altamente dinâmico e imprevisível. A tomada de decisão é a realização de um processo intencional de resposta aos estímulos provenientes do esporte, dependente de fatores como situações de pressão, nível de habilidade e experiência do atleta, e a seleção da ação a ser tomada, com base na localização espacial dos jogadores e da bola, sendo considerado, portanto, como uma capacidade cognitiva essencial para o rendimento esportivo.

Objetivo: Associar a capacidade de tomada de decisão de atletas adultos de futsal em função do seu nível técnico.

Métodos: Participaram 114 atletas de futsal do sexo masculino, com média de idade de 24,8±5,1 anos, pertencentes as três equipes melhor classificadas nas divisões Ouro (n=51), Prata (n=33) e Bronze (n=30) do Campeonato Paranaense de Futsal. Como instrumento foi utilizado o Protocolo

de Avaliação do Conhecimento Declarativo no Futebol. Para análise dos dados foram utilizados os testes Qui-Quadrado para tendências e o Modelo de Regressão de Poisson com ajuste robusto de variância, com nível de significância adotado para $p < 0,05$.

Resultados: Não foram encontradas associações significativas para a capacidade de tomada de melhor decisão em atletas convocados ou não para a seleção paranaense ($p > 0,05$). Quanto à atletas da seleção brasileira de futsal (nível técnico), 41,7% dos convocados apresentaram alta capacidade de tomada de melhor decisão, quando comparados a 11,8% dos não convocados. Ocorreu associação significativa na capacidade de tomada de melhor decisão entre os atletas convocados e não convocados ($p = 0,03$), com razão de prevalência de 4,01 (IC95%: 1,07-15,05) para os atletas convocados (Tabela 1).

Conclusão: O nível técnico dos atletas foi positivamente associado com a capacidade de tomada de melhor decisão de atletas de futsal.

Palavras-chave: atletas, futsal, psicologia do esporte.

Tabela 1 – Associação entre a capacidade de tomada de melhor decisão tática e o nível técnico de atletas de futsal (AO035)

Melhor Decisão	Seleção		RP (IC95%)	P
	Não	Sim		
	Seleção Paranaense			
	<i>f</i> (%)			
Baixo	26 (37,7)	15 (33,3)	1,00	
Médio	34 (49,3)	22 (48,9)	1,07 (0,63-1,80)	0,78
Alto	9 (13)	8 (17,8)	1,28 (0,67-2,45)	0,44
	Seleção Brasileira			
	<i>f</i> (%)			
Baixo	38 (37,3)	3 (25,0)	1,00	
Médio	52 (51,0)	4 (33,3)	0,97 (0,22-4,15)	0,97
Alto	12 (11,8)	5 (41,7)	4,01 (1,07-15,05)	0,03*

Diferenças nas estratégias de busca visual de jogadores de futebol com níveis distintos de qualidade em sua tomada de decisão (AO036)

Felippe Cardoso¹; João Vitor de Assis¹; Israel Teoldo¹

¹Núcleo de Pesquisa e Estudo em Futebol da Universidade Federal de Viçosa.

Introdução: As estratégias de busca visual (EBV) adotada pelos jogadores de futebol são determinantes para o sua tomada de decisão (TD). Assim, os jogadores para tomarem decisões mais

adequadas devem centrar a sua atenção e percepção visual sobre as fontes de informação mais relevantes ou eventos-chave sendo capazes de retirar informações de múltiplos locais, em períodos de tempo cada vez mais curtos.

Objetivo: O objetivo deste estudo foi verificar as diferenças entre as EBV de jogadores de futebol com níveis distintos de qualidade em sua TD.

Métodos: Foram avaliados 36 jogadores de futebol das categorias de base. Para a coleta de dados referente à qualidade de TD no jogo, recorreu-se a utilização do FUT-SAT. Com base nos resultados deste teste, os jogadores foram divididos em dois grupos (Melhor e Pior) em relação à sua TD. Para avaliar as EBV dos jogadores utilizou-se um teste de

simulação de vídeo com a utilização do *Mobile Eye Tracking-XG*. Foram utilizadas duas medidas para caracterizar as EBV: número e duração das fixações. Para análise estatística utilizou-se o teste de Shapiro Willk e o teste *t* de Student para amostras independentes. Foi considerado significativo $p < 0,05$.

Resultados: Os resultados são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1: Valores referentes às EBV adotada por jogadores com níveis distintos de qualidade em sua TD.

Taxa de busca visual	Melhor TD	Pior TD	<i>t</i>	<i>p</i>
	(N=18) Média(DP)	(N=18) Média(DP)		
Número de fixações *	32,68(6,43)	15,99(3,54)	-9,647	<0,001
Duração das fixações *	505,41(68,76)	591,92(95,43)	3,119	0,004

*Diferenças significativas

Conclusão: Concluiu-se que os jogadores com melhores resultados no teste de TD apresentam uma EBV diferente dos jogadores com piores resultados neste teste, sendo capazes de realizar mais fixações de curta duração no ambiente de jogo. Tal fato caracteriza uma melhor capacidade em mapear o ambiente de jogo em busca de informações para consubstanciar suas tomadas de decisão.

Palavras-chave: atletas, esporte, psicologia do esporte.

Cognição no futebol: implicações da capacidade de atenção básica para o comportamento tático de jovens jogadores (A0037)

Marcelo Andrade¹; Israel Teoldo¹

¹Universidade Federal de Viçosa.

Introdução: A capacidade de atenção básica vem sendo estudada a fim de identificar sua importância no processo de ensino e treino no futebol. Poucos estudos verificaram as diferenças desta capacidade em jogadores de diferentes habilidades, sobretudo táticas.

Objetivo: Verificar as diferenças na capacidade de atenção básica de jogadores de futebol em relação à eficiência do comportamento tático.

Métodos: A amostra foi composta por 100 jogadores de futebol (média de idade: 13,95 + 1,04) de clubes brasileiros. O instrumento utilizado para avaliar a capacidade de atenção básica dos jogadores foi o *Mental Test and Training System* (MTTS), sendo utilizados dois testes do sistema: i) o teste de atenção e concentração; ii) o teste de percepção periférica. O instrumento utilizado para avaliar a eficiência do comportamento tático dos jogadores foi o Sistema de Avaliação Tática no Futebol (FUT-SAT). Os valores de eficiência do

comportamento tático nas fases defensiva e ofensiva de jogo foram utilizados para caracterizar os grupos de maior e menor desempenho. Os valores dos testes de capacidade de atenção básica foram comparados de acordo com os grupos caracterizados. Foram utilizados os testes de Kolmogorov-Smirnov e Teste *t* de Student para amostras independentes, sendo o nível de significância adotado de $p < 0,05$. Para realização das análises estatísticas foi utilizado o SPSS para Windows, versão 22.

Resultados: Diferenças estatisticamente significativas entre os grupos foram verificadas na fase defensiva de jogo, para os dois testes de atenção básica: i) teste de atenção e concentração [$t(65) = -2,475$; $p = 0,016$; $r = 0,293$] e ii) teste de percepção periférica [$t(65) = -2,689$; $p = 0,009$; $r = 0,316$].

Conclusão: De acordo com os resultados, pode-se afirmar que a capacidade de atenção básica se diferiu entre jogadores com maior e menor eficiência do comportamento tático para a fase defensiva de jogo.

Palavras-chave: atletas, esporte, psicologia do esporte.

Diferenças na busca visual e antecipação em relação à eficiência tática em jovens jogadores de futebol (A0038)

João Vítor de Assis¹; Felipe Cardoso¹; Israel Teoldo¹

¹Universidade Federal de Viçosa.

Introdução: No futebol, a maioria das ações táticas ocorrem sob pressão, com os adversários tentando restringir o tempo e os espaços disponíveis. Neste contexto, os jogadores necessitam aprimorar algumas capacidades perceptivo-cognitivas que serão importantes para o seu rendimento no jogo. Entre estas capacidades a antecipação e a utilização da busca visual (BV) demonstram-se essenciais para os jogadores. Essas capacidades influenciam na qualidade da realização das ações por parte dos jogadores no jogo, possibilitando que os mesmos apresentem uma maior eficiência tática (EFT).

Objetivo: Verificar as diferenças entre BV e a capacidade de antecipação em relação à EFT de jovens jogadores de futebol.

Métodos: A amostra foi composta por 90 jogadores de futebol das categorias de base. Para avaliação da EFT foi utilizado o teste de campo FUT-SAT. O instrumento utilizado para avaliação da BV foi o *Mobile Eye-Tracking- ASL*. Para avaliar a antecipação, foram apresentadas cenas de vídeo com lances de jogos de futebol. Ao final da cena, os jogadores deveriam antecipar a ação do jogador. Os

grupos foram divididos entre (Maior, Menor e Intermediário) de acordo com a ET, o intermediário foi excluído da amostra. Para a análise estatística foram utilizados Kolmogorov-Smirnov, Mann-Whitney e Teste-T para amostras independentes. O nível de significância adotado foi de $p < 0,05$.

Resultados: Os resultados exibem-se na Tabela 1.

Conclusão: A partir dos resultados, foi possível concluir que jovens jogadores de futebol com melhor EFT são melhores na antecipação e utilizam a BV com maior número de fixações de curta duração.

Palavras-chave: atletas, esporte, psicologia do esporte.

Tabela 1 - Teste de Antecipação e Busca Visual

	Eficiência Tática (EFT)		
	Menor (n=22)	Maior (n=22)	p
% Acertos Antecipação*	66,93 ± 12,93	74,77 ± 7,03	Z = -2,640 0,008
Nº de Fixação por cenas*	8,44 ± 2,59	11,05 ± 2,00	t = 3,745 0,001
Duração Fixação por cena (segundos)*	760 ± 202,18	635,77 ± 197,35	t = -2,062 0,045

Mídias sociais e suas influências no ambiente esportivo (A0039)

Guilherme Bagni^{1,2}; Renato Henrique Verzani¹; Kauan Galvão Morão¹; Cláudio Gomes Barbosa¹; Afonso Antonio Machado¹

¹Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Campus Rio Claro; ²Centro Universitário Hermínio Ometto – UNIARARAS.

Introdução: As mídias sociais acarretaram em alterações no ambiente esportivo e, portanto, precisam ser analisadas e avaliadas com cuidado. Comumente temos a aproximação do atleta com o torcedor, porém isso pode ocasionar na invasão da privacidade do atleta. Temos então, duas situações que mostram claramente que as novas mídias podem ser usadas em benefício e/ou malefício dos próprios atletas.

Objetivo: O objetivo foi analisar as relações entre as novas mídias sociais e o ambiente esportivo, buscando compreender modificações e alterações no mesmo.

Métodos: Participaram deste estudo 211 atletas de 10 equipes, além de 10 membros de comissão técnica, todos participantes da Copa São Paulo do ano de 2015. Como instrumento foi utilizado um questionário com 4 perguntas abertas, desenvolvido especificamente para a finalidade de entender as relações da tecnologia com os atletas. Para a análise dos dados foi utilizado a análise de conteúdo.

Resultados: A maior parte dos atletas (52%) indica que as redes sociais trouxeram modificações positivas em suas vidas, especialmente em relação a comunicação social, com amigos e família. Porém, 54% deles veem os aparelhos celulares como prejudiciais em relação a concentração e a atenção, prejudicando devido à perda de foco, especialmente em momentos importantes da competição. A

retirada dos aparelhos eletrônicos em períodos competitivos, que é algo recorrente no ambiente esportivo, não é bem vista por 44% dos atletas, dentre os quais 34% indica que isso pode ter efeito negativo, 38% se dizem indiferente a tal situação e 18% entende os aparelhos eletrônicos como prejudiciais e que a retirada dos mesmos auxilia na manutenção do foco. A adaptação em diferentes cidades também é facilitada pelos aparelhos eletrônicos segundo 89% dos atletas, especialmente em relação aos conhecimentos sobre a cidade (14%).

Conclusão: Observou-se que, apesar da maioria dos atletas enxergar essas modificações como positivas, é necessário analisar cada caso, respeitando-se as individualidades. Assim, as alterações proporcionadas pelas mídias sociais no ambiente esportivo devem ser analisadas e trabalhadas por uma equipe interdisciplinar compondo a comissão técnica, de modo a maximizar o rendimento esportivo e prevenir eventuais problemas.

Palavras-chave: atletas, esporte, psicologia do esporte.

Ciberliderança e a [trans] formação do atleta jovem (A0040)

Altair Moiola¹; Afonso Antonio Machado²

¹UNIP-JK; ²LEPESPE | 2UNESP/SP.

Introdução: A sociedade contemporânea, modelada pela realidade virtual e sua imersão nas redes sociais digitais como *Twitter*, *Whatsapp*, *Facebook*, projeta um sujeito cibernético, nativo digital, autorregulado, modelar, caracterizado por intensa exposição midiática. Formado em um ambiente composto por trocas multidimensionais, este sujeito está exposto aos ditames da liderança online. Nesse cenário, como se configura a dimensão

da ciberliderança comparado com a liderança presencial?

Objetivo: O objetivo foi analisar as relações entre as novas mídias sociais e o ambiente esportivo, buscando compreender modificações e alterações no mesmo.

Métodos: Este estudo teve abordagem qualitativa, descritiva, balizada na pesquisa participante. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada, no chat de mensagens da rede social Facebook, envolvendo a participação de 15 atletas de futebol masculino, com idade entre 15 a 21 anos. Os dados foram analisados com base na netnografia e categorizados em unidades significativas e tratados pela análise temática e análise de discurso.

Resultados: Observou-se a configuração de três tipos de sujeito acordados com os territórios de trânsito e compartilhamento de informações. Um sujeito com a assinatura do ambiente concreto, outro do ambiente esportivo e um terceiro, do ambiente virtual. Nos ambientes concretos e esportivos a figura do líder ainda é marcada pela representatividade simbólica e do papel que os pais e os técnicos exercem. Enquanto que, no ambiente virtual, percebeu-se um misto da ausência completa e uma profusão de agentes marcadores que integram a formação do indivíduo.

Conclusão: Nessa perspectiva, o atleta jovem ora desempenha o papel de líder, ora de liderado, numa constante troca de papéis, modulando seu comportamento de acordo com as conveniências pontuais do ciberespaço. De certo modo, observado pelas narrativas, isso possibilita apontar a formação de um jovem hedonista, cibernarcisista, com uma percepção de liderança difusa entre o concreto e o virtual, dada a impossibilidade de controlar o impacto das suas ações no ambiente ciber. O atleta jovem pode encarnar o papel do ciberlíder bem como ser seduzido pela ostentação dos *youtubers* da moda.

Palavras-chave: atletas, esporte, psicologia do esporte.

Os atletas olímpicos brasileiros e a utilização do *Instagram*: uma análise das imagens publicadas na rede social (A0041)

Vivian de Oliveira¹; Gustavo Lima Isler^{1,2}; André Luis Aroni^{1,3}; Kauan Galvão Morão¹; Afonso Antonio Machado¹

¹LEPESPE, UNESP - Rio Claro/S.P.; ²Claretiano - Rio Claro/S.P.; ³Metrocamp - Campinas/S.P.

Introdução: O *Instagram* é um aplicativo de rede social que possibilita ao usuário editar as imagens feitas pelos dispositivos eletrônicos e compartilhá-las com o mundo. Criado em 2010, o *Instagram*

possui mais de 400 milhões de usuários, sendo a segunda maior rede social do mundo e bastante popular também entre os atletas.

Objetivo: O objetivo deste trabalho foi verificar o conteúdo das postagens no *Instagram* de atletas olímpicos brasileiros, buscando categorizar as imagens de acordo com o tipo, o local e o momento em que foram feitas, a presença de *hashtags*, referências aos patrocinadores, destaque ao corpo e à vestimenta.

Métodos: Esta foi uma pesquisa quali-quantitativa, do tipo descritiva, que utilizou o método netnográfico para a coleta de dados e que se baseia na Sociologia Visual. Os atletas selecionados para as análises foram os brasileiros medalhistas da última edição dos Jogos Olímpicos, em 2012. Para auxiliar a análise das imagens, criou-se um protocolo de análise que compreende itens pertinentes ao objetivo do trabalho. A análise das imagens foi feita por um período de 121 dias.

Resultados: Como principais resultados, encontramos que há uma relação entre o número de postagens e o total de seguidores que os atletas possuem. Verificamos também que a maioria das fotos postadas são dos próprios atletas, em ambientes de trabalho e em momentos de descontração. Na maioria das fotos não há referência aos patrocinadores dos atletas, destaque ao corpo ou a vestimenta dos mesmos. Já o uso de *hashtags* nas legendas é frequente.

Conclusão: Pelos resultados desta pesquisa, sugerimos que a maior parte das postagens feitas são centradas nos próprios atletas. Além disso, parece existir uma necessidade de os atletas mostrarem-se como personalidades do esporte, enfatizando suas profissões. Apesar disso, o potencial para o marketing que existe nas novas mídias ainda é pouco explorado pelos atletas.

Palavras-chave: atletas, esporte, psicologia do esporte.

Relacionamento treinador-atleta e experiências esportivas positivas de jovens atletas paranaenses (A0042)

Gislaine Contessoto Pizzo¹; Andressa Ribeiro Contreira¹; Selso Ananias Siteo¹; Juliana da Matta¹; José Roberto Andrade do Nascimento Junior; Lenamar Fiorese Viera¹

¹Universidade Estadual de Maringá (UEM); ²Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF).

Introdução: A experiência esportiva é caracterizada pelas vivências positivas e/ou negativas no contexto esportivo, que envolvem relações bidirecionais entre o atleta e seus pares. Ao considerar o treinador como um dos agentes mais próximos dos atletas, este, pode agir como um

mediador do desenvolvimento de experiências positivas no contexto esportivo.

Objetivo: Este estudo teve como objetivo investigar o relacionamento treinador-atleta e a experiência esportiva positiva de jovens atletas paranaenses de futsal.

Métodos: Foram sujeitos 126 atletas, de ambos os sexos, com média de idade de 15,3 ±0,8 anos, participantes dos Jogos Escolares da Juventude 2015 (Fase Regional- Paraná). Como instrumentos foram utilizados o Questionário de Relacionamento Treinador-Atleta (CART-Q) e o Questionário da experiência de jovens no esporte (YES-S). Para a análise dos dados, foram utilizados o teste Kolmogorov Smirnov e o coeficiente de correlação de Spearman, adotando-se $p < 0,05$.

Resultados: Foram observadas relações significativas e positivas entre as dimensões “Proximidade” e “Iniciativa” ($r=0,246^{**}$), “Proximidade” e “Estabelecimento de metas” ($r=0,202^*$); “Comprometimento” e “Iniciativa” ($r=0,250^*$); “Complementariedade” e “Iniciativa” ($r=0,214^*$); Estabelecimento de Metas ($r=0,243^*$) e “Habilidades Cognitivas” ($r=0,205^*$) (Tabela 1).

Conclusão: No contexto esportivo paranaense, o relacionamento com o treinador demonstrou ser um elemento interveniente na experiência positiva dos jovens atletas, principalmente nas dimensões de iniciativa e estabelecimento de metas, assim como a experiência positiva pode ser interveniente no relacionamento treinador-atleta.

Palavras-chave: atletas, esporte, psicologia do esporte.

Tabela 1 – Correlação entre o relacionamento treinador-atleta (CART-Q) e experiências esportivas positivas (YES-s) de atletas de futsal do estado do Paraná.

Relacionamento treinador-atleta	Experiência de Jovens no Esporte			
	Iniciativa	Estabelecimento de metas	Habilidades Cognitivas	Habilidades pessoais e sociais
Proximidade	0,246**	0,202*	0,055	0,183*
Complementariedade	0,250*	0,180*	0,079	0,082
Comprometimento	0,214*	0,243*	0,205*	0,130

Perfil de liderança preferido por atletas escolares de acordo com o sexo e tipo de modalidade esportiva (A0043)

Vinicius De Matos Rodrigues¹; Ana Alayde Werba Saldanha Pichelli²

¹Instituto Federal da Bahia; ²Universidade Federal da Paraíba.

Introdução: Segundo o Modelo Multidimensional de Liderança (Chelladurai 1978, 2007), quando o treinador se comporta conforme as preferências dos atletas, a satisfação e o desempenho são maximizados. Portanto, é fundamental conhecer as preferências dos atletas em relação à liderança.

Objetivo: O objetivo deste estudo foi identificar e comparar o perfil de liderança preferido por atletas escolares de acordo com o sexo e tipo de modalidade esportiva.

Métodos: A amostra foi composta por 466 atletas (quatro subgrupos conforme Tabela 1), com idade

média de 16,16 (DP = 0,79), participantes da Etapa Nacional das Olimpíadas Escolares 2012. Os atletas responderam um questionário sociodemográfico e a Escala de liderança no Esporte (versão preferência). As respostas foram indicadas pela média e desvio padrão para cada dimensão da liderança. As comparações entre os subgrupos foram realizadas pelo do Teste t de Student para amostras independentes ($p < 0,05$).

Resultados: Os resultados exibem-se na Tabela 1.

Conclusão: Todos os atletas preferem treinadores que enfatizem o treino e instrução e feedback positivo como estilo de interação. Em relação ao estilo de decisão, os atletas preferem treinadores democráticos, exceto as atletas femininas das modalidades coletivas que preferem treinadores autocráticos.

Palavras-chave: atletas, esporte, psicologia do esporte.

Tabela 1: Liderança preferida pelos atletas de acordo com o sexo e tipo da modalidade (média e desvio padrão)

	Masculino		Feminino	
	Individual (n =99)	Coletiva (n =159)	Individual (n =66)	Coletiva (n =142)
Treino e Instrução	4,49 (0,52)	4,58 (0,40)	4,58 (0,44)	4,64 (0,39)
Suporte Social	4,09 (0,66)	4,16 (0,68) ^b	4,13 (0,62)	3,93 (0,74) ^a
Feedback Positivo	4,39 (0,65)	4,44 (0,63)	4,54 (0,52)	4,48 (0,58)
Comportamento Democrático	3,69 (0,55)	3,58 (0,64) ^b	3,64 (0,45)	3,42 (0,63) ^a
Comportamento Autocrático	2,95 (1,13) ^b	3,39 (1,14) ^{a,b}	3,39 (1,23)	3,66 (0,98)

Nota:

^a Comparação individual x coletiva: diferença significativa ($p < 0,05$) em relação aos atletas do mesmo sexo;

^b Comparação masculino x feminino: diferença significativa ($p < 0,05$) em relação aos atletas do mesmo tipo de modalidade.

Perfil de liderança preferido por atletas escolares de acordo com o sexo e tipo de modalidade esportiva (A0044)

Rodrigo de Vasconcellos Pieri¹; Livia Gomes Viana Meireles²; Ana Carolina Monnerat Fioravanti-Bastos³; Christiane Delúcia Oliveira⁴; Pedro Pires⁵; Angela Donato Oliva⁶

¹Unisuam; ²Universidade Federal do Piauí; ³Universidade Federal Fluminense; ⁴Universidade do Estado do Rio de Janeiro; ⁵Universidade Federal Fluminense; ⁶Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Introdução: Define-se coesão como um processo dinâmico que reflete a tendência de um grupo em se unir e permanecer em busca de um objetivo concreto e/ou pela satisfação afetiva de estar junto. No contexto esportivo adulto o *Group Environment Questionnaire* (GEQ) – questionário que tem como objetivo avaliar a coesão da equipe – é internacionalmente conhecido e já foi traduzido e validado para o francês, espanhol e português.

Objetivo: Quanto ao cenário do esporte infantil o presente estudo pretende apresentar o processo de tradução e adaptação do *Child Sport Cohesion Questionnaire* (CSCQ) para a realidade brasileira. Tal escolha se dá por acreditar que para o jovem atleta as relações sociais de sua equipe impactam diretamente na satisfação e no desejo de permanecer na prática esportiva.

Métodos: Para a tradução e adaptação do Questionário de Coesão no Esporte Infantil optou-se pela seguinte estrutura metodológica: (1) tradução - realizada por dois psicólogos com domínio da língua inglesa -, (2) síntese - realizada por um grupo de pesquisadores em psicologia social -, (3) tradução reversa - realizada por um nativo da língua original do instrumento e com domínio da língua portuguesa comprovada - e (4) avaliação (pertinência e clareza) - realizada por cinco psicólogos atuantes no esporte infantil. Para analisar a consistência do processo utilizou-se da

análise de coeficiente de validade de conteúdo (CVC).

Resultados: Os resultados exibem-se no Quadro 1.

Quadro 1

Perguntas	CVC Pertinência	CVC Clareza
I Quest	0.84	0.88
II Quest	0.96	0.96
III Quest	0.72	0.76
IV Quest	0.96	0.96
V Quest	0.88	0.88
VI Quest	0.96	0.96
VII Quest	0.8	0.76
VIII Quest	0.96	0.96
IX Quest	0.8	0.92
X Quest	0.92	0.92
XI Quest	0.96	0.96
XII Quest	1	1
XIII Quest	0.92	0.88
XIV Quest	0.88	0.8
XV Quest	0.92	0.88
XVI Quest	0.96	0.96

CVC Perinência	0.9
CVC Clareza	0.9
CVC da Escala	0.9

Conclusão: Percebe-se que o processo de tradução e adaptação do QCEI foi realizado com sucesso. Ainda que o ponto de corte para análise de CVC costuma ser considerada 0.8 e as questões III e VII tenham apresentado valores abaixo se faz importante considerar o CVC de cada aspecto, além do fato que os valores encontrados foram bem próximos ao considerado consistente.

Palavras-chave: atletas, esporte, psicologia do esporte.

Entrenamiento mental en natación. Preparación para el campeonato nacional de piscinas abiertas de Uruguay (A0045)

María Noel Givogre Leunda¹

¹Universidad de la República Oriental del Uruguay.

Introducción: Se presenta aquí una experiencia de entrenamiento mental con nadadores de piscinas abiertas. Para algunos de los jóvenes esta es su primera experiencia de trabajo con un psicólogo del deporte integrante del equipo técnico.

Objetivo: El objetivo principal fue el de introducir a los nadadores en el entrenamiento mental y que esto se tradujera en una baja de los tiempos en competencia.

Métodos: La muestra estuvo compuesta por nadadores de las categorías de 12 y 13 años. La misma incluía 8 niñas y 5 varones, aunque no todos accedieron a clasificar para el campeonato. Se les diseñó un cuadernillo de evaluación y prácticas que se entregó a cada uno y se utilizaron técnicas de relajación y visualización como herramientas principales. Se presentan a continuación los logros obtenidos. El primer tiempo es el de sembrado y el segundo en la competencia.

Resultados: Se presentan a continuación los logros obtenidos. El primer tiempo es el de sembrado y el segundo en la competencia. Los objetivos planteados fueron conseguidos en las pruebas mencionadas (Figuras 1 e 2).

Conclusión: Los nadadores refirieron hacer uso de la visualización momentos antes de las carreras como forma de lograr la activación y concentración necesaria.

Palabras-chave: atletas, deporte, psicología.

Figura 1

100 m combinado individual			
Nadador/a	Categoría	Tiempo sembrado	Tiempo Campeonato
M. F.	Damas 12 años	1:30.59	1:29.93
Mi. F.	Damas 13 años	1:31.98	1:30.49
P. B.	Varones 12 años	1:26.89	1:26.45

50m mariposa			
Nadador/a	Categoría	Tiempo sembrado	Tiempo Campeonato
M. F.	Damas 12 años	36.66	36.38
Mi. F.	Damas 13 años	42.50	39.92
M.S.	Varones 12 años	40.97	40.91
F. A.	Varones 13 años	40.87	39.64

50 m libre			
Nadador/a	Categoría	Tiempo sembrado	Tiempo Campeonato
Mi. F.	Damas 13 años	35.08	34.48

Figura 2

50 m espalda			
Nadador/a	Categoría	Tiempo sembrado	Tiempo Campeonato
E. C.	Damas 13 años	38.33	38.05
P. B.	Varones 12 años	39.39	39.36

100 m libres			
Nadador/a	Categoría	Tiempo sembrado	Tiempo Campeonato
M. F.	Damas 12 años	1:19.60	1:18.10
E. C.	Damas 13 años	1:13.67	1:12.06
Mi. F.	Damas 13 años	1:23.28	1:19.44
M. S.	Varones 12 años	1:25.55	1:23.03

MARCA TÉCNICA INFANTIL B1 (12 AÑOS)			
M. F., 50 m. mariposa, 00.36.38			
P. B., 50 m. libre, 00.33.06			
MARCA TÉCNICA INFANTIL B2 (13 años)			
E. C., 50 m. libre, 00.32.38			

Psicologia do esporte, terapia cognitivo-comportamental e psicologia positiva: desenvolvimento de uma intervenção para atletas de futebol adolescentes (A0046)

Fernanda Faggiani¹; Daniele Lindern¹; Carolina Saraiva de Macedo Lisboa¹

¹Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Introdução: Atletas de futebol vivenciam rotinas de treino intensas e são pressionados a manter um elevado desempenho. Assim, identifica-se nessa população uma série de fatores de risco, ao mesmo tempo que os fatores de proteção – como diferentes tipos de apoio - podem estar diminuídos. Esta dinâmica de fatores de risco e proteção justifica a necessidade de programas de intervenção, voltados ao fortalecimento de habilidades sociais e de *coping* destes indivíduos.

Objetivo: Este estudo teve como objetivo desenvolver uma intervenção com foco preventivo baseada na Terapia Cognitivo-Comportamental e na Psicologia Positiva para jovens jogadores de um clube de futebol.

Métodos: Participaram deste estudo vinte atletas com idades entre 15 e 16 anos, selecionados aleatoriamente em um grupo de intervenção (n=10) e um grupo de comparação (n=10). Foram

realizados oito encontros de 90 minutos cada, com frequência semanal. Os participantes responderam ao Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA), *Athletic Coping Skills Inventory* (ACSI), *Screen for Child Anxiety Related Emotional Disorders* (SCARED), Escala Global de Satisfação de Vida (EGSV) e à Escala de Afetos Positivos e Negativos para Adolescentes (EAPN-A) antes e após a intervenção. A comparação foi feita utilizando-se o teste Wilcoxon/Mann-Withney, com nível de confiança $p = 0,05$.

Resultados: Os atletas do grupo experimental apresentaram diferença significativa com aumento das médias após a intervenção em três subescalas do ACSI (Desempenho sob pressão: $p = 0,03$; Confiança: $p = 0,05$; Liberdade de preocupações: $p = 0,04$), bem como na pontuação total do IHSA ($p = 0,04$) e em uma subescala do mesmo instrumento (Abordagem afetiva: $p = 0,04$). Não houve diferença significativa pré e pós-intervenção entre os grupos de intervenção e comparação.

Conclusão: Os resultados deste estudo apontam para a importância de intervenções que visem à promoção da saúde mental destes jovens, a partir da aprendizagem de outras habilidades para a vida além das esportivas.

Palavras-chave: atletas, esporte, desempenho, estresse psicológico.

A percepção da qualidade vida é diferente entre deficientes físicos e visuais? (A0047)

Analice R da Cruz¹; Dayane F Rodrigues¹; Andressa Silva¹; João Paulo P Rosa¹; Mário Antônio Simim¹; Marco Túlio de Mello¹

¹Universidade Federal de Minas Gerais.

Introdução: O esporte paralímpico Brasileiro vem apresentando um crescente avanço no cenário mundial. O tempo gasto dos atletas com a prática da modalidade esportiva pode interferir na qualidade de vida, uma vez que grandes volumes de treinamento físico podem acarretar desgaste físico e psicológico decorrentes do treinamento-competições.

Objetivo: Comparar a percepção da qualidade de vida em atletas paralímpicos brasileiros com deficiência física e visual.

Métodos: A amostra foi composta por 30 atletas da Seleção Paralímpica Brasileira de Atletismo com deficiência física (DF) (18 atletas) e deficiência visual (DV) (12 atletas). Para avaliar a qualidade de vida, utilizou-se o questionário WHOQOL-bref. A comparação entre os grupos DF e DV em cada domínio utilizou-se o teste Mann-Whitney, e a comparação entre os domínios nos grupos DF e DV utilizou-se o teste Friedman *two-way*. O nível de significância adotado foi $p < 0,05$.

Resultados: Não houve diferença estatística significativa entre os deficientes físicos e visuais nos domínios da qualidade de vida. Ao fazer a comparação entre os domínios da qualidade de vida houve diferença estatística significativa no grupo DF (12,888; $gl=3$; $p=0,005$), já no grupo DV não foi encontrada diferença estatística significativa (5,761; $gl=3$; $p=0,124$). No grupo DF essa diferença está presente entre os domínios meio ambiente (71,49±2,64) e psicológico (77,97±3,73), e ainda, entre o meio ambiente (71,49±2,64) e as relações sociais (86,55±14,89).

Conclusão: Não houve diferença na qualidade de vida entre os deficientes físicos e visuais, porém destaca-se que em deficientes físicos os domínios que mais influenciaram para uma boa qualidade de vida foram em relação aos aspectos sociais e psicológico.

Palavras-chave: paratletas, esporte, psicologia do esporte.

A relação entre débito de sono, sobrepeso e desempenho psicomotor de trabalhadores sedentários (A0048)

Fernanda Veruska Narciso¹; José Angelo Barela²; Sergio Tufik³; Marco Túlio de Mello¹

¹Universidade Federal de Minas Gerais.

Introdução: Débito de sono em curto e longo prazo aumenta a massa corporal, os lapsos de atenção e reduz o tempo de reação aos estímulos.

Objetivo: O objetivo do estudo foi verificar a relação entre débito de sono, massa corporal e desempenho psicomotor de trabalhadores do turno noturno.

Métodos: Participaram deste estudo 20 técnicos de polissonografia trabalhadores do turno noturno de uma escala 12x36 horas. No primeiro dia de avaliação, foram aferidas massa e estatura corporais, e colocado um actígrafo no punho dos participantes. No segundo dia de avaliação, antes e após o turno de trabalho, foi aplicado o *Psychomotor Vigilance Task* (PVT) durante 10 minutos a fim de mensurar atenção sustentada e vigilância dos participantes. A Análise de variância de medidas repetidas foi realizada para comparar as médias das variáveis e a significância estatística foi de 5%.

Resultados: Os resultados mostraram que os participantes (15 mulheres e 05 homens) eram sedentários, foram classificados em sobrepeso (IMC=26,2 ± 6,3 kg/m²) e a média do tempo total de sono (TTS) antes de iniciar o turno de trabalho foi de 291,99 ± 126,75 minutos. Não houve correlação significativa entre índice de massa corporal e desempenho psicomotor antes (respostas corretas - RC: $r=-0,09$; $p=0,70$; respostas erradas - RE: $r=0,01$; $p=0,78$) e após (RC: $r=-0,36$; $p=0,12$; RE: $r=0,14$; $p=0,56$) o turno de trabalho, bem como entre a variável RC e TTS antes ($r=0,24$; $p=0,30$) e após ($r=0,25$; $p=0,30$) o turno de trabalho. Em contrapartida, a variável RE apresentou correlação negativa com o TTS após (RE: $r=-0,46$; $p=0,04$) o turno de trabalho, não encontrando significância antes do turno (RE: $r=-0,19$; $p=0,43$).

Conclusão: Assim, após o turno de trabalho, houve piora do desempenho psicomotor dos trabalhadores em virtude do débito de sono, o que pode acarretar risco para acidentes ocupacionais.

Palavras-chave: sono, sobrepeso, desempenho psicomotor, trabalhadores.

Agradecimentos: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Centro de Estudos em Psicobiologia e Exercício (CEPE), Centro Multidisciplinar em Sonolência e Acidentes (CEMSA), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Ansiedade e sua relação com o estado de humor de atletas de voleibol (A0049)

Daniella Moreira Paína¹; Thiago Vieira Rodrigues²; Pedro Miro Costa Gomes da Silva¹; Otavio Mitsuo Takeda¹; Rodrigo Luiz da Silva Gianoni¹

¹Universidade Federal de São Paulo; ² Universidade Católica de Santos.

Introdução: O controle emocional é fundamental para o alto rendimento esportivo. Para compreender o perfil emocional são utilizados instrumentos que avaliam do estado de humor até a personalidade do indivíduo. Conhecer o perfil do atleta e do grupo aperfeiçoa o rendimento, uma vez que emoções podem atrapalhar a evolução do rendimento quando não identificadas e controladas. Algumas emoções, como a ansiedade, possuem um nível de ativação que amplifica o rendimento, mas em descontrole prejudica-o.

Objetivo: O objetivo foi avaliar a correlação entre ansiedade e estado de humor de atletas de voleibol.

Métodos: Participaram do estudo 11 atletas (19±0,79 anos), categoria sub-20, de um clube paulista, tendo sido avaliados durante um campeonato regional. Utilizou-se o Inventário de Ansiedade Traço-Estado para avaliar estado (IDATE-E) e traço (IDATE-T) de ansiedade nos atletas, e o *Profile Of Mood States* (POMS) para avaliar o estado de humor. O IDATE-T foi coletado na semana anterior ao campeonato, e os outros testes foram aplicados nas manhãs dos jogos. Para análise de dados, utilizou-se o teste de correlação de Pearson ($p < 0,05$).

Resultados: Foram encontradas correlações negativas entre ansiedade-traço e as variáveis Raiva ($r = -0,270$, $p = 0,048$) e Vigor ($r = -0,282$, $p = 0,039$) do POMS e positiva com a variável confusão ($r = 0,360$, $p = 0,007$). Já para a ansiedade-estado, foram encontradas correlações positivas com Depressão ($r = 0,314$, $p = 0,02$) e Raiva ($r = 0,323$, $p = 0,016$), e negativa com Vigor ($r = -0,381$, $p = 0,004$).

Conclusão: Concluiu-se, portanto, que um perfil ansioso pode estar relacionado com uma redução do vigor e um aumento da confusão, indicando a importância do controle emocional para maior disposição e foco do atleta. Além disso, quanto menor o traço de ansiedade, maior a raiva. No entanto, a raiva parece ser diretamente proporcional à ansiedade pré-competitiva, assim como o estado depressivo, indicando que alto nível de ansiedade pode estar acompanhado de desajuste emocional para esses atletas. Já em relação ao vigor, o aumento da ansiedade pré-competitiva parece promover uma redução desta variável neste grupo de atletas.

Palavras-chave: esporte, alto rendimento, psicologia do esporte.

Sentidos de vitória/derrota para atletas adolescentes do alto rendimento e os aprendizados sobre espírito esportivo (A0050)

Isabela Amblard¹; Fatima Maria Leite Cruz¹; Afonso Antonio Machado³

¹Universidade Federal de Pernambuco; ²Universidade Estadual Paulista.

Introdução: Nos dias atuais, o esporte de alto rendimento ganha mais visibilidade devido a estrutura e organização das competições, comparadas a grandes espetáculos. Assim, a vitória é bastante valorizada e passa a ser o objetivo dos atletas, numa busca incessante por resultados e prêmios, ao passo que a derrota é evitada a todo custo, muito embora esteja sempre presente no cotidiano dos atletas, por ser uma das condições inerentes ao esporte. Questionamos as implicações desse contexto nas relações sociais desenvolvidas entre atletas e demais pessoas ou situações do meio esportivo.

Objetivo: O objetivo do presente estudo foi analisar e determinar o potencial do indivíduo para desenvolver controle emocional e liderança durante suas aulas.

Métodos: Participaram da pesquisa, em Recife/PE, 101 atletas do alto rendimento, entre 12 e 18 anos, da natação e vôlei. Utilizamos questionários de associação livre, com a identificação do campo semântico das representações, e entrevistas semi-dirigidas, com o objetivo de capturar os elementos centrais das representações sociais. Na análise dos dados, o software EVOC e as técnicas de análise temática de conteúdo de Bardin.

Resultados: Nos resultados, a vitória é considerada uma conquista e está associada à dimensão individual dos sujeitos, constituída por mecanismos que eles adotam para suportar as mais diversas situações do ambiente esportivo competitivo, como a garra, a força e a superação. A derrota é vivida com tristeza, no entanto, há uma autculpabilização dos atletas, bem como autonomia e responsabilização nessa situação. A reflexão diante dela mostra a necessidade de saber lidar com o momento para, assim, adquirir experiência à prática competitiva e favorecer o crescimento e aprendizado para o esporte/a vida.

Conclusão: Concluímos que, embora esse contexto esportivo possibilite dificuldades relacionadas à sociabilidade pela constante rivalidade entre atletas em busca de vitórias em competições, eles conseguem lidar com as vitórias/derrotas de modo positivo, agregando valor e aprendizado às suas experiências, aliada a superação pessoal e não necessariamente do outro, o que reflete no espírito esportivo, isto é, no respeito às regras e

adversários; bem como à diferenciação de momentos em que o outro ora é adversário, ora é parceiro, um aprendizado importante aos adolescentes.

Palavras-chave: esporte, alto rendimento, psicologia do esporte.

Motivação e carreira esportiva de atletas de beisebol: uma trajetória de autonomia, competência e boas relações sociais? (A0051)

Marcus Vinícius Mizoguchi^{1,2}; João Ricardo Nickenig Vissoci³; Layla Maria Campos Aburachid²; Schelyne Ribas da Silva²; Caio Moreira Rosas¹; Lenamar Fiorese Vieira¹

¹Universidade Estadual de Maringá; ²Universidade Federal do Mato Grosso; ³Duke University.

Introdução: Ao longo dos estágios do desenvolvimento da carreira, atletas enfrentam diferentes barreiras e desafios. A capacidade de satisfação das necessidades nessa atividade parece ser determinante para a motivação na prática e manutenção na carreira.

Objetivo: O objetivo foi avaliar a correlação entre ansiedade e estado de humor de atletas de voleibol.

Métodos: Analisar fatores que influenciam a satisfação das necessidades básicas na trajetória esportiva de atletas de beisebol. A amostra foi composta pela equipe campeã brasileira da temporada 2011/2012 de beisebol, totalizando 14 atletas (20,14±0,98). Como instrumento foi utilizado entrevista semi-estruturada, sendo fundamentada de acordo com a teoria das Necessidades Básicas (Autonomia, competência e relacionamentos pessoais) (DECI; RYAN, 1985). As perguntas foram divididas entre as fases de desenvolvimento do atleta proposta por Côté (1999): Anos de experiência (entre 6-12 anos); Anos de especialização (entre 13-15 anos), Anos de investimento (acima de 15 anos) e Anos de recreação. Para os dados qualitativos, utilizou-se a análise de conteúdo do tipo categorial. Ao avaliar o processo de desenvolvimento ao longo dos anos de acordo com as necessidades básicas dos indivíduos, pode-se identificar três categorias: a) Autonomia (extrínsecos e intrínsecos), b) Competência (aspectos positivos e negativos), e c) relacionamentos pessoais (familiares e não familiares).

Resultados: Nos anos de experimentação, observou-se aspectos negativos que dificultaram na percepção de competência do atleta, mas a presença da família teve grande influência na participação do atleta na modalidade, dando suporte autônomo; com o processo de desenvolvimento esportivo até os anos de investimento, houve melhores

satisfações atléticas por parte do atleta, promovendo maior percepção de competência, autonomia e bons relacionamentos com familiares, técnicos, pares e o clube.

Conclusão: O desenvolvimento da carreira esportiva de atletas brasileiros de beisebol demonstra um aumento progressivo das satisfações das necessidades básicas, obtendo mais autonomia, percepções de competências positivas e relações sociais, com familiares, técnicos, amigos e o clube na fase de alta-performance.

Palavras-chave: esporte, alto rendimento, psicologia do esporte.

A influência do sexo e da idade na pontuação do KTK (A0052)

João Paulo Abreu Moreira¹; Mariana Calábria Lopes¹; Maicon Rodrigues Albuquerque¹

¹Universidade Federal de Viçosa.

Introdução: O KTK (*Körperkoordinationstest für Kinder*) é um teste amplamente utilizado para medir o nível de coordenação motora em crianças. Segundo sua normativa, os escores obtidos nas quatro tarefas (Equilíbrio na Trave - ET; Salto Lateral - SL; Transferência sobre Plataforma - TP; Salto Monopedal - SM) são comparados com valores de referência que levam em consideração o sexo e a idade do indivíduo, para uma posterior classificação dos sujeitos em relação ao seu nível de coordenação motora.

Objetivo: O objetivo deste estudo foi verificar a influência do sexo, da idade e da interação destes dois fatores na pontuação obtida pelos sujeitos nas quatro tarefas do KTK, confrontando a necessidade colocada pela normativa original de se utilizar valores de referência ajustados em relação a estas duas variáveis.

Métodos: A amostra foi composta por 295 sujeitos (155 meninos e 140 meninas), de 5 a 10 anos. Foi realizado uma ANOVA fatorial com dois fatores independentes para estabelecer a influência do sexo e da idade nas pontuações do KTK.

Resultados: Foram encontradas diferenças significativas em relação à influência do sexo na pontuação obtida pelos sujeitos nas tarefas TP e SM. Em relação às idades, foram encontradas diferenças significativas para a influência das seis faixas etárias investigadas na pontuação dos indivíduos em todas as tarefas do teste. No caso da interação dos dois fatores, ela parece não influenciar a pontuação em nenhuma das tarefas do KTK.

Conclusão: Os resultados obtidos por este trabalho parecem reforçar a necessidade de que os escores obtidos nas quatro tarefas do KTK sejam ajustados em relação às faixas etária e diferenciados em relação ao sexo apenas na TP e no SM. Futuras

investigações são necessárias para se compreender o motivo do sexo influenciar apenas as tarefas TP e SM.

Palavras-chave: habilidades motoras, infância.

Análise longitudinal da coordenação motora grossa em crianças de 6 a 10 anos de idade (A0053)

Elenice de Sousa Pereira¹; Mariana Calábria Lopes¹

¹Universidade Federal de Viçosa.

Introdução: A importância da aprendizagem das habilidades motoras grossa durante a infância já é amplamente reconhecida na literatura, sendo que a falta de instrução adequada, bem como à inexistência de oportunidades de prática diversificada ou ainda fatores motivacionais, podem interferir no desenvolvimento da coordenação motora dos escolares.

Objetivo: Este estudo teve como objetivo avaliar o desenvolvimento do nível de coordenação motora grossa em crianças de 6 a 10 anos de idade, no intervalo de 10 meses.

Métodos: A amostra foi composta por 184 crianças, matriculadas em escolas públicas da região de Viçosa, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. A avaliação da coordenação motora foi realizada por meio do “Teste de Coordenação Corporal para Crianças” (*Körperkoordinationstest Für Kinder – KTK*), sendo o pré-teste realizado no início no ano escolar e o pós-teste no final do mesmo, após 10 meses. Para análise estatística foi utilizado o programa SPSS® versão 19. Utilizou-se estatística descritiva e teste *t* Student dependente para a comparação dos sujeitos dentro de um mesmo ano escolar.

Resultados: Os resultados apontaram diferença significativa do 1º ao 4º ano escolar nas quatro tarefas do KTK entre ambas as fases de teste ($p < 0,001$), sendo que no 5º ano foi encontrada diferenças apenas para as tarefas “trave de equilíbrio” e “salto lateral” ($p < 0,001$). Além disso, em todos os anos escolares investigados, o maior percentual das crianças apresentou nível de coordenação motora “normal”.

Conclusão: Pode-se concluir que os alunos do 1º ao 5º ano apresentaram um desenvolvimento significativo da coordenação motora grossa ao longo de um ano letivo.

Palavras-chave: habilidades motoras, infância.

Dificuldade da meta e percepção de competência na aquisição do saque do voleibol (A0054)

Cicero Luciano Alves Costa; Márcia Salomão de Castro; Herbert Ugrinowitsch

Introdução: O estabelecimento de metas específicas e desafiadoras tem sido considerado como uma estratégia motivacional capaz de aumentar o comprometimento e, assim, a motivação e o desempenho dos indivíduos. A motivação está relacionada a importância atribuída à tarefa pelo sujeito, que por sua vez é influenciada pela percepção de competência.

Objetivo: Analisar o efeito do nível de dificuldade da meta na aquisição de uma habilidade esportiva em adolescentes com diferentes níveis de percepção de competência motora.

Métodos: Participaram 20 sujeitos com idades entre 13 e 15 anos. Os participantes responderam o *Self Perception Profile Children* (HARTER, 1985) e em seguida foram divididos em quatro grupos experimentais levando em consideração o desempenho do pré-teste: grupo com percepção de competência baixa e meta fácil (PBMF); grupo com percepção de competência baixa e meta difícil (PBMD); grupo com percepção de competência alta e meta fácil (PAMF); e um grupo com percepção de competência alta e meta difícil (PAMD). Para avaliação da aprendizagem do saque do voleibol utilizou-se o desempenho em relação à precisão ao alvo, adaptado de Ugrinowitsch e Manoel (1999). O experimento foi composto por três fases: um pré-teste com 15 tentativas, uma fase de aquisição com 8 blocos de 20 tentativas cada, e um teste de retenção com 15 tentativas. A análise inferencial se deu com a aplicação de uma ANOVA *three-way* com medidas repetidas e o *post hoc* de Duncan.

Resultados: Os resultados apontaram interação significativa apenas entre a dificuldade da meta e o desempenho nos testes ($F=5,42$; $p=0,03$). O *post hoc* demonstrou que houve melhoras significativas no desempenho da precisão somente para os sujeitos com meta difícil ($p=0,001$).

Conclusão: Apesar de no pré-teste os participantes com percepção de competência alta apresentarem melhor desempenho que os demais, a percepção de competência não influenciou na aquisição da habilidade.

Palavras-chave: motivação, desempenho, adolescentes, psicologia do esporte.

Biofeedback e atletismo: a psicologia do esporte e seu contributo nas provas de meio fundo (A0055)

Telma Sara Queiroz Matos¹; Wellington da Cruz Alvarenga¹

¹Universidade do Estado de Minas Gerais; ²Faculdade Pitágoras Uberlândia.

Introdução: Com os conhecimentos advindos da neurociência, o Biofeedback, partiu-se de uma ampla investigação de como as questões ansiogênicas se apresentam na psique humana, podendo interferir na performance do atleta, é que se pensou em aprofundar os estudos da aplicação de técnicas desse artefato no atletismo. Observa-se que alguns atletas, mesmo bem preparados fisicamente, não conseguiam reproduzir nas competições, o mesmo desempenho desenvolvido nos treinos. Esse fato isolado pode ser sugestível de inúmeras variáveis, porém em diálogos posteriores com os atletas, a suspeita recaiu por influências de fatores ansiogênicos vivenciados em situações competitivas, assunto ainda pouco explorado pela literatura específica da modalidade.

Objetivo: Esse estudo objetiva delinear a contribuição da Psicologia do Esporte, com o foco voltado para o trabalho do Treinamento Mental e seu aporte para o Atletismo nas provas de corrida de meio fundo/velocidade prolongada. O trabalho pauta-se na utilização do Biofeedback, como método científico de treinamento psicológico, com vistas a reduzir as questões ansiogênicas negativas no desempenho de atletas das modalidades acima citadas.

Métodos: Durante aproximadamente doze meses, acompanhou-se os atletas de um Centro Nacional de Treinamento de Atletismo (provas de 400m, 800m, 1500m). Utilizou-se a visualização por meio de filmagem dos treinos e testes anteriores à competição, e posteriormente, utilizando esse recurso concomitante à retroalimentação do Biofeedback (frequência galvânica, batimentos cardíacos...).

Resultados: Percebeu-se que os atletas conseguiram no momento da intervenção, um maior autocontrole das respostas ansiogênicas frente à atividade proposta.

Conclusão: O que se pretendeu com esta intervenção foi verificar que a seleção de técnicas de trabalhos psicofisiológicos, aqui descrito, Biofeedback, em consonância com o treinamento, podem influenciar no desempenho esportivo, sendo essencial para a performance competitiva dos atletas de Atletismo, tendo em vista sua aplicação no alto rendimento.

Palavras-chave: esporte, psicofisiologia, desempenho.

Análise das estratégias de coping apresentadas pelo grupo de elite de árbitras de futebol do Brasil (A0056)

Alessandra Peixoto Monteiro¹; Marta Magalhães de Souza²; Marcela Mansur Alves³

¹Universidade Federal de Minas Gerais; ²Comissão de Arbitragem-Confederação Brasileira de Futebol; ³Universidade Federal de Minas Gerais.

Introdução: No esporte de alto rendimento desempenhos excepcionais são alvo de pesquisas que têm dedicado atenção às características de personalidade e estratégias de coping como importantes preditoras do desempenho. Coping significa ter habilidades para lidar com eventos estressantes, consistindo em um processo consciente, no qual o indivíduo avalia a situação como estressora, tentando usar os seus recursos pessoais para controlar, reduzir ou resolver as demandas da atividade. Árbitros de futebol estão expostos a todo momento a situações estressoras, o que desencadeia a necessidade de possuir estratégias de Coping adequadas para desempenhar bem suas atividades.

Objetivo: Identificar e analisar as estratégias de Coping mais utilizadas pelas árbitras de elite do futebol profissional brasileiro.

Métodos: Amostra com 38 mulheres, idade média de 30,50 anos, sendo 11 árbitras centrais e 27 árbitras assistentes pertencentes ao quadro nacional e internacional no ano de 2015. Como profissão 55,56% são Educadoras Físicas e com média de experiência na arbitragem de 7 anos. Foi aplicado o Inventário de Coping para Atletas (ACSI-28). Para análise foi utilizado o software *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 22.

Resultados: As participantes obtiveram uma média de 51 pontos (DP:2.083), como “Recurso Pessoal de Coping”. As seguintes estratégias foram as que apresentaram maior escore: Lidar com Adversidades, Metas e Preparação Mental, Desempenho sob Pressão e Treinabilidade. Concentração foi a estratégia que obteve menor escore. As árbitras brasileiras apresentam um bom nível de “Recurso Pessoal Coping”, ou seja, em situações estressantes elas contam com bons recursos internos para enfrentar as adversidades. O tipo de estratégia utilizada está focado no problema e é ativa, pois partem para a solução dos mesmos (Tabela 1).

Conclusão: A capacidade para lidar com o planejamento de metas e a preparação mental para treinamentos, demonstra organização e traz autoconfiança, na medida em que se sentem seguras por terem se preparado adequadamente. Ao mesmo tempo a menor habilidade para lidar com a distração e a necessidade de se manter concentrado na tarefa, podem acarretar situações de estresse.

Embora o estudo tenha sido feito com uma amostra pequena, ressalta-se a importância de se estudar o *Coping* na arbitragem brasileira a fim de auxiliá-los a lidar de forma mais eficiente com situações estressoras.

Palavras-chave: esporte, enfrentamento, psicologia do esporte.

Tabela 1

Estadística Descritiva dos níveis de *Coping* das árbitras de elite do futebol nacional (N=38)

	Mínimo	Máximo	Média	DP
Confiança e Motivação	3	9	6,79	2,029
Treinabilidade	5	9	7,66	1,400
Concentração	3	9	5,82	1,468
Livre de Preocupação	3	12	6,97	2,236
Metas/Preparação Mental	2	12	8,03	2,422
Lidar com adversidade	3	12	8,16	2,212
Desempenho sob Pressão	2	12	7,87	2,811

Fatores psicológicos influenciadores da performance do árbitro de futebol: uma visão da psicologia do esporte (A0057)

Erik Salum de Godoy²; Paulo Roberto da Silva Barroso²; Wagner Martignone de Figueiredo²; Rubens Lopes²; Thais Silva Rueda¹; Clarice Medeiros¹; Adriana Lacerda¹

¹Universidade Veiga de Almeida; ²Instituto de Ciências do Futebol/FERJ.

Introdução: Por muito tempo, o árbitro de futebol assumiu um lugar de menor importância no contexto esportivo e foi preciso que diversas áreas o reconhecessem com a importante função de legitimar o resultado de uma partida.

Objetivo: O objetivo deste artigo foi levantar aspectos psicológicos que influenciam no desempenho (*performance*) dos árbitros de futebol.

Métodos: O estudo foi desenvolvido como pesquisa descritiva, a partir de um questionário estruturado, compondo uma anamnese de aspectos psicológicos, aplicado em 18 árbitros atuantes no Rio de Janeiro. Os resultados receberam um tratamento estatístico através da frequência percentual das palavras-chave ou respostas mais vezes encontradas.

Resultados: Dentre os resultados encontrados referentes aos aspectos psicológicos que influenciam na atuação do árbitro de futebol, 33% relataram que a paixão foi o fator predominante na

escolha pela arbitragem e 38,5% definiram a arbitragem como uma paixão. O que mais incomoda esse profissional durante a partida de futebol é cometer um erro grave (24,5%), quando o cometem afirmaram sentir-se triste, mal ou chateado (44%). Após a partida, 33% pensam sobre os erros e 60,5% declararam que não cometer um erro é uma das limitações e desafios que podem ser encontrados durante o jogo. Além disso, mesmo sem a presença de um psicólogo esportivo, a maioria dos árbitros reconhece a presença deste profissional como fundamental: 71,5% acreditam que o profissional ajudaria no controle das emoções e 27,5% que ele auxiliaria a lidar principalmente com os erros e críticas sofridas.

Conclusão: Desta forma, concluímos que o árbitro possui um lugar importante durante a partida de futebol, não devendo ser subjugada a sua função. O erro é o fator que aparece como sendo de maior preocupação para este profissional tendo consequências psicológicas importantes. Daí, extrai-se a relevância do trabalho do psicólogo esportivo, além de necessidade de mais produções sobre esse ator do espetáculo esportivo.

Palavras-chave: desempenho, competição, psicologia do esporte.

Comportamento religioso e espiritual em árbitros de basquete profissional (A0058)

João Baptista Gil Junior¹; Flávia Renata de Almeida¹; Carolina Campos¹; Marcelo Callegari Zanetti¹; Maria Regina Ferreira Brandão¹

¹Universidade São Judas Tadeu.

Introdução: Apesar do tema Religiosidade e Espiritualidade despertar há muitos séculos o interesse da humanidade, apenas recentemente tem sido objeto de estudo da ciência da Psicologia do Esporte. Cresce consideravelmente o número de pesquisas que demonstram que religiosidade e espiritualidade podem, de fato, afetar a saúde mental de forma detectável pela ciência.

Objetivo: Assim, o objetivo do presente estudo foi avaliar o comportamento religioso e espiritual em árbitros de basquete profissional.

Métodos: Para tanto, foram avaliados 21 árbitros do sexo masculino que atuam na Liga Profissional de Basquete através do Inventário de Comportamento Espiritual e Religioso no Esporte, desenvolvido especialmente para esta pesquisa, que consta de 51 questões avaliadas em uma escala de quatro pontos: “nunca, algumas vezes, quase sempre e sempre”. Foram considerados para análise os itens com médias acima de “algumas vezes”.

Resultados: Os resultados mostram que 17 itens atingiram os critérios estabelecidos sendo que 12 se referem à Religiosidade e 5 se referem à Espiritualidade. Em relação à Religiosidade cinco itens se relacionam a uma dimensão cognitiva, seis a uma dimensão comportamental e um a uma dimensão emocional da Religiosidade. Já em relação à Espiritualidade observa-se dois itens relacionados a uma dimensão cognitiva e três itens relacionados a uma dimensão comportamental da Espiritualidade.

Conclusão: Concluiu-se que a Religiosidade parece desempenhar um papel expressivo na vida dos árbitros de basquete e que ela se expressa através de dois componentes principais: as crenças religiosas e os rituais. Apesar de evidente a necessidade de futuras pesquisas, restam poucas dúvidas de que o envolvimento com a religiosidade e a espiritualidade parece ajudar uma pessoa a enfrentar os estresses psicológicos e sociais causados pelas emoções negativas.

Palavras-chave: religião, competição, psicologia do esporte.

Influência do estado de recuperação sobre a incidência de lesões no voleibol (A0059)

Thiago Ferreira Timoteo; Paula Barreiros Debien; Maurício Gattás Bara Filho

Introdução: Lesões esportivas podem estar relacionadas às cargas de treinamento excessivas, sem que haja uma recuperação adequada. Essa relação é apontada como o mais importante fator causal nas lesões por sobrecarga.

Objetivo: Analisar a influência do estado de recuperação sobre os índices de lesão em atletas de voleibol de nível nacional.

Métodos: Participaram do estudo 14 atletas profissionais de voleibol do sexo masculino (26,7 ± 5,5 anos; 95,8 ± 8,2 kg; 1,97 ± 7,9 m). Considerou-se lesão qualquer queixa física que gerasse incapacidade para o atleta participar totalmente de treinamentos e jogos, ou se o jogador recebesse atendimento do departamento médico, mesmo participando das atividades. Para avaliação do estado de recuperação, os atletas respondiam semanalmente a Escala de Qualidade Total de Recuperação (TQR) que consiste da pergunta: “Como você se sente em relação a sua recuperação?”. A escala varia de 6 a 20 pontos (6= “Nada recuperado”; 20= “Totalmente bem recuperado”). Foi aplicado o teste ANOVA para medidas repetidas com *post hoc* de Bonferroni e Índice de Correlação de Pearson.

Resultados: Observou-se valores semelhantes de TQR entre os grupos “sem lesão” (16,73 ± 2,03), “lesão por trauma” (16,27 ± 1,93) e “lesão por sobrecarga” (16,63 ± 1,56), não havendo diferença entre os grupos (p=0,33). Nota-se que todos os grupos apresentaram valores acima do descritor 16, o que representa que os atletas encontravam-se bem recuperados. Não houve correlação entre TQR e incidência de lesões (p=0,36).

Conclusão: Apesar da importância da recuperação sobre o surgimento de lesões esportivas ser bem descrita na literatura, não foram encontradas no presente estudo relação entre essas variáveis. Porém nota-se que o surgimento de lesões, não se dá exclusivamente pela recuperação inadequada, e sim fruto do desequilíbrio entre essa variável e as cargas de treinamento.

Palavras-chave: reabilitação, atletas, saúde, psicologia do esporte.

Coaching de excelência para atletas e equipes de alto rendimento (A0060)

Suzy Fleury

Introdução: Atletas e equipes de alto rendimento que vivem de resultados, treinam diariamente para atingir a meta do Comitê Olímpico Brasileiro em 2016, que é tornar o Brasil uma das 10 principais potências Olímpicas. Por isso, além da preparação técnica, tática e física, o desafio está no desenvolvimento de competências psicológicas capazes de aumentar o desempenho e as possibilidades de vitória. E é nesse contexto que a metodologia *coaching* passa a ser uma grande aliada, especialmente para os profissionais como Psicólogos do Esporte.

Objetivo: Esse trabalho tem como objetivo demonstrar como o Programa Coaching de Excelência contribui para o crescimento pessoal e melhoria de desempenho de atletas e equipes esportivas, considerando desde a conceituação, histórico, base de fundamentação, estrutura das sessões, até o modelo 7 Elementos da Excelência desenvolvido pela autora e apresentado no Congresso Brasileiro de Terapias Cognitivas em 2013.

Métodos: A palavra francesa *coaching* representa o transporte de pessoas e objetos de valor de um ponto “A” para “B”. E a dinâmica do processo se sustenta nos três lados da mesma “viagem”: Coaching (processo de mudança), Coach (facilitador do processo de mudança) e Coachee (agente de mudança). Timothy Galwey, ex-tenista e Coach profissional, pode ser considerado o precursor dessa metodologia que junto com John Whitmore, também ex-atleta, desenvolveu a 1ª estrutura de *coaching* conhecida como GROW (*Goal, Reality, Options e Questions What, Where, When, Who*). Diferente do método terapêutico e da consultoria, o método *coaching* visa: Encorajar a autodescoberta; Descobrir e alinhar objetivos; Trazer à tona estratégias e soluções; Manter o *coachee* responsável pelas ações, resultados, aprendizagens e melhorias; Questionar de que maneira a pessoa, equipe ou organização pode ser melhor; Evitar Interpretar-Julgar-Aconselhar; Ser Ético.

Resultados: A essência do método se caracteriza pela qualidade do diálogo a partir de perguntas abertas e socráticas que provocam reflexão, tomada de consciência que levam a novas escolhas e decisões, ações mais estratégicas, inteligentes e coordenadas e que também levam a responsabilização de resultados. A eficiência do processo pode ser avaliada comparando-se os indicadores de desempenho iniciais com os finais.

Conclusão: Os resultados sugerem que o programa *coaching* de Excelência contribui para o

desenvolvimento pessoal e interpessoal, melhoria de competências psicológicas como concentração, motivação, controle emocional, inteligência interpessoal, influenciando diretamente no aumento do desempenho individual e coletivo e, especialmente, gestão do futuro.

Palavras-chave: atletas, terapia, desempenho, psicologia do esporte.

A relação esperança e autoestima em atletas de modalidades esportivas individuais e coletivas (A0061)

Caio Rosas Moreira¹; Marcus Vinícius Mizoguchi²; Renan Codonhato¹; Patrícia Carolina Borsato Passos^{1,3}; William Fernando Garcia¹; Lenamar Fiorese Viera¹

¹Universidade Estadual de Maringá; ²Universidade Federal de Mato Grosso; ³Universidade Paranaense.

Introdução: O esporte tem sido um dos elementos intervenientes para a melhoria de variáveis psicológicas positivas, uma vez que este contexto propicie inúmeras oportunidades e objetivos a serem alcançados em diferentes níveis. A vivência no meio esportivo, quando trabalhada corretamente, favorece o desenvolvimento da esperança e autoestima dos praticantes.

Objetivo: Correlacionar o nível de esperança e autoestima de atletas em função das suas modalidades esportivas.

Métodos: Participaram 81 atletas de ambos os sexos ($18,5 \pm 3,6$ anos), sendo 35 praticantes de modalidades individuais e 46 de modalidades coletivas representantes de uma cidade do noroeste do Paraná. Foram utilizados a Escala de Esperança Disposicional e a Escala de Autoestima de Rosenberg. Para a análise dos dados foi utilizado o teste Kolmogorov-Smirnov, U de Mann-Whitney e coeficiente de correlação de Spearman ($p < 0,05$).

Resultados: Ao comparar as dimensões de esperança entre as modalidades, encontrou-se diferenças significativas nas dimensões de agência (pensamentos que dirigem energia e motivação para a busca de uma meta) e de esperança geral ($p < 0,05$), indicando que os atletas de modalidades coletivas se percebem mais esperançosos para a busca de resultados ($Md=16,0$ e $Md=33,0$) em comparação aos atletas de modalidades individuais ($Md=15,0$ e $Md=31,0$, respectivamente). Quando correlacionada a autoestima com as dimensões da esperança em função das modalidades esportivas, identificou-se correlações entre as variáveis ($p < 0,05$), em ambas as modalidades, no entanto, observou-se maiores correlações nos esportes coletivos (Tabelas 1 e 2).

Tabela 1 - Comparação das dimensões de esperança e autoestima em função das modalidades esportivas de atletas maringauenses.

	Individual	Coletivo	p
	Md (Q1-Q3)	Md (Q1-Q3)	
Agência	15,0 (13,0; 17,0)	16,0 (14,0; 18,0)	0,016*
Caminhos	16,0 (14,0; 18,0)	17,0 (15,5; 19,0)	0,051
Esperança Geral	31,0 (27,0; 34,0)	33,0 (29,0; 36,0)	0,025*
Autoestima	31,0 (29,0; 33,0)	32,0 (29,0; 35,0)	0,455

* p<0,05.

Tabela 2 - Correlação entre as dimensões de esperança com autoestima em função das modalidades esportivas de atletas maringauenses.

	AUTOESTIMA	
	Individual	Coletivo
AGÊNCIA	0,456*	0,629**
CAMINHOS	0,486*	0,478**
ESPERANÇA GERAL	0,584**	0,631**

* p<0,05. **p<0,001.

Conclusão: Atletas de modalidades coletivas aparentam ser mais esperançosos, assim como indicam ter uma maior relação entre esperança e autoestima para o esporte. Tal achado pode estar relacionado ao fato destes atletas partilharem todos os esforços, experiências e resultados com os membros de sua equipe, ao contrário das modalidades individuais, em que os indivíduos dependem de si próprio para alcançar suas metas, indicando ser um impedimento para o aumento do pensamento esperançoso do atleta.

Palavras-chave: atletas, esporte, psicologia do esporte.

O efeito da idade relativa em atletas que disputaram o campeonato sul-americano de basquetebol SUB-17 (A0062)

Cleiton Pereira Reis¹; Varley Teoldo da Costa¹

¹Universidade Federal de Minas Gerais.

Introdução: O Efeito da Idade Relativa (EIR) refere-se às possíveis diferenças maturacionais e de desempenho encontradas entre atletas agrupados em uma mesma faixa etária, de acordo com o período de nascimento. No basquetebol, aqueles atletas nascidos nos primeiros meses do ano podem ser beneficiados por tal efeito.

Objetivo: O objetivo do estudo foi verificar o EIR em atletas que participaram do Campeonato Sul-americano Masculino de Basquetebol Sub-17, em 2015.

Métodos: A amostra foi composta pela data de nascimento de 108 atletas (média de idade de 16,91±0,67 anos), de 9 equipes. As datas de nascimento foram divididas em quartis de acordo com o trimestre do ano (sendo o primeiro quartil, de janeiro a março, assim por diante) e por semestre. Para as análises utilizou-se o teste Qui-quadrado, para um p<0,05; e correção de Bonferroni, para um p<0,0083.

Resultados: Os resultados exibem-se nas Tabelas 1, 2 e 3.

Conclusão: Verificou-se a existência do EIR para os atletas que disputaram o campeonato sul-americano masculino de basquetebol sub-17.

Palavras-chave: atletas, desempenho, psicologia do esporte.

Tabela 1 - Comparação das datas de nascimento por quartil de atletas que disputaram o campeonato sul-americano masculino de basquetebol sub-17

Quartil	N	Porcentagem	χ^2	p
1º	45	41,67%	18,296	*0,001
2º	26	24,07%		
3º	22	20,37%		
4º	15	13,89%		

*p<0,05

Tabela 2- Comparação entre os quartis de nascimento de atletas que disputaram campeonato sul-americano masculino de basquetebol sub-17

Comparação	χ^2	p
1º x 2º	5,085	0,024
1º x 3º	7,896	*0,005
1º x 4º	15,000	*0,001
2º x 3º	0,333	0,564
2º x 4º	2,951	0,086
3º x 4º	1,324	0,250

* $p < 0,0083$

Tabela 3- Comparação das datas de nascimento por semestre de atletas que disputaram o campeonato sul-americano masculino de basquetebol sub-17

Semestre	N	Porcentagem	χ^2	p
1º	71	65,74%	10,074	*0,001
2º	37	34,26%		

* $p < 0,05$

Relação entre as habilidades psicológicas de *coping* e o potencial esportivo de jovens alunos-atletas (A0063)

Diana Izaias Sobreira¹; Emerson Filipino Coelho¹; Renato Melo Ferreira¹; Luciano Miranda²; Dilson Borges Ribeiro Júnior³; Davi Mól Barbosa¹; Aline Alves Vieira¹; Vinícius Pinheiro de Oliveira Rosa³; Ana Clara Melo³; Francisco Zacaron Werneck¹

¹Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Centro Desportivo (CEDUFOP), Laboratório de Estudos e Pesquisas do Exercício e Esporte (LABESPEE), Grupo de Estudos do Jovem Atleta (GEJA); ²Colégio Militar de Juiz de Fora (CMJF); ³Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Introdução: Os atletas considerados *experts* exibem um perfil diferenciado em relação aos aspectos físicos, técnicos, emocionais e cognitivos. Dentre eles, as habilidades psicológicas têm recebido grande atenção por parte dos pesquisadores, particularmente no esporte infanto-juvenil.

Objetivo: O presente estudo analisou diferenças nas habilidades psicológicas de *coping* entre alunos-atletas em função do seu potencial esportivo avaliado pelo treinador.

Métodos: Participaram do estudo 385 alunos-atletas de uma escola militar de Minas Gerais (218 meninos; 167 meninas), com idade entre 11 e 18 anos (14,7±2,0 anos). Para avaliação do perfil de habilidades psicológicas foi utilizado o *Athletic Coping Skills Inventory - 28* na sua versão em português (ACSI-28BR). Foi solicitado ao treinador que avaliasse o potencial esportivo dos alunos-atletas, sendo classificados em: baixo potencial (n=198; 97 meninos; 101 meninas) e alto potencial (n=187; 121 meninos; 66 meninas). A análise foi feita através do Teste *t* de Student independente, adotando nível de significância de 5%.

Resultados: Os resultados exibem-se na Tabela 1.

Conclusão: Verificou-se a existência do EIR para os atletas que disputaram o campeonato sul-americano masculino de basquetebol sub-17.

Palavras-chave: reabilitação, atletas, saúde, psicologia do esporte.

Tabela 1: Média ± desvio-padrão das habilidades psicológicas de *coping* de alunos-atletas de uma escola militar de Minas Gerais classificados pelos treinadores quanto ao potencial esportivo.

	Baixo Potencial (n=198)	Alto Potencial (n=187)	p-valor
Lidar com Adversidades	1,50 ± 0,72	1,58 ± 0,64	0,24
Desempenho sob Pressão	1,05 ± 0,79	1,18 ± 0,75	0,12
Metas/Preparação Mental	1,42 ± 0,73	1,55 ± 0,71	0,09
Concentração	1,62 ± 0,67	1,77 ± 0,55	0,02*
Livre de Preocupação	1,33 ± 0,74	1,45 ± 0,74	0,11
Confiança/Motivação	1,68 ± 0,66	1,93 ± 0,59	<0,001*
Treinabilidade	2,25 ± 0,60	2,38 ± 0,53	0,02*
Recurso Pessoal de Coping	10,85 ± 2,96	11,85 ± 2,65	0,001*

(*Diferença estatisticamente significativa, $p < 0,05$)



Revista de Educação Física

Journal of Physical Education

Home page: www.revistadeeducacaofisica.com



Anais do IX Congresso Internacional e XVI Congresso Brasileiro de Psicologia do Esporte

IX Congresso Internacional
e XVI Congresso Brasileiro
de Psicologia do Esporte



ESPORTE OLÍMPICO E PARALÍMPICO
A contribuição da psicologia do esporte
para o rendimento esportivo

Resumos – Pôsteres

Estresse e enfrentamento de problemas em atletas juniores federados (AP001)

Renato Henrique Verzani; Kauan Galvão Morão; Guilherme Bagni; Afonso Antonio Machado; Adriane Beatriz de Souza Serapião

Introdução: O esporte competitivo expõe os atletas as mais diversas exigências, sendo que, caso não tenham olhares apurados para as mesmas, devemos ter consciência de que podem acarretar em prejuízos no desempenho esportivo. Surge então a possibilidade de estudar o *coping*, ou seja, estratégias de enfrentamento de problemas, principalmente quando as demandas (internas ou externas) ou os fatores estressores estão além dos recursos dos atletas, favorecendo assim o manejo adequado destas situações para que as chances de sucesso aumentem.

Objetivo: Encontrar os principais agentes estressores dos atletas juvenis e quais estratégias de enfrentamento são mais utilizadas.

Métodos: Foram analisados 150 atletas, com média de idade de 17 anos ($\pm 0,99$) e com tempo de prática de 7 anos ($\pm 3,01$), participantes da Copa São Paulo 2014. Foi utilizado o instrumento EMEP (Questionário de Modos de Enfrentamento de problemas). Para a análise dos dados, foi utilizado o programa estatístico S.P.S.S. versão 20.0, visando à estatística descritiva para se obter as médias e desvio-padrão.

Resultados: Por meio da aplicação dos questionários, pode-se perceber que os principais agentes estressores citados pelos atletas foram

“problemas profissionais” (38%), “ansiedade” (25%) e “insatisfação com você mesmo” (19%). Já com relação às principais estratégias de enfrentamento de problemas, a mais utilizada foi a focada no problema, com média de 3,84 ($\pm 0,83$), seguida pela focada no pensamento fantasioso/religioso (3,72; $\pm 1,18$). Posteriormente, temos a focada na busca de suporte social (3,54; $\pm 0,91$) e por último, a estratégia focada na emoção (2,55; $\pm 1,39$).

Conclusão: Ficaram destacados os principais fatores de estresse para os atletas em questão e também as estratégias utilizadas, tendo como principal a focada no problema, considerada como bastante adequada. Contudo, a segunda mais utilizada é baseada no pensamento fantasioso/religioso, que pode até ser interessante em curto prazo, mas normalmente não em longo prazo, necessitando de maior atenção. Portanto, sugere-se que exista maior atenção quanto às estratégias de enfrentamento destes atletas.

Fatores causadores de estresse em atletas universitários de handebol no Torneio Interunesp 2015 (AP002)

Rômulo Dantas Alves¹; Flavio Machado Santos¹; Rubens Venditti Jr¹

¹Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Introdução: A competitividade nas modalidades coletivas é um aspecto de pressão que tem exigido respostas dos atletas inseridos no contexto esportivo, sendo necessário que os treinadores

observem diversos comportamentos, posturas e atitudes de seus atletas; que envolvem demonstração, comparação, avaliação e confronto. Essas demandas podem ocasionar diferentes manifestações de estresse nos atletas envolvidos na competição. O estresse surge de demandas que um atleta tem em vencer determinada competição, dependendo de situações em que o time se encontra ou dos momentos do jogo que podem definir a partida.

Objetivo: Sendo assim, o objetivo do estudo foi identificar quais situações do jogo de handebol eram consideradas mais estressantes para atletas universitários de handebol.

Métodos: Participaram do estudo 22 atletas de duas equipes da região de Bauru- SP. A coleta de dados foi realizada momentos antes do início da partida. O Instrumento utilizado pelo estudo foi o questionário “Situações de Stress no Handebol” desenvolvido por De Rose Jr, Simões e Vasconcellos (1994), no qual constam 16 situações do jogo de handebol, no qual os indivíduos precisam assinalar “sim” ou “não” para as situações causadoras de estresse. A análise dos dados foi feita por percentuais de respostas “sim” individualmente para cada equipe.

Resultados: As respostas das equipes apresentaram maior incidência para as afirmativas: “Errar tiros de 7m em momentos decisivos do jogo” (90%; 83%); “Perdendo para equipe tecnicamente inferior” (90%; 83%); “Errar um arremesso completamente livre” (90%; 75%); “Arbitragem prejudicando minha equipe” (100%; 75%); “Ser excluído nos momentos decisivos da partida” (70%; 83%); “Sofrer gol devido à falha defensiva” (90%; 83%).

Conclusão: As situações de estresse mais citadas pelos atletas universitários corroboram com os dados encontrados por Venditti et al. (2013) e Pires et al. (2008), sendo que os estudos citados abordaram outros contextos esportivos. Conclui-se que os fatores estressores da modalidade de handebol são os mesmos para seus praticantes, nos levando a propor diversas estratégias e planos de ação para reduzir o estresse nesses atletas.

Reestruturação cognitiva como forma de controle de emoções que influenciam no rendimento esportivo (AP003)

Lais Yuri Ansai¹; Luis César S. Gonzalez¹; Gabriela Franco Madia¹; Flávio Rebutini²

¹Universidade Estácio de Sá; ²UNESP / Rio Claro; Universidade Estácio de Sá.

Introdução: A Psicologia do Esporte utiliza-se de algumas técnicas da Psicologia Cognitiva para o auxílio no controle emocional dos atletas. Uma dessas técnicas é a Reestruturação Cognitiva.

Objetivo: Assim, o objetivo do presente trabalho foi discutir os conteúdos apresentados por jovens atletas de futebol na aplicação dessa técnica e suas implicações práticas.

Métodos: O método consistiu na aplicação da técnica aos atletas em uma folha que continha um espaço para anotar os pensamentos que ocorriam ao longo de um treino ou jogo e um espaço ao lado que foi destinado ao atleta reestruturar o pensamento não funcional. Participaram do estudo 136 atletas entre 14 e 17 anos de duas equipes de futebol de base do Estado de São Paulo. Aplicou-se a análise de conteúdo como técnica interpretativa e os conteúdos foram enquadrados com a seguinte diretriz: contexto, conteúdo e alternativa do pensamento.

Resultados: A coleta gerou 1137 apontamentos, sendo 551 de pensamentos disfuncionais e 586 de pensamentos funcionais. Os resultados apontaram para categorias de contextos nas quais o pensamento disfuncional ocorre: após erro; após erros seguidos; durante treino/jogo; antes treino/jogo; jogo difícil e após treino/jogo. Outra análise que os dados permitiram foi a cerca dos conteúdos dos pensamentos que foram divididos também em categorias: baixa autoestima/futuro negativo; automotivação/solução e dúvida.

Conclusão: Através da análise dos dados podemos concluir que há contextos específicos onde geralmente, evocam pensamentos disfuncionais. Assim, o psicólogo do esporte deve estar ciente sobre esses contextos e acompanhar a eficácia da técnica nos atletas de forma mais individualizada, mesmo em esportes coletivos, pois apesar dos conteúdos e contextos dos pensamentos serem semelhantes, para cada atleta haverá uma adequação a técnica e aplicação disso na sua prática.

A ansiedade: uma realidade vivenciada por atletas de Jiu Jitsu (AP004)

Rodrigo Almeida Damasceno¹; Ana Gabriella Pereira de Carvalho Santos¹; Ana Ponilla das Dores Ribeiro¹; Paulo Jorge Araujo Viana¹; Samila Marques Leão²

¹Projeto Esportivo Quartel General da Luta; ²Faculdade Santo Agostinho.

Introdução: Este trabalho oriunda-se de um relato de experiência com um grupo de atletas de jiu jitsu, que fazem parte de um projeto social, foi realizado entre setembro e dezembro de 2015. Percebemos

que o estudo das atividades esportivas através da psicologia, revela diversas formas de encarar competições, vitórias, derrotas, motivações, estresse, entre outros. A psicologia compreende a ansiedade como uma manifestação fisiológica inerente ao ser humano, sendo necessária para a sobrevivência social, porém também pode ser vivenciada de forma patológica, quando experimentada de forma intensa, acabando por gerar situações desagradáveis para o indivíduo. Na realidade dos atletas, a ansiedade é vivenciada de forma intensa em situações de competições e/ou na preparação, principalmente devido às cobranças que eles fazem a si, a cobrança dos técnicos e patrocinadores.

Objetivo: Trabalhar o controle da ansiedade de atletas do Jiu Jitsu, no sentido de promover um controle da ansiedade no esporte.

Métodos: Relato de caso, Foram realizadas reuniões grupais, estruturadas e sistemáticas, com um grupo fixo de 12 atletas, no qual foram aplicadas, de forma psicoeducativa, técnicas de relaxamento e intervenções que diminuem a ansiedade com base na Teoria Cognitivo Comportamental. As sessões se pautaram em treinos de controle da ansiedade, com o auxílio de técnicas de respiração e com a identificação de pensamentos disfuncionais para compreender que fatores estressores desencadeavam esse evento.

Resultados: No final das sessões, observaram-se inúmeros avanços no grupo, em especial com dois atletas em competições de alto rendimento, nos quais as técnicas repassadas foram utilizadas com êxito no controle da ansiedade no momento de preparação para luta.

Conclusão: Por fim, através das técnicas utilizadas houve a diminuição de sintomas de estresse, com consequência melhora no rendimento dos atletas. A partir desse trabalho evidencia-se a necessidade de atletas cuidarem da saúde mental, não só no jiu jitsu, mas também outras modalidades sejam eles amadores ou profissionais.

Ansiedade e estados de humor pré-competitivos em atletas do nado sincronizado: um estudo longitudinal (AP005)

Adriana Lacerda; Alberto Filgueiras; Taís Brasil; Rossana Gouvêa

Introdução: O período pré-competitivo constitui um desafio para atletas e psicólogos esportivos. Na medida em que o evento se aproxima, é normal ver variações de humor e ansiedade em desportistas, no entanto, pouco se conhece da associação entre essas variáveis. Parece que diferentes estados de humor

podem afetar positiva ou negativamente a ansiedade pré-competitiva.

Objetivo: O presente estudo é exploratório e longitudinal, tendo como objetivo avaliar os níveis de ansiedade e estado de humor em atletas de Nado Sincronizado da equipe Juvenil de um clube do Rio de Janeiro.

Métodos: Participaram do estudo 5 atletas. Escores do Inventário Beck de Ansiedade (BAI) e do *Profile of Mood States* (POMS) foram coletados com intervalos de 7 dias, iniciando 15 dias antes da competição até sua véspera. Uma correlação *cross-lagged* foi usada para identificar associações lineares longitudinais.

Resultados: Os estados de humor no primeiro dia (15 dias antes da competição) se correlacionaram com ansiedade no segundo dia: tensão ($r=0,54$), depressão ($r=0,90$), raiva ($r=0,56$), vigor ($r=-0,87$), fadiga ($r=0,50$), confusão ($r=0,86$). Todavia, apenas fadiga ($r=0,36$) de oito dias antes se correlacionou com ansiedade na véspera da competição. Por outro lado, a ansiedade quinze dias antes não apresentou nenhuma correlação significativa com os estados de humor no segundo dia de avaliação. A ansiedade oito dias antes da competição se correlacionou com todos os estados de humor, com exceção do vigor ($r=-0,07$): tensão ($r=0,77$), depressão ($r=0,59$), raiva ($r=0,65$), fadiga ($r=0,74$), confusão ($r=0,56$).

Conclusão: Os resultados sugerem que os estados de humor afetam ansiedade ao longo da preparação; na medida em que o evento se aproxima, o contrário acontece, sendo o nível de ansiedade que parece afetar os estados de humor. Porém, a fadiga parece afetar positivamente a ansiedade ao longo de todo o período pré-competitivo, o que denuncia o risco do over-training causar aumento da ansiedade.

Variações dos estudos de ânimo de jogadores de futebol sub-15 em função do decurso temporal (AP006)

Ricardo Marinho de Mello de Picoli¹; Vitor Cavallari Souza¹; José Lino Oliveira Bueno¹

¹Programa de Pós-Graduação em Psicobiologia – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP.

Introdução: São escassos os estudos que analisam o contínuo temporal dos estados de ânimo em um período competitivo esportivo. Embora os estados de ânimo pareçam estáveis ao longo do tempo, diferentes estímulos e contextos presentes modificam a intensidade e a valência desses estados. Ademais, há fenômenos psicológicos como decaimento (traços de informação perdem sua

ativação devido, principalmente, à passagem do tempo) e a expectativa (espera pela ocorrência de um evento em um determinado tempo).

Objetivo: Examinar variações dos estados de ânimo de jogadores de futebol que ocorreram num período competitivo, em função do decurso temporal.

Métodos: Foi utilizada a Lista de Estados de Ânimo Presentes (LEAP) para avaliar os estados de ânimo de 18 jogadores (média de 15,4 anos \pm 0,266) de uma equipe de futebol sub-15 em um período competitivo, aplicada minutos antes de alguns treinamentos e jogos. Calcularam-se os valores de presença de cada Fator da LEAP em cada evento para cada participante. Encontraram-se padrões de variação dos estados de ânimo, representados pelos Fatores II (Fadiga), VII (Interesse) e XII (Serenidade) da LEAP, em função do decurso temporal, permitindo a análise dos processos de decaimento desses estados de ânimo e a influência da expectativa nessas alterações.

Resultados: Foi encontrado que alguns estados de ânimo diferiram seus padrões de alteração de acordo com um intervalo temporal (Fatores IV – Limerência/Empatia e; VII – Interesse), bem como tiveram valores de presença diferentes na comparação entre esses intervalos. Ademais, os Fatores III (Esperança), V (Fisiológico) e XI (Receptividade) apresentaram padrões de alteração em função do decurso temporal em diferentes intervalos temporais. O resultado das partidas e a competição esportiva em si também foram influentes nessas alterações.

Conclusão: Os estados de ânimo dos jogadores se alteram ao longo do tempo, em padrões específicos, considerando a ação do decaimento e da expectativa dentro de um contexto esportivo.

Stress and recovery analysis in Olympic beach volleyball players (AP007)

Nayara Malheiros Caruzzo; Lucas Pallermo; Constanza Pujal; Oliveira Neto; Karla de Jesus; Alexandre Medeiros

Introduction: Competitive sports require that athletes respond to multiple demands. However, when the athlete appreciates that these demands tax or exceed their own resources, it may occur a behavioural disorganisation. At this time when it refers to stress as an unwanted psychological disorder that can manifest as exhaustion, depression or anxiety.

Objective: To analyse and describe the stress and recovery in beach volleyball players according to player role during the competitive period. Two Olympic woman beach volleyball players (one defender and one blocker: age - 33 years, height - 1.74 and 1.81 m, body mass - 71.4 and 66.5 kg and training experience - 12 years, respectively) were evaluated one day before the International Volleyball Federation (FIVB) Beach Volleyball 2016 World Tour event. They are currently the Beach Volleyball Brazilian champions (2014-2015) and have classified for the 2016 Olympic Games. The RESTQ-Sport⁽¹⁾ Questionnaire was used to evaluate stress and recovery related to activities of the last three days and three nights. This questionnaire consists of 76 items answered on a Likert scale (0 = never; 6 = always). The questions are divided into 19 scales (general stress-7, general recovery-5, stress in sports-3, and specific recovery in sports-4). We used the specific software of the RESTQ-Sport-76 to carry out a descriptive data analysis and assess stress and recovery levels.

Results: From the 19 scales, the defender obtained higher values than blocker considering 12 of them (Figure 1).

Conclusion: Based on these results we can state that coaches should consider the player role when planning psychophysiological preparation throughout the Olympic cycle.

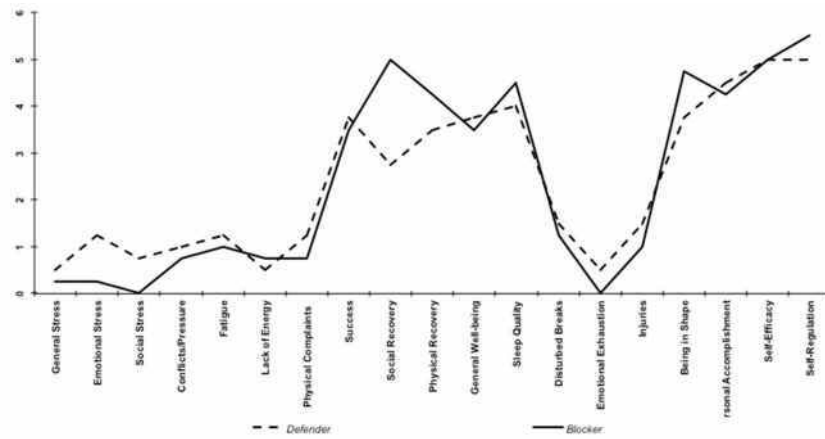


Figure 1. RESTQ-Sport scales according to player role.

Prevalência da síndrome de *burnout* em jovens atletas da natação (AP008)

Ana Clécia Alves dos Santos¹; Afrânio de Andrade Bastos¹

¹Universidade Federal de Sergipe.

Introdução: No contexto esportivo o *burnout* refere-se a uma síndrome multidimensional ocasionada por complexa interação entre múltiplos fatores em que o atleta perde o interesse, a satisfação pela prática esportiva. Apresenta envolvimento de componentes psicológicos, emocionais e físicos. Origina-se de modo marcante a partir da incompatibilidade de expectativas inicialmente propostas para o esporte.

Objetivo: Esse estudo teve como objetivo verificar a prevalência da Síndrome de *burnout* em atletas da natação. Foi realizado um estudo descritivo, com abordagem quantitativa. Responderam ao questionário 128 atletas, dos quais 44 eram do sexo feminino e 84 masculino, 86 tinham até 15 anos, enquanto que 32 eram acima de 15 anos. O instrumento utilizado foi a versão brasileira do “*Athlete Burnout Questionnaire*”, traduzido por

Pires, et. al (2006), como “Questionário de *Burnout* para Atletas” e contempla três dimensões: exaustão física e emocional, reduzido senso de realização e desvalorização da modalidade esportiva. A interpretação dos escores deu-se através da utilização da variação de frequência de sentimentos em escala Likert de 5 pontos: de Quase nunca (1) a Quase sempre (5). Empregou-se como critério de inclusão ser participante do Campeonato Brasileiro infanto-juvenil de Natação realizado na cidade de Aracaju em 2014 e pertencer a uma faixa etária compreendida entre 14 e 17 anos. Para análise dos dados estatísticos, foram utilizados os testes *t* de Student e ANOVA utilizando o pacote estatístico SPSS 18.0. O nível de significância foi $p \leq 0,05$.

Resultados: O reduzido senso de realização foi a dimensão com maior pontuação média, seguida da exaustão física e emocional, as variáveis sexo e idade não apresentaram diferenças estatísticas significativas para a prevalência da Síndrome.

Conclusão: Concluímos que os atletas estudados não apresentaram índices elevados de *burnout* e não ocorreram fatores prevalentes ao desenvolvimento dos sinais e sintomas da Síndrome.

Tabela 1: Comparação das Dimensões da Síndrome de *Burnout*.

Variáveis	Dimensões	Exaustão Física e Emocional	Reduzido Senso de Realização	Desvalorização da modalidade
	Geral	1,88 ± 0,59	2,56 ± 0,41	1,72 ± 0,91
Sexo	Feminino	1,79 ± 0,57	2,54 ± 0,40	1,75 ± 0,89
	Masculino	1,78 ± 0,59	2,53 ± 0,40	1,85 ± 0,90
Idade	Até 15 anos	1,83 ± 0,55	2,54 ± 0,41	1,74 ± 0,92
	Acima de 15 anos	1,70 ± 0,61	2,53 ± 0,39	1,92 ± 0,85

Análise da relação entre os níveis de ansiedade e estresse de árbitros de voleibol (AP009)

Patrícia Carolina Borsato Passos^{1,2}; Nando Germano de Oliveira¹; Renan Codonato¹; Gislaine Contessoto Pizzo¹; Luciane Cristina Arantes¹; Lenamar Fiorese Vieira¹

¹Universidade Estadual de Maringá; ²Universidade Paranaense.

Introdução: O árbitro tem se destacado como um elemento interveniente no ambiente competitivo do esporte, seu erro ou um baixo desempenho pode levar ao comprometimento do resultado de uma partida ou até mesmo de uma competição. Assim, justifica-se a importância deste estudo em investigar dois aspectos psicológicos que podem ser intervenientes no comportamento do árbitro, o estresse e a ansiedade.

Objetivo: Analisar o nível de relação entre ansiedade e estresse de árbitros de voleibol que participaram dos Jogos Escolares da Juventude, de 2014. Participaram 22 árbitros, pertencentes à Confederação Brasileira de Voleibol, de ambos os sexos, com média de idade 32,2 ± 9,1 anos.

Métodos: Os instrumentos utilizados foram o Inventário de Ansiedade Traço, o Inventário de Ansiedade Estado e o Teste de Estresse para Árbitros dos Jogos Esportivos Coletivos. Para a análise dos dados foi utilizado o Coeficiente de Correlação de Pearson, adotando-se $p < 0,05$.

Resultados: Foi encontrada correlação significativa e positiva ($r = 0,56$) entre Ansiedade Traço e Estresse ($p = 0,007$), no entanto a Ansiedade Estado e o estresse não apresentaram correlação significativa ($p = 0,190$).

Conclusão: Este estudo evidenciou que quanto maior for o nível de ansiedade traço, considerada uma característica da personalidade, maior será a percepção do estresse, para os árbitros de voleibol.

Tabela 1–Correlação entre os níveis de ansiedade e estresse de árbitros de voleibol dos Jogos Escolares da Juventude de (n=22).

Níveis de Ansiedade	Estresse	p
Ansiedade Traço	0,56*	0,007
Ansiedade Estado	0,29	0,29

Burnout no esporte: percepção da síndrome em atletas de beisebol e *softbol* (AP010)

Jadson Geovane de Brito Olibeira¹; Nadyne Nascimento dos Santos¹; Fábio José Silva Souza¹; Daniel Alvarez Pires¹

¹Universidade Federal do Pará (UFPA) - Campus Universitário de Castanhal.

Introdução: A pressão do técnico, dos companheiros de equipe e da mídia, assim como o

acúmulo de competições e os insuficientes intervalos de recuperação entre as competições podem ocasionar a incidência da Síndrome de *Burnout*. A discussão a respeito das possíveis diferenças nas percepções de *burnout* entre atletas homens e mulheres apresenta uma lacuna na literatura nacional e internacional.

Objetivo: O presente estudo teve como objetivo mensurar os indicadores da síndrome de *burnout* e suas dimensões em atletas de beisebol e *softbol* e avaliar o efeito da variável sexo na percepção de *burnout*.

Métodos: Participaram do estudo 32 atletas, com idade média de 25,41 ± 10,69 anos e idade média de

início da prática esportiva de $11,97 \pm 6,87$ anos, sendo 22 do sexo masculino (praticantes de beisebol) e 10 do sexo feminino (praticantes de *softbol*). Os participantes preencheram o Questionário de *Burnout* para Atletas (QBA) e um questionário sociodemográfico. Para a análise dos dados utilizou-se a estatística descritiva e o teste U de Mann-Whitney. O índice de significância adotado foi $p < 0,05$.

Resultados: Os resultados do estudo aparecem na Tabela 1. Os atletas avaliados apresentaram índices de baixos a moderados de *Burnout* total e suas

dimensões exaustão física e emocional, reduzido senso de realização esportiva e desvalorização esportiva.

Conclusão: A reduzida propensão à manifestação de *burnout* entre os atletas investigados pode ser justificada pela baixa carga de treinamentos e pela participação dos mesmos em campeonatos apenas nos âmbitos local e regional. Não foram observados efeitos da variável sexo sobre as percepções de *burnout* entre atletas do beisebol e *softbol*.

Tabela 1. Medianas de *burnout* total e suas dimensões em atletas de beisebol e *softbol*.

	Beisebol (n=22)	Softbol (n=10)	p	Total (n=32)
Exaustão Física e Emocional	1,50	1,40	0,61	1,40
Reduzido Senso de Realização	1,80	2,20	0,10	1,90
Desvalorização Esportiva	1,80	2,00	0,35	1,80
<i>Burnout</i> Total	1,87	1,93	0,39	1,90

Percepção de estresse e recuperação em atletas de handebol durante competição (AP011)

Márcia Cardoso da Conceição¹ Juliana Seabra de Oliveira¹; Polyana Almeida Lima¹; Simone do Socorro Feitosa dos Santos¹; Daniel Alvarez Pires¹

¹Universidade Federal do Pará (UFPA) - Campus Universitário de Castanhal.

Introdução: No contexto esportivo, existe a necessidade de uma recuperação adequada, visando reduzir os níveis de estresse durante as competições e elevar os indicadores de *performance*.

Objetivo: Diante desse cenário, o presente estudo teve como objetivo identificar as percepções de estresse e recuperação em atletas de handebol.

Métodos: Participaram do estudo 48 atletas amadores, sendo 26 mulheres e 22 homens, de três seleções municipais de handebol (Bragança, Castanhal e Salinópolis) do Estado do Pará, com idade média de $21,22 \pm 6,31$ anos para o grupo

feminino e $23,03 \pm 4,35$ anos para o grupo masculino. Foi utilizada a versão em idioma português do Questionário de Estresse e Recuperação para Atletas (RESTQ-76 Sport) para medir a incidência de estresse e de atividades de recuperação. Este instrumento é composto por 77 perguntas que são apresentadas em uma escala Likert de 7 pontos que varia de 0 = “nunca” a 6 = “sempre”. As questões se referem a 19 escalas, das quais 7 avaliam estresse geral, 5 recuperação geral, 3 estresse específico do esporte e 4 recuperação específica do esporte. A coleta de dados ocorreu durante uma etapa regional dos Jogos Abertos do Pará (JOAPA) em 2015. A análise de dados foi realizada através da estatística descritiva.

Resultados: As Figuras 1 e 2 apresentam os indicadores de estresse e recuperação dos atletas dos sexos feminino e masculino, respectivamente.

Conclusão: Percebemos que, em ambos os grupos, os níveis de estresse geral e esportivo foram inferiores aos indicadores de recuperação geral e esportiva. Desse modo, o estresse não foi um fator determinante no desempenho durante a competição.

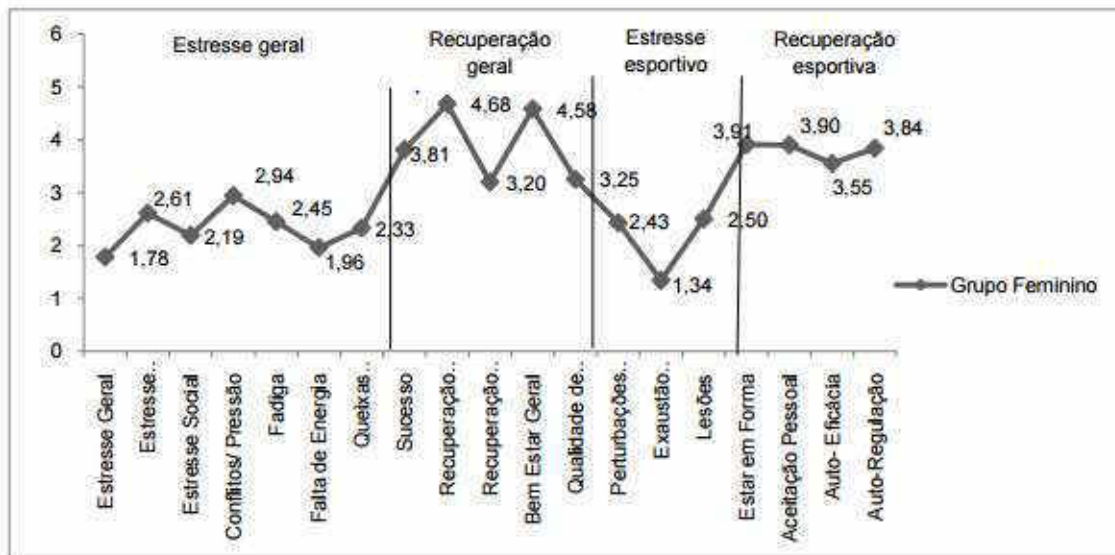


Figura 1: Indicadores de estresse e recuperação em atletas do sexo feminino (n=26).

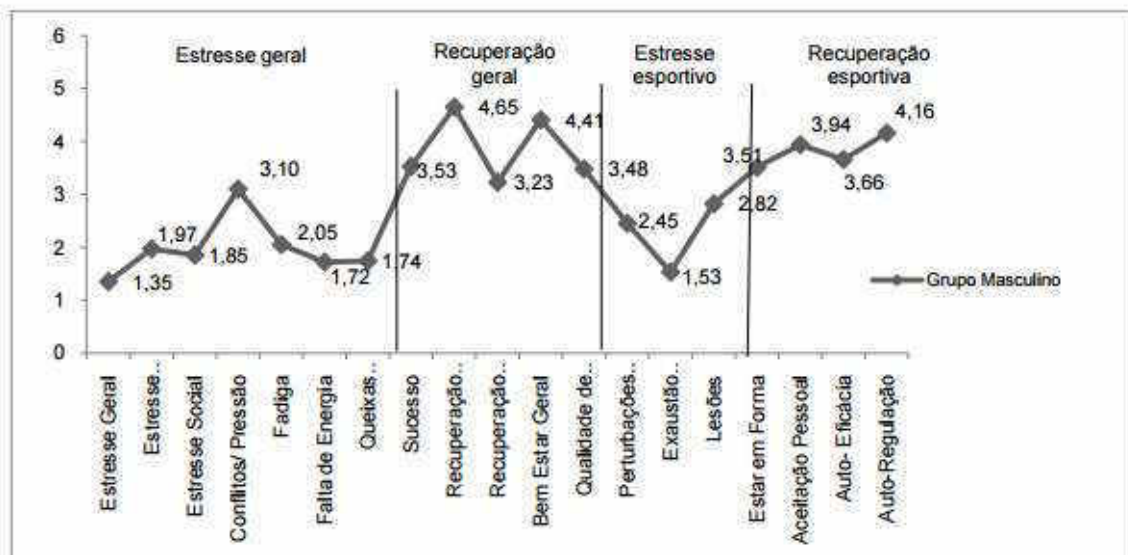


Figura 2: Indicadores de estresse e recuperação em atletas do sexo masculino (n=22).

Associação entre ansiedade traço e estado em nadadores do norte e nordeste brasileiro (AP012)

Glauber Castelo Branco Silva ^{1,2}; Danielle Garcia de Araújo¹; Denise Araújo Bringel ^{1,3}; Gislane Ferreira de Melo¹

¹Universidade Católica de Brasília; ² Universidade Estadual do Piauí; ³ Universidade Federal do Tocantins.

Introdução: Estados agudos decorrentes da ansiedade de competição, podem exercer impacto significativo sobre o sucesso esportivo. De acordo com a literatura, existe uma relação direta entre traços psicológicos e estados emocionais de ansiedade competitiva. A percepção e o controle emocional do

atleta sobre seus níveis de ansiedade contribuem também, para uma real associação entre ansiedade traço e estado.

Objetivo: Associar os níveis de ansiedade traço e estado de nadadores do Norte e Nordeste do Brasil.

Métodos: Estudo observacional analítico, com 78 nadadores com idades entre 13 e 25 anos, de níveis regional, nacional e internacional. Instrumentos utilizados: (*Sport Competition Anxiety Test – SCAT*) e (*Competitive State Anxiety Inventory – CSAI-2*), ambos validados e adaptados para o português. Foram utilizadas estatísticas descritivas, teste de *t* Student, Anova *One Way*, correlação de *Pearson* e regressão linear, utilizando o pacote estatístico SPSS- IBM 22.0, devidamente registrado.

Resultados: Vide tabelas e figuras. Os atletas de natação não apresentaram diferenças nas variáveis: ansiedade traço, ansiedade cognitiva e somática,

porém com níveis superiores de autoconfiança para o sexo masculino.

Conclusão: Existiu relação entre ansiedade traço e estado, com maior efeito preditivo para ansiedade

somática. Considerando ansiedade estado, o maior efeito preditivo encontrado foi para ansiedade cognitiva.

Tabela 1. Características dos nadadores do Norte e Nordeste - Brasil.

Nadadores	Total	Masculino	Feminino	$p \leq 0,05$
Idade	15,69±2,80	16,02±3,03	15,26±2,45	$p=0,23$
Frequência em treinos	5,97±1,45	6,13±1,33	5,76±1,57	$p=0,26$
Anos de natação	7,85±4,13	7,70±4,20	8,05±4,10	$p=0,71$
Tempo de competição	4,06±3,16	5,75±3,28*	1,88±0,80	$p=0,001$
A - Traço	20,44±2,85	20,29±3,15	20,64±2,46	$p=0,59$
A - Cognitiva	21,20±6,24	20,84±6,41	21,67±6,07	$p=0,56$
A - Somática	20,46±5,95	20,14±5,82	20,9±6,23	$p=0,58$
Autoconfiança	24,14±5,18	25,13±4,78*	22,85±5,30	$p=0,049$

* $p \leq 0,05$, teste *t* de Student para amostras independentes (Masculino vs. Feminino)

Tabela 2. Associação entre ansiedade traço e estado em jovens nadadores do Norte e Nordeste do Brasil.

ANSIEDADE	A - Cognitiva	A - Somática	Autoconfiança
A-Traço	0,68	0,74	-0,40
Pearson r $p \leq 0,05$	$p=0,001$	$p=0,001$	$p=0,003$
A - Traço	0,459	0,551	-0,163
R² $p \leq 0,05$	$p=0,020$	$p=0,001$	$p=0,020$

ANSIEDADE (sexo masculino)	A - Cognitiva	A - Somática	Autoconfiança
A-Traço	0,71	0,81	-0,43
Pearson r $p \leq 0,05$	$p=0,001$	$p=0,001$	$p=0,003$
A - Traço	0,51	0,66	-0,19
R² $p \leq 0,05$	$p=0,001$	$p=0,002$	$p=0,003$

ANSIEDADE (sexo feminino)	A - Cognitiva	A - Somática	Autoconfiança
A-Traço	0,61	0,65	-0,33
Pearson r $p \leq 0,05$	$p=0,001$	$p=0,001$	$p=0,04$
A - Traço	0,38	0,42	-0,11
R² $p \leq 0,05$	$p=0,001$	$p=0,002$	$p=0,050$

Tabela 3. Associação entre ansiedade somática, cognitiva e autoconfiança em nadadores do Norte e Nordeste do Brasil.

Ansiedade	A - Somática A - Cognitiva	A - Somática Autoconfiança	A - Cognitiva Autoconfiança
Pearson r	0,717	-0,429	-0,615
$p \leq 0,05$	$p=0,001$	$p=0,002$	$p=0,001$
R²	0,514	0,180	0,370
$p \leq 0,05$	$p=0,001$	$p=0,010$	$p=0,001$

Ansiedade (sexo masculino)	A - Somática A - Cognitiva	A - Somática Autoconfiança	A - Cognitiva Autoconfiança
Pearson r	0,75	-0,48	-0,64
$p \leq 0,05$	$p=0,001$	$p=0,001$	$p=0,001$
R²	0,56	-0,23	-0,41
$p \leq 0,05$	$p=0,001$	$p=0,001$	$p=0,001$

Ansiedade (sexo feminino)	A – Somática A - Cognitiva	A – Somática Autoconfiança	A – Cognitiva Autoconfiança
Pearson r	0,67	-0,34	- 0,57
p≤0,05	p=0,001	p=0,001	p=0,001
R ²	0,45	-0,12	-0,33
p≤0,05	p=0,001	p=0,042	p=0,002

Percepção da síndrome de *Burnout* em árbitros de futebol pertencentes a duas federações do norte do Brasil (AP013)

Adrieny Bernardo de Oliveira¹; Daniel Alvarez Pires¹; Eduardo Macedo Pena¹; Maria Regina Ferreira Brandão²

¹Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus Universitário de Castanhal; Universidade São Judas Tadeu (USJT).

Introdução: O contexto de atuação do árbitro de futebol está associado a diversas condições que podem gerar estresse laboral, como ameaças físicas, pressão da torcida e da imprensa, necessidade de manter controle emocional frente ao descontrole emocional de treinadores e atletas, e pouco reconhecimento profissional. Esse quadro de sobrecarga pode torná-lo propenso à síndrome de exaustão profissional conhecida como *Burnout*.

Objetivo: O presente estudo teve como objetivo comparar a percepção das três dimensões de *burnout* - exaustão física e emocional, reduzido senso de realização esportiva e desvalorização esportiva - em árbitros de futebol filiados às Federações do Pará e do Amapá.

Métodos: Participaram do estudo 72 árbitros, sendo 14 pertencentes à Federação Amapaense de Futebol (grupo FAF) e 58 pertencentes à Federação Paraense de Futebol (grupo FPF). Foram utilizados o "Inventário de *Burnout* para Árbitros", composto por nove itens que contemplam as três dimensões da síndrome, e um questionário sociodemográfico. Para a análise de dados foram utilizados a estatística descritiva e o teste U de *Mann Whitney*. O índice de significância adotado foi $p \leq 0,05$.

Resultados: Árbitros de futebol filiados à Federação do Amapá apresentaram maior percepção de duas dimensões de *burnout* em relação a árbitros filiados à Federação do Pará: reduzido senso de realização esportiva ($p=0,03$) e desvalorização esportiva ($p=0,05$).

Conclusão: Isso talvez possa ser explicado por diferenças contextuais entre os Estados investigados, pois no Amapá há reduzido número de jogos oficiais na temporada, bem como maior dificuldade de projeção nacional e internacional.

Ansiedade cognitiva e somática em atletas de basquetebol adulto feminino (AP014)

Luciane Moscaleski¹; Simone Lima¹; Luís Felipe Polito^{1,2}; Kátia Ponciano²; Henrique Nunes³; Helton Dias⁴; Maria Regina Brandão²; Aylton Figueira Júnior²; Danilo Bocalini²; Marcos Alencar Adaide Balbinotti⁵; Sérgio Silva⁶; Marcelo Callegari Zanetti^{2,7}

¹USCS, São Caetano, SP, Brasil; ²USJT, São Paulo, SP, Brasil; ³UMESP, São Bernardo, SP, Brasil; ⁴FMU, SP, Brasil; ⁵Université du Québec à Trois-Rivières, Québec, Canada; ⁶UNINOVE, São Paulo, Brasil; ⁷UNIP - São José do Rio Pardo, SP, Brasil.

Introdução: O basquetebol pode ser caracterizado como um esporte coletivo, dinâmico, com componentes técnicos, táticos, físicos e psicológicos que em conjunto buscam aperfeiçoar as metas estabelecidas para o rendimento esportivo. Por outro lado, a ansiedade está atrelada a maiores níveis de ativação fisiológica e até baixo desempenho esportivo, dependendo de seus níveis. **Objetivo:** Nesse sentido, objetivou-se verificar os níveis de ansiedade cognitiva e somática de um grupo de atletas de basquetebol.

Métodos: Participaram do estudo 17 atletas federadas de basquetebol adulto feminino, com idades entre 16 e 36 ($25,76 \pm 5,91$), que responderam a versão brasileira do *Competitive State Anxiety Inventory* (CSAI-2), que é constituída por 27 itens, divididos em 3 diferentes dimensões (Ansiedade Cognitiva (AC), Ansiedade Somática (AS) e Autoconfiança (AT)), 1 hora antes de uma partida válida pela Liga de Basquete Feminino - 2015/2016. Porém, nesse trabalho optou-se apenas pela utilização das dimensões atreladas à Ansiedade Cognitiva e Somática. Uma análise da normalidade da distribuição dos dados foi efetuada e os resultados obtidos ($0,202 > KS_{(17)} > 0,121$; $p > 0,05$) asseguram que os dados se distribuem de forma normal.

Resultados: Posteriormente verificou-se diferença significativa favorável à AC ($M_D = 3,53 \pm 4,26$; $t_{(16)} = 3,42$; $p < 0,05$), em relação à AS ($\bar{x}_{AC} = 20,94 \pm 4,53$; $\bar{x}_{AS} = 17,41 \pm 5,21$).

Conclusão: Os resultados parecem indicar que as atletas investigadas apresentam sintomas de ansiedade atrelados mais à cognição, como por exemplo, dúvidas em relação ao desempenho e ao adversário, do que por meio de respostas fisiológicas provenientes da ansiedade somática, como a própria ativação, aumento da frequência cardíaca, respiratória, entre outras. Em estudos futuros sugerimos que se verifique os efeitos de diferentes níveis de ansiedade sob o desempenho dessas atletas.

Perfil das estratégias de *coping* de um grupo de atletas de basquetebol adulto feminino (AP015)

Simone Lima¹; Luciane Moscaleski¹; Kátia Ponciano²; Luís Felipe Polito^{1,2,3}; Maria Regina Brandão²; Aylton Figueira Júnior²; Danilo Bocalini²; Yago Carneiro³; Fábio de Lima⁴; Vanessa Sallero³; Marcos Alencar Adaide Balbinotti⁵; Marcelo Callegari Zanetti^{2,6}

¹USCS, São Caetano, SP, Brasil; ²USJT, São Paulo, SP, Brasil; ³UMESP, São Bernardo, SP, Brasil; ⁴UNICID, SP, Brasil; ⁵Université du Québec à Trois-Rivières, Québec, Canada; ⁶UNIP - SJRP, SP, Brasil.

Introdução: As estratégias de *coping* parecem ser relacionar positivamente com o sucesso e o desempenho esportivo.

Objetivo: Nesse sentido, o objetivo desse estudo foi verificar o perfil das estratégias de *coping* de um grupo de atletas.

Métodos: Participaram do estudo 17 atletas federadas de basquetebol adulto feminino, com idades entre 16 e 36 anos (25,76±5,91), que responderam o Inventário de *coping* para atletas em situação de competição, que é composto por 2 dimensões: Orientação ao Enfrentamento (OE) e Orientação ao Afastamento (OA) e 8 subdimensões, sendo 4 de OE (Reavaliação, Ação Direta, Apoio social, Autocontrole) e 4 de OA (Ação agressiva, Negação, Distração, Inibição da Ação), 1 hora antes de uma partida válida pela Liga de Basquete Feminino - 2015/2016. Uma análise da normalidade da distribuição dos dados foi efetuada.

Resultados: Os resultados obtidos asseguram que os dados se distribuem de forma normal ($0,202 > K_{S(17)} > 0,121$; $p > 0,05$). A estratégia de *coping* mais utilizada por esse grupo de atletas foi “Ações Diretas” ($\bar{x}=20,94$), seguida de “Reavaliação” ($\bar{x}=18,53$) e “Autocontrole” ($\bar{x}=18,35$) em segundo, “Apoio Social” ($\bar{x}=17,35$) em terceiro, “Distração” ($\bar{x}=13,82$) e “Negação” ($\bar{x}=12,27$) em quarto, “Ações agressivas” ($\bar{x}=10,65$) e “Inibição da Ação” ($\bar{x}=10,41$) em quinto. As estratégias agrupadas em

uma mesma posição podem ser consideradas indissociáveis estatisticamente. Em relação às dimensões, também se verificou que a OE ($\bar{x}=75,18$) se portou de forma significativamente ($M_D=28$; $t_{(16)}=10,29$; $p < 0,05$) superior às estratégias de afastamento ($\bar{x}=47,18$).

Conclusão: Apesar da difícil tarefa de se estabelecer uma personalidade ideal de atletas, espera-se dos mesmos um perfil combativo, que parece ter sido evidenciado pela maior utilização da subdimensão “Ações Diretas”, que representam ações e comportamentos concretos que buscam modificar as circunstâncias do evento estressante, além de maior orientação ao enfrentamento.

Situações de jogo percebidas como fontes de estresse por jovens atletas de handebol (AP016)

Laura Geiciele Lameira Lopes¹; Polyane Jenephen Santos de Oliveira¹; Daniel Alvarez Pires¹

¹ Universidade Federal do Pará.

Introdução: O estresse é um desequilíbrio físico e psicológico, produto da interação do atleta com seu meio ambiente físico e sociocultural. Esse estado emocional pode influenciar de forma negativa o desempenho esportivo antes, depois, e especialmente durante as competições.

Objetivo: Identificar as situações de jogo causadoras de estresse em atletas de handebol.

Métodos: Participaram do estudo 20 atletas de handebol pertencentes às categorias cadete, juvenil e júnior de um projeto de extensão do Campus de Castanhal da Universidade Federal do Pará (UFPA), com idade média de 18,01±4,47 anos. Foram utilizados uma ficha de dados sociodemográficos e o questionário “Situações de Stress no Handebol” (SSH), composto por 16 itens que correspondem a fatos inerentes a uma partida de handebol. Cada item apresenta duas possibilidades de resposta: “sim”, quando a situação proporciona estresse ao atleta, e “não”, se o fato não estressa o avaliado. A análise de dados foi realizada através de estatística descritiva.

Resultados: Foram apresentados os cinco fatores considerados mais estressantes pelos atletas investigados, com seus respectivos percentuais de respostas “sim”: “Arbitragem estar prejudicando minha equipe” (90%), “Jogar em más condições físicas” (70%), “Estar perdendo por pouca diferença e o adversário estar segurando o jogo” (70%), “Estar perdendo para uma equipe tecnicamente inferior” (65%), “Sofrer um gol devido a uma falha defensiva” (65%).

Conclusão: O relacionamento com a arbitragem foi percebido como o principal agente estressor

durante uma partida. Entretanto, demandas físicas e expectativas sobre o desempenho também se constituíram em fontes de estresse percebidas em competições de handebol.

Análise do *burnout* em professores de educação física escolar na rede estadual de ensino de Minas Gerais (AP017)

Érica Darlene Pereira Silva¹; Natália Cristina Leão Andrade¹; Kécia Daiane A. Oliveira¹; Marcela Lorrayne A. Chadid¹; Camila Cristina Fonseca Bicalho¹

¹Universidade do Estado de Minas Gerais.

Introdução: Os professores de Educação Física Escolar (PEFE), assim como os professores regentes, lidam diariamente com demandas excessivas do cotidiano escolar e estão expostos ao estresse crônico, sendo fatores que podem levá-los ao *burnout*.

Objetivo: Identificar o *burnout* em PEFE na rede estadual de ensino Metropolitana-B/MG. Participaram deste estudo 10 PEFE das cidades de Ibirité, Contagem, Betim e Belo Horizonte com idade média $36,4 \pm 10,6$ anos.

Métodos: Foi utilizado o questionário *Maslach Burnout Inventory* adaptado e traduzido para o contexto educacional brasileiro (MBI-Ed). O

questionário foi respondido durante o segundo semestre de 2015 pelos PEFE no seu ambiente de trabalho durante os intervalos de aulas. Os índices do *burnout* total MBI-Ed foram calculados por média de escores das dimensões (estatística descritiva). Os índices das dimensões do *burnout* foram calculados pela soma dos itens e classificados em Exaustão Emocional baixa (0-15), moderada (16-25), alta (≥ 26); Realização Profissional baixa (0-33), moderada (34-42), alta (≥ 43); Despersonalização baixa (0-02), moderada (03-8) e alta (≥ 09), seguindo recomendação da validação do instrumento.

Resultados: Foram identificados PEFE com índices baixos e médios de *burnout*. Não foram identificados PEFE com índices altos de *burnout*. Destaca-se que todos os PEFE com índices médios de *burnout* cumpriam uma jornada semanal de trabalho superior a 24h.

Conclusão: Os PEFE da rede estadual de ensino-metropolitana B/MG manifestam em geral reunidos sentimentos do *burnout*. No entanto, há PEFE com índices elevados para as dimensões do *burnout* indicando o risco destes profissionais para o esgotamento e abandono da profissão em decorrência da síndrome.

Tabela 1 – Distribuição dos professores da rede estadual de MG para as dimensões do *Burnout* e o *Burnout* total identificados em índices baixos, médios e altos.

Dimensões	Baixo	Médio	Alto
	N(média;DP)	N(média;DP)	N(média;DP)
Exaustão Emocional	1	1	8 (35,4± 10,8)
Realização Profissional	4 (27,0± 3,4)	6 (36,2±2,6)	-
Despersonalização	1	3 (5,7± 2,5)	6 (12,8± 2,8)
<i>Burnout</i> Total	6 (2,54± 0,38)	4 (3,64±0,25)	-

Fatores psicobiológicos e socioambientais influenciadores do desempenho esportivo de atletas paraolímpicos (AP018)

Dalva Rosa Dos Anjos^{1,2,3}; Dietmar M. Samulski¹ (In Memoriam)

¹Universidade Federal de Minas Gerais; ²Centro Universitário de Sete Lagoas- UNIFEMM; ³Centro Universitário Estácio de Belo Horizonte.

Introdução: Atualmente, o Esporte Paralímpico apresenta altos índices de rendimento esportivo e os atletas de diferentes classes funcionais vêm

conquistando o cenário competitivo internacional. Diante disso, vários fatores internos e externos podem influenciar de forma significativa o desempenho desses atletas.

Objetivo: O objetivo deste estudo foi identificar os principais fatores psicobiológicos e socioambientais que influenciam o rendimento esportivo de atletas com deficiências físicas.

Métodos: Participaram do estudo 130 atletas de ambos os gêneros, com deficiências físico-motoras, agrupados em classes funcionais e modalidades esportivas. Após o preenchimento de uma ficha de identificação individual, foi aplicado o Teste de Estresse Psíquico para atletas com Deficiência Física (TEP-DF), composto de 57 itens, sendo 26

pertencentes à dimensão psicobiológica e 31 itens socioambientais.

Resultados: A idade média dos atletas do gênero feminino (n=25) foi de 33,52 anos e dos atletas do gênero masculino (n=105) foi de 30,58. A maioria dos atletas apresentou paraplegia (48,5%), seguido de atletas amputados (20,0%) e os demais (31,5%) foram distribuídos entre tetraplégicos, malformações, hemiplégicos e paralisados cerebrais. Em relação ao TEP-DF os itens que indicaram influência muito negativa foram: falta de cumprimento do calendário competitivo pelas associações nacionais (50,0%), conflitos/atritos com o treinador (48,5%), materiais e equipamentos inadequados (44,6%), discussão/atrito com treinador durante a competição (43,8%), lesionar-se próximo à competição e discussão/atrito com companheiros durante a competição (43,1%). Dentre os fatores influenciadores muito positivos destacaram: Ter bom convívio na competição (61,5%), contar com apoio familiar (60,8%), apoio ou incentivo dos companheiros na competição (53,8%), manifestação de apoio da torcida (50,8%), ter alcançado bons resultados em competição (50,0%) e comportamento de apoio do treinador (49,2%).

Conclusão: Os atletas relataram seis fatores com influência muito negativa e seis fatores com influência muito positiva nas duas dimensões (socioambiental e psicobiológica) do teste, os quais podem interferir diretamente no rendimento esportivo dos mesmos.

Consciência corporal e social: a dança como mecanismo de desenvolvimento da autoestima (AP019)

Rafaella Cristina Campos¹; Iale Máximo Buscácio¹; Cassiano Bruzzi Pereira¹; Guilherme Rodrigues Freire¹; Diego Nascimento¹

¹Faculdade Presbiteriana Gammon – FAGAMMON.

Introdução: A autoestima, sinônimo de autoaceitação/autoconfiança, constrói-se a partir da atribuição de importância dada às expectativas sociais (pares, mídia) e pessoais, que vão culminar com a representatividade deste indivíduo. A autoestima manifesta-se nas relações interpessoais cotidianas e tem mecanismos sutis e por vezes intangíveis de representatividade, podendo tomar-se diversos planos de fundo para sua estimulação e desenvolvimento. O que se tem como unanimidade é a correlação direta entre corporeidade e autoestima, tendo-se como ponto de partida este envolvimento sumário, onde se ressalta o universo feminino e a prática da dança. Há diversas modalidades da prática da dança; na contemporaneidade existe adesão ao *fitness*,

proposto nos ambientes de academia, tendo mulheres como a maior parcela de adeptas. A prática da dança *fitness* mescla componentes de sensualidade proposta de qualquer modalidade de dança há milênios, e foca a construção de um *shape* desejado pelas praticantes, sendo evidente a busca pela autoaceitação através do alcance da amplitude dos movimentos, coesão coletiva e identificação com o professor/instrutor. Nota-se então que há evidência prática e recente da correlação entre corporeidade e autoestima. Tendo em vista que há elementos de estimulação de consciência corporal e, portanto, manifestação de aspectos da corporeidade, pergunta-se: quais são os mecanismos que a dança propõe a fim de estimular a autoestima de seus praticantes?

Objetivo: O objetivo deste trabalho é identificar e descrever os momentos tangíveis em que, numa aula de dança *fitness*, as praticantes manifestem aspectos de alcance da autoestima, através da coesão grupal, relação intimista com o corpo (corporeidade) e relação com o professor/instrutor.

Métodos: Opta-se pela metodologia qualitativa, com o método de grupo focal utilizando para coleta de dados a técnica de observação participante.

Resultados: A amostra consiste em 57 alunas, praticantes de dança *fitness* por pelo menos um ano, com diversidade não estratificada de idade, *shape* e classificação socioeconômica.

Conclusão: Conclui-se que a reafirmação dos pares, o processo de emagrecimento, a desenvoltura motora e sincronia com a música, a empatia com o método de aula e com o professor/instrutor são aspectos relevantes para a estimulação de coesão corporal e social para manifestarem-se aspectos da autoestima.

Espelho meu: análise exploratória sobre a construção da autoimagem corporal (AP020)

Rafaella Cristina Campos¹; Matheus Lima Schneider¹; Thalison Vieira Dos Santos¹; Guilherme Rodrigues Freire¹; Diego Nascimento¹

¹Faculdade Presbiteriana Gammon – FAGAMMON.

Introdução: A formação da autoimagem corporal tem seu processo influenciado por diversos fatores como, por exemplo: idade, sexo, meio onde vive, influência de mídia. A atividade física tem uma relação intimista com a autoimagem. Num programa de treinamento se desenvolve no praticante uma visão de seu corpo e de si mais analítica e crítica, criando assim objetivos, traçando metas e definindo padrões corporais desejados. A prática da musculação esta em ascensão devida sua capacidade de esculpir o corpo de seu praticante, embora se perceba nos múltiplos ambientes de

prática, que o resultado da musculação exclusiva não é satisfatório para seus adeptos. Assim que um objetivo é alcançado outro de define e, por vezes, incongruente com os resultados já alcançados. Então, se não há como definir um parâmetro de corpo perfeito, e se a autoimagem é regulada por fatores subjetivos, o que é de fato um resultado satisfatório? A busca por ele é permanente?

Objetivo: O objetivo principal é analisar quais são as características da autoimagem e o significado de satisfação de resultados alcançados pela prática da musculação.

Métodos: Optou-se pela metodologia quantitativa com método exploratório através dos instrumentos de coletas de dados B.S.Q. (*Body Shape Questionnaire*) e F.R.S. (*Figuras Stunkard Figure Rating Scale*). A amostra compreendeu 30 indivíduos (15 do sexo masculino e 15 do sexo feminino), com faixa etária de 15 a 20 anos (período de maturação hormonal), todos praticantes de musculação, em períodos de 1 a 2 anos ininterruptos e declarantes de uso de suplementação alimentar e programa alimentar (dieta).

Resultados: Os indivíduos estavam insatisfeitos com a autoimagem, muitas vezes distorcida, e em constante busca de um padrão de beleza incompatível com biotipo apresentado. A construção da autoimagem depende das influências socioculturais sob a racionalização individual, e que mais importante do que ter o corpo desejado é exibir medidas, mesmo que manipuladas, cabíveis às estas cobranças e influências.

Conclusão: Os resultados absolutos do B.S.Q. são incompatíveis com os resultados interpretativos do F.R.S., denotando que o alcance das metas e objetivos de treino em nada se equiparam à satisfação com os resultados.

Estado nutricional e insatisfação corporal de mulheres praticantes de pilates (AP021)

Andreza Freire De Menezes¹; Marcus Vinicius Santos Do Nascimento¹; Kayane Caroline Dos Santos Machado¹; Priscila Moraes Oliveira¹; Ana Clécia Alves Dos Santos²

¹Universidade Tiradentes; ²Universidade Federal de Sergipe.

Introdução: A busca pelo método Pilates vem ganhando força nos últimos anos. Esse é um método de condicionamento que integra o corpo e a mente, ampliando a consciência corporal, a força e o equilíbrio muscular. A estética é considerada uma das principais causas de adesão a um plano de treinamento, no entanto, é crescente o número de casos de insatisfação corporal, sendo tais casos mais frequentes em mulheres.

Objetivo: O objetivo do trabalho foi analisar o estado nutricional e a insatisfação corporal de mulheres praticantes de pilates.

Métodos: A amostra foi composta por 31 mulheres com idade entre 14 e 70 anos, praticantes de pilates de uma academia da zona sul do município de Aracaju. Foi aplicado um questionário referente aos dados de autopercepção corporal e uma escala de silhuetas validada para avaliar a insatisfação corporal. Em seguida, foi realizada a avaliação antropométrica por dobras cutâneas. Para análise estatística, foi utilizado o software SPSS, versão 17.0. A correlação de Pearson foi utilizada para verificar a correlação entre o grau de insatisfação corporal e as variáveis antropométricas. Para essa análise, foi estabelecido um nível de significância de 0,05.

Resultados: A correlação foi considerada fraca se $r = 0,10$ a $r = 0,30$, considerada moderada se $r = 0,40$ a $r = 0,60$ e forte se $r = 0,70$ a $r = 1,0$. Os resultados mostraram que a maioria das participantes estava com a medida da circunferência da cintura acima do recomendado e aproximadamente metade das mulheres estavam com IMC de sobrepeso/obesidade em virtude do excesso de gordura corporal. A maioria das participantes também estava insatisfeita com a aparência em função do excesso de massa corporal. A análise estatística apresentou correlação positiva de moderada à forte entre o IMC, a circunferência da cintura e o percentual de gordura com o grau de insatisfação corporal.

Conclusão: O presente trabalho verificou que grande parte das mulheres estava inadequada quanto aos parâmetros antropométricos, tendo relatado insatisfação pelo excesso de massa corporal. Associada a isso, também foi observada uma correlação positiva de moderada a forte entre o IMC, a circunferência da cintura e o grau de insatisfação corporal.

Insatisfação corporal e grau de comprometimento psicológico ao exercício de atletas de karatê de diferentes estados nutricionais (AP022)

Juliana Fernandes Filgueiras Meireles¹; Clara Mockdece Neves¹; Laís Brinati Miranda¹; Maria Elisa Caputo Ferreira¹

¹Universidade Federal de Juiz de Fora.

Introdução: A insatisfação corporal e o grau de comprometimento ao exercício são variáveis que podem contribuir para adoção de hábitos alimentares inadequados em atletas, podendo comprometer o seu desempenho esportivo. Existem evidências de que estas variáveis podem ainda diferir entre as categorias de estado nutricional.

Objetivo: Comparar a insatisfação corporal e o grau de comprometimento psicológico ao exercício entre atletas de karatê de diferentes estados nutricionais.

Métodos: Foram recrutados para a amostra 57 atletas de karatê de ambos os sexos com idades entre 12 e 53 anos (média de 22,12±9,85anos). Utilizou-se o *Body Shape Questionnaire* (BSQ) e a Escala de Dedicção ao Exercício (EDE) a fim de avaliar a insatisfação corporal e o grau de comprometimento psicológico ao exercício, respectivamente. Foram coletados dados de massa corporal e estatura para o cálculo do Índice de Massa Corporal. Para a categorização do estado nutricional, adotaram-se as categorias "adequado" e "inadequado" (sobrepeso e obesidade). Ressalta-se que nenhum indivíduo encontrava-se com baixo peso. Análises descritivas e comparativas foram realizadas.

Resultados: Não foram identificadas diferenças estatísticas entre os indivíduos com peso adequado e inadequado.

Conclusão: Conclui-se que a insatisfação corporal e o grau de comprometimento psicológico ao exercício não diferiram entre atletas de karatê de diferentes estados nutricionais.

Insatisfação corporal e grau de comprometimento psicológico ao exercício de homens e mulheres atletas de karatê (AP023)

Laís Brinati Miranda¹; Juliana Fernandes Filgueiras Meireles¹; Clara Mockdece Neves¹; Maria Elisa Caputo Ferreira¹

¹Universidade Federal de Juiz de Fora.

Introdução: É pertinente avaliar o grau de comprometimento psicológico ao exercício e a insatisfação corporal em atletas, pois o esporte de rendimento pode ser considerado um agente potencializador para o surgimento de transtornos alimentares. Ademais, a literatura aponta que podem existir diferenças entre homens e mulheres quanto às variáveis psicológicas.

Objetivo: Comparar a insatisfação corporal e o grau de comprometimento psicológico ao exercício entre atletas de karatê do sexo feminino e masculino.

Métodos: Foram recrutados para a amostra 57 atletas de karatê de ambos os sexos (44 homens e 13 mulheres) com idades entre 12 e 53 anos (média de 22,12±9,85anos). Utilizou-se o *Body Shape Questionnaire* (BSQ) e a Escala de Dedicção ao Exercício (EDE) a fim de avaliar a insatisfação corporal e o grau de comprometimento psicológico

ao exercício, respectivamente. Análises descritivas e comparativas foram realizadas.

Resultados: Foi identificada diferença estatística apenas para a insatisfação corporal.

Conclusão: Conclui-se que as atletas do sexo feminino apresentaram-se mais insatisfeitas com seus corpos quando comparadas ao sexo oposto. O grau de comprometimento psicológico ao exercício não diferiu entre mulheres e homens atletas de karatê.

Inversão da pirâmide alimentar em adolescentes praticantes de treinamento de força (AP024)

Lysleine A. Deus¹; Thiago S. Rosa^{1,2}; Herbert G. Simões¹; Milton Moraes^{1,3}; Edilson F. Nascimento¹; Francisco Navarro⁴; Gislane F. Melo¹; Fábio A. Tenório Melo¹

¹Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Católica de Brasília (UCB); ²Programa de Pós-Graduação em Medicina Translacional da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP); ³ Disciplina de Nefrologia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP); ⁴Universidade Federal do Maranhão.

Introdução: Durante a adolescência a preocupação com a autoimagem e autoafirmação corporal podem influenciar os hábitos de saúde dos adolescentes. Descreve-se um aumento substancial na incidência de adolescentes praticando treinamento de força (TF). Ademais, o consumo alimentar adotado nessa fase é importante no processo de desenvolvimento, auxilia nos resultados obtidos com a prática do TF e influencia diretamente na composição corporal e promoção de saúde. Entretanto, hipoteticamente, não se identifica a prática do TF interferindo no comportamento alimentar de adolescentes.

Objetivo: O objetivo foi avaliar o consumo alimentar de adolescentes praticantes de TF e sua possível influência na composição corporal.

Métodos: Foram avaliados 12 adolescentes praticantes do TF, do sexo masculino e feminino. Para análise da composição corporal foi utilizado o protocolo sete dobras. O consumo médio alimentar obtido conforme método de Toral et al. (2006) e foi comparado às recomendações sugeridas pela Pirâmide Alimentar proposta por Philippi (1999). Foi utilizada a estatística descritiva (média e desvio padrão) e a frequência para avaliação das variáveis estudadas. Para a comparação entre médias foi utilizado o Teste *t* pareado (pré versus pós-treinamento), e o teste Qui-Quadrado (χ^2) para análise das diferenças entre as frequências alimentares. O intervalo de confiança foi de 95% e os softwares foram o *InStat* e o *SPSS for Windows* 10.0.

Resultados: Os achados do nosso estudo mostraram que no período de 12 semanas de TR não houve modificação na composição corporal dos adolescentes ($P>0,05$).

Conclusão: A avaliação do estado nutricional apontou que o consumo está “abaixo do ideal” para os grupos alimentares da base da PA e “acima do ideal” para os grupos alimentares do ápice ($P<0,05$), caracterizando uma inversão da recomendação do consumo alimentar. E apresentaram baixo consumo de carboidratos e alto consumo de proteínas.

Imagem corporal em escolares: um estudo de comparação entre dois instrumentos (AP025)

Evanice Avelino de Souza; Natália Rodrigues Pessoa; Felipe Rocha Alves; Francisco Alex Alves Teixeira; Fabrício Furtado da Rocha

Introdução: A utilização de instrumentos capazes de detectar possíveis distorções da Imagem Corporal (IC) vem se tornando fundamental para comparação de estudos. Os instrumentos mais citados na literatura para uma avaliação mais fidedigna da IC em escolares são: *Body Shape Questionnaire* (BSQ) e a Escala de Figuras de Silhuetas (EFS).

Objetivo: Comparar dois instrumentos avaliativos da percepção da IC em escolares. Estudo transversal realizado com 392 escolares (51,5% do sexo feminino; 13 – 20 anos de idade), matriculados em uma escola da rede pública estadual de ensino médio da cidade de Fortaleza, Ceará. Para verificar a IC utilizou-se a Escala de Figuras de Silhuetas (EFS) e, o *Body Shape Questionnaire* (BSQ). Utilizou-se o Qui-quadrado para verificar a relação entre os dois instrumentos, através do software SPSS 21.0.

Resultados: A aplicação do teste do Qui-quadrado mostrou uma diferença significativa ($p<0,0001$) entre os dois instrumentos utilizados, sendo o BSQ mais relacionado à identificação da satisfação (68,1% vs 24,5%) e a silhueta de Stunkard para insatisfação com a IC (75,5% vs 31,9%).

Conclusão: Pode-se inferir que para amostra investigada utilizar somente um instrumento não seria o mais indicado para análise da imagem corporal. Portanto, sugere-se estudos que busquem validar novos métodos para verificar a IC, principalmente em adolescentes.

Insatisfação com a imagem corporal em praticantes de musculação: um estudo de caso em uma academia da cidade de Fortaleza, Ceará (AP026)

Felipe Augusto dos Santos Cruz; Felipe Rocha Alves; Evanice Avelino de Souza; João Paulo Lima Vasconcelos

Introdução: Atualmente a sociedade tem elegido o corpo como fonte de identidade. Os principais aspectos associados à insatisfação com a imagem corporal (IC) são decorrentes da influência gerada pela mídia, da necessidade de ser aceito pelo outro, das pressões sociais e da falta de afetividade familiar. Portanto estes aspectos têm contribuído para a disseminação da insatisfação com IC e os comportamentos preventivos tem se mostrado pouco frequentes.

Objetivo: Analisar a insatisfação com IC em praticantes de musculação.

Métodos: Estudo transversal realizado com 100 indivíduos (65,0% do sexo masculino; 16 a > 37 anos de idade), matriculados em uma academia da cidade de Fortaleza, Ceará. Para verificar IC utilizou-se a escala de silhuetas proposta por *Kakeshita*, constituído por 24 figuras sendo 12 masculinas e 12 femininas. O conjunto de silhuetas era mostrado aos indivíduos e realizado as seguintes perguntas: Qual é a silhueta que melhor representa a sua aparência física atualmente? Qual a silhueta que você gostaria de ter? Os indivíduos que apresentaram valores positivos foram classificados como insatisfeitos por excesso de peso; os que apresentaram valores negativos foram classificados como insatisfeitos por magreza e aqueles que apresentaram valor igual a zero foram classificados como satisfeitos. Utilizou-se a estatística descritiva e o teste do Qui quadrado através do software SPSS 21.0.

Resultados: Cinquenta e cinco (55,0%) dos entrevistados estavam insatisfeitos por excesso de peso, 39 (39,0%) insatisfeitos por magreza e apenas 6 (6%), estavam satisfeitos com sua IC.

Conclusão: A prevalência de indivíduos insatisfeitos por excesso de peso sugere que ambientes, como academias, conscientizem seus alunos sobre a importância da autoestima dos indivíduos, estimulando uma maior satisfação com a sua imagem corporal.

Ser titular ou reserva influencia as dimensões motivacionais em atletas de futebol? Um estudo de caso na categoria juvenil (AP027)

Hebert Soares Bernardino¹; Varley Teoldo da Costa¹

¹Universidade Federal de Minas Gerais.

Introdução: A motivação é um processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, a qual depende da interação dos fatores pessoais e ambientais. Essa variável interfere diretamente no desempenho do atleta de futebol. Como hipótese espera-se que atletas de futebol titulares apresentam níveis maiores de motivação que os atletas reservas.

Objetivo: O estudo objetivou comparar as motivações intrínseca e extrínseca, e a desmotivação entre atletas titulares e reservas de uma equipe de futebol. A amostra foi composta por 20 atletas de uma equipe sub-17 filiada à Federação Mineira de Futebol, sendo 10 titulares e 10 reservas, com média de idade ($16,7 \pm 0,45$ anos).

Métodos: Utilizou-se o instrumento denominado Escala de Motivação no Esporte (EME-BR) em sua versão brasileira, o qual é composto por 28 itens e dividido em sete dimensões que avalia motivação intrínseca, extrínseca e desmotivação. A coleta de dados aconteceu durante a disputa do Campeonato Mineiro de 2015. Os dados coletados dos atletas titulares foram comparados com aqueles obtidos dos reservas utilizando o Teste *t* de Student independente, com um nível de significância de 5%. Para as análises, foi utilizado o pacote estatístico SPSS® versão 23.

Resultados: Os resultados são apresentados na Tabela 1, para os valores observados nas dimensões de motivação em atletas titulares e reservas, bem como o *p*-valor do teste estatístico.

Conclusão: Conclui-se que a titularidade não influenciou as dimensões motivacionais desta equipe, já que não houve diferença estatística na comparação, entre atletas titulares e reservas, para a motivação intrínseca, extrínseca e desmotivação.

Tabela 1 - Comparação das dimensões de motivação entre atletas titulares e reservas de uma equipe de futebol sub-17.

Dimensões	Titulares (N=10)	Reservas (N=10)	<i>P</i>
	Média ± Desvio Padrão	Média ± Desvio Padrão	
MIC	4,83±0,96	3,88±2,03	0,245
MIAO	4,83±1,11	4,16±1,76	0,340
MIEE	5,47±0,90	5,30±1,38	0,776
MERE	4±1,10	2,88±1,25	0,068
MEI	4,66±1,01	3,38±1,88	0,115
MIId	3,97±1,03	3,08±1,44	0,169
D	1,80±1,09	1,5±0,76	0,517

Legenda: MIC: Motivação Intrínseca para conhecer; MIAO: Motivação Intrínseca para Atingir Objetivos; MIEE: Motivação Intrínseca de Experiências Estimulantes; MERE: Motivação Extrínseca de Regulação Externa; MEI: Motivação Extrínseca de Introjção; MIId: Motivação Extrínseca de Identificação; DES: Desmotivação.

Motivação em esportes com raquete (AP028)

Michel Habib Monteiro Kyrillos¹; Afranio Andrade Bastos²

¹Instituto Federal de Sergipe; ²Universidade Federal de Sergipe.

Introdução: A prática esportiva atual é um fenômeno multicultural. O conhecimento dos fatores que levam a sua prática pode ser de extrema utilidade no entendimento do nível de comprometimento e prazer do indivíduo.

Objetivo: Desta forma buscou-se caracterizar os motivos para a prática esportiva em atletas de esportes com raquete.

Métodos: Vinte atletas de esportes de Tênis de Mesa, Tênis de Campo e Badminton, com média de idade de $13,8 \pm 2,54$ anos, responderam ao Questionário de Motivos para Participação Esportiva (PMQ). Foi realizada a ANOVA para a análise das variáveis tempo de prática e nível de competição e o teste *t* de Student para a análise das variáveis sexo e idade.

Resultados: Os principais fatores motivacionais encontrados foram Competição, Competência Técnica e Aptidão Física. Os rapazes apresentaram maiores médias em relação às moças, nos fatores Competência Técnica ($4,58 \pm 0,43$) e Competição ($4,23 \pm 1,13$). Na idade, os fatores que apresentam as maiores médias são: Competição, Aptidão Física e Competência Técnica. Para os mais jovens, a Atividade em Grupo possui certa importância do que para os mais velhos. No tempo de prática, os fatores com maiores médias em atletas menos experientes (-3 anos) foram: Aptidão Física ($4,50 \pm 0,58$) e Competência Técnica ($4,40 \pm 0,44$). Os fatores Aptidão Física e Competição se apresentam com as maiores médias em atletas com 4 a 6 anos e 7 a 9 anos de prática. Já os atletas mais experientes (+10 anos), apresentam as maiores médias nos fatores Competência Técnica ($4,65 \pm 0,49$) e Afiliação ($4,35 \pm 0,87$). No nível de competição, as maiores médias foram nos fatores Competição e Competência Técnica.

Conclusão: Conclui-se que para os sujeitos os motivos mais importantes foram os vinculados ao desenvolvimento da sua técnica de jogo. Atletas mais novos tendem a utilizar a prática esportiva para estar em contato com outras pessoas, desenvolvendo o trabalho em equipe e de pertencer a um grupo do que atletas mais velhos. Quanto mais experiente o atleta for, mais ele vai procurar a prática esportiva não somente para desenvolver física e tecnicamente, mas manter e cultivar as amizades, influenciar amigos e familiares.

Percepção de competência em atletas de voleibol de alto nível (AP029)

Ana Sánchez Nunes¹; Cláudio Marcelo Tkac¹

¹Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Introdução: Na psicologia do esporte muito se discute sobre a percepção de competência e sua influência em desempenhos na preparação de atletas de alto nível, principalmente no voleibol, por ser um esporte muito dinâmico e de tomadas de decisões rápidas.

Objetivo: O objetivo do estudo consistiu em encontrar correlação entre a percepção de competência em atletas de voleibol de alto nível e a competência real dos mesmos.

Métodos: O estudo teve caráter descritivo correlacional; contou com a participação de oito atletas do sexo feminino praticantes de voleibol de alto nível. Na coleta de dados foi utilizado o questionário Percepção de Sucesso no Esporte (*Perception of Success Questionnaire*) e o *Scout Técnico*. Os dados foram tabulados e utilizou-se a Estatística Descritiva para obtenção da média e desvio padrão. Também foi utilizada a Estatística Inferencial com o teste de correlação de Spearman, com nível de significância em 0,05.

Resultados: Dentre as oito jogadoras avaliadas, cinco delas obtiveram resultados semelhantes quando comparadas à média. As demais tiveram resultados inversos aos esperados: a atleta que obteve maior pontuação no escore obteve pior porcentagem no *Scout*, enquanto as duas jogadoras que tiveram menor pontuação no questionário obtiveram as maiores médias de porcentagem do *Scout*. O resultado foi inconclusivo para demonstrar correlação.

Conclusão: A alta percepção de competência e o baixo rendimento podem ser justificados pelo fato de que o excesso de auto confiança pode afetar as estratégias de jogo. Enquanto a baixa percepção de competência e o alto rendimento podem ser justificados pelo fato de que as pessoas com baixa autoestima tendem a fazer um esforço maior em treinamentos para evoluírem em suas tarefas. É necessário estender a amostra para generalizar os resultados.

Comportamento dos níveis de motivação autodeterminada em atletas de nado sincronizado em diferentes momentos (AP030)

Kátia Ponciano¹; Maria Regina Ferreira Brandão¹; Danilo Sales Bocalini¹; Luis Felipe Tubalgi Polito¹; Angélica Gregório Souza¹; Aylton Figueira Júnior¹;

Cassio de Miranda Meira Júnior²; Marcos Alencar Adaide Balbinotti³; Marcelo Callegari Zanetti^{1,4}

¹Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, Brasil; ²Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, Brasil; ³Université du Québec à Trois-Rivières, Québec, Canadá; ⁴Universidade Paulista - São José do Rio Pardo, São Paulo, Brasil.

Introdução: A motivação parece ser ainda uma das temáticas mais estudadas no esporte, principalmente por sua íntima relação com o bem-estar e o desempenho de atletas nos mais diversos contextos esportivos.

Objetivo: Neste sentido, buscou-se verificar os níveis de motivação autodeterminada de atletas de nado sincronizado (NS) em diferentes momentos.

Métodos: Participaram 23 atletas de NS das categorias infantil (N=13) e juvenil (N=10) com idades entre 9 e 15 anos ($12,13 \pm 1,98$), competidoras de 2 torneios de NS, denominados como Tempo 1 (T1) e Tempo (T2). Uma intervenção educativa sobre as regras foi ministrada por uma juíza sobre os itens importantes de avaliação às atletas, 24 horas antes do T2. Esta juíza não atuou em nenhum desses dois momentos. Assim o T1 e T2 se diferenciaram apenas pela aplicação desta intervenção, que também contou com a aplicação de um Inventário de Autodeterminação composto por 4 diferentes dimensões: Amotivação (AM), Regulação Externa (RE), Regulação Identificada (RI) e Motivação Intrínseca (MI), que representa maiores níveis de motivação autodeterminada. Após ter-se assegurado a normalidade da distribuição ($0,87 < S-W_{(23)} < 0,96$; $< 0,05$) e a fidedignidade ($0,57 < \alpha_{pre} < 0,80$; $0,66 < \alpha_{pos} < 0,85$) dos dados, um teste t de Student para amostras pareadas foi aplicado a fim de se comparar possíveis diferenças significativas nas médias T1 e T2.

Resultados: Os resultados encontrados nas 4 dimensões testadas ($-0,53 < t_{(22)} < 3,05$) indicaram diferença apenas nas médias T1/T2 da dimensão Regulação Identificada ($\bar{x}_{T1}=10,74$; $\bar{x}_{T2}=09,22$) e revelaram-se estatisticamente diferentes ($p < 0,05$), antes (T1) e depois (T2) da intervenção educativa, sugerindo que as atletas investigadas apresentaram menor nível de apreciação dos resultados e benefícios da participação no T2. Porém, cabe destacar pequeno aumento nas médias da motivação intrínseca ($\bar{x}_{T1}=12,78$; $\bar{x}_{T2}=13,01$).

Conclusão: Sugerimos a aplicação de estudos qualitativos a fim de investigar os motivos (internos e externos) dessas alterações na motivação autodeterminada em diferentes períodos, inclusive com maior número de sujeitos.

Análise dos fatores motivacionais para a prática do Judô (AP031)

João Victor da Rocha ; Felipe Rocha Alves; Evanice Avelino de Souza; Francisco Alex Alves Teixeira; Fabricio Furtado da Rocha

Introdução: Nos últimos anos, os estudos relacionados à psicologia esportiva têm ganhado considerável espaço no meio acadêmico brasileiro, principalmente naqueles relacionados aos aspectos motivacionais.

Objetivo: Conhecer os motivos que levam jovens a praticarem determinada modalidade esportiva é de grande relevância para professores e treinadores, pois a motivação é pré-requisito para a permanência de um indivíduo em um programa esportivo.

Métodos: Estudo transversal realizado com 72 indivíduos praticantes de judô (73,6% do sexo masculino; 13 – 60 anos de idade) da equipe Clube Sol Nascente, localizado na cidade Fortaleza, Ceará. Como instrumento de medida foi utilizado o Inventário de Motivação para Prática Desportiva (IMPD), composto por 19 itens subdivididos em três categorias: competência desportiva, saúde e amizade/lazer. Utilizou-se o teste do Qui-quadrado através do software SPSS 21.0, adotando como nível de significância $p < 0,05$.

Resultados: Na categoria competência desportiva “desenvolver habilidade” e “aprender novos esportes” com 76,4% e 48,8% respectivamente foram os motivos com maior percentual. Na categoria saúde os motivos “manter a saúde” e “manter o corpo em forma” com 75,0% e 72,2% respectivamente obtiveram os maiores valores, já na categoria amizade/lazer o motivo com maior percentual foi “por que gosto” com 86,1%. Não houve diferenças significativas ($p > 0,05$) entre sexo, faixa etária e graduação. O fator gostar obteve maior incidência nas respostas dos praticantes de judô, sendo esse o indicativo de maior motivação entre os indivíduos investigados.

Conclusão: Sugere-se que estudos sobre motivação tenham seus resultados apresentados aos professores e/ou técnicos de modalidades esportivas como meio de manter seus educandos na prática do esporte e ainda, contribuir com uma melhor metodologia de ensino.

Fatores motivacionais para a prática do handebol de atletas na categoria juvenil (AP032)

Adriana Costa Borges; Ernesto Flavio B. B. Pereira

Introdução: A motivação tem requerido estudos visto que, o nível técnico de atletas de rendimento está cada vez mais equilibrado, assim é dada ênfase especial à preparação emocional hoje tida como o diferencial para uma execução bem-sucedida.

Objetivo: Identificar os fatores motivacionais para a prática de Handebol.

Métodos: Para a identificação dos fatores utilizou-se do Inventário de Motivação para a Prática Desportiva de Gaya e Cardoso (1998), adaptado por Hernandez et al. (2008). Foram entrevistados 40 indivíduos com idades entre 15 e 18 anos.

Resultados: De acordo com os resultados (Tabela 1), pode-se perceber que os atletas demonstraram uma tendência a valorizarem mais o fator ligado a “aspiração profissional”. Ser jogador profissional, melhor atleta, apresentar melhor rendimento e de demonstrar suas habilidades são fatores motivacionais para envolver-se e persistir na prática do handebol. Em relação ao fator “amizade e lazer”, os jovens apresentaram menor grau de interesse. Esta constatação nos parece muito consciente, visto que tanto o ambiente de treino para a competição quanto os objetivos a serem perseguidos pelos praticantes de handebol priorizam a busca permanente pelo aperfeiçoamento do desempenho, na procura da ocupação do espaço na equipe, de status social, de ser reconhecido.

Conclusão: Os dados apresentaram um perfil predominantemente voltado para os aspectos motivacionais relacionados à aspiração profissional. Embora seja evidente que o presente perfil motivacional para o atleta de handebol possa configurar-se incompleto, é importante ressaltar que os dados apresentados neste estudo constituem-se em indicadores precisos nos processos de planejamento, organização, avaliação e controle de programas de treino.

Tabela I – Perfil motivacional dos atletas

Fatores Motivacionais	Média	D.p.
Fitness	2,58	0,41
Amizade e Lazer	2,33	0,45
Competitividade	2,69	0,26
Aspiração Profissional	2,73	0,28

Relação entre idade e motivação em jogadores de Rugby amadores (AP033)

Adeilton dos Santos Gonzaga; Rogério Márcio Luckwu; Stephanney Karolinne Mercer Souza Freitas de Moura

Introdução: Tempo de Reação (TR) consiste no tempo existente entre a apresentação do estímulo e a ativação muscular inicial para desempenhar uma tarefa. Dentre as possibilidades de TR, existe o Tempo de Reação de Escolha (TRE), que é quando se tem várias possibilidades de estímulos com uma escolha correspondente para cada um deles, e ainda está relacionado a diversos fatores que podem influenciar no seu pleno êxito, como o tipo de estímulo, complexidade da tarefa, prática e a idade.

Objetivo: Analisar o TRE em mulheres em diferentes faixas etárias.

Métodos: A amostra foi composta por 44 mulheres, com idade média de $15,46 \pm 3,34$ anos, inexperientes na tarefa. Elas foram divididas em grupos por faixas etárias: (GI-1: 12 e 13 anos, GI-2: 14 e 15 anos, GI-3 16 a 18anos, GI-4: 19 e 20 anos e GI-5: 21 a 30 anos), O TRE foi avaliado em segundos através do Multi-Operacional Apparatus for Reaction Time (MOART: Lafayette Instrument Company ®, Modelo no. 35600) nas condições dois (TRE2), quatro (TRE4), seis (TRE6) e oito (TRE8) estímulos visuais. Utilizou-se o teste U de Mann Whitney para comparação intergrupos em cada condição de TRE com nível de significância $p \leq 0,05$.

Resultados: Na comparação entre grupos, observou-se diferenças na condição TRE2 entre os grupos GI-5 ($0,36 \pm 0,02$) e GI-1 ($0,43 \pm 0,06$) com $p = 0,016$ e entre GI-5 ($0,36 \pm 0,02$) e GI-2 ($0,45 \pm 0,08$) com $p = 0,030$. Para TRE4, observou-se diferença entre GI-5 ($0,43 \pm 0,04$) e GI-2 ($0,56 \pm 0,14$) com $p = 0,022$. Na condição TRE6, as diferenças foram encontradas em GI-5 ($0,44 \pm 0,06$) e GI-2 ($0,70 \pm 0,26$) com $p = 0,003$ e GI-5 ($0,44 \pm 0,06$) e GI-3 ($0,55 \pm 0,10$) com $p = 0,016$.

Conclusão: O TRE diminuiu com o aumento da idade até a idade adulta, apresentando resultados melhores para mulheres adultas.

Análise dos fatores motivacionais de jogadores amadores de Rugby sevens masculino (AP034)

Adeilton dos Santos Gonzaga¹; Rogério Márcio Luckwu¹

¹Instituto de Educação Superior da Paraíba.

Introdução: O *rugby* é uma das modalidades que serão representadas nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, na variação com sete jogadores (*rugby sevens*). No Brasil, as condições para a prática estão longe das encontradas em outros países. A maioria dos jogadores não recebe salários. Porém, o número de praticantes tem crescido em todo o país. Os fatores que motivam estes jogadores devem ser analisados.

Objetivo: Este estudo teve como objetivo analisar os fatores motivacionais para a prática esportiva de jogadores de *rugby*, segundo a teoria da autodeterminação.

Métodos: Participaram do estudo 73 jogadores de *rugby sevens* do sexo masculino com idade entre 16 e 34 anos (M: 23,29; DP: 4,21). Os participantes responderam a um questionário (Escala de Motivação Esportiva) de 28 itens, partindo da proposição: "Participo e me esforço no meu esporte...". As respostas para cada item são representadas em uma escala de 7 pontos, sendo 1 e 2 "não corresponde" e 6 e 7 "corresponde exatamente". Foram calculados os valores descritivos (média e desvio padrão).

Resultados: Os participantes apresentaram altos valores de motivação intrínseca de realização (M: 6,02; d: 0,95), de conhecimento (M: 6,01; DP: 0,88) e de estimulação (M: 6,20; DP: 0,68) e de motivação extrínseca introjetada (M: 5,21; DP: 1,19) e identificada (M: 5,93; DP: 1,01), e baixos valores de motivação extrínseca de regulação externa (M: 3,79; DPd: 1,41) e de desmotivação (M: 2,10; DP: 1,22). O Índice de Autodeterminação apresentou valores elevados (M: 9,53; DP: 2,79).

Conclusão: A partir dos resultados, é possível concluir que os jogadores amadores de *rugby sevens* que participaram deste estudo apresentaram altos valores de motivação intrínseca e extrínseca (exceto de regulação externa) e baixos valores de desmotivação.

Análise dos fatores motivacionais de jogadoras amadoras de Rugby sevens (AP035)

Rogério Márcio Luckwu¹; Adeilton dos Santos Gonzaga¹

¹Instituto de Educação Superior da Paraíba.

Introdução: O *rugby* será representado nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro 2016, na sua variação com sete jogadoras. Apesar dos resultados internacionais com a seleção, as condições para a sua prática no Brasil não são as melhores. A maioria das jogadoras não recebe salários. Entretanto, o número de praticantes do sexo feminino tem crescido. Os fatores motivacionais que atuam sobre jogadoras devem ser analisados.

Objetivo: O presente estudo teve como objetivo analisar os fatores motivacionais para a prática esportiva de jogadoras amadoras de *rugby*.

Métodos: Participaram do estudo 48 jogadoras de *rugby sevens* com idade entre 16 e 37 anos (M: 24,04; DP: 4,58). Utilizou-se a Escala de Motivação Esportiva composta por 28 itens, partindo da proposição: “Participo e me esforço no meu esporte...”. respondidas em uma escala de 7 pontos, sendo 1 e 2 “não corresponde” e 6 e 7 “corresponde exatamente”. Foram calculados os valores descritivos (média e desvio padrão).

Resultados: Foram observados altos valores de motivação intrínseca de realização (M: 6,35; *d*: 0,81), de conhecimento (M: 6,05; DP: 1,00) e de estimulação (M: 6,42; DP: 0,65) e de motivação extrínseca introjetada (M: 5,68; DP: 1,28) e identificada (M: 5,87; DP: 0,79), e valores médios de motivação extrínseca de regulação externa (M: 3,96; *d*: 1,51) e baixos valores de desmotivação (M: 1,79; DP: 0,86). O Índice de Autodeterminação apresentou valores elevados (M: 10,09; DP: 2,62).

Conclusão: A partir dos resultados observados, é possível concluir que as jogadoras amadoras de *rugby sevens* que participaram deste estudo apresentaram altos valores de motivação intrínseca e extrínseca (exceto de regulação externa) e baixos valores de desmotivação.

Análise da fidedignidade de testes psicológicos em jovens alunos-atletas (AP036)

Davi Mól Barbosa¹; Emerson Filipino Coelho¹; Renato Melo Ferreira¹; Luciano Miranda²; Francisco Zacaron Werneck¹

¹Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Centro Desportivo (CEDUFOP), Laboratório de Estudos e Pesquisas do Exercício e Esporte (LABESPEE), Grupo de Estudos do Jovem Atleta (GEJA); ²Colégio Militar de Juiz de Fora (CMJF).

Introdução: Na avaliação do potencial esportivo de jovens atletas, devem ser utilizados testes que atendam aos critérios de autenticidade científica. Um teste só é considerado válido, se antes for fidedigno, de tal forma que se resultados diferentes são obtidos em testes sucessivos, não se pode confiar no teste.

Objetivo: O presente estudo analisou a fidedignidade de testes psicológicos em jovens alunos-atletas.

Métodos: Participaram do estudo 390 alunos-atletas de uma escola militar de Minas Gerais (222 meninos; 168 meninas), com idade entre 11 e 18 anos. Foram avaliadas a consistência interna (*n*=364) e a estabilidade teste-reteste (*n*=22) do *Athletic Coping Skills Inventory-28* versão brasileira (ACSI-28BR) e do Questionário de Orientação para Tarefa ou Ego no Esporte (TEOSQ). Utilizou-se o coeficiente de correlação intraclasse (CCI) e o coeficiente alpha de Cronbach, adotando nível de significância de 5%.

Resultados: Os testes indicaram fidedignidade satisfatória (Tabela 1).

Tabela 1: Fidedignidade das habilidades psicológicas de *coping* (ACSI-28BR) e da orientação de motivação para tarefa ou ego (TEOSQ) em alunos-atletas de uma escola militar de Minas Gerais (*n*=364).

Instrumento / Variáveis	Estabilidade CCI (IC95%)	Teste-Retestes p-valor	Consistência Interna Alfa de Cronbach
<i>ACSI-28BR</i>			
Lidar com Adversidades	0,85 (0,62 – 0,94)	<0,001*	0,69
Desempenho sob Pressão	0,93 (0,83 – 0,97)	<0,001*	0,81
Metas/Preparação Mental	0,86 (0,66 – 0,94)	<0,001*	0,74
Concentração	0,67 (0,23 – 0,86)	0,006*	0,63
Livre de Preocupação	0,93 (0,82 – 0,97)	<0,001*	0,68
Confiança/Motivação	0,80 (0,53 – 0,92)	<0,001*	0,66
Treinabilidade	0,77 (0,44 – 0,91)	0,001*	0,63
Recurso Pessoal de Coping	0,81 (0,54 – 0,92)	<0,001*	0,85
<i>TEOSQ</i>			
Motivação para Tarefa	0,81 (0,10 – 0,83)	0,01*	0,85
Motivação para Ego	0,80 (0,53 – 0,92)	<0,001*	0,84

(CCI: coeficiente de correlação intraclasse; EPM: erro padrão de medida; *Diferença estatisticamente significativa, *p*<0,05)

Conclusão: As versões brasileiras dos testes psicológicos ACSI-28BR e TEOSQ apresentaram fidedignidade satisfatória em jovens alunos-atletas de ambos os sexos, na faixa etária de 11 a 18 anos.

O efeito da idade relativa em judocas medalhistas dos jogos escolares da juventude 2014 e 2015 (AP037)

Thiago Vinicius Ferreira¹; Varley Teoldo da Costa¹

¹Universidade Federal de Minas Gerais.

Introdução: O Efeito da Idade Relativa (EIR) consiste na possível vantagem, consequente da diferença de idade de atletas presentes em uma mesma categoria, agrupados em um dentro do mesmo ano de seleção. Assim, judocas nascidos nos primeiros meses do ano podem ser beneficiados pelo EIR.

Objetivo: Objetivou-se verificar o EIR em jovens judocas brasileiros medalhistas nos Jogos Escolares da Juventude nos anos de 2014 e 2015.

Métodos: Avaliou-se 119 atletas (média de idade 13,55 ± 0,59 anos), de ambos os sexos. A data de nascimento dos atletas foi categorizada em quartis,

sendo que os atletas nascidos em janeiro, fevereiro e março foram agrupados no primeiro quartil, assim por diante. Ainda foi utilizada a categorização por semestre. Foi utilizado o teste de Qui-Quadrado ($p < 0,05$), com uma posterior análise de proporção 2x2 com correção de Bonferroni, para um $p < 0,0083$.

Resultados: Ao avaliar os diferentes quartis o teste de Qui-Quadrado encontrou diferença significativa [$X^2_{(3)} = 18,839$; $p = 0,020$]. Ao utilizar o Qui-Quadrado para localizar as diferenças com a correção de Bonferroni, foi encontrada diferença significativa do quartil 1x4 ($p < 0,001$), 2x4 ($p < 0,001$) e 3x4 ($p < 0,001$), sendo que em todas as análises, o quartil 4 apresentou frequência inferior aos demais quartis (1, 2 e 3). As demais comparações não foram encontradas diferenças significativas ($p > 0,016$). Ao verificar o EIR utilizando o semestre, foi encontrada diferença significativa [$X^2_{(2)} = 10,290$; $p = 0,002$] em que o 1 semestre apresentou uma frequência maior que o segundo semestre.

Conclusão: Como conclusão foi encontrada o Efeito da Idade Relativa em judocas medalhistas dos jogos escolares da juventude.

Tabela 1. Comparação das datas de nascimento por quartil e por semestre dos judocas medalhistas nos Jogos Escolares 2014 e 2015

1º Quartil	2º Quartil	3º Quartil	4º Quartil	1º Semestre	2º Semestre
41(34,46%)	36(30,25%)	32 (26,89%)	10 (8,40%)	77 (64,71%)	42 (35,29%)

* $p < 0,05$

Adaptação e validação transcultural da escala de motivação à prática de atividades físicas (MPAM-R) para o português (AP038)

Larissa Oliveira Faria¹; Varley Teoldo Da Costa²; Mariana Calábria Lopes¹; Maicon Rodrigues Albuquerque¹

¹Universidade Federal de Viçosa; ²Universidade Federal de Minas Gerais.

Introdução: A atividade física tem um papel importante na redução de inúmeras doenças crônicas. Com o intuito de compreender os motivos que levam à prática de atividade física, pesquisadores desenvolveram a escala *Motives for Physical Activity Measure Revised* – MPAM-R. Em 2010, foi conduzido o processo de tradução, validação e adaptação da escala para a versão em Português. Apesar dos resultados não serem adequados, os autores consideraram que os valores

eram satisfatórios. Sendo assim, a escala precisa ser mais investigada.

Objetivo: Com isso, o presente estudo objetiva traduzir, adaptar e validar a escala MPAM-R para a aplicação em brasileiros.

Métodos: O instrumento foi traduzido e adaptado seguindo uma metodologia rigorosa, que inclui duas traduções independentes, síntese das traduções e duas retrotraduções feitas também de forma independente, análise de vieses e discrepâncias por dois especialistas com experiência em adaptação transcultural. A versão final foi aplicada em 300 voluntários que estavam envolvidos em programas de atividades físicas por no mínimo 6 meses. Os dados foram analisados por meio da Análise Fatorial Confirmatória (AFC) e Análise Fatorial Exploratória (AFE). A consistência interna foi avaliada por meio do alfa de Cronbach (α).

Resultados: A AFC indicou que a versão de 30 itens não se adequou aos ajustes do modelo. A AFE com 30 itens indicou medidas de ajustes adequados (CFI = 0,98; TLI = 0,96; RMSEA = 0,058), entretanto

algumas questões carregaram em dimensões que conceitualmente não foram adequadas (8 e 25) ou tiveram cargas fatoriais menores que 0,30 (1 e 12). Após a retirada dos quatro itens, o modelo final apresenta medidas de ajuste favoráveis (CFI = 0,98; TLI = 0,96; RMSEA= 0,058), bem como conceitualmente suportam as dimensões em relação à proposta original.

Conclusão: Conclui-se que esta adaptação apresenta-se pronta para utilização em brasileiros semelhantes aos da amostra do estudo.

Teste de conhecimento tático declarativo no futebol: TCTD:Fb2: validação preliminar (AP039)

Gibson Moreira Praça¹; Mariana Calábria Lopes²; Juan Carlos Perez Morales³; Pablo Juan Greco³

¹Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri; ²Universidade Federal de Viçosa; ³Universidade Federal de Minas Gerais.

Introdução: No futebol, estruturas do conhecimento permitem aos atletas a escolha da melhor solução face as situações-problema. O conhecimento em esportes apresenta-se eminentemente tático, diferenciando-se em processual (CTP) e declarativo (CTD). Este se avalia por meio da tomada de decisão recorrendo-se a protocolos de vídeo.

Objetivo: Este trabalho objetivou concretizar o procedimento de validade de conteúdo do Teste de Conhecimento Tático Declarativo no Futebol: TCTD:Fb2.

Métodos: Selecionaram-se inicialmente 70 cenas de vídeo de jogos do Campeonato Brasileiro dos anos de 2012 e 2013. As cenas correspondiam à fase ofensiva, com duração de 6 a 10 segundos. Cinco peritos atribuíram uma nota (escala Likert de 1 a 5) para cada cena, nas dimensões: clareza de linguagem, pertinência prática e relevância teórica. Calculou-se assim, o coeficiente de Validade de Conteúdo (CVC). Os Itens com CVC médio superior a 0,8 nas três dimensões foram ainda avaliados quanto à melhor resposta para a pergunta: “Qual a melhor tomada de decisão para o portador da bola?”, considerando-se satisfatória a concordância de pelo menos 4 dos 5 peritos para a melhor resposta.

Resultados: Das 70 cenas inicialmente encaminhadas aos peritos, 15 foram excluídas por apresentar valores de CVC médio em alguma das dimensões inferiores a 0,8. Posteriormente, a partir da avaliação da concordância dos peritos em relação às melhores respostas, restaram 27 cenas. O CVC final do instrumento foi de 0,873 (0,862 para clareza de linguagem, 0,940 para pertinência prática e 0,937 para relevância teórica), com todas as cenas

selecionadas apresentando CVC do item superior a 0,8 e concordância de 4 entre os 5 peritos para a melhor nota, valores considerados adequados na literatura.

Conclusão: Conclui-se haver evidências de validade do TCTD:Fb2. Sugere-se que os passos seguintes para a validação no âmbito da psicometria sejam conduzidos.

Adaptação para o Brasil e propriedades psicométricas preliminares do Sport Anxiety Scale (AP040)

Tais Brasil^{1,3}; Raquel Melo¹; Yago Baltar^{1,2}; Bruno Barreto¹; Alberto Filgueiras¹

¹Laboratório de Neuropsicologia Cognitiva e Esportiva da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (LaNCE-UERJ); ²Instituto de Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (IP-UFRRJ); ³Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IP-UFRJ).

Introdução: Ansiedade é uma resposta fisiológica associada às situações de pressão, mais especificamente ativação do Sistema Nervoso Simpático. Atletas geralmente interpretam as competições como situações de pressão. Em um nível elevado, a ansiedade é responsável por limitar movimentos gerando tensões musculares, comprometendo a atenção e percepção, e dificultando alcançar o estado de *flow*. No Brasil, faltam instrumentos específicos para se avaliar a ansiedade de atletas.

Objetivo: Esse trabalho objetivou adaptar para o Brasil e investigar as propriedades psicométricas preliminares do *Sport Anxiety Scale-2* (SAS-2), traduzida como Escala de Ansiedade no Esporte (EAE).

Métodos: A autorização para tradução foi adquirida junto ao desenvolvedor da escala: Dr. Ronald Smith. Procedeu-se a tradução por dois tradutores independentes. Uma comissão de especialistas foi consultada sobre a adaptação e uma versão preliminar foi definida. A versão adaptada foi retrotraduzida e o autor da escala original foi consultado sobre sua adequação. Depois de implementadas as sugestões, a versão final foi aplicada em 32 atletas de três modalidades: futebol americano, lutas e basquete. Estudos de fidedignidade e validade foram conduzidos, a saber: alfa de Cronbach e correlação item total; correlação com o Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE) e Análise de Componentes Principais (ACP) com rotação oblíqua.

Resultados: O alfa de Cronbach revelou fidedignidade alta para $\alpha=0,83$. A correlação dos itens com o total variou entre 0,04 (item 13) e 0,76 (item 5). A correlação com o IDATE foi: 0,76 (subescala Estado) e 0,65 (subescala Traço). A ACP

extrai 3 componentes com autovalor superior a 1,0 que explicam 66,77% da variância total.

Conclusão: Os resultados revelaram que a adaptação da EAE obteve bons índices psicométricos; apesar da necessidade de revisar o item 3 e de estudos com amostra maior e participantes não atletas.

Utilização do modelo Rasch para o desenvolvimento de um teste de raciocínio indutivo aplicado a atletas (AP041)

Marcos Alencar Abaide Balbinotti¹; Evandro Morais Peixoto²; Tatiana de Cassia Nakano²; Carolina Rosa Campos²; Daniela Wiethaeuper¹; Marcus Levi Lopes Barbosa³

¹Université du Québec à Trois-Rivières-UQTR; ²Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC; ³Universidade Feevale – UNIVALLE.

Introdução: A forma mais simples de indução pode ser definida como um processo pelo qual se passa da premissa que envolve um número finito de casos observados para alguma conclusão generalizada. A literatura sugere que o desempenho de atletas pode ser influenciado, dentre outros fenômenos, pelo tipo de raciocínio indutivo utilizado, ou seja, pelo modo como esses percebem a realidade (levando-se em conta o aspecto lógico e intelectual da questão) e a forma como o indivíduo fornece soluções aos novos problemas com base nestas informações. Nesta direção contar com instrumentos que apresentem evidências de validade e precisão para avaliação deste construto frente esta população configura-se com um desafio aos profissionais e pesquisadores da Psicologia do Esporte.

Objetivo: O presente estudo teve como objetivo estimar as principais propriedades dos itens (dificuldade e índices de ajuste) do Teste de Balbinotti-Barbosa de Raciocínio Indutivo (TBBRI-20), e características dos participantes (*theta*-nível de intensidade no construto) através da Teoria de Resposta ao Item, mais especificamente do modelo Rasch.

Métodos: O TBBRI-20 é um instrumento unidimensional composto por vinte itens que apresentam sequências lógicas nas quais o avaliado deve indicar as respostas certas, dentre 6 possíveis para cada item. O instrumento foi aplicado em 353 jovens praticantes regulares de atividades esportivas (idade: 16,38±1,78; 56,6% do sexo masculino).

Resultados: Os itens apresentaram índices de dificuldade que variaram entre -2,07 e 1,38, com índices de ajustes *Infit* que variavam entre 0,71 e

1,13 e *Outfit* 0,39 e 1,4. Em relação aos participantes observou-se *thetas* que variavam entre -3,49 e 3,34.

Conclusão: Os resultados indicaram que o TBBRI apresentou parâmetros psicométricos adequados para a avaliação do construto alvo, cobrindo uma faixa considerável no nível de *theta* dos participantes, assim como índices de ajuste adequados. Contudo a relação *theta*/dificuldade dos itens evidencia a necessidade de construção de itens mais difíceis.

Escala de Educação e Valores Olímpicos: validade pela relação com a escala de agressividade competitiva (AP042)

Carlos José Ferreira Lopes; Nelimar Ribeiro de Castro

Introdução: Valores Olímpicos ou Olimpismo é uma filosofia que associa esporte, cultura e educação ao enaltecer o valor do bom exemplo e respeito pelos princípios éticos universais. Já agressividade refere-se ao comportamento com intuito de prejudicar ou ferir intencionalmente outrem. No esporte, um componente positivo é a disposição do atleta para alcançar seus objetivos; e negativo, quando este investe sua energia para atingir metas, mesmo que precise cometer faltas no adversário.

Objetivo: Estabelecer evidência de validade divergente para a Escala de Educação e Valores Olímpicos (EEVO) pela relação com a Escala de Agressividade Competitiva (EAC).

Métodos: Participaram 500 praticantes de esportes coletivos: 47,0% mulheres e 53,0% homens. Aplicou-se a EEVO e a EAC e realizaram-se correlações de Pearson entre elas.

Resultados: O fator Trabalho em Equipe e a EAC mostraram valores nulos em todos os indicadores e no índice total. Em Excelência obteve-se correlações negativas com magnitudes baixas e significativas com Comportamento Agressivo Declarado ($r=-0,27$; $p<0,001$) e Índice Total ($r=-0,22$; $p<0,001$) e nulas para as demais. O fator Autocontrole apresentou magnitudes mais elevadas sendo baixas com Condutas Intimidativas ($r=-0,38$; $p<0,001$) e Agressividade Encoberta ($r=-0,32$; $p<0,001$), baixas e moderadas com Comportamento Agressivo Declarado ($r=-0,45$; $p<0,001$) e Índice Total da EAC ($r=-0,47$; $p<0,001$), já o Índice Total da EEVO indicou magnitudes baixas para Comportamento Agressivo Declarado ($r=-0,34$; $p<0,001$), Agressividade Encoberta ($r=-0,21$; $p<0,001$) e Índice Total da EAC ($r=-0,19$; $p<0,001$). Tais resultados condizem com o esperado. O Fator Trabalho em Equipe estabelece uma relação interna ao time, enquanto a agressividade competitiva

direciona-se aos adversários, justificando os índices nulos.

Conclusão: As correlações mais elevadas com o fator Autocontrole mostraram-se adequadas, pois pessoas com maior controle de suas ações apresentariam menos comportamentos inadequados como a agressividade competitiva. Os índices negativos entre as escalas representaram uma evidência de validade para a EEVO.

Estados de humor de atletas brasileiros paralímpicos e atletas convencionais (AP043)

Carolina de Campos¹; Flávia Renata de Almeida¹; Cláudia Borim da Silva¹; Marcelo Callegari Zanetti¹; Maria Regina Ferreira Brandão¹

¹Universidade São Judas Tadeu.

Introdução: A Escala de Humor de Brunel (BRUMS) é hoje um dos principais instrumentos utilizados para avaliação de estados de humor no esporte. Através deste instrumento são avaliados seis fatores: tensão, depressão, raiva, vigor, fadiga e confusão mental. Em sua validação para a população brasileira, participaram da amostra da pesquisa atletas profissionais de diferentes idades. No entanto, não houve participação da população de atletas paralímpicos durante a validação.

Objetivo: O presente estudo objetivou comparar os resultados encontrados no BRUMS aplicado em atletas paralímpicos brasileiros, com os resultados encontrados na validação deste teste aplicado em atletas convencionais, para verificar se há diferenças entre as médias destas duas amostras.

Métodos: Participaram do estudo 38 atletas paralímpicos convocados pelas seleções brasileiras de atletismo e judô no ano de 2015. Os atletas responderam à escala BRUMS no período da manhã antes do treino. Os dados encontrados foram comparados, através do teste *t* de Student para amostras independentes, com os resultados obtidos durante a validação da versão brasileira da escala aplicada em 34 atletas adultos antes de um jogo. O nível de significância adotado foi de $p \leq 0,05$ para todas as variáveis.

Resultados: Os resultados encontrados apontam que há diferenças estatisticamente significantes entre os estados de humor tensão ($p=0,05$) e vigor ($p=0,01$). Para os demais estados não foram encontradas diferenças significantes.

Conclusão: Através desses resultados, pode-se afirmar que, enquanto a média de tensão é maior na equipe paralímpica, a média de vigor é menor que a validada para o Brasil quando o teste é aplicado em atletas portadores de deficiência física e visual. Neste sentido, sugere-se que novas investigações sejam feitas com esta população e, caso apareçam

evidências com resultados semelhantes aos encontrados na presente pesquisa, propõe-se ainda uma validação do teste específica para atletas paralímpicos brasileiros.

Percepção da autonomia e sua influência no comportamento pró e antissocial em atletas, mediados pela orientação esportiva: um modelo explicativo de moral no esporte (AP044)

Leonardo Pestillo De Oliveira¹; João Ricardo Nickenig Vissoci²; Evandro Morais Peixoto³; Ricardo de Almeida Castillo⁴; Marcos Alencar Abaide Balbinotti⁴; Antonio da Costa Ciampa⁵

¹Centro Universitário Cesumar-UniCesumar; ²Duke University; ³Pontifícia Universidade Católica de Campinas; ⁴Université du Québec à Trois-Rivières; ⁵Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Introdução: O objetivo do estudo foi propor um Modelo Explicativo de Moral no esporte verificando a percepção de autonomia e sua influência no comportamento pró e antissocial em atletas, mediados pela orientação esportiva.

Objetivo: O objetivo do estudo foi propor um Modelo Explicativo de Moral no esporte verificando a percepção de autonomia e sua influência no comportamento pró e antissocial em atletas, mediados pela orientação esportiva.

Métodos: Participaram do estudo 180 atletas de diversas modalidades esportivas. Os instrumentos utilizados foram: Escala de Satisfação de Necessidades Básicas no Esporte; Escala Multidimensional de Orientação Esportiva; e Escala de Comportamento Pro social e Antissocial no Esporte. Os dados foram analisados por meio de um Modelo de Equações Estruturais.

Resultados: O modelo estrutural apresentou indicadores de ajustamento adequados [$X^2 = 23.392$; $X^2_{scaled} = 0.17$; CFI = 0.99; TLI = 0.99; RMSEA = 0.00 (95% 0.00-0.07); SRMR = 0.09; GFI = 0.99; AGFI = 0.99], com trajetórias significativas e de intensidade moderada a alta. Autonomia apresentou um efeito positivo sobre a variância de orientação esportiva (0.39), explicando a variância em 15%. Mediado pela orientação esportiva, o modelo foi capaz de explicar positivamente os comportamentos pro sociais (0.85) em 72% e negativamente os comportamentos antissociais (-0.52) em 27%. O efeito indireto da variável autonomia sobre os comportamentos pro sociais foi positivo (0.18) e sobre os comportamentos antissociais foi negativo (-0.20).

Conclusão: A maior percepção de satisfação de autonomia com a prática esportiva, facilita a capacidade de emitir orientações morais positivas em relação à prática, resultando então em mais

comportamentos pro sociais aos companheiros de equipe e adversários e menos comportamentos antissociais. Este estudo apresenta novos achados sobre as variáveis que se relacionam com a moral no contexto esportivo e a busca pela autonomia e emancipação ao longo de sua formação atlética. Espera-se contribuir na formação de atletas no, sendo uma fonte de informação para profissionais da psicologia e demais áreas sobre como proceder para que o esporte seja um dos fatores que contribuem para o desenvolvimento humano.

Propriedades psicométricas da versão brasileira da Escala de Promoção e Prevenção de Lockwood, Jordan e Kunda (2002) (AP045)

Juan Carlos Perez Morales¹; Mariana Calábria Lopes²; Gibson Moreira Praça³; Pablo Juan Greco¹

¹Universidade Federal de Minas Gerais; ²Universidade Federal de Viçosa; ³Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

Introdução: A Teoria do Foco Regulatório explica a maneira como os objetivos pessoais orientam e regulam os processos cognitivos para atingir um determinado resultado final. A teoria propõe dois tipos de orientações regulatórias denominadas de promoção e prevenção. Nesse sentido, Lockwood, Jordan e Kunda (2002) desenvolveram e validaram a escala de promoção e prevenção para mensurar o foco regulatório.

Objetivo: Objetivou-se verificar preliminarmente as propriedades psicométricas da versão brasileira da escala de promoção e prevenção de Lockwood, Jordan e Kunda (2002).

Métodos: Participaram do estudo 336 praticantes de modalidades esportivas coletivas e individuais com idade dos 09 aos 55 anos. Para validação da versão brasileira após procedimento de *back-translation*, os participantes do estudo responderam um conjunto de 18 questões-itens propostas na escala original. Recorreu-se a Análise Fatorial Exploratória (AFE) de Análise Paralela (AP), método de Mínimos Quadrados não Ponderados (MQNP) e rotação promax. Examinou-se a matriz de correlação de Pearson, o teste de Esfericidade de Bartlett, e de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO). Recorreu-se o programa FACTOR versão 10.3.01 para *Windows*.

Resultados: A AP e de MQNP determinou a extração e determinação de dois fatores. O teste de Bartlett (1231.8, $df = 153$; $p = 0,00001$) e de KMO (0,77812) confirmou a pertinência da AFE. A porcentagem de variância explicada foi de 33,7%. A matriz dos fatores sem rotação reportou valores de comunalidades abaixo de 0,50. A matriz de fatores após o procedimento de rotação determinou uma

estrutura fatorial bidimensional diferente da original. O item de número 13 não foi incluído em nenhum dos dois fatores por apresentar uma carga fatorial menor de 0,30.

Conclusão: A AFE da versão brasileira da escala de Lockwood, Jordan e Kunda (2002) não apresentou propriedades psicométricas satisfatórias e tampouco confirmou preliminarmente sua estrutura original, sendo necessária a revisão do procedimento de tradução realizado.

Sono, estados de humor e desempenho de lutadores brasileiros de judô e jiu-jitsu em período competitivo (AP046)

Ricardo Brandt; Claudia Barbosa

Introdução: No período competitivo atletas experimentam diversas situações que podem provocar alterações emocionais, podendo muitas vezes causar alterações de humor, sono entre outros fatores, com possibilidade de comprometer o desempenho esportivo.

Objetivo: Investigar os estados de humor e a qualidade do sono percebida pelos atletas de Judô e Jiu-jitsu em período competitivo, traçando uma relação com o desempenho esportivo.

Métodos: Participaram do estudo 173 atletas brasileiros, de judô (85) e de jiu-jitsu (88). Os estados de humor foram obtidos através da Escala de Humor de Brunel (BRUMS) e a percepção do sono através de uma pergunta (Como você avalia a qualidade do seu sono nos últimos dias?). A avaliação foi realizada até 60 minutos antes da primeira luta em competições de nível nacional. Foi utilizada estatística descritiva e inferencial e utilizada a regressão logística para avaliar o efeito da qualidade do sono e estados de humor na variável dicotômica desempenho (vitória e derrota).

Resultados: Os atletas de judô e jiu-jitsu se diferenciam nos estados de humor e aqueles que vencem apresentam raiva e tensão maior quando comparado aos que perderam a luta ($p < 0,05$). Todos os atletas apresentam estados de humor semelhante ao perfil de Iceberg. Os atletas apresentaram boa qualidade do sono, no entanto o critério de Wald demonstrou que o sono ($p > 0,05$) não contribui para a previsão do desempenho dos atletas, fazendo parte do modelo raiva, tensão e depressão. Níveis maiores de raiva e tensão associados a níveis menores de depressão possibilitam ao atleta uma chance maior de vitória tanto no judô quanto no jiu-jitsu.

Conclusão: O sono não afeta diretamente o rendimento, mas pode causar mudanças no humor, sendo que estes contribuem de maneira efetiva no

rendimento de atletas brasileiros de judô e jiu-jitsu em período competitivo.

Benefícios psicossociais de um programa sistematizado de exercícios para pessoas acometidas com acidente vascular encefálico (AP047)

Roberta Panunto da Silva; Rubens Venditti Junior; Romulo Dantas

Introdução: O Acidente Vascular Encefálico (AVE) é uma perda da função neurológica, que resulta de lesão ou morte de células cerebrais/encefálicas, após um insuficiente suprimento de sangue, que pode gerar impedimento das funções corporais, físicas e/ou cognitivas. O AVE é a segunda principal causa de morte no mundo, perdendo apenas para doenças coronarianas, e tem sido responsável por altas taxas de mortalidade e invalidez no Brasil, sendo uma patologia de elevado custo social e econômico. Deste modo é um importante problema de saúde pública mundial, que necessita de atenção especial em seus fatores de risco e prevenção. O AVE causa repercussões negativas na qualidade de vida dos afetados, como sofrimento psíquico e limitações nas atividades de domínio físico, cognitivo e social. O exercício físico, além de benefícios fisiológicos, influencia de forma benéfica o aspecto emocional, proporcionando maior autoconfiança, autonomia e independência.

Objetivo: O objetivo desta pesquisa foi avaliar os efeitos psicossociais do exercício físico do indivíduo que sofreu um AVE e verificar como era a vida da pessoa antes do acidente.

Métodos: Nossos objetivos específicos com essa pesquisa foram: a) diagnosticar possíveis efeitos do estresse, ansiedade e depressão como fatores de risco nos pacientes com AVE; b) identificar facilitadores e dificultadores, presentes na atividade física e que tragam influências psicossociais para este público; e assim, a partir dos estudos, auxiliar o indivíduo a se adaptar às novas condições e se sentir aceito socialmente.

Resultados: Após os resultados, elaboramos uma proposta sistematizada de programa de atividade física orientada, considerando aspectos psicossociais, e os benefícios que o programa traria para o indivíduo. Observamos como os fatores psicológicos influenciam nos aspectos físicos e na qualidade de vida pela percepção subjetiva do próprio indivíduo.

Conclusão: Discutimos a realidade das academias e instituições de atendimento; como é feito esse atendimento, e as propostas dos educadores físicos, a influência da interdisciplinaridade e o espaço de atuação no âmbito profissional. Apresentam-se

elementos consideráveis para a formação do aluno de graduação em EF e possibilidades de aplicação na atuação profissional para atendimento das pessoas com AVE.

Estudo do estresse psicofisiológico de motoristas de ônibus que trabalham em turnos (AP048)

Birgit Keller Marsili¹; Ivete Balen²; Carla C. Tagliari³; Ricardo W. Coelho¹

¹Universidade Federal do Paraná – UFPR; ²Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR; ³Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba – FARESC.

Introdução: O aumento notável do trabalho em turno e noturno nas últimas décadas tem sido estudado com crescente preocupação a respeito de seus efeitos sobre a saúde do trabalhador.

Objetivo: Identificar e comparar a percepção de estresse, os sintomas de estresse e as concentrações de cortisol salivar entre os turnos diurno e noturno em motoristas de ônibus.

Métodos: A amostra composta por 86 motoristas com idade média de 39,47 (dp=5,80) anos, sendo 42 motoristas de ônibus do turno diurno e 44 do turno noturno. Foi aplicado um questionário para as características sociodemográficas; Escala de Estresse Percebido; Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp. As concentrações de cortisol salivar foram medidas em três dias ao acordar, meia hora após acordar e antes de dormir.

Resultados: Em relação à percepção de estresse a prevalência de percepção elevada de estresse foi 27,9%, sendo maior entre os motoristas do turno diurno (28,57%) que do noturno (27,27%). Não houve diferença significativa da percepção de estresse nos turnos ($F(1,84)=2,088$; $p=0,152$). Os resultados indicam que dentre os estressados do turno noturno houve uma maior incidência de sintomas psicológicos (25%) seguido 9,10% de sintomas físicos. No turno diurno também os sintomas psicológicos (9,52%) prevaleceram aos sintomas físicos (4,76%). Foi encontrada diferença significativa entre os turnos na presença de estresse ($X_2= 4,57$, $p=0,03$), nas fases do estresse ($X_2= 119,11$, $p=0,03$) e nos sintomas psicológicos ($X_2= 3,57$, $p=0,05$). Houve diferença significativa entre os turnos e as concentrações ao acordar do primeiro dia de trabalho ($p=0,000$) e da folga ($p=0,021$).

Conclusão: Os motoristas do turno noturno apresentam maior percepção de estresse, maior incidência de estresse, maior número de trabalhadores na fase de exaustão e maiores concentrações de cortisol. Estes achados tornam-se relevantes para auxiliar a esclarecer os efeitos do turno noturno sobre a saúde dos trabalhadores.

Um estudo preliminar: percepção de dor em competidores de *crossfit* no open 2016 (AP049)

Cyntia Nunes¹; Juliana Frainer²; Gabriela Frischknecht³; Andrea Duarte Pesca⁴

¹Universidade Federal de Santa Catarina; ²Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC; ³Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC. Professora da Faculdade Avantis, Faculdade CESUSC; ⁴Professora Internacional Convidada da Faculdade de Motricidade Humana Ulisboa e Faculdade CESUSC. Coordenadora do Núcleo de Pesquisas em Avaliação e Intervenção em Psicologia do Esporte e do Exercício.

Introdução: A dor pode ser considerada um construto de caráter multidimensional, uma experiência subjetiva, sensitiva e emocional por vezes, desagradável. No *crossfit* executam-se movimentos de alto impacto utilizando todas as partes do corpo, por esse motivo, é comum que existam dores de diferentes intensidades durante os treinos. O *crossfit* é definido como uma metodologia de condicionamento físico que utiliza movimentos funcionais constantemente variados em alta intensidade com três fundamentos: ginástica, levantamento de peso olímpico e exercícios cardiovasculares. Incentiva-se que, no *crossfit* o atleta perceba a dor no momento de execução dos movimentos, mas que não a torne foco de seu treino, caso contrário, a atenção na execução técnica do movimento pode ser falha aumentando as chances de lesões e não término da série.

Objetivo: Identificar, por meio de um estudo preliminar, a percepção de dor de atletas que competem em *crossfit*, tendo como contexto de pesquisa o Open2016, um evento com duração de 5 semanas de competição nessa modalidade.

Métodos: Participaram da pesquisa atletas que competiram nas duas primeiras semanas, sendo 15 mulheres e 15 homens. Aplicou-se um formulário sociodemográfico e a Escala Borg CR10 (2009) para identificar a percepção de dor dos atletas durante a competição. Realizaram-se procedimentos de análises de Estatística Descritiva, Qui-quadrado e Teste-t de Student, considerando as características das variáveis e a distribuição dos dados.

Resultados: Verificou-se que atletas que perderam o foco no movimento, por causa da dor, e atletas que não finalizaram o WOD, apresentaram maiores médias de intensidade de dor, em comparação aos que mantiveram o foco no movimento e finalizaram o WOD.

Conclusão: Ainda que esses dados não tenham apresentado significância estatística ($p > 0,05$), podem ser informações relevantes na atuação em Psicologia do Esporte, considerando que, aqueles

que mantiveram o foco no movimento, mesmo com dor, obtiveram maiores índices na finalização do WOD, e essa análise apresentou significância estatística ($p < 0,05$).

A prática da ginástica localizada: motivos de ingresso e permanência (AP050)

Gustavo Lima Isler^{1,2}; Vivian de Oliveira²; Marcela F. Tomé de Oliveira²; Eric Matheus Rocha Lima²; Afonso Antonio Machado²

¹Claretiano – Faculdade - Rio Claro/SP; ² LEPESPE – IB/UNESP - Rio Claro/SP.

Introdução: A inserção e a manutenção da prática de exercício físico regular estão sempre atreladas aos motivos que as estimulam ou as inibem. De acordo com a Teoria da Autodeterminação, quanto mais intrínseca a motivação para algumas tarefas maiores serão as possibilidades de adesão à sua prática. Por isso, monitorar constantemente os motivos dos praticantes influenciará a implantação de ações, aumentando a satisfação e o prazer proporcionados, e o envolvimento.

Objetivo: O objetivo do presente estudo foi identificar os motivos de envolvimento de praticantes com a ginástica localizada e verificar as relações entre estes motivos e a faixa etária.

Métodos: Para a concretização deste estudo de campo exploratório, 18 praticantes de ginástica localizada preencheram um questionário composto por dados demográficos e o Inventário de Motivação para a Prática Regular de Atividade Física (IMPRAF-54). A tabulação dos dados seguiu o protocolo do instrumento, sendo analisado descritivamente.

Resultados: A Tabela 1 demonstra um direcionamento dos motivos para a saúde e a estética independentemente da faixa etária. A sociabilidade demonstrou menor influência, exceto para a faixa adulto-jovem. Outros destaques: elevados percentis relativos ao prazer (idoso e adulto-jovem) e ao controle de estresse (adulto-jovem), que ressaltam a importância do comportamento intrinsecamente motivado.

Conclusão: Destarte, os resultados revelaram diferenças entre as faixas etárias e salientaram ao professor a necessidade de atenção para as dimensões em destaque, mas também ressaltaram que diante de percentis não considerados elevados, é fundamental analisa-los individualmente e constantemente para que se identifiquem aspectos particulares.

Tabela 1 – Média e DP dos percentis de acordo com as faixas etárias

	C. Estresse	Saúde	Sociabilidade	Competitividade	Estética	Prazer
Adulto - Jovem	70 (±8,16)	88,25 (±12,58)	65 (±19,15)	56,25 (±11,09)	73,75 (±17,02)	76,25 (±17,02)
Mela-idade	52 (±25,95)	83,6 (±15,33)	40,3 (±34,62)	67 (±15,67)	70,8 (±22,30)	55,8 (±36,23)
Idoso	46,25 (±4,79)	79,5 (±22,52)	33,75 (±10,31)	73,75 (±25,29)	79,75 (±15,92)	72,25 (±24,30)

O efeito ergogênico da música nas aulas de educação física escolar (AP051)

Bruno Prestes Gomes¹

¹Instituto Federal do Pará (IFPA) – Campus Marabá Industrial.

Introdução: A música é considerada como recurso ergogênico por aumentar performance esportiva e interferir positivamente no estado de humor dos indivíduos.

Objetivo: O objetivo do presente estudo foi investigar o efeito ergogênico da música nas aulas de Educação Física Escolar.

Métodos: Participaram do estudo 18 adolescentes da rede pública de Manaus/AM (15±1,4 anos; 1,52±0,11 cm; 49,88±8,13 kg). Foram aplicados os testes de resistência (abdominal de 1 minuto), potência (salto horizontal), agilidade (teste do quadrado) e questionário de estado de humor (POMS), em duas situações: música eletrônica (ME) e sem música (SM). A música eletrônica foi conduzida com ritmo em 160 bpm (batidas por minuto) reproduzida por aparelho amplificador de som. Para análise dos dados foi utilizado o *software* SPSS for Windows versão 15.0 (SPSS Inc., Chicago IL, EUA), utilizando o teste t de Student para amostras pareadas. O nível de significância atribuído foi de 5%.

Resultados: Os resultados dos testes, através da média ± desvio padrão, foram: resistência (27,88±9,08 s), potência (1,62±0,22 cm) e agilidade (6,18±3,18 s) para ME; resistência (28,88±9,48 s), potência (1,59±0,22 cm) e agilidade (5,28±1,53 s) para SM. Os resultados do POMS mostraram diferença de humor: vigor/atividade para ME e fadiga/inércia para SM. Houve melhora estatisticamente significativa apenas para potência (p= 0,001) para ME, quando comparado a situação SM.

Conclusão: A música proporcionou melhora na potência de membros inferiores e no estado de humor dos alunos, podendo ser utilizada como instrumento de motivação nas aulas de educação física e, também, como ferramenta para aumentar a performance aguda em diferentes situações associadas às práticas esportivas, de saúde e qualidade de vida.

Perfil motivacional para a prática de exercícios físicos de praticantes de ginástica em espaços públicos do município de Sorocaba (AP052)

Carlos Augusto de Menezes Drigo¹; Geovana Castrezana^{1,2}; Leonardo Scaranello¹; Flávio Rebutini^{1,3}

¹Universidade Estácio de Sá UNESA – SP; ²Universidade de Mogi das Cruzes UMC – SP; ³Universidade Estadual Paulista UNESP – SP.

Introdução: Diante da importância da prática regular de atividades físicas sobre os determinantes de saúde e bem-estar da população e de seus impactos nos custos do Sistema Único de Saúde (SUS), é fundamental conhecer os fatores que levam as pessoas a se engajarem ou permanecerem ativas em espaços públicos com o intuito de aperfeiçoar as políticas públicas e oferecer serviços específicos para cada grupo populacional.

Objetivo: O objetivo deste trabalho foi verificar o perfil de motivação para a realização de atividades físicas regulares, em participantes de grupos de ginástica.

Método: Aplicou-se um questionário sócio-demográfico e o Inventário de Motivação para a Prática Regular de Atividade Física (IMPRAF – 54) para verificar o perfil motivacional. A pesquisa foi aplicada em 20 mulheres, com idade média de 51,8 ± 14,01, praticantes de ginástica, pertencentes a um grupo oferecido em um parque da cidade de Sorocaba. Foram calculados os escores de cada dimensão (Controle de Stress, Saúde, Sociabilidade, Competitividade, Estética e Prazer) e estudadas as médias, comparando grupos por faixas etárias e por tempo de prática de ginástica no grupo estudado.

Resultados: Os resultados indicaram a dimensão saúde (37,75 pontos) como a maior motivadora para a prática de exercícios físicos, seguida por Prazer (33,40), Sociabilidade (29,85), Controle de stress (27,25), Estética (25,15) e Competitividade (9,85). Os resultados apontam ainda que a dimensão sociabilidade é a única a aumentar com o passar dos anos e com o tempo de envolvimento com o grupo de ginástica, demonstrando a importância das relações interpessoais nas populações mais idosas.

Conclusão: Parece-nos evidente a clara preocupação das praticantes com a qualidade de

vida, centrada sobre a melhoria da saúde, prazer e sociabilidade, o que pode subsidiar quais os tipos de atividades a serem desenvolvidas em parques públicos.

A narrativa biográfica de um atleta com deficiência visual e o significado do Judô Paralímpico (AP053)

Ana Paula da Silva Cardoso¹; Aline Iris Gil Parra Magnani¹; Maria Regina Ferreira Brandão¹

¹Universidade São Judas Tadeu – São Paulo.

Introdução: Atletas deficientes visuais têm protagonizado o esporte paralímpico brasileiro.

Objetivo: O objetivo desta pesquisa é trazer elementos para reflexão e compreensão do significado de ser atleta de judô paralímpico deficiente visual e assim analisar os significados e características desse processo por meio das histórias de vida, a fim de explorar suas experiências, o contexto e o significado atribuído pelo atleta à sua prática esportiva.

Métodos: O participante da pesquisa é um atleta paralímpico de judô medalhista na modalidade. O atleta discorreu sua história de vida onde construiu uma narrativa biográfica que permitiu o reencontro do atleta com sua subjetividade. Os dados coletados foram analisados conforme Rubio (2001) e associados às frases de narração, onde observei a importância que o atleta atribuiu aos eventos e experiências que lhe são marcantes ao estabelecer significado a sua trajetória esportiva e de vida, apresentando uma relação das características individuais do atleta, as particularidades do percurso esportivo e as experiências vividas.

Resultados: Dessa forma, por meio dos diferentes temas que emergiu durante a entrevista realizada entende-se a importância atribuída ao processo de aceitação da deficiência e as experiências ao longo da trajetória esportiva por meio da compreensão da iniciação esportiva e todo processo que compõem a carreira de um atleta de alto rendimento.

Conclusão: Assim é possível notar que o significado atribuído ao esporte adaptado está relacionado com as vivências que o indivíduo tem e as emoções que a prática evoca no contexto esportivo e o modo como repercute e representa uma importante etapa da carreira.

Nível de qualidade de vida de idosos pré e pós-intervenção de alongamento (AP054)

Geovana Mellisa Castrezana Anacleto^{1,2,4}; Adriana Aparecida Ferreira De Souza^{1,4}; Carlos Augusto de Menezes Drigo²; Leonardo Ferreira de Freitas

Scaranello²; Flávio Rebusini²; Rita de Cássia de Aquino⁴

¹Universidade de Mogi das Cruzes; ²Universidade Estácio De Sá – Sp; ³Instituto Educatie de Ensino e Pesquisa; ⁴Universidade São Judas Tadeu.

Introdução: O envelhecimento é um crescente no Brasil e no mundo e usualmente está acompanhado pelo sedentarismo. Essa associação resulta em uma diminuição da capacidade funcional de idoso. É importante para essa população aderir a programas de qualidade de vida, onde a prática de atividade física se torna uma intervenção eficaz.

Objetivo: Avaliar o nível de qualidade de vida de idosos pré e pós-intervenção de alongamento.

Métodos: Foi aplicado o questionário *Whoqol Old*, em 21 sujeitos (18 mulheres e 3 homens), com idade média de 65,71 + 5,08, antes e após as aulas de alongamento. A intervenção foi realizada por vinte e quatro aulas (três meses) e foram constituídos de exercícios de alongamento, com duração de uma hora, periodicidade de duas vezes por semana. A análise estatística foi conduzida comparando os resultados antes e após a intervenção adotando-se um nível de significância de 5% e utilizou-se o teste não paramétrico de Wilcoxon.

Resultados: Os escores do *Whoqol Old* apresentaram melhora nas facetas “Atividades Presentes, Passadas e Futuras”, “Participação Social”, “Total” e “Intimidade”, sendo que esta última dimensão apresentou diferença estatisticamente significativa. A atividade física mostra-se como um benefício para melhora da qualidade de vida, pois os idosos puderam pensar nas suas atividades futuras, além de melhorar o convívio social, aceitando os limites do próprio corpo, obtendo um aumento na qualidade de vida geral

Conclusão: Os resultados apontam que o programa de atividade física do tipo alongamento melhora nos índices de qualidade de vida, sugerindo, assim, novas pesquisas com um maior tempo de intervenção física.

Motivação e estresse em atletas profissionais de uma cidade do interior de Minas Gerais (AP055)

Ana Jessica Fernandes¹; Amanda Gonçalves¹; Aryane Nunes¹; Luana Paiva¹; Roberta Flor¹; Suzelaine Oliveira¹

¹UNITRI- (Centro Universitário do Triângulo).

Introdução: Níveis de estresse e motivação em atletas.

Objetivo: O presente trabalho tem como objetivo identificar e detectar os níveis de estresse e motivação, correlacionar esses níveis e verificar a relação que ambos possuem em atletas que competem profissionalmente.

Métodos: Para alcançar este objetivo contou-se com a participação de uma amostra definida de atletas que competem profissionalmente de uma cidade do interior de Minas Gerais. Para avaliar esses atletas foi utilizado o instrumento *Sport Motivation Scale* (SMS), que é uma escala de motivação para o esporte que consiste em 28 questões, divididas em 7 subescalas avaliadas em uma escala Likert de 7 pontos. E um segundo instrumento que é o inventário de sintomas de stress para adultos de Lipp (ISSL): fornece uma mediada objetiva da sintomatologia do estresse em jovens acima de 15 anos e adultos. Como metodologia utilizou-se uma entrevista descritiva num corte transversal.

Resultados: Consideramos motivação como um impulso que determina a atividade dirigida para uma finalidade ou recompensa. E estresse é um aperfeiçoamento da capacidade funcional uma autoproteção e conhecimento dos próprios limites que possui.

Conclusão: Diante de tais temáticas ao considerarmos atletas que participam de varias competições ao longo de suas carreiras, podemos dizer que para esses competir significa enfrentar desafios que podem ser uma fonte de estresse como também podem ser uma forma de enorme fonte para a motivação.

O atleta adolescente e a prática esportiva de alto rendimento: um olhar para o sujeito (AP056)

Débora Araújo Sulzbacher¹; Paupa de Paula¹; Márcia de Mendonça Jorge¹

¹Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Introdução: O esporte de alto rendimento na atualidade reverbera a lógica do modelo econômico vigente, que tem como objetivo a preparação de atletas para competições, mas principalmente para o alcance do máximo rendimento. O atleta, por sua vez, é demandado a não falhar e a alcançar sempre um resultado satisfatório.

Objetivo: Diante da demanda esportiva atual, buscou-se investigar na pesquisa, como o atleta adolescente vivencia a prática esportiva de alto rendimento, já que segundo os pressupostos da psicanálise é impossível alcançar a completude e conceber os sujeitos como um todo igualitário.

Métodos: Foi utilizado o grupo focal como metodologia de pesquisa, no qual contou com a participação de quatro atletas adolescentes

inseridos em um clube de alto rendimento com idade e rotina de treinamento semelhantes. A coleta de dados aconteceu mediante a fala dos atletas, que em grupo disseram como vivenciam o esporte de alto rendimento, dentre outras informações colhidas através de roteiro prévio.

Resultados: Os resultados relativos à análise qualitativa das fala dos atletas apontam algumas semelhanças entre suas vivências, como a escolha pela prática esportiva devido a características físicas, a expectativa de tornar-se um atleta profissional, a saída prematura de casa em busca de grandes centros de treinamento e as perspectivas futuras de ajudar a família financeiramente. Porém, a prática esportiva apresenta efeitos e sentidos diferentes para cada adolescente, que diz respeito a aspectos singulares como, por exemplo: o sentido de ser um atleta, a cobrança pessoal e familiar, a afinidade com o técnico, a relação com a distância da família, dentre outras responsabilidades e circunstâncias.

Conclusão: Essa pesquisa comprova a vivência singular de um mesmo fazer; a prática esportiva na adolescência, que conduz a reavaliação sobre uma Psicologia do Esporte que vise os atletas na sua história particular e não como um todo igualitário, considerando o contexto esportivo com todo o seu destaque.

Resiliência e estratégias de coping de atletas paranaenses de MMA (AP057)

Isabella Caroline Belem¹; Andressa Ribeiro Contreira²; Silvia Regina Nishiyama Sucupira Sarto¹; José Luiz Lopes Vieira¹

¹Universidade Paranaense – UNIPAR; ²Universidade Estadual de Maringá

Introdução: Pesquisas internacionais apontam que a avaliação da resiliência e das estratégias de enfrentamento no contexto esportivo é fundamental, uma vez que têm sido apontadas como características psicológicas capazes de explicar o sucesso obtido por atletas mesmo após vivenciarem circunstâncias adversas, como lesões e falhas de desempenho.

Objetivo: Analisar os níveis de resiliência e estratégias de coping de atletas paranaenses de *Mixed Martial Arts* (MMA).

Métodos: Foram sujeitos do estudo 50 atletas de MMA, do sexo masculino, com média de idade 25,6±4,7 anos. Como instrumentos foram utilizados a Escala de Resiliência de *Connor-Davidson* e o Inventário Atlético de Estratégias de *Coping*. Para análise dos dados utilizou-se estatística descritiva e os testes Shapiro-Wilk e “U” de Mann-Whitney, adotando-se p<0,05.

Resultados: Os atletas apresentaram altos níveis de resiliência [30,0 (28,0-34,0)] e utilizam com maior frequência as estratégias de treinabilidade (74,0%), confiança e motivação (68,0%), alto índice de confronto geral no esporte (64,0%), formulação de objetivos (54,0%) e confronto com as adversidades (50,0%). Os resultados também evidenciaram que os atletas com níveis mais altos de resiliência demonstraram utilizar mais as estratégias de índice de confronto geral ($p=0,036$), treinabilidade ($p=0,005$), confronto de adversidades ($p=0,004$) e concentração ($p=0,003$), enquanto que atletas com níveis mais baixos de resiliência

apresentaram como estratégia a “ausência de preocupações” ($p=0,013$).

Conclusão: Atletas paranaenses de MMA apresentam um perfil resiliente e demonstram enfrentar os conflitos advindos do ambiente esportivo utilizando-se de estratégias de confronto às adversidades e treinabilidade. Ainda, verificou-se que os atletas mostram-se concentrados em aprender com as situações vivenciadas no treinamento e no ambiente esportivo de competições.

Tabela 1. Comparação entre os níveis de resiliência e a utilização das estratégias de *coping* de atletas paranaenses de MMA.

Estratégias de Coping	Resiliência				P
	Alta		Baixa		
	Md	Q1-Q3	Md	Q1-Q3	
Rendimento máximo	2,0	1,75-2,75	1,50	1,25-2,00	0,149
Ausência de Preocupação	1,37	1,00-2,13	2,00	1,75-2,75	0,013*
Confronto adversidade	2,37	1,88-2,75	1,75	1,25-2,00	0,004*
Concentração	2,12	1,75-2,75	1,50	1,25-2,00	0,003*
Formulação de Objetivos	2,00	1,75-2,50	2,50	1,75-3,00	0,217
Confiança e motivação	2,37	2,00-2,75	2,12	1,50-2,75	0,181
Treinabilidade	2,75	2,25-3,00	2,00	1,75-2,50	0,005*
Índice de confronto geral	8,50	7,72-9,43	7,65	6,86-8,86	0,036*

O efeito do *crossfit* sobre os estados de humor (AP058)

Gabriela Franco Madia; Lais Yuri Ansai; Luis César S. Gonzalez; Flávio Rebustini

Introdução: O *crossfit* é uma das atividades físicas mais praticadas nas academias atualmente.

Objetivo: Por essa razão, o objetivo dessa pesquisa foi analisar o efeito da prática do *crossfit* sobre os estados de humor nos participantes.

Métodos: Foram avaliadas 31 praticantes na cidade de Sorocaba, sendo 16 homens e 15 mulheres, com idade média de 30,52 + 7,37. Foi aplicado o Brums antes e logo após a atividade. No pós atividade foi pedido aos participantes que indicassem o nível de percepção da intensidade através de uma escala do tipo Likert de 7 pontos (1 – muitíssimo fraca até 7 muitíssimo forte). Para a análise dos dados foi aplicado o teste *t* Student para amostra pareada com nível de significância de $p < 0,01$.

Resultados: O resultado da percepção da intensidade foi de 5,12 + 0,92, o que pode ser considerada uma atividade de forte intensidade. Para os estados de humor, os resultados indicam que após a realização da atividade ocorreram

redução dos níveis de Tensão, Depressão, Raiva e Confusão, sendo que para Tensão e Confusão os resultados são significativos ($p < 0,01$). A atividade desencadeou uma elevação do nível de Vigor e Fadiga, com diferença significativa de $p < 0,01$ para fadiga. De forma geral, os resultados apontam para um efeito positivo da atividade do *crossfit* sobre os estados de humor dos praticantes, com redução do que são considerados fatores negativos (tensão, depressão, raiva e confusão) e uma elevação importante do vigor de 7,87 para 9,32 ficando na borda para significância. A elevação da fadiga pode ser considerada normal após uma atividade que foi considerada pelos praticantes de forte intensidade.

Conclusão: É possível verificar que, de maneira geral, a atividade de *crossfit* traz benefícios emocionais aos praticantes.

A atuação da psicologia do esporte do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) de uma Universidade brasileira em uma equipe de futebol do Rio de Janeiro (AP059)

Andrea da Conceição Dos Santos¹; Kelly Cristina da Silva Campos¹; Meiriele Morisson Chagas¹;

Camila Rodrigues do Carmo¹; Diego dos Santos Magalhães¹; Rodrigo de Vasconcellos Pieri¹

¹Unisuam.

Introdução: No ano de 2014, o Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) do Centro Universitário Augusto Motta (Unisuam), inaugurou o estúdio no campo da Psicologia Esportiva (PE). Desde então, discentes recebem a oportunidade de conhecer e atuar como estagiários de PE, sempre supervisionados por um profissional especializado na área.

Objetivo: O presente trabalho pretende apresentar a atuação realizada durante o ano de 2015 junto a uma equipe de futebol da cidade do Rio de Janeiro.

Métodos: A partir de tal experiência, os acadêmicos puderam perceber como a presença da psicologia esportiva facilita a conscientização dos treinadores quanto à percepção, compreensão e avaliação de seus atletas. Apresentar o trabalho da equipe de psicologia esportiva do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Centro Universitário Augusto Motta (Unisuam) e alguns resultados. Entre outras, algumas ferramentas utilizadas pela equipe

foram observação aplicada, reuniões semanais, diálogos individuais, dinâmicas de grupo e a aplicação da escala de estresse de Brunel.

Resultados: A equipe de futebol da categoria de juniores do Madureira passava por uma reformulação interna, após eliminação precoce e desligamentos de alguns jogadores, foi quando se optou por aplicar o Brunel durante intervalo de três semanas, na pré-temporada e foi a partir dos seus resultados que a equipe técnica se conscientizou quanto à necessidade de trabalhar a coesão grupal.

Conclusão: A partir do estudo apresentado percebe-se a importância do diálogo do departamento de psicologia com os outros membros da equipe técnica e a relevância de oportunizar estagiários com a possibilidade de conhecer e atuar na área durante sua experiência acadêmica.

BRUNEL (15/04)	TENSÃO	DEPRESSÃO	RAIVA	VIGOR	FADIGA	CONFUSÃO MENTAL
PADRÃO	4,5	1,3	1,6	10,8	3,4	2,2
TIME	4,8	2,3	2,8	12,9	3,1	3,6
SETOR OFENSIVO	4,1	2,2	2,4	12,5	2,5	4,7
SETOR DEFENSIVO	5,5	3,1	5,0	13,3	2,9	2,8
MEIO DE CAMPO	4,5	0,75	1,8	13,5	3,31	2,5
GOLEIROS	7,6	7,0	4,3	14,3	5,6	6,6

BRUNEL (01/05)	TENSÃO	DEPRESSÃO	RAIVA	VIGOR	FADIGA	CONFUSÃO MENTAL
ANTERIOR (15/04)	4,8	2,3	2,8	12,9	3,1	3,6
TIME	5,8	2,6	3,1	13,1	6,3	4,1
SETOR OFENSIVO	6,25	4,25	5,25	13,0	6,4	6,0
SETOR DEFENSIVO	6,4	3,1	2,8	13,4	6,5	3,3
MEIO DE CAMPO	5,5	1,8	3,0	13,3	6,8	4,1
GOLEIROS	5,1	1,6	1,6	12,8	5,8	3,1

A psicologia do esporte na visão de acadêmicos do curso de educação física (AP060)

Valdo Vieira^{1,2}; Rayza Silva de Souza²

¹Universidade Veiga de Almeida; ²Centro Universitário Augusto Motta.

Introdução: As áreas de atuação da Psicologia do Esporte (PE) abrangem o Esporte Lazer (EL), o Esporte Educação (EE) e o Esporte Performance (EP). Entretanto, o EP é a faceta mais visível das três dimensões, pois a competição e a emoção advindas dessas atividades esportivas atraem o Homem contemporâneo. Invariavelmente, os meios de

comunicação se reportam a PE apenas no viés do alto rendimento. Esse enfoque parcial pode contribuir para que se tenha uma visão restrita e inadequada sobre a PE.

Objetivo: Baseado nisso, o objetivo desse estudo foi verificar a visão dos acadêmicos de Educação Física em relação à PE.

Métodos: A amostra, caracterizada como não probabilística intencional, foi composta por 46 acadêmicos do curso de Educação Física de duas Instituições de Ensino Superior localizadas no Estado do Rio de Janeiro, que responderam, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a um questionário com perguntas abertas, fechadas e com matriz resposta. O critério

de inclusão da amostra foi não ter cursado a disciplina PE.

Resultados: De forma espontânea citaram que o Psicólogo (39,3%) e o profissional de Educação Física (32,1%) são os que possuem competência para atuar. Entre as dimensões de atuação, foram assinalados: EP (58,7%), EP/EL (26,1%) e EP/EL/EE (13,0%). Entre os objetivos da PE pode-se destacar: atua para a melhora no rendimento esportivo (34), da motivação (27) e da união das equipes (7). Entre os beneficiários das suas ações, foram citados os atletas (45) e os clubes (33). Em relação à efetividade no alcance dos objetivos propostos pela PE, segundo a concepção de PE dos respondentes, 39,1% responderam positivamente, 28,3% negativamente e 30,4% em parte.

Conclusão: Os resultados encontrados clarificam que ainda há, entre os sujeitos pesquisados, um desconhecimento das potencialidades da PE, uma desconfiança quanto à efetividade dos benefícios de sua atuação e a amplitude dos beneficiários das suas ações.

A importância da concentração esportiva no futebol profissional e os processos grupais (AP061)

Rafael Moreno Castellani^{1,2}; Ianni Regia Scarcelli^{1,2}

¹Universidade de São Paulo; ²LAPSO (Laboratório de estudos em psicanálise e psicologia social).

Introdução: Diante das mudanças pelas quais o futebol profissional passou - e vem passando - novamente volta-se a questionar, com maior veemência, a eficácia do regime de concentração esportiva no Brasil.

Objetivo: Dessa forma, este estudo teve por objetivo compreender a concentração esportiva e analisar sua relação com o desenvolvimento dos processos grupais.

Métodos: Metodologicamente, orientados por referenciais teóricos da Psicologia Social, especificamente sob o viés de uma leitura de Pichon-Rivière (2005), partiu-se de uma revisão bibliográfica e um estudo de campo envolvendo trinta e oito dias de observação e entrevistas abertas e organizadas a partir da compreensão de Bleger (1980) e da teoria de grupo operativo de Pichon-Rivière. Sua realização se deu individualmente com três dirigentes esportivos, sete membros das comissões técnicas e 17 atletas de dois clubes do futebol brasileiro, pertencentes à série B e C do futebol nacional.

Resultados: Dentre os atletas, predominou a compreensão de que a concentração esportiva é importante para o desempenho nas partidas e somente dois deles foram contrários à sua

existência, creditando à sua manutenção a falta de profissionalismo dos atletas brasileiros. Dentre os membros das comissões técnicas entrevistadas, tal como entre os dirigentes, a maioria deles (75%) é favorável à concentração esportiva, ao passo que somente dois dirigentes de um dos dois clubes investigados a entendem como desnecessária e obsoleta.

Conclusão: Conclui-se que a importância de existência, ou não, da concentração esportiva no âmbito do futebol profissional não é unanimidade entre jogadores, comissão técnica e dirigentes. O descanso e uma boa alimentação estão entre as principais justificativas para sua realização, ao passo que estratégias para desenvolvimento dos processos grupais mereceram pouca relevância. Grande parte dos discursos creditou a existência da concentração esportiva em clubes brasileiros à falta de profissionalismo dos atletas.

Diferenças na expertise podem explicar diferenças atencionais em futebolistas universitários (AP062)

George Klinger Barbalho da Cunha¹; Katie Moraes de Almondes¹; Radamés Maciel Vitor Medeiros¹; Pablo Valdez Ramírez²

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Psicologia, Natal, Brasil; ²Universidad Autónoma de Nuevo León, Laboratorio de Departamento de Psicofisiología, Facultad de Psicología, Monterrey, Mexico.

Introdução: Cientistas do esporte têm buscado compreender como habilidades cognitivas propiciam uma capacidade antecipatória no esporte, bem como esses processos são decorrentes do engajamento por vários anos numa determinada modalidade. O futebol é um esporte de extrema imprevisibilidade, requerendo orientação e sustentação dos estímulos relevantes durante a partida. Jogadores devem monitorar o posicionamento de múltiplos atletas, companheiros e rivais, simultaneamente. A atenção, então, é uma habilidade imprescindível e pode ser compreendida dentro de um modelo neuropsicológico a partir de quatro componentes fundamentais: alerta tônico; alerta fásico; atenção seletiva; e atenção sustentada.

Objetivo: Comparar o percentual (%) de respostas corretas e os Tempos de Reação Médios (TRMs) de cada componente atencional dos diferentes níveis (grupos) de expertise em futebolistas universitários.

Métodos: Atletas de futebol universitário (N=51) foram inicialmente categorizados nos seguintes níveis de expertise dos atletas - experientes, intermediários e iniciantes. Os critérios utilizados foram: tempo de prática no futebol; profissionalização na modalidade (registro em

Federação); e o número de participações em competições universitárias nacionais. A *Continuous Performance Task* foi aplicada nos três grupos de atletas. O Teste de Kruskal-Wallis (p -valor = 0.006) demonstrou diferenças ($p < 0.05$) no percentual de respostas corretas do alerta fásico em função dos grupos. Em seguida, foi realizado o teste U de Mann-Whitney.

Resultados: Observaram-se diferenças ($p < 0.05$) entre os grupos experientes e iniciantes, sendo os maiores percentuais encontrados nos experientes. O Teste de Kruskal-Wallis não encontrou diferenças nos percentuais dos demais componentes da atenção nem nos TRMs nos três grupos. As diferenças encontradas no presente trabalho se referem a um tipo de resposta específica, que implica em processamento, seleção de estímulos, das respostas ou de ambos.

Conclusão: O alerta fásico está relacionado à capacidade de ativação conforme as demandas do meio externo, como por exemplo, na identificação de um sinal e resposta frente às mudanças. Isso poderia explicar por que atletas experientes, com maior tempo de prática esportiva e experiência em competições de mais alto nível se diferenciaram de atletas iniciantes.

Tomada de decisão no futebol: a influência da intuição na qualidade das respostas dos jogadores (AP063)

Pablo Vecchi Moreira¹; Israel Teoldo¹; Guilherme Machado¹; Davi Correia da Silva¹; Mariana Calábria Lopes¹

¹Núcleo de Pesquisa e Estudos em Futebol (NUPEF), Universidade Federal de Viçosa.

Introdução: A intuição pode ser definida como processos automáticos de ativação neural, baseados na percepção de padrões de informação, os quais são relacionados a processos emocionais e a estados de humor. Estudos em esportes coletivos como handebol, basquete e hóquei no gelo, têm apontado que a tomada de decisão do jogador quando baseada na intuição tem proporcionado maior precisão e velocidade nas decisões. No entanto, são poucos os estudos sobre intuição no futebol, o que evidencia a necessidade de novas pesquisas relacionadas à temática.

Objetivo: O objetivo deste estudo foi avaliar a influência da intuição na tomada de decisão de jogadores de futebol. Participaram deste estudo 18 jogadores de futebol do sexo masculino, pertencentes à categoria adulta de um clube de futebol da região da Zona da Mata, com média de idade de 24,88 ($\pm 3,19$) anos. Para classificar os jogadores em intuitivos e deliberativos foi utilizado à escala de *Preference for intuition and deliberation*

(PID) (versão em português). Os jogadores foram agrupados conforme o resultado encontrado no questionário, sendo: intuitivos ($n=4$), deliberativos ($n=6$) e dependentes ($n=8$). Entretanto, para fins estatísticos, os jogadores classificados como dependentes foram retirados da amostra. Para avaliar a tomada de decisão dos jogadores foi utilizado, o teste de conhecimento tático declarativo “Paradigma de Geração de Opções” adaptado para o futebol. Foi utilizado o teste t de amostras independentes, com o intuito de verificar se houve diferença significativa entre os grupos com características intuitivas e deliberativas. Foi considerado $p < 0,05$.

Resultados: Os resultados indicam que os jogadores que possuem características intuitivas ($0,49 \pm 0,02$) foram melhores em relação aos deliberativos ($0,36 \pm 0,15$) ($t = 1,575$; $p = 0,001$) no que diz respeito à qualidade da tomada de decisão.

Conclusão: Conclui-se que a intuição influencia positivamente na qualidade da tomada de decisão dos jogadores de futebol da categoria adulta.

O olhar de jovens futebolistas brasileiros sobre a concentração esportiva (AP064)

Kauan Galvão Morão¹; Guilherme Bagni¹; Luciana Botelho Ribeiro¹; Renato Henrique Verzani¹; Carlos Norberto Fischer¹

¹Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP – Campus Rio Claro.

Introdução: O ambiente de reclusão esportiva é também chamado de concentração por ser um local designado para aumento da atenção, concentração e foco dos atletas, buscando os equilibrar emocionalmente, aproximando o rendimento dos níveis máximos, tentando afastar influências externas, inclusive da mídia, principalmente pela potencialização das mídias sociais no atual contexto esportivo. A psicologia do esporte questiona a eficiência da reclusão/concentração, sendo preciso investigar a opinião dos atletas a respeito desse ambiente.

Objetivo: O objetivo deste estudo foi investigar a visão de jovens futebolistas sobre a reclusão esportiva em relação à concentração.

Métodos: A amostra foi composta por 211 atletas de futebol, do sexo masculino, integrantes de 10 equipes da Copa São Paulo do ano de 2015, com média de idade de 18,05 anos ($\pm 0,96$). O instrumento utilizado foi um questionário contendo três questões abertas relacionadas com concentração esportiva. Foi adotada a análise de conteúdo como método de análise dos dados.

Resultados: Sobre o ambiente de reclusão 42% da amostra julga ser extremamente necessário, 38%

afirma que ajuda a manter a atenção, concentração e o foco no jogo, 10% ressalta o aumento da coesão grupal e 10% julga desnecessária a reclusão. Quanto à importância da reclusão previamente aos jogos, 72% afirma ajudar no aumento e manutenção da concentração e atenção, influenciando na tomada de decisão durante a partida, 17% indica colaborar para a preservação do atleta e 11% afirma melhorar a convivência social. Também foi questionado aos atletas se as notícias sobre si ou sobre suas equipes os afetam nesse ambiente, tendo 40% afirmado sofrer interferência constante nessa situação, 30% indicar dessensibilização, 21% relatar aumento na motivação e 9% não respondeu.

Conclusão: Conclui-se que os atletas consideram a reclusão esportiva responsável pelo aumento e manutenção da concentração, atenção, foco e preservação do jogador, visando melhorar a performance e afastar influências externas prejudiciais à prática esportiva, como interferências das mídias sociais que podem acarretar em danos no desempenho individual e coletivo, prejudicando a atenção, concentração e foco na partida.

A interdisciplinariedade como instrumento de auxílio na melhora de desempenho da atenção concentrada em jogadores de futebol (AP065)

Caio César de Farias Gomes; Marco Antonio Gomes; Thiago Francisco Pereira Soares

Introdução: A psicologia do esporte é definida como estudo de pessoas e seus comportamentos em contextos esportivos e tem como base a análise e estímulo de processos psicológicos básicos.

Objetivo: Avaliar a melhora da atenção concentrada a partir da prática de tiro ao alvo com arco e flecha em um time de futebol formado por adolescentes.

Métodos: A amostra por conveniência foi constituída por 24 adolescentes da cidade de Caratinga-MG com idade entre 16 e 17 anos com média de 16,5 anos (DP 0,51), todos cursam o ensino médio. Foi aplicado inicialmente um questionário para coleta dos dados sociodemográficos e posteriormente no método teste-reteste com intervalo de três semanas o Teste de Atenção Concentrada – AC. Neste intervalo os adolescentes praticaram o tiro ao alvo com arco e flecha diariamente, tendo o acompanhamento de profissionais do esporte e da psicologia. Foi realizada uma análise descritiva tendo a finalidade de apresentar os dados sociodemográficos. O Teste *t* de amostra em pares foi aplicado para comparação das médias nas duas aplicações, foi calculado o *d* de Cohen com o intuito de analisar a magnitude da

diferença entre as médias e por fim foi confeccionado um boxplot para ilustrar as diferenças das médias no método teste-reteste.

Resultados: A partir dos resultados obtidos no Teste *t* para comparação de média, é possível observar uma melhora significativa no desempenho dos atletas no teste de atenção concentrada. Sendo comprovado com o grande tamanho do efeito desta diferença através do *D* de Cohen e ilustrado no boxplot.

Conclusão: Conclui-se que nesta amostra a prática deste esporte melhora o desempenho de atletas no que diz respeito à atenção concentrada.

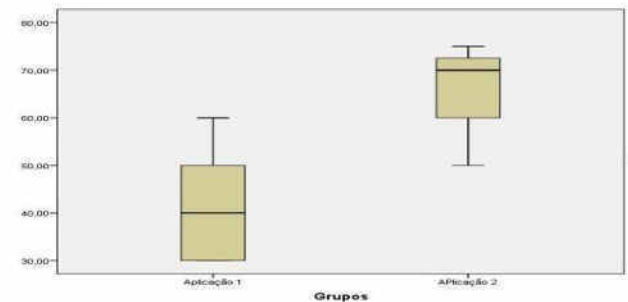
Tabela 1: Comparação das Médias no Teste *t* de Amostra em Pares

	Média	Desvio Padrão
Aplicação 1	40,41	9,98
Aplicação 2	65,83	7,88

Tabela 2: *D* de Cohen e Tamanho do Efeito

	Valores
<i>D</i> de Cohen	2,87
Tamanho do Efeito	0,82

Figura 1: Boxplot das Diferenças Entre as Médias



Análise dos indicadores da tomada de decisão do fundamento arremesso na final da NBA, temporada 2014-2015 (AP066)

Margarethe Thaisi Garro Knebel¹; Luís Otávio Menezes de Albuquerque²; Vitor Ciampolini²

¹Universidade Federal de Minas Gerais; ²Universidade Federal de Santa Catarina

Introdução: A análise estatística no Basquetebol permite contribuir na compreensão de fatores que influenciam o desempenho coletivo e individual. A interpretação de indicadores técnico-táticos da *performance* no Basquetebol pode ajudar a discriminar equipes perdedoras e vencedoras, e auxiliar como base para assessoria nos treinamentos.

Objetivo: O objetivo adotado foi analisar os arremessos da final da NBA, temporada 2014-2015 a partir de três indicadores situacionais específicos.

Métodos: Os seis jogos da final da NBA, temporada 2014-2015 entre *Golden State Warriors* (GSW) e *Cleveland Cavaliers* (CC) foram analisados através

de uma adaptação do Instrumento de Avaliação do Desempenho Técnico-Tático Individual no Basquetebol. Três pesquisadores analisaram os jogos simultaneamente. Foi analisada a ação arremesso em três indicadores situacionais: arremessa com marcação pressionada e/ou em local inadequado (1); arremessa com marcação facilitada (2); arremessa livre, em espaço adequado (3).

Resultados: Nesta final observou-se maior incidência do arremesso na situação 1 (61,3%; n=599), seguida pelo arremesso na situação 2 (28,8%; n=281), e arremesso na situação 3 (9,9%; n=97), de 977 arremessos desta final. Quando observados somente os arremessos na situação desmarcada, isto é, livre, em espaço adequado verificou-se a maior taxa deste no 4º quarto de todas as partidas para ambas as equipes (31,1%; n=19) GSW, e (30,6%; n=11) CC. A taxa apresentada desse arremesso nos seis jogos inteiros foi 12,6% para a equipe GSW (n=61) e para a equipe CC 7,3% (n=36).

Conclusão: Predominou o arremesso na situação de marcação pressionada e/ou em local inadequado na final da temporada 2014-2015 da NBA. A equipe *Golden State Warriors* demonstrou maior taxa de arremessos livre, em espaço adequado em comparação à equipe *Cleveland Cavaliers*.

As crianças são mais inteligentes ou criativas nos jogos? Análise da tomada de decisão em jogos situacionais (AP067)

Danielle de Campos Silva¹; Mariana Calábria Lopes¹

¹Universidade Federal de Viçosa.

Introdução: O processo de tomada de decisão envolve a capacidade de gerar soluções, bem como aprender a escolher a “melhor” entre as mesmas, sendo também importante tomar decisões flexíveis, que sejam fora do padrão comum e que surpreendam os seus adversários ocasionais.

Objetivo: Comparar a tomada de decisão inteligente e criativa de crianças em duas situações teste de jogo.

Métodos: A amostra foi composta por 83 crianças alemãs, com idade média de 10,58 ($\pm 0,86$) anos. Para a avaliação da tomada de decisão inteligente e criativa foram realizados dois testes da bateria KORA (Reconhecimento de Espaço; Oferecer-se e Orientar-se), sendo que os mesmos foram avaliados por dois peritos independentes. Para análise estatística foi utilizado o programa SPSS® versão 19. O teste *t* Student dependente foi realizado para a comparação da tomada de decisão inteligente e criativa em ambas as situações de teste. Para

verificar a fiabilidade das observações dos peritos utilizou-se o Coeficiente Intraclasse (ICC).

Resultados: Os valores apresentados pelo Coeficiente Intraclasse demonstram uma boa fiabilidade entre os peritos, sendo que os mesmos variaram de 0,85 a 0,94. Os resultados apontam que tanto na situação teste de “Reconhecimento de Espaço” ($p < 0,001$), quanto na de “Oferecer-se e Orientar-se” ($p < 0,001$), a média de desempenho dos sujeitos na tomada de decisão inteligente foi estatisticamente superior à criatividade.

Conclusão: Pode-se concluir que as crianças desta amostra possuem uma tomada de decisão mais inteligente do que criativa nas duas situações de teste analisadas.

Comparação do controle atencional em atletas semi-profissionais de futebol americano, ginástica rítmica e vôlei de praia (AP068)

Yago Baltar^{1,2}; Bruno Barreto¹; Raquel Melo¹; Tais Brasil^{1,3}; Alberto Filgueiras¹

¹Laboratório de Neuropsicologia Cognitiva e Esportiva da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (LaNCE-UERJ);

²Departamento de Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (DEPSI-UFRRJ) Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IP-UFRJ).

Introdução: Atenção pode ser definida como um estado consciente através do qual uma pessoa dirige seus processos cognitivos a um determinado alvo. O sucesso em uma modalidade depende do tipo de atenção que mais a ela se adéqua: atenção focada ou mudança do foco atencional. Esportes de rotina como tiro e ginástica podem estar mais associados à atenção focada, enquanto mudança atencional parece ser mais demandada por esportes dinâmicos como futebol e basquete.

Objetivo: O objetivo do presente estudo é investigar se há diferenças nos tipos de controle atencional de uma modalidade de rotina: ginástica rítmica, e duas modalidades dinâmicas: futebol americano e vôlei de praia.

Métodos: Participaram do estudo 50 atletas semi-profissionais de: futebol americano ($N=20$), ginástica rítmica ($N=17$) e vôlei de praia ($N=13$). Atenção focada e mudança atencional foram coletadas através do Questionário de Controle Atencional (QCA). Os escores totais foram comparados usando uma ANOVA de uma via com tamanho do efeito pelo *f* de Cohen e parâmetro lambda de não centralidade para cada aspecto separadamente. O teste *post-hoc* adotado foi o da Diferença de Mínimas Significâncias.

Resultados: Atletas de futebol americano apresentaram foco atencional $M=13,16$ ($DP=4,72$) e

mudança atencional $M=31,33(DP=3,03)$; atletas de ginástica rítmica apresentaram foco atencional $M=23,06(DP=2,19)$ e mudança atencional $M=20,60(DP=2,45)$; e atletas de vôlei de praia: foco atencional $M=21,00(DP=5,84)$ e mudança atencional $M=26,27(DP=3,00)$. A ANOVA de uma via apresentou diferença significativa entre os grupos para foco atencional $F(2,49)=53,95$; $p<0,05$; $\lambda=45,25$; efeito=0,93 e para mudança atencional $F(2,49)=26,85$; $p<0,05$. $\lambda=31,36$; efeito=0,86. O teste post-hoc mostrou que atletas de futebol americano têm mais mudança atencional, mas menos foco atencional que os demais.

Conclusão: Atletas de vôlei de praia têm mais mudança atencional e o mesmo foco atencional que ginastas. Os resultados confirmaram as suspeitas iniciais de que a modalidade praticada pode afetar o controle atencional dos atletas.

Comparação do componente atenção em atletas e não atletas (AP069)

José Maria Montiel¹; Afonso Antonio Machado²; Daniel Bartholomeu¹; Ivan Wallan Tertuliano²; Claudia Barbosa³

¹Centro Universitário FIEO – UniFIEO/SP; ²Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” – UNESP; ³Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

Introdução: A atenção pode ser compreendida como o fenômeno pelo qual se processa ativamente uma quantidade limitada de informações do montante de informações disponíveis, ajudando o indivíduo a monitorizar as interações com o ambiente. Esta função mantém a consciência de adaptação, possibilitando a continuidade de experiências e auxiliando a controlar e planejar ações futuras. No contexto esportivo, a atenção é de fundamental importância em relação à quantidade de estímulos aos quais o atleta deve prestar atenção a cada instante.

Objetivo: Este estudo teve como objetivo comparar a atenção de atletas e não atletas.

Métodos: Foram participantes 554 indivíduos do sexo masculino com faixa etária entre 10 a 17 anos, divididos em 2 grupos. O grupo 1 foi composto por 292 indivíduos não faziam treino esportivo sistemático. O grupo 2 foi composto por 262 atletas que tinham treino esportivo sistemático de pelo menos 4 dias ao longo da semana. O instrumento utilizado foi o Teste de Atenção por Cancelamento que consiste em três matrizes impressas com diferentes tipos de estímulos, sendo a tarefa do participante assinalar todos os estímulos iguais ao estímulo alvo previamente determinado.

Resultados: Os resultados obtidos após análises de correlação de Pearson, considerando toda a amostra (atletas e não atletas em todas as faixas

etárias) no teste de atenção apontaram que os valores de média de acerto foram 85,62 e intervalo de confiança de 83,62 a 87,41. Para a variável erros, os valores de média foram 28,09 e o intervalo de confiança foi de 25,53 a 30,64. As análises *post hoc* de Tukey revelaram que o número de erros na idade de 10 e 11 anos foi significativamente superior aos nas demais idades, com $p < 0,05$. Ao se comparar os atletas com os não atletas verificou-se desempenho superior para os atletas, que cometeram menos erros no instrumento de Atenção, com $F(1, 339) = 15,92$, $p < 0,001$.

Conclusão: Seguindo os resultados deste estudo pode-se verificar que uma adequada performance esportiva pode estar relacionada a um elevado nível de atenção. Ainda pode-se atrelar que bons desempenhos em Testes de Atenção como por Cancelamento tendem a demonstrar performances melhores em atletas quando comparadas a não atletas. Ainda vale destacar que desatenção poderia influenciar na variabilidade da performance de atletas especialmente no que se refere à quantidade diminuída de erros. Estudos futuros devem avaliar esta variável em amostras de alto rendimento e de modalidades específicas de modo a verificar a relação importância da atenção neste contexto.

Relação entre a capacidade de orientação visual e eficiência tática ofensiva de jogadores de futebol da categoria sub-13 (AP070)

Willer Peluso^{1,2}; Marcelo Andrade^{1,2}; Israel Teoldo^{1,2}

¹Universidade Federal de Viçosa; ²Núcleo de Pesquisa e estudos no Futebol.

Introdução: A capacidade de orientação visual permite ao indivíduo percorrer com o olhar as estruturas relevantes dentro do campo visual, evitando estímulos distratores. Poucos estudos verificaram a relação desta capacidade com a eficiência tática de jogadores.

Objetivo: O objetivo deste estudo foi relacionar a capacidade de orientação visual com a eficiência tática ofensiva de jogadores de futebol.

Métodos: A amostra foi composta por 49 jogadores de futebol da categoria sub-13, de clubes de Minas Gerais. O instrumento utilizado para avaliar a capacidade de orientação visual foi o MTTTS (*Mental Test and Training System*). O teste do MTTTS utilizado foi o LVT (Teste do labirinto), versão S3. A variável utilizada relacionada à capacidade de orientação visual foi a mediana do tempo de respostas corretas. Para avaliação da eficiência tática utilizou-se o FUT-SAT, que permite avaliar os dez princípios táticos fundamentais do jogo de futebol, sendo cinco para a fase ofensiva: (i)

penetração, (ii) cobertura ofensiva, (iii) espaço, (iv) mobilidade, (v) unidade ofensiva. A variável utilizada relacionada à eficiência tática foi o percentual de acerto dos princípios táticos da fase ofensiva. Foram utilizados os testes Shapiro-Wilk e Correlação de Spearman, sendo o nível de significância adotado de $p < 0,05$. Para realização das análises estatísticas foi utilizado o SPSS para Windows, versão 22.

Resultados: Verificou-se correlação significativa entre a capacidade de orientação visual e eficiência tática para os princípios de penetração e cobertura ofensiva: penetração ($\rho = -0,287$; $p = 0,048$); cobertura ofensiva ($\rho = -0,323$; $p = 0,024$); mobilidade ($\rho = -0,179$; $p = 0,312$); espaço ($\rho = 0,015$; $p = 0,920$); unidade ofensiva ($\rho = 0,181$; $p = 0,229$).

Conclusão: Conclui-se que para esta amostra a capacidade de orientação visual teve relação com a eficiência tática ofensiva de jogadores de futebol.

A influência da carga de trabalho mental sobre a probabilidade situacional no futebol (AP071)

Laís Paula da Silva²; João Vitor de Assis^{1,2}; Felipe Cardoso^{1,2}; Israel Teoldo^{1,2}

¹Universidade Federal de Viçosa; ²Núcleo de Pesquisas e Estudos em Futebol.

Introdução: A interação entre as capacidades perceptivo-cognitivas e a demanda de carga de trabalho mental (CTM) no futebol são fatores essenciais para o desempenho do jogador. Uma das

capacidades perceptivo-cognitivas que parece estar diretamente ligada com a CTM é a probabilidade situacional (PS). A PS é responsável por extrair as informações significativas do ambiente e prever as possíveis ações no jogo, dando suporte para a decisão do jogador. Deste modo, o nível de CTM utilizada durante este processo pode ser um fator que pode influenciar na escolha das melhores possibilidades.

Objetivo: Verificar a influência da CTM sobre a PS.

Métodos: A amostra foi composta por 44 jogadores de futebol da categoria Sub-13 divididos em dois grupos (maior e menor CTM) com base nos resultados do teste NASA-TLX. O NASA-TLX é um instrumento utilizado para avaliação do índice da CTM. Este teste possui uma forma multidimensional de medida da CTM na tarefa. Para avaliar a PS foi utilizado um teste de vídeo onde os avaliados assistiram algumas cenas de lances de futebol, que foram pausadas momentos antes do portador da bola definir o que fazer. Quando a cena foi pausada os avaliados assinalaram as três melhores opções de passe para o portador da bola. Para a análise estatística foi utilizado o Shapiro-Wilk e o teste-t para amostras independentes. O nível de significância adotado foi de $p < 0,05$.

Resultados: Apresentam-se na Tabela 1.

Conclusão: A partir dos resultados, foi possível concluir que o índice de CTM na tarefa influenciou no desempenho do teste de PS em jogadores de futebol da categoria Sub-13. Onde os jogadores com valores superiores na CTM apresentaram melhor resultado na PS.

Tabela 1. Valores obtidos no teste de probabilidade situacional

	Carga de Trabalho Mental		
	Menor (n=22)	Maior (n=22)	t p
Probabilidade Situacional*	103,86+22,16	118,45+17,13	2,444 0,019

Teste t independente $p < 0,05$

Influência da carga de trabalho mental sobre a tomada de decisão em jogadores de futebol (AP072)

Débora Mafia Macedo¹; João Vitor de Assis¹; Felipe Cardoso¹; Israel Teoldo¹

¹Núcleo de Pesquisa e Estudo em Futebol da Universidade Federal de Viçosa.

Introdução: No futebol, a interação entre as capacidades cognitivas e a demanda de carga de trabalho mental (CTM) são fatores essenciais para o desempenho do jogador. Uma das capacidades

cognitivas que parece estar diretamente ligada com a CTM é a tomada de decisão (TD). A TD representa a capacidade em escolher uma opção dentre várias existentes no ambiente de jogo, e executar uma ação apropriada. Deste modo, o nível de CTM utilizada durante este processo pode ser um fator que pode influenciar na escolha das melhores decisões.

Objetivo: Verificar a influência do índice de CTM sobre a TD em jogadores de futebol.

Métodos: A amostra foi composta por 49 jogadores de futebol da categoria Sub-15 divididos em dois grupos (maior e menor CTM) com base nos resultados do teste NASA-TLX. O NASA-TLX é um instrumento utilizado para avaliação do índice da CTM. Este teste possui uma forma multidimensional

de medida da CTM na tarefa. Para avaliar a TD foi utilizado um teste de vídeo onde os avaliados assistiram algumas cenas com lances de futebol. As cenas eram pausadas momentos antes do portador da bola definir o que fazer. Quando a cena foi pausada os avaliados deveriam responder qual decisão tomariam naquela situação. Para a análise estatística foi utilizado Shapiro-Wilk e o teste-t para amostras independentes. O nível de significância adotado foi de $p < 0,05$.

Resultados: Maiores níveis de CTM influenciaram os jogadores de futebol.

Conclusão: A partir dos resultados, foi possível concluir que os maiores níveis de CTM influenciaram os jogadores de futebol a tomarem as melhores decisões.

Perfil dos atletas de futebol na busca pela reinserção no mercado de trabalho (AP073)

Manuela Lira¹; Adriana Lacerda²

¹Universidade Veiga de Almeida; ²Universidade Veiga de Almeida.

Introdução: O histórico de sucesso do futebol no Brasil faz com que o país seja visto como o país do futebol. Desde a infância, brasileiros são estimulados a praticar o esporte e muitos depositam nele seu sucesso profissional e financeiro. Mas, segundo pesquisa, menos de 1% dos aspirantes à profissão conseguem se profissionalizar.

Objetivo: O objetivo desse artigo foi o de descrever o perfil dos atletas que estão se reinserindo no mercado de trabalho.

Métodos: Como método, foi realizada uma pesquisa não experimental descritiva a partir de uma anamnese aplicada a 26 atletas com média de idade de ($m=21,3$ anos) em um centro de treinamento no Rio de Janeiro.

Resultados: Dentre os resultados encontrados, foi observado que 76,9% dos atletas entrevistados já tiveram passagem em algum clube profissional, 70% destes se imaginam jogando profissionalmente no futuro e 35% apresentam ansiedade relacionada à expectativa de reinserção no mercado de trabalho. Além disso, a maior parte dos atletas (76,9%) recebe apoio de toda a família, mas 11,5% recebem apoio de apenas um ou alguns membros, 3,8% não recebem apoio nenhum e outros 3,8% disseram que a família nem sabe que eles são atletas.

Conclusão: Frente a esses dados, é possível perceber a necessidade de um serviço de psicologia voltado a esses atletas para a realização de um acompanhamento psicológico que vai auxiliá-los diante das dificuldades e adversidades encontradas.

Comparação do nível de perfeccionismo entre jovens jogadores de futebol (AP074)

Davi Correia da Silva¹; Guilherme Machado¹; Israel Teoldo¹

¹Núcleo de Pesquisa e Estudos em Futebol (NUPEF), Universidade Federal de Viçosa.

Perfeccionismo é um traço multidimensional da personalidade que pode influenciar aspectos relacionados à cognição, emoção e o comportamento. No esporte, o perfeccionismo está relacionado ao nível de desempenho dos atletas. Entretanto, poucos estudos compararam diferentes faixas etárias no futebol. Portanto, identificar e comparar o nível de perfeccionismo em jogadores nas categorias de formação pode auxiliar treinadores e psicólogos do esporte a projetar intervenções que aperfeiçoem o nível de perfeccionismo para melhoria do desempenho.

Objetivo: Comparar o nível de perfeccionismo entre jovens jogadores de Futebol.

Métodos: A amostra foi composta por 91 jogadores das categorias sub-13 ($n=42$) com idade ($M=12,98$; $DP=0,56$) e sub-15 ($n=49$) com idade ($M=14,78$; $DP=0,63$). Foi utilizada a Escala de Orientações Competitivas (Sport-MPS-2) para identificar o nível de perfeccionismo. Nessa escala do tipo Likert de cinco pontos, os jogadores responderam se concordam ou discordam com as informações em cada uma das 42 questões. O teste Kolmogorov-Smirnov foi utilizado para verificar a distribuição dos dados. O teste t independente foi utilizado para comparação das categorias.

Resultados: Os resultados apontam que a categoria sub-15 foi mais perfeccionista do que a sub-13 em três domínios: Padrões Pessoais; Preocupação com Erros; e Dúvidas sobre Ações (Tabela 1).

Conclusão: Conclui-se que os jogadores da categoria sub-15 possuem maior nível de perfeccionismo em relação aos jogadores da categoria sub-13.

Tabela 1 – Comparação de perfeccionismo entre jogadores de futebol segundo categorias

Sport-MPS-2	Sub 13	Sub 15	t	p
Padrões Pessoais	3,40 ± 0,61	3,69 ± 0,56	-2,301	0,024
Preocupação com Erros	2,72 ± 0,48	3,31 ± 0,56	-5,279	<0,001
Dúvidas sobre Ações	2,90 ± 0,55	3,23 ± 0,48	-3,083	0,003
Percepção da Pressão dos Pais	2,93 ± 0,54	3,03 ± 0,65	-0,788	0,433
Organização	3,78 ± 0,63	3,85 ± 0,48	-0,643	0,522
Percepção da Pressão do Técnico	2,72 ± 0,62	2,90 ± 0,60	-1,363	0,176

Personalidade antissocial em atletas de alto rendimento e pacientes psiquiátricos (AP075)

Daniel Bartholomeu; Afonso Antonio Machado; José Maria Montiel; Ivan Wallan Tertuliano

Introdução: A Associação Psiquiátrica Americana (2002), descreve que transtornos mentais são síndromes ou padrões comportamentais ou psicológicos que comumente ocorrem num indivíduo. Considerando tais apontamentos as características essenciais da personalidade de um atleta estão diretamente relacionadas à maneira com que ele responde a um determinado momento, tais como suas emoções que podem ser traduzidas por estados que podem sintomas tais como apresentados nos transtornos psiquiátricos. Tendo por base a literatura no contexto esportivo, especialmente sobre a personalidade, estudos têm sido atrelados a certos traços e características de personalidade que podem diferir pessoas com alto rendimento de pessoas não atletas. Assim, tais estudos tendem a apontar que certas características de personalidade como avaliadas pelo Big Five estariam presentes em atletas.

Tabela 1 – Traços de personalidade antissocial em atletas e em pacientes psiquiátricos

Escalas	Grupos	Média	DP	N	F	p
Antissocial	Não pacientes	1,70	0,49	247	10,389	0,001
	Atletas	2,12	0,56	36		
	Psiquiátricos	1,85	0,63	72		

Objetivo: Comparar características de personalidade (cinco grandes fatores) de um grupo de atletas comparados com um grupo de pacientes psiquiátricos.

Métodos: Foram participantes deste estudo 361 pessoas divididas em três grupos, sendo, atletas (N=37), pacientes psiquiátricos (N=74), não pacientes (N=250). A idade dos participantes variou entre 18 e 67 anos. O instrumento utilizado foi o Inventário Dimensional dos Transtornos da Personalidade (IDTP).

Resultados: Os resultados apontaram distintas manifestações de personalidade nas amostras analisadas, especialmente na de atletas, que passam despercebidas por vezes em uma equipe desportiva (e.g. como a tendência antissocial), supostamente aceitáveis, tais condutas agressivas em situação de competição. Ainda cabe ressaltar que a amostra de pacientes psiquiátrico tende a apresentar pontuações mais altas na maior parte das escala do IDTP, isto é, um perfil patológico, como era esperado.

Conclusão: A análise dos resultados permitiu identificar que das hipóteses inicialmente aventadas, somente a tendência antissocial diferenciou significativamente atletas dos demais grupos. É possível reforçar a ideia que o esporte tende a apresentar psicopatologias em seu âmbito.

Influência do nível de determinação na eficiência do comportamento tático de jogadores de futebol (AP076)

Felipe Ruy Dambroz¹; Elton Ribeiro Resende¹; Guilherme Machado¹; Davi Correia da Silva¹; Israel Teoldo¹

¹Núcleo de Pesquisa e Estudos em Futebol (NUPEF), Universidade Federal de Viçosa.

Introdução: Determinação é definida como traço de perseverança e paixão por objetivos em longo prazo. O nível de determinação esta associado com o desempenho das capacidades perceptivo-cognitivas de jogadores de futebol. Apesar dessas capacidades estarem ligadas à componente tática, que é fundamental para o êxito esportivo, nenhum estudo se propôs a avaliar as associações entre a eficiência do comportamento tático e o nível de determinação de jogadores de futebol.

Objetivo: O objetivo do presente estudo foi verificar a influência do nível de determinação na eficiência do comportamento tático de jogadores de futebol.

Métodos: A amostra foi composta por 89 jogadores de futebol das categorias Sub-13 e Sub-15, com idade média de $14,05 \pm 1,07$ anos. O instrumento usado para avaliar a determinação foi a Curta Escala de Determinação (Grit-S) enquanto que a eficiência do comportamento tático foi avaliada através do Sistema de Avaliação Tática no Futebol (FUT-SAT). O nível de determinação foi separado em três categorias (muito determinado; determinado; pouco determinado). O FUT-SAT levou em consideração os dez princípios táticos fundamentais do futebol. Foi realizada análise descritiva de frequência, média e desvio padrão dos dados. Utilizou-se o teste ANOVA e Kruskal-Wallis para comparar o nível de determinação com a eficiência do comportamento tático. Realizou-se *Post-Hoc* de *Mann-Whitney* e foi empregada correção de Bonferroni para os dados com distribuição não normal, sendo considerado, o nível de significância como $p < 0,017$.

Resultados: Os resultados mostraram que os jogadores muito determinados apresentaram melhor eficiência do comportamento tático do que os jogadores pouco determinados para os princípios táticos de contenção ($p = 0,017$), unidade defensiva ($p = 0,047$), cobertura defensiva (0,016), e total de acerto das ações defensivas ($p = 0,005$).

Conclusão: Conclui-se que os jogadores de futebol das categorias de base mais determinados foram mais eficientes no comportamento tático, do que jogadores menos determinados.

Avaliação da personalidade de atletas juvenis de esporte (AP077)

Adriana Aparecida Ferreira de Souza¹; Geovana Mellisa Castrezana Anacleto²

¹Instituto Educatie de Ensino e Pesquisa; ²Universidade de Mogi das Cruzes.

Introdução: As características de personalidade podem estar diretamente relacionadas à escolha da modalidade de esporte a ser praticada, bem como à posição que o atleta ocupa na equipe.

Objetivo: Objetivou-se com o estudo identificar as características de personalidade de atletas de futebol na categoria juvenil. Foram participantes 24 atletas com idade média de 17,8 (entre 17 e 19 anos) membros de uma equipe da região do Alto Tietê. Foi aplicado o teste Bateria Fatorial de Personalidade (BFP), baseado na teoria dos cinco grandes fatores de Personalidade. A aplicação foi realizada em situação clínica após a assinatura do TCLE, individualmente após *rapport*.

Resultados: No total, a característica de personalidade que mais chamou atenção (A3 baixo ou muito baixo) foi o fato de 62,5% dos atletas preferirem situação de rotina, sentindo-se desconfortáveis quando algo sai fora do que estava planejado; 54,2% possuem característica de competência (R1) alta, o que indica que possuem uma atitude ativa na busca dos objetivos e a consciência de que é precisa fazer alguns sacrifícios para se obter os resultados esperados; 62,5% possuem baixo escore em liberalismo (A2), ou seja, possuem pouco interesse pela relativização de valores e conceitos; 33,3% possuem uma tendência ao detalhismo na realização dos trabalhos (R3), e um alto nível de exigência pessoal com a qualidade das tarefas desempenhadas. Chama atenção o fato de que 62,5% encontram-se os atletas conservadores e fiéis aos seus gostos e que possuem uma postura rígida quanto a conceitos (A1 baixo); 33,3% dos atletas são proativos, iniciam e concluem suas tarefas e se empenham para tomar decisões (N3 baixo).

Conclusão: Conclui-se que conhecer as características de personalidade é um fator determinante do planejamento de ações de treinamento, considerando-se que se trata de categoria de base, bem como pode orientar a atuação do treinador em relação aos atletas.

A estimulação da criatividade nas aulas de judô através das propostas interacionistas de ensino do esporte (AP078)

Diego Alves Ribeiro Queiroz¹; Leopoldo Katsuki Hirama¹

¹Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB.

Introdução: O judô é ensinado de forma mecanicista em diversos espaços, apresentando pouca preocupação com as fases de desenvolvimento da criança, desconsiderando suas características, baseando-se na mera repetição de movimentos sem preocupação com a aplicabilidade desses gestos ao contexto geral da modalidade, se caracterizando por uma pedagogia tradicional de ensino do esporte). Tal procedimento pode inibir o desenvolvimento da criatividade nos educandos. Buscando ultrapassar tais problemas, propostas inovadoras ou interacionistas foram apresentadas e tem como características ensinar o esporte a partir de sua dinâmica mais complexa, adaptar as regras e materiais para tornar o jogo possível, valorizar o conhecimento prévio dos alunos e apresentar situações problemas estimulando a sua resolução por parte de quem aprende.

Objetivo: O ensino deve propiciar situações que estimulem a resolução de problemas, pois isso aflora a criatividade nos educandos. Diante disso, o objetivo desta pesquisa foi verificar se a utilização das Propostas Interacionistas de Ensino de Esporte estimula a criatividade de alunos de Judô.

Métodos: Para tanto investigamos os relatórios e vídeos produzidos nas aulas ministradas pelo Projeto de Extensão Construindo pelo Esporte, da UFRB, durante o período 2013 a 2015 relacionando com os dados oriundos de observação participante, analisando qualitativamente as respostas apresentadas pelos alunos. O projeto oferece aulas de Judô para jovens (6 a 16 anos) na cidade de Amargosa-BA, norteado pelas Propostas Interacionistas. As técnicas formais da modalidade não foram ensinadas, estimulando-se o entendimento da dinâmica da luta por meio de questões desta natureza: De que forma derrubar e imobilizar o oponente e se defender das mesmas ações.

Resultados: Como resultado registrou-se a criação de respostas espontâneas de diversas formas de imobilizações, assim como as técnicas de projeção e defesa, sendo adequadas ao movimento executado pelo oponente, revelando o entendimento do princípio do Judô.

Conclusão: A partir dos resultados levantados concluímos que as Propostas Interacionistas estimularam a criatividade de alunos durante as

aulas de judô, revelando respostas com grande variação e adequação, considerando tratar-se de iniciantes.

Os danos psicossociais em atletas de alto rendimento após a cobertura da mídia nos casos de uso de substâncias psicoativas (AP079)

Leonardo Ferreira de Freitas Scaranello¹; Carlos Augusto de Menezes Drigo¹; Geovana Melissa Castrezana Anacleto^{1,2}; Flávio Rebutini¹

¹Universidade Estácio de Sá – São Paulo – SP; ²Universidade de Mogi das Cruzes – São Paulo – SP.

Introdução: O uso de substâncias psicoativas por atletas de alto rendimento de forma recreativa, competitiva ou combinada é frequentemente noticiado na mídia, especialmente nos casos envolvendo grandes nomes olímpicos. A partir destas reportagens, a mídia cria narrativas que desconstruem a ideia mítica em torno dos esportistas de alto rendimento.

Objetivo: O objetivo deste trabalho foi analisar os danos psicossociais gerados em atletas de alto rendimento, após o uso de substâncias psicoativas serem noticiados pela mídia.

Métodos: Adota-se o método qualitativo por meio da análise de conteúdo. Foram analisadas 6 reportagens que envolviam o doping no esporte, obtidas por metabuscadores na internet e selecionadas por conveniência a partir da associação do esporte e atletas de alto rendimento que utilizaram substâncias psicoativas. As categorias da análise de conteúdo foram construídas e definidas a partir dos resultados da análise.

Resultados: Os resultados indicaram 3 categorias primárias: desvios de conduta, atividades antissociais e punições profissionais. As categorias estão relacionadas, a avaliações negativas que a mídia vincula de esportistas de alto rendimento, que utilizaram substâncias psicoativas independente do contexto. As buscas associam estes esportistas a cognição inadequada, transgressões sociais e possíveis transtornos de personalidade.

Conclusão: Parece-nos evidente que a mídia causa danos psicossociais nos atletas de alto rendimento, que utilizam substâncias psicoativas, pois a narrativa extrapola a análise do fato, incidindo em juízos de valor. Avaliações éticas e morais contundentes ficam atreladas ao uso de substâncias psicoativas.

Criatividade na tomada de decisão em levantadores de voleibol (AP080)

Dirce Sanches Rodrigues¹; Adriana Aparecida Ferreira de Souza²

¹Universidade de Mogi das Cruzes; ²Instituto Educatie de Ensino e Pesquisa.

Introdução: O levantador é considerado o jogador de importância pela criação das principais ações ofensivas, da leitura de jogo, que possibilita um levantamento estratégico e preciso. O desempenho satisfatório de um atleta deve ser atribuído a um conjunto de fatores, que influenciam na tomada de decisão como, o comportamento criativo.

Objetivo: Avaliar e treinar a criatividade de levantadores de voleibol e sua velocidade de resposta e resolução de problemas pré e pós-treinos de criatividade.

Métodos: Para avaliar a criatividade aplicaram-se os testes Pensando Criativamente com Palavras e com Figuras. Foram realizados quatro encontros nos quais se utilizou dinâmicas, discussões e reflexões.

Resultados: Observou-se que no índice criativo figural 1, o Atleta 1 obteve resultado mediano pré e pós-treino, com acréscimo no percentil pós-treino. O Atleta 2, no pré-treino revelou resultado acima da média e pós-treino obteve percentil mediano. No índice criativo figural 2, observou-se que tanto o Atleta 1 quanto o 2, obtiveram um decréscimo em relação aos percentis entre o pré e pós-treino, porém, mantendo-se na classificação mediana. No índice criativo verbal 1 (ICV1), identificou-se que o Atleta 1 obteve pré treino 97% e pós treino 87%, mantendo-se com resultado; o Atleta 2 alcançou 86% pré treino e 97% pós treino, acima da média em ICV1, como também para o índice criativo verbal 2, o qual obteve pré treino 86% e pós treino 96%. O Atleta 1 em ICV1 obteve resultado acima da média em ICV2, porém em relação ao índice de criativo 2 pré e pós-treino obteve um decréscimo de 97% para 91%.

Conclusão: Conclui-se que ambos os atletas mantiveram classificação mediana pré e pós-treinos na maioria dos índices e apresentaram queda no rendimento (levantamento) pré e pós-treino criativo.

Contribuições do conselho regional de psicologia de SP para o projeto ético político da psicologia do esporte (AP081)

Victor Cavallari Souza¹; Camila Teodoro Godinho²

¹Colaborador do Conselho Regional de Psicologia SP – Subseção de Ribeirão Preto; ²Conselheira do Conselho Regional de Psicologia SP – Subseção do ABC.

Introdução: Em 2013, a Psicologia do Esporte foi pauta de propostas e discussões no Congresso Nacional da Psicologia (CNP) onde se estabeleceu o incentivo à criação de grupos de trabalho sobre Psicologia do Esporte para discutir as práticas e as dificuldades do cotidiano profissional. Nesse quadro, o Conselho Regional de Psicologia de São Paulo criou o Núcleo de Psicologia do Esporte (NUPE) em 2014.

Objetivo: O presente trabalho visa apresentar os objetivos do CRP SP para a construção da visão ético-política norteadora para a Psicologia do Esporte (P.E), bem como apresentar as ações e propostas realizadas até então.

Métodos: Os objetivos do CRP SP no que tange a P.E estão de acordo com as demandas indicadas pelos participantes da I Mostra de Práticas em Psicologia do Esporte realizada em 2012. Os participantes chamaram atenção para temas como: ampliação das áreas de atuação, aumento da produção científica, valorização do psicólogo (a) em equipes técnicas, dentre outras. Assim, os objetivos da gestão são: acolher propostas de qualificação profissional para que, em parceria com Instituições afins possam incentivar a realização de eventos diversos na área; esclarecer aos psicólogos e à sociedade os princípios éticos norteadores da profissão e desenvolver e atualizar referências para o exercício profissional, juntamente com a categoria profissional.

Resultados: Esses objetivos condizem com a visão ético-política do CRP SP, que preza pelo compromisso social, pela atuação ética e pela prática pautada na técnica e na ciência. Após a consolidação do grupo, foram realizados 5 eventos, sendo 4 em formato de debates um evento preparatório para o CNP em que foram sintetizadas diversas propostas para a área.

Conclusão: Portanto, a atuação dos Conselhos Regionais é fundamental para o desenvolvimento da profissão uma vez que acolhe as demandas dos profissionais da área e desenvolve ações para que a Psicologia avance como ciência e profissão inclusive no esporte, contribuindo dessa maneira para a formação de uma Psicologia do Esporte brasileira.

Aspectos psicológicos aplicados à prática do basquetebol (AP082)

Wellington C. Alvarenga¹; Telma Sara Q. Matos²

¹Faculdade Pitágoras Uberlândia; ²Universidade do Estado de Minas Gerais.

Introdução: Pertencente à área da Ciência do Esporte, a Psicologia do Esporte compreende vertentes de caráter competitivo de alto rendimento, de pesquisa e intervenção, da área social do esporte, podendo contemplar um gama de estudos que aplicada à área esportiva, tem muito a contribuir e somar com demais áreas envolvidas com o meio esportivo. Portanto, com toda essa amplitude de saberes advindos dessa área em emergência, surgiu o interesse, por meio de uma pesquisa indireta, observar a relevância dos aspectos psicológicos envolvidos na prática do basquetebol, averiguando a influência de questões como motivação, atenção, concentração, processos de liderança, estabelecimento de metas, e se esses constructos quando utilizados na prática desse esporte contribuem no êxito dos resultados da *performance* dos atletas.

Objetivo: O objetivo do trabalho é buscar nos referenciais teóricos, subsídios condizentes aos fatores psicológicos que estão inseridos no cotidiano dos atletas de basquetebol, e se esses aspectos possuem o mesmo grau de relevância, relacionados aos treinamentos táticos e técnicos.

Métodos: O método utilizado foi um resgate bibliográfico de referenciais teóricos sobre psicologia esportiva relacionados à prática do basquetebol.

Resultados: Como resultado, pode-se perceber que, apesar do número restrito de estudos da Psicologia do Esporte voltados para a prática do basquetebol, os autores Weinberg e Gould (2008), De Rose Junior e Tricoli (2005), Rúbio (2010), Brandão (2007), Samulsky (1995, 2009), Miranda(2012), Stefanelo (2007), dentre outros, trouxeram como contributos, pressupostos de que o sucesso dos atletas, aqui contemplando os de basquetebol, define-se por meio de um método de treinamento psicológico concomitante à preparação física, tática e técnica.

Conclusão: Os teóricos acreditam que as fases de treinamento (periodização) possuem requisitos psicológicos diferentes, sendo necessário trabalhar os aspectos psicológicos dos atletas em conjunto aos métodos de treinamento simultaneamente. No entanto, segundo os referenciais supracitados, as competências psicológicas devem ser desenvolvidas nos treinamentos e exploradas em diversos momentos durante uma partida de basquetebol.

A produção acadêmica relacionando psicologia do esporte e esportes de aventura (AP083)

Alessandra Vieira Fernandes; Luana Mari Noda

Introdução: O esporte encontrou na Psicologia um “suporte” para melhorar o desempenho dos atletas através da análise e da transformação dos determinantes psíquicos que interferem no rendimento do atleta e/ou grupo esportivo. (RUBIO, 1999). Assim, a Psicologia vem desenvolvendo grandes estudos na área da psicologia do esporte e do exercício. Sendo assim, há probabilidade de encontrar estudos da psicologia do esporte relacionada à atividade de aventura, uma vez que várias dessas atividades são esportes olímpicos.

Objetivo: O objetivo foi verificar a produção acadêmica de estudos relacionando a psicologia do esporte com as atividades de aventura nos anais do Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura – CBAA.

Métodos: Para isso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica (GIL, 2008) através dos anais do CBAA, desde a primeira edição em 2006 até a última edição em 2014. Os textos foram selecionados a partir dos títulos e resumos que continham as palavras “psicologia” “motivação” e “personalidade”. Esse critério foi adotado por considerarmos que a Psicologia do Esporte vem estudando e atuando em situações que envolvem, dentre outras questões, motivação e personalidade.

Resultados: Como resultados, descobrimos que apenas 2,5% da produção abordavam esses termos. Dos textos selecionados, apenas 4 trabalham especificamente com a Psicologia do Esporte, 10 referem-se à motivação de maneira simples com aplicações de questionários do tipo *survey* sem aprofundamento teórico e não foram encontrados referências a estudos de personalidade nas atividades de aventura.

Conclusão: Conclui-se que pouco se produz nas atividades de aventura pautadas na Psicologia do Esporte, embora muitas dessas modalidades de esportes de aventura já são consolidadas nos programas olímpicos.

Reflexos e impactos das paralímpiadas na política da pessoa com deficiência (AP084)

Wesley Rafael da Cruz Durans; Francisca Moraes da Silveira

Introdução: O histórico das conquistas e evoluções dos direitos, a partir das políticas desenvolvidas para as pessoas com deficiência vem mudando o contexto dessas pessoas. Chama-se a atenção para a importância do Estado na implementação, e, por consequência, na fiscalização dos direitos das pessoas com deficiência. Atualmente aponta avanços nas diretrizes e leis a respeito deste assunto, bastante evoluídas.

Objetivo: O Objetivo geral: verificar os reflexos e impactos de um evento esportivo mundial paraolímpico nos avanços da política da pessoa com deficiência. Objetivos específicos: investigar dados teóricos sobre paraolimpiadas; possíveis impactos políticos, sociais e econômicos de uma paraolimpiada; esclarecer algumas barreiras na política da pessoa com deficiência e refletir o cenário esportivo no Brasil.

Métodos: Pesquisa bibliográfica com referências a textos institucionais ligados a pessoa com deficiência. Instituições como o Comitê Olímpico Brasileiro, trabalhos monográficos, artigos e material de mídia relacionada ao assunto. A Psicologia foi base adotada pelas peculiaridades do tema. Foco psicossocial amplo e contemplativo as áreas deste assunto. Fez-se articulação entre psicologia social e fatos políticos, sociais e esportivos que envolvem a paraolimpiada e leis que garantem direitos aos deficientes.

Resultados: Verificaram-se leis sensíveis, soluções inteligentes, mas deficiência na implementação e na fiscalização deste direito, tentativa em sensibilizar psicólogos para práticas e construção de uma política para pessoas deficientes, além das consequências da omissão.

Conclusão: Compreendeu-se o universo mental e cotidiano de uma pessoa com deficiência. Identificou-se o esporte como inclusão da pessoa com deficiência, já que contribui para visualizar o deficiente nas múltiplas possibilidades e capacidades. O Brasil evoluiu no quadro de medalhas em suas participações paraesportivos internacionais e nas políticas para o esporte adaptado.

A inteligência emocional na liderança (AP085)

Arthur B. Sena¹, Altair Moioli¹, Daniel Bartholomeu^{1,3}, Ivan Wallan Tertuliano¹; Caio Graco Simoni Da Silva^{1,2}

¹UNESP – LEPESPE - Rio Claro; ²UNIITALO – Centro Universitário Unifitalo; ³UNIFIEO – Centro Universitário UnifIEO.

Introdução: Professores que percebem as próprias emoções podem usar a sensibilidade para sintonizar os sentimentos de seus alunos (crianças). O fato de professores serem pessoas sensíveis e emocionalmente conscientes, não significa necessariamente que os mesmos sempre acharão fácil entender os sentimentos dos seus alunos.

Objetivo: O objetivo do presente estudo é analisar e determinar o potencial do indivíduo para desenvolver controle emocional e liderança durante suas aulas.

Métodos: Participaram 219 homens e 100 mulheres, com idade entre 20 e 36 anos, universitários. Todos responderam a um questionário adaptado de Gottman (1997). O questionário utilizado foi a versão brasileira do *The Heart of Parenting*. O teste engloba 81 questões de verdadeiro ou falso, distribuídos por 4 estilos: a) Preparador Emocional; b) Laissez Faire; c) Desaprovador e d) Simplista. A pontuação para cada escala é específica apontando um coeficiente para cada uma delas. Os participantes responderam durante 1 dia normal de aula em suas respectivas salas, antes das avaliações semestrais de 2015. Os resultados foram analisados através de estatística descritiva, utilizando-se de soma e divisão para cada tipo de estilo apresentado em suas respostas. Os dados foram analisados com a utilização do software Excel – Office 2013.

Resultados: De acordo com a análise estatística, os participantes apresentaram os seguintes resultados: preparadores emocionais (63,63%), *laissez faire* (22,88%), desaprovador (8,15%) e simplistas (5,32%). Em relação à diferença entre homens e mulheres, as mulheres apresentam uma porcentagem maior no estilo Preparador Emocional (73,68%) quando comparada com os homens (65%), ou seja, mulheres parecem estar mais bem preparadas emocionalmente que os homens para atenderem situações de liderança envolvendo crianças.

Conclusão: Pode-se concluir que os alunos apresentaram maior índice na variável preparador emocional, ou seja, conseguirão identificar nas crianças suas emoções negativas e uma oportunidade de intimidade, como também serão capazes de perder tempo com uma criança triste ou irritada, os mesmos conseguiriam perceber e valorizarem suas próprias emoções. Esse estilo

apresentado com maior evidência nos alunos ajudaria as crianças envolvidas nas suas futuras aulas a aprenderem confiar em seus sentimentos, regularem as próprias emoções e resolverem problemas.

O uso do simulador futebolístico *football manager 2016* para obter informações sobre atletas promissores (AP086)

Eric Matheus Rocha Lima¹, Ivan Wallan Tertuliano^{1,2}, André Luis Aroni^{1,3}, Gustavo Lima Isler^{1,4}, Carlos Norberto Fischer⁵

¹UNESP – IB – DEF – LEPESE; ²Anhanguera Educacional S.A.; ³Faculdade Metrocamp; ⁴Centro Universitário Claretiano; ⁵UNESP – IGCE – DEMAC.

Introdução: Muitos dos envolvidos com o futebol não enxergam a *SAGA FOOTBALL MANAGER* apenas como um jogo, mas sim como uma base de dados. Construída por cerca de 1300 olheiros, a saga possibilita acessar informações de 51 ligas e de 300 mil indivíduos, que podem ser obtidas sem assumir grandes custos, facilitando a comunicação entre olheiros e responsáveis pelas contratações de atletas.

Objetivo: Verificar como os atletas promissores desenvolveram sua capacidade potencial após cinco temporadas, utilizando o *SAGA FOOTBALL MANAGER*, e qual é a relevância dessas informações para os clubes.

Métodos: Foram utilizados relatórios gerados pelo simulador de 10 atletas, entre 16 e 20 anos, das temporadas 2015/2016 e 2019/2020. Os relatórios foram comparados para verificar o desenvolvimento do jogador no sistema, para que posteriormente correlações entre situações apresentadas pelo banco de dados do jogo e fatos reais sejam realizadas. Capacidade atual e Capacidade Potencial foram analisadas, por estatística descritiva.

Resultados: Os resultados apresentaram, na comparação entre as temporadas de 2015/2016 e 2019/2020, uma nítida progressão de todos os jogadores em termos de capacidade atual (36,36%). No entanto, a capacidade potencial apresenta, em 60% dos casos, uma queda considerável (29,55%). Na comparação entre o Atual e o Potencial, entre temporadas, os resultados apresentaram uma evolução de 166,67% para a capacidade atual e de 47,78% para a capacidade potencial.

Conclusão: Os resultados permitem concluir que o *SAGA FOOTBALL MANAGER* pode ser uma importante ferramenta para obter informações sobre atletas, pois permite o acesso a uma ampla base de dados sem demasiados custos e com prognósticos confiáveis, tornando efetiva a comunicação entre líderes e olheiros para contratar

atletas, considerando que a base de dados é alimentada por profissionais do mercado do futebol e, com a comparação entre o atual e o potencial, pode-se prever o rendimento do atleta no futuro.

Nível de participação e desempenho entre universidades públicas e privadas nos jogos universitários brasileiros (AP087)

Cláudio Gomes Barbosa¹; Afonso Antonio Machado¹; Guilherme Bagni¹; André Aroni¹

¹Instituto de Biociências, LEPESE - UNESP RIO CLARO.

Introdução: O esporte universitário brasileiro é visto como um setor esportivo peculiar, por ser considerado de alto potencial de crescimento, entretanto, abarcado por pouca visibilidade e falta de investimento público e privado na esfera das Instituições de Ensino Superior (IES). Uma peculiaridade importante do esporte universitário brasileiro, tendo como foco o esporte de desempenho e as competições oficiais organizadas pela Confederação Brasileira de Desporto Universitário (CBDU) refere-se às IES. Ao analisar esse cenário, percebe-se que no Brasil existem dois tipos (públicas e privadas) de IES com características bem distintas de organização, apoio e fomento ao esporte. Para se entender melhor o potencial do esporte universitário no Brasil é relevante avaliar os níveis de competitividade e participação das IES nas competições oficiais.

Objetivo: O Objetivo deste trabalho é analisar e comparar o nível de participação, desempenho e competitividade entre as IES públicas e privadas nas modalidades coletivas dos Jogos Universitários Brasileiros (JUB's).

Métodos: Pesquisa de caráter exploratória por meio de análise descritiva dos dados. Os dados foram colhidos dos Boletins Finais do JUB's disponibilizados pela CBDU referentes aos anos de 2013, 2014 e 2015 utilizando somente as 4 modalidades coletivas de quadra como parâmetro. Identificamos que a maioria das IES participantes nestes 3 anos são Privadas (média de 60% por ano).

Resultados: Com relação às IES Públicas, cerca de 50% das participações são representadas por apenas 10 IES de um total de 45. Com relação ao nível de desempenho o quadro é alarmante para as IES Públicas. Cerca de 95% das IES que competem na primeira divisão são IES Privadas. Já as IES Públicas concentram-se na terceira e última divisão do JUB's com 20% do total de instituições nesta divisão.

Conclusão: Portanto, podemos concluir que um número pequeno de IES Públicas (n=10) representa quase metade das participações nos 3 anos e a grande maioria delas apresentam baixo índice de

desempenho perante as IES Privadas estando concentradas nas últimas divisões. Tornam-se necessários estudos que avaliem os principais pontos que influenciam os diferentes níveis de competitividade entre as IES do Brasil.

Adaptação para o Brasil e propriedades psicométricas preliminares do *Sports Imagery Questionnaire* (AP088)

Bruno Barreto¹; Yago Baltar^{1,2}; Raquel Melo¹; Tais Brasil^{1,3}; Alberto Filgueiras¹

¹Laboratório de Neuropsicologia Cognitiva e Esportiva da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (LaNCE-UERJ);

²Instituto de Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (IP-UFRRJ); ³Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IP-UFRJ).

Introdução: Imagética mental pode ser definida como a capacidade do indivíduo em representar mentalmente palavras e/ou imagens. O treinamento de habilidades mentais é um recurso de extrema importância na busca por melhorar o rendimento esportivo de atletas, e a técnica de imagética mental é uma das mais utilizadas pelos psicólogos esportivos brasileiros. Sendo assim, os profissionais necessitam de instrumentos capazes de avaliar a eficácia do trabalho de visualização realizado junto aos atletas; porém, no Brasil, há escassez dessas medidas.

Objetivo: Visando preencher esta lacuna no contexto da psicologia do esporte brasileira, este trabalho tem por objetivo adaptar para o Brasil e estudar as propriedades psicométricas preliminares do *Sports Imagery Questionnaire*.

Métodos: Inicialmente a autorização para tradução e adaptação foi adquirida junto ao desenvolvedor da escala: Dr. Craig Hall. Procedeu-se a tradução por dois tradutores independentes. Uma comissão de especialistas foi consultada sobre a adaptação e uma versão preliminar foi definida. A versão adaptada foi retrotraduzida e o autor da escala original foi consultado sobre sua adequação. Depois de implementadas todas as sugestões, a versão finalizada e adaptada foi aplicada em 53 atletas de quatro modalidades: futebol americano, lutas, ginástica rítmica e vôlei de praia. Estudos de fidedignidade e validade foram conduzidos, respectivamente: alfa de Cronbach e correlação item-total; e análise de componentes principais com rotação oblíqua *Direct Oblimin*.

Resultados: O alfa de Cronbach revelou fidedignidade alta para $\alpha=0,95$. A correlação dos itens com o total variou entre 0,30 (item 1) e 0,86 (item 28). A análise de componentes principais extraiu 5 componentes com autovalor superior a 1,0 que explicam 73,13% da variância total.

Conclusão: Os resultados revelaram que a adaptação da Escala de Imagem Mental no Esporte (EIME) obteve bons indicadores psicométricos, mas estudos com amostra maior e com participantes não atletas ainda são necessários.

Estado de humor e estratégias de *coping* de atletas de ginástica rítmica (AP089)

Gisely Rodrigues Brouco¹; Jessica Aline de Jesus Lima¹; Vania da Silva Galves Bonfim¹; Caroline Bretas Lueders¹; Silvia Regina Nishiyama Sucupira Sarto¹; Isabella Caroline Belem¹

¹UNIPAR – Universidade Paranaense – Umuarama/PR.

Introdução: Atletas de elite encontram diversos fatores estressantes que podem influenciar seu desempenho ao longo das suas carreiras esportivas, tais como lesões, ansiedade, alterações no humor e altas cargas de treinamento. A utilização de estratégias *coping* torna-se então fundamental para auxiliá-los a lidar com estas situações adversas exigidas para a realização de suas atividades e adaptarem-se às demandas contextuais provenientes do ambiente esportivo.

Objetivo: Analisar a relação entre estado de humor e estratégias de *coping* de atletas de alto rendimento de ginástica rítmica.

Métodos: Fizeram parte desse estudo 11 atletas de ginástica rítmica de alto rendimento, com média de idade de $12,6 \pm 2,0$ e que praticam a modalidade a $5,0 \pm 2,9$. Como instrumentos foram utilizados a ficha de identificação, Perfil de Estado de Humor e Inventário Atlético de Estratégias de *Coping*. Para análise dos dados foram utilizados: teste de normalidade de Shapiro-Wilk, teste “U” de *Mann-Whitney* e Coeficiente de Correlação de Spearman, adotando $p < 0,05$.

Resultados: Verificou-se que quanto maior o vigor, mais as atletas utilizam as estratégias de “Rendimento Máximo” ($r=0,83$; $p=0,002$) e “Concentração” ($r=0,85$; $p=0,001$) e maior o “Índice de confronto geral” das atletas ($r=0,72$; $p=0,013$). Observou-se ainda que quanto maior o nível de tensão mais as atletas utilizam a estratégia de “Treinabilidade” ($r=0,78$; $p=0,005$). Não foram encontradas diferenças significativas entre estado de humor e estratégias de *coping* com relação ao tempo de prática da modalidade e segundo as categorias.

Conclusão: Atletas com um maior nível de vigor procuram utilizar estratégias voltadas a um maior rendimento e concentração, além de um maior confronto com as situações adversas. Já as atletas que apresentaram maior nível de tensão, aspecto negativo do humor, buscam treinar mais para alcançar um melhor desempenho.

Tabela 1 – Correlação entre estado de humor e estratégias de coping de atletas de rendimento de Ginástica Rítmica (n=11).

Estratégias de coping \ Estado de humor	RM	AP	CA	CO	FO	CM	TR	ICG
Tensão	0,46	0,07	-0,21	0,53	-0,18	0,05	0,78*	0,41
Depressão	-0,07	0,34	-0,33	-0,08	0,02	-0,12	0,39	-0,03
Raiva	-0,01	0,20	-0,38	0,04	-0,25	-0,041	0,55	-0,15
Vigor	0,83*	-0,11	0,19	0,85*	0,34	0,47	0,49	0,72*
Fadiga	-0,40	0,41	-0,31	-0,36	-0,07	-0,26	0,04	-0,28
Confusão	-0,20	0,42	-0,42	-0,13	0,24	-0,01	0,44	-0,02

* Diferença significativa ($p < 0,05$). RM= Rendimento máximo; AP= Ausência de preocupações; CA= Confronto com as adversidades; FO= Formulação de objetivos; CM= Confiança e motivação; TR= Trebinabilidade; ICG= Índice de confronto geral no esporte.

Percepção da qualidade de sono em atletas com deficiência física e visual antes dos jogos paralímpicos de Londres (AP090)

Lucas A Facundo¹; Dayane F Rodrigues¹; Analice R da Cruz¹; Andressa Silva¹; Mário Antônio Simim¹; João Paulo P Rosa¹; Marco Túlio de Mello¹

¹Universidade Federal de Minas Gerais.

Introdução: O sono exerce papel importante na recuperação física de atletas influenciando diretamente o seu rendimento. Em períodos pré-competição podem ocorrer mudanças no padrão de sono destes atletas, tais como dificuldades de iniciar o sono, diminuição da quantidade e qualidade de sono.

Objetivo: Avaliar a percepção da qualidade de sono de atletas com deficiência física e visual antes dos Jogos Paralímpicos de Londres 2012.

Métodos: A amostra foi composta por 30 atletas da Seleção Paralímpica Brasileira de Atletismo com deficiência física - DF (18 atletas) e deficiência visual - DV (12 atletas). Para avaliar a qualidade subjetiva de sono e a sonolência excessiva diurna utilizou-se o questionário de Pittsburgh e a escala de sonolência de Epworth, respectivamente. Os resultados são apresentados em valores absolutos e percentuais. Comparações entre as variáveis

nominais foram realizadas utilizando-se o teste Qui-quadrado.

Resultados: A qualidade do sono foi classificada como Boa (n = 19; 63%), latência de sono inferior a 20 min (n = 19; 63%) e eficiência de sono maior que 85% (n = 28; 93%; $\chi^2 = 22,53$, $df = 1$, $p = 0,001$). Em relação à sonolência diurna, 50% (n = 15) foram classificados com sonolência normal e o restante (n = 15; 50%) como sonolento.

Conclusão: Concluímos que a percepção da qualidade do sono foi adequada para o período pré-competitivo de treinamento.

Coaching psicológico com equipe técnica do basquete (AP091)

Suzana de Mello Contieri¹

¹Universidade Metodista de São Paulo.

Introdução: O trabalho trata-se do relato de experiência sobre *coaching* psicológico com equipe técnica de categorias de base do basquete.

Objetivo: A atuação prática teve por objetivos conscientizar o participante sobre suas características de personalidade e estilo de ser, a partir da história pessoal; refletir sobre sua relação com o trabalho, carreira e escolhas profissionais; e compreender sua maneira de conceber as responsabilidades do cargo que ocupa e de atuar nas relações com pares, supervisor e atletas.

Métodos: Participaram do *coaching* três técnicos de equipes das categorias de base do Basquete da região do ABC Paulista. Foram realizados 15 encontros individuais de uma hora de duração com cada um dos participantes.

Resultados: Busca-se no *coaching* o processo adequado para as reflexões mais profundas do homem em relação ao seu trabalho, aos rumos de sua carreira e de suas escolhas profissionais e pessoais através do manejo da escuta psicológica. Ao longo das sessões, os profissionais foram dando conta de si mesmos enquanto sujeito único, singular; descobriram em sua própria história de vida e em seu discurso, seu estilo particular de conceber as responsabilidades do cargo que ocupam como técnico de categoria de base do Basquete. Foi possível perceber como cada participante se permitiu aprofundar em sua própria história pessoal e profissional, aproveitando-se deste espaço psicológico para o autoconhecimento e reconhecimento de suas potencialidades e fraquezas como técnico, educador e os rumos de sua carreira. Tendo um dos participantes demonstrado muita resistência, não se permitindo aprofundar nas reflexões, sendo este um desafio para a evolução da condução do *coaching* psicológico.

Conclusão: As experiências vividas junto aos técnicos permitiram perceber a necessidade da atuação do psicólogo do esporte para a compreensão da subjetividade, as relações interpessoais entre técnico e atletas e as demandas que permeiam a trajetória profissional e estilo de ser do técnico como líder e educador.

Escolha ou imposição?: História de vida sobre abandono da carreira de atleta no futebol (AP092)

Rafaella Cristina Campos¹; Jéssica Maria Ferreira Carvalho¹; Tamires Silva Gouvêa Selvati¹; Guilherme Rodrigues Freire¹; Diego Nascimento¹

¹Faculdade Presbiteriana Gammon – FAGAMMON.

Introdução: A maior parte das especialidades esportivas olímpicas exige especialização e alto rendimento durante o período da adolescência (dos 12 aos 16 anos), acarretando adequações físicas, emocionais e socioeconômicas, incompatíveis com a maturação de um adolescente e seu ciclo de pares. O futebol, por uma característica sociocultural brasileira, exige de seus atletas dedicação total e exclusiva, apesar de ser a modalidade com maior competitividade para ascensão e maior incerteza de sucesso. Sabe-se que no futebol, os atletas que não alcançam o alto rendimento são a maioria, e transitam para uma carreira completamente distinta do esporte, diferentemente de outras modalidades olímpicas em que o esporte é o foco, o

alicerce e/ou o trampolim para uma carreira de atleta ou pós-atleta. Tendo em vista esta realidade do esporte pergunta-se: há na carreira do jogador de futebol um momento na vida em que o atleta é impulsionado a decidir entre continuar tentando o sucesso ou interromper a jornada?

Objetivo: O objetivo foi compreender a construção da carreira do jogador de futebol e os motivos que levaram ao abandono desta prática esportiva.

Métodos: Optou-se pela metodologia qualitativa, com método de história de vida e entrevista em profundidade como instrumento de coleta de dados, analisada através da técnica de análise de conteúdo, realizada com 1(um) indivíduo, do sexo masculino, ex-jogador de futebol profissionalizado, mas não de elite.

Resultados: Há uma imposição velada para que o atleta de futebol que não atrai patrocinadores e não favorece o marketing do time, seja retido nas categorias de base e permaneça subjugado a condições inferiores de treinamento, assistência e pagamento (“A gente vai jogar com um sonho e nada mais. Acredita que é bom o suficiente”).

Conclusão: O abandono da carreira de futebol não é desejado pelo atleta ou imposto pelo clube e vínculo social, mas após alto investimento financeiro e emocional sem retorno na fase de especialização do esporte, o ônus de continuar é maior que a vontade e condições de permanecer (“Não desisti, mas agora não posso mais comprometer a minha vida num sonho, num desse; tenho que dar um rumo.”).

O pódio sem glamour: desnudando a história da carreira do atleta de alto rendimento (AP093)

Rafaella Cristina Campos¹; Edson de Jesus Martins¹; Tiago Cardoso Freire¹; Guilherme Rodrigues Freire¹; Diego Nascimento¹

¹Faculdade Presbiteriana Gammon – FAGAMMON.

Introdução: O esporte de alto rendimento se diferencia de outras carreiras pela aposentadoria precoce, dedicação exclusiva e transformação do corpo e crenças pessoais, denota-se também alto investimento som incerto futuro. Além disso, há discussões acerca do esporte como trabalho e profissão, que são escassas na literatura nacional e internacional, sugerindo que o esporte como ocupação social ainda não é investigado e/ou aceito na sociedade contemporânea, mesmo que com seu alto investimento socioeconômico e emocional evidentes.

Objetivo: O objetivo principal deste trabalho é identificar as fases da construção de carreira de atleta que levaram ao alto rendimento,

compreendendo os aspectos individuais (vocação) e sociais (investimentos).

Métodos: Optou-se pela metodologia qualitativa com método de história de vida. Para a coleta de dados utilizou-se da entrevista em profundidade realizada com 1(um) atleta de alto rendimento da equipe olímpica brasileira de ginástica aeróbica, e para a análise de dados utiliza-se a técnica de análise de conteúdo. Subdivide-se a análise em 3(três) fases: na primeira destacando-se que a intimidade com a prática esportiva é uma necessidade intrínseca ao atleta, mas não a modalidade (“Comecei com natação, mas eu e sentia desafiado pela ginástica acrobática, meu técnico que disse que minha desenvoltura era para aeróbica”). A segunda fase destaca o alto investimento que os pais fazem, e posteriormente o técnico e a equipe, aguardando retorno mais rápido do que o corpo em adaptação constante pode dar, gerando então as dúvidas em persistir na carreira (“Ninguém fala disso, é meio que segredo, mas tem técnico que mesmo sabendo que não evoluímos até tal ponto, nos mantém porque o dinheiro e o tempo já foram gastos, o emocional da gente fica extremamente abalado, como que compete assim?”). E a terceira fase de análise foca-se na realidade do dia a dia para permanecer no alto rendimento, onde a dor e a abdicação social e emocional são extremas (“Tenho tantas lesões que nem lembro mais, eu achava que chegar aqui era difícil, eu com 29 anos já sou velho, então tenho que aguentar, sou atleta de alto rendimento mas ainda não cheguei ao sucesso da minha carreira”).

Trajetórias e projetos de vida de atletas universitários no processo de transição universidade-trabalho: um estudo qualitativo (AP094)

Manoella Fiochi Marques¹; Marina Cardoso de Oliveira¹; Olívia Araújo de Freitas¹

¹Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

Introdução: O número de universitários que se envolvem com o esporte durante a graduação é cada vez mais expressivo, tanto no Brasil como no mundo. Contudo, os estudos que se dedicam a compreender a construção da carreira para esta população são escassos e mostram as dificuldades que estes indivíduos enfrentam por terem de lidar com mais de uma prioridade ao mesmo tempo (estudos e atividades esportivas), além de outros conflitos da juventude.

Objetivo: Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi analisar e descrever trajetórias de carreira e projetos de vida de atletas universitários no processo de transição universidade-trabalho.

Métodos: Para isso, realizou-se um grupo focal, com quatro atletas universitários concluintes do ensino superior. A análise dos dados foi feita a partir da epistemologia sociocostrucionista e da análise do discurso.

Resultados: Os resultados apontam que para esse grupo, as trajetórias de vida tem em comum o envolvimento desde criança com várias modalidades esportivas; a construção da carreira a partir da diferenciação entre “atleta-universitário” e “universitário-atleta”; dificuldade em conciliar treinos e estudos, principalmente no final da graduação; falta de apoio da universidade; influência positiva do esporte na graduação. Os projetos de vida geraram dúvidas e evidenciaram falta de clareza no planejamento da carreira. Em geral, os resultados encontrados foram desejo de continuar estudando; conciliar estudos com trabalho; utilizar conhecimentos e habilidades do esporte após a graduação; continuar/voltar a praticar esporte por lazer.

Conclusão: Concluiu-se que o discurso sobre as trajetórias e os projetos de vida dos atletas universitários no processo de transição universidade-trabalho priorizou mais os estudos do que o esporte, evidenciando dificuldades de conciliação entre estes aspectos. A falta de incentivo da universidade e a escassez de programas e disciplinas que incentivem e exercitem o planejamento de carreira são discutidos e apontados como elementos que contribuíram para a construção desse discurso.

Aposentadoria de atletas: reinserção em novos campos profissionais (AP095)

Marina Reis Sampaio¹; Carolina Isabelle Damazo Lopes¹; Eduardo Andrade Arruda¹; Maria Isabel Philomeno¹; Pamela Righy Amaral¹; Victoria Martins Peixoto¹; Marco Antônio de Azevedo¹

¹Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Introdução: A falta de preocupação pública e social em relação à aposentadoria de atletas futebolísticos é evidente no Brasil. Devido a isso, é importante dar visibilidade a esses ex-atletas, que se tornam muitas vezes desamparados e esquecidos, após o término de sua carreira.

Objetivo: O objetivo da pesquisa foi compreender o processo de aposentadoria de jogadores de futebol nos seus aspectos psicológicos, sociais e econômicos. Além disso, investigar os meios de reinserção desses ex-atletas em novos campos profissionais.

Métodos: Foi realizado um estudo de caso múltiplo aplicando entrevistas estruturadas com roteiros pré-estabelecidos, em uma amostra de três ex-atletas de futebol. As entrevistas foram gravadas e

transcritas. Os dados foram analisados de acordo com os objetivos da pesquisa.

Resultados: Os três entrevistados relataram que não tiveram orientação psicológica durante sua vida profissional, assim como, não planejaram sua aposentadoria. Todos os ex-atletas relataram ser muito difícil conciliar futebol com os estudos ou com outro trabalho, devido à total dedicação que o esporte exige. Os três entrevistados se reinseriram em algum momento de suas vidas novamente no futebol. Dois dos entrevistados tiveram uma aposentadoria conturbada, relatando vazio e angústia.

Conclusão: A partir da pesquisa foi possível concluir que há espaço para o acompanhamento psicológico desses ex-atletas devido às dificuldades encontradas nessa fase de transição. Uma dessas dificuldades foi no âmbito financeiro, já que não tendo sido famosos não conseguiram acumular recursos para aposentadoria. Esses aposentados se reinseriram no campo futebolístico devido à particular aptidão e identidade na carreira esportiva.

Principal razão da prática esportiva competitiva em crianças e adolescentes (AP096)

Marisa Lucia de Mello Santiago¹; Maria Regina Capanema Bahia¹; Camila de Castro Barros Valicente¹; Marisa Reis Sampaio¹; Natiele de Oliveira Lopes¹

¹Minas Tênis Clube.

Introdução: É comprovado que atletas profissionais iniciam suas carreiras esportivas prioritariamente pelo divertimento e pelas relações sociais que o esporte proporciona, e não pela competição em si. Contudo, posteriormente, a competição passa a ser a principal razão para a prática desses. Esse estudo evidencia a mudança de propósitos para praticar o esporte pelos atletas, fenômeno este que está presente em diversas modalidades esportivas.

Objetivo: Identificar e comparar quais as principais razões para crianças e adolescentes praticarem esportes competitivos.

Métodos: Foi realizada uma pesquisa qualitativa estruturada, por ocasião de uma avaliação de pré-temporada, em uma amostra de 49 crianças (11 e 12 anos) e 94 adolescentes (18 e 19 anos), atletas das modalidades judô, futsal, tênis, basquete, vôlei, ginástica e natação. Foram aplicados questionários para identificar quais as razões para a prática de esporte competitivo. Na amostra de 49 crianças, 15 responderam que era divertimento a principal razão para a prática do esporte, 13 responderam saúde, 12 disciplina, 8 competir e apenas 1 relaxar.

Na amostra de 94 adolescentes, 64 identificaram a competição como principal propósito para prática esportiva, seguido por 13 adolescentes que responderam saúde, 11 disciplina, 3 divertimento, 2 praticavam para ter amigos e somente 1 para relaxar. Os dados da pesquisa revelaram que a principal razão para a prática de esporte por crianças é o divertimento, enquanto para os adolescentes é a competição. Esses resultados evidenciam a mudança de propósito dos atletas em praticar o esporte ao longo de suas carreiras.

Avaliação do meio de inserção dos atletas de futebol inscritos na categoria de base do Goiás Esporte Clube (sub 20/sub 17/sub 15) no ano de 2015 (AP097)

Flávio Augusto de Araújo Rosa¹; Raphael Silva da Cruz²

¹Universidade Federal de Viçosa; ²Universidade Federal de Goiás.

Introdução: Meios de inserção de atletas.

Objetivo: O estudo teve com objetivo descrever os principais meios de inserção de atletas nas categorias Sub 15, Sub 17 e Sub 20 da base do Goiás Esporte Clube.

Métodos: Foi realizado um estudo observacional do tipo descritivo, onde foi descrito os métodos utilizados pelo clube para a inserção de atletas em seu Departamento de Futebol de Base.

Resultados: Sendo analisado um total de 2.481 dados cadastrais referente aos alunos e atletas matriculados e inscritos no ano de 2015 nos Departamento de Iniciação Esportiva e no Departamento de Futebol de Base do clube.

Conclusão: Os resultados indicaram que o Departamento de Iniciação Esportiva do clube (Escolinha) foi o principal meio de inserção nas categorias da base do Goiás Esporte Clube no ano de 2015, com um número de 33% dos seus atletas.

Sanções no ambiente do ensino do esporte e a formação da personalidade moral (AP098)

Leopoldo Katsuki Hiramã; Cássia Dos Santos Joaquim; Paulo Cesar Montagner

Introdução: Propostas em pedagogia do esporte defendem valores como democracia, igualdade, inclusão, autonomia. No entanto, muitos professores que já atuaram no ensino de esportes provavelmente se confrontaram com situações em

que tais valores pareciam ser conflitantes com as necessidades daquele momento. Referimo-nos às condutas coercitivas assumidas para retomar o melhor clima pedagógico. Broncas, castigos, exclusões da atividade ou da aula, afastamentos, são considerados tabus, algo a ser eliminado da prática docente. No entanto, não existem estudos que investigam tais condutas no esporte, apesar de serem ainda bastante comuns.

Objetivo: Portanto, esta investigação objetiva discutir condutas desta natureza aplicadas em um projeto de extensão universitária com o ensino de judô em uma comunidade rural do estado da Bahia.

Métodos: A pesquisa acompanhou, por meio da observação participativa, o grupo de 70 jovens entre 6 a 15 anos, durante os anos de 2010 a 2015. Devido às diversas dificuldades detectadas no início do projeto a respeito do comportamento geral dos alunos, foram determinadas certas diretrizes que nortearam as aulas, baseadas em condutas mais heteronômicas por parte dos professores e monitores. No entanto, o diálogo e a explicação dos objetivos de cada atividade também foram diretrizes adotadas. No decorrer do projeto, o plano foi substituir progressivamente as posturas diretivas por condutas mais interacionistas. A indicação direta das atitudes, a intervenção imediata e por vezes contundente nos casos de transgressão, a exclusão de alunos das atividades ou da aula e até suspensões por alguns dias, foram exemplos das condutas assumidas.

Resultados: Inicialmente observou-se a natural obediência pelo medo da sanção, que proporcionou a melhora sensível no andamento da aula, que por sua vez contribuiu para estimular o desejo por aprender mais. Gradativamente, de forma intencional e planejada, os professores foram oferecendo momentos cada vez mais frequentes para os alunos sugerirem e resolverem os problemas advindos dos dilemas surgidos.

Conclusão: As respostas autônomas apresentadas por grande parte dos alunos, em diversas oportunidades nos anos posteriores, permitem concluir que as sanções assumidas proporcionaram situações de conflito moral, reflexão, compreensão e contribuíram para o desenvolvimento moral dos alunos.

Pedagogia do esporte e a construção da personalidade moral: vivenciar a heteronomia para alcançar a autonomia (AP099)

Leopoldo Katsuki Hiramã; Cássia dos Santos Joaquim; Paulo Cesar Montagner

Introdução: O esporte assume atualmente diversos significados e sentidos. A capacidade de desenvolver valores morais é um destes, atribuído muitas vezes de forma superficial e compulsória. Portanto, ao se relacionar a prática esportiva ao desenvolvimento da personalidade é necessário se aprofundar nas questões da educação moral. Em meio ao arcabouço teórico existente sobre a temática, a questão das fases de desenvolvimento moral parece estar bem estabelecida. Sinteticamente, cada indivíduo deve passar pela fase da anomia, quando não se observa obrigação perante as regras, seguido pela heteronomia ou obediência às regras relacionada à submissão, para finalmente alcançar a autonomia moral, que se baseia nas relações de reciprocidade, refletindo-se sobre o papel e as consequências das regras. Retornando a atribuição do esporte como ambiente oportuno para o desenvolvimento moral, é comum acreditar que a autonomia é estimulada nos jovens permitindo, desde muito cedo, que tomem decisões, das mais simples às mais complexas.

Objetivo: Contrariando este senso geral, este estudo defende a necessidade de atitudes coercitivas ou heterônomas objetivando a autonomia.

Métodos: A pesquisa foi realizada a partir do acompanhamento de um projeto de extensão de ensino do Judô para jovens de 6 a 15 anos durante os anos de 2010 a 2015 que objetivava, além do desenvolvimento esportivo, a estimulação da construção da personalidade moral por meio de intervenções planejadas e aproveitamento das situações de dilemas próprias do cenário esportivo. Os dados foram levantados a partir da observação participante assim como entrevistas, rodas de conversa e relatórios de aula.

Resultados: O período de acompanhamento permitiu afirmar que as condutas coercitivas e diretivas por parte dos professores, nos anos iniciais do projeto, foram importantes para colaborar com o surgimento gradativo de atitudes autônomas dos alunos como respeito aos colegas, cooperação nas aulas, auxílio voluntário aos mais novos, entre outras ações. Tais condutas diretivas sempre foram seguidas por estratégias de diálogo, visando à compreensão moral das diversas situações.

Conclusão: As alterações atitudinais dos alunos eram acompanhadas por mudanças pedagógicas na mediação dos professores, substituindo as ações heterônomas por estimulação do diálogo, reflexão e resolução de problemas pelos próprios alunos.

Comparação dos níveis de depressão em atletas semi-profissionais de futebol americano, ginástica rítmica e vôlei de praia (AP100)

Raquel Melo; Tais Brasil; Yago Baltar; Bruno Barreto; Alberto Filgueiras

Introdução: No Brasil existe a preocupação de estudar a depressão de atletas que podem desencadear ao longo de suas carreiras devido às pressões por melhores resultados, por estressores na vida particular e por concussões e lesões cerebrais. Atletas semi-profissionais de vôlei de praia, futebol americano e ginástica rítmica provavelmente apresentam os mesmos níveis de demanda competitiva, mas apenas os jogadores de futebol americano parecem estar mais suscetíveis a concussões. Diferença nos grupos pode revelar o perfil afetivo e fragilidade emocional dessas modalidades.

Objetivo: O objetivo do presente estudo é comparar o grau de depressão nos atletas das modalidades de futebol americano, ginástica artística e vôlei de praia.

Métodos: Participaram do estudo 52 atletas semi-profissionais de: futebol americano ($N=20$), ginástica rítmica ($N=17$) e vôlei de praia ($N=13$). Foram coletados os níveis de depressão dos desportistas através do Inventário Filgueiras de Depressão (do inglês *Filgueiras Depression Inventory—FDI*). Os escores totais foram comparados usando uma ANOVA de uma via com tamanho do efeito pelo f de Cohen e parâmetro lambda de não centralidade. Foram usados os softwares SPSS e G-Power.

Resultados: O teste post-hoc adotado foi o da Diferença de Mínimas Significâncias (DMS). Atletas de futebol americano apresentaram escore total médio na FDI de $M=40,42$ ($DP=8,80$), atletas de ginástica rítmica apresentaram escore total médio na FDI de $M=29,06$ ($DP=9,39$) e atletas de vôlei de praia apresentaram escore total médio de $M=27,28$ ($DP=7,27$). A ANOVA de uma via apresentou diferença significativa entre os grupos para $F(2,37)=3,25$; $p<0,05$; $\lambda=20,97$; efeito=0,72. O teste post-hoc DMS mostrou que o grupo de atletas de futebol americano teve média significativamente diferente dos demais, mas o mesmo não ocorreu entre ginástica rítmica e vôlei de praia.

Conclusão: Os resultados confirmaram as suspeitas iniciais de que a modalidade praticada pode afetar o humor dos atletas dado o tipo de prática esportiva.

Prevalência de dismorfia muscular em atletas de fisiculturismo (AP101)

Marcus Vinicius Santos do Nascimento¹; Matheus Ezequiel Oliveira Santos¹; Naiara Silva dos Santos¹; Ana Clécia Alves dos Santos²

¹Universidade Tiradentes/SE; ²Universidade Federal de Sergipe.

Introdução: O fisiculturismo é um esporte caracterizado pela construção de um físico com grande volume muscular e baixo percentual de gordura. Os atletas desse esporte possuem uma rotina intensa de exercícios associada na maioria ao uso de suplementos alimentares e esteroides anabolizantes, se tornando uma população de risco para o desenvolvimento de dismorfia muscular (DM). A DM é uma alteração da saúde caracterizada pela preocupação com a condição de ser magro e não ter suficiente desenvolvimento muscular.

Objetivo: O objetivo do trabalho foi analisar a autopercepção, a composição corporal e a prevalência de dismorfia muscular em atletas de fisiculturismo.

Métodos: A amostra foi composta por 14 atletas do sexo masculino com idades entre 20 e 37 anos. Foi determinada a composição corporal por dobras cutâneas, aplicada a Escala de Satisfação da Aparência Muscular e aplicação de um conjunto de fotossilhetas validado para fisiculturistas brasileiros. Para análise estatística, foi utilizado o software SPSS, versão 17.0. A correlação de Pearson foi utilizada para verificar a correlação entre os escores de dismorfia muscular, horas de treino, tempo de fisiculturismo e composição corporal dos atletas. Para essa análise, foi estabelecido um nível de significância de 0,05.

Resultados: A correlação foi considerada fraca se $r=0,10$ a $r=0,30$, considerada moderada se $r=0,40$ a $r=0,60$ e forte se $r=0,70$ a $r=1,0$. A maioria dos indivíduos apresentou alto risco de dismorfia muscular e uma percepção corporal distorcida. Foi observada correlação negativa moderada entre a massa magra e o escore de dependência em malhar, horas de treino por semana e percentual de gordura e entre o tempo de fisiculturismo e o escore de checagem.

Conclusão: O presente trabalho verificou que grande parte dos atletas apresentou alto risco de dismorfia muscular e uma autopercepção corporal distorcida. Além disso, foi observada correlação negativa entre os escores componentes do grau de

dismorfia muscular, tempo de fisiculturismo, e massa magra.

Tempo de reação de escolha em mulheres (AP102)

Letícia Vieira Barbosa¹; Marco Túlio Silva Batista²; Leandro Rafael Leite³; Marcelo de Castro Teixeira¹; Alessandro Teodoro Bruzi¹

¹Universidade Federal da Lavras (UFLA); ²Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); ³Universidade de São Paulo (USP).

Introdução: Tempo de Reação (TR) consiste no tempo existente entre a apresentação do estímulo e a ativação muscular inicial para desempenhar uma tarefa. Dentre as possibilidades de TR, existe o Tempo de Reação de Escolha (TRE), que é quando se tem várias possibilidades de estímulos com uma escolha correspondente para cada um deles, e ainda está relacionado a diversos fatores que podem influenciar no seu pleno êxito, como o tipo de estímulo, complexidade da tarefa, prática e a idade.

Objetivo: Analisar o TRE em mulheres em diferentes faixas etárias.

Métodos: A amostra foi composta por 44 mulheres, com idade média de 15,46±3,34 anos, inexperientes na tarefa. Elas foram divididas em grupos por faixas etárias: (GI-1: 12 e 13 anos, GI-2: 14 e 15 anos, GI-3 16 a 18anos, GI-4: 19 e 20 anos e GI-5: 21 a 30 anos), O TRE foi avaliado em segundos através do *Multi-Operacional Apparatus for Reaction Time* (MOART: *Lafayette Instrument Company*®, Modelo no. 35600) nas condições dois (TRE2), quatro (TRE4), seis (TRE6) e oito (TRE8) estímulos visuais. Utilizou-se o teste U de Mann Whitney para comparação intergrupos em cada condição de TRE com nível de significância $p \leq 0,05$.

Resultados: Na comparação entre grupos, observou-se diferenças na condição TRE2 entre os grupos GI-5 (0,36±0,02) e GI-1 (0,43±0,06) com $p=0,016$ e entre GI-5 (0,36±0,02) e GI-2 (0,45±0,08) com $p=0,030$. Para TRE4, observou-se diferença entre GI-5 (0,43±0,04) e GI-2 (0,56±0,14) com $p=0,022$. Na condição TRE6, as diferenças foram encontradas em GI-5 (0,44±0,06) e GI-2 (0,70±0,26) com $p=0,003$ e GI-5 (0,44±0,06) e GI-3 (0,55±0,10) com $p=0,016$.

Conclusão: O TRE diminuiu com o aumento da idade até a idade adulta, apresentando resultados melhores para mulheres adultas.

A faixa etária influencia o tempo de reação de árbitros de futebol? (AP103)

Hiago Luan Rolla Martins¹; Varley Teoldo da Costa¹

¹Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Introdução: No futebol, o bom desempenho dos árbitros durante um jogo está relacionado a reações cognitivas rápidas para a interpretação dos lances. O tempo de reação cognitiva (TRC) é o intervalo de tempo entre um estímulo não antecipado e o início da resposta motora. Já o tempo motor (TM) é o intervalo de tempo entre o início da resposta motora e a concretização da mesma. É importante verificar como essas variáveis se comportam quando considerada a diferença entre as faixas etárias dos árbitros de futebol.

Objetivo: O presente estudo objetivou avaliar se existe diferença no TRC e TM entre árbitros de futebol por faixa etária.

Métodos: A amostra foi composta por 30 árbitros (idade média 32,22±5,92 anos), do sexo masculino, registrados na Federação Mineira de Futebol e que atuaram na temporada 2014-2015. Para mensurar o TRC e TM foi utilizado o *Reaction Test* (RT/S3), validado por Schuhfried e Prieler (2005). Para distribuição dos grupos os árbitros foram divididos através da análise de percentil em “Menor faixa etária” (MeF), até 33 anos, e “Maior faixa etária” (MaF), mais de 33 anos. Utilizou-se estatística descritiva. A normalidade dos dados foi verificada através do teste de Shapiro-Wilk. Para a comparação do TRC e TM entre os grupos de árbitros foi utilizado o teste-*T* ($p < 0,05$).

Resultados: Houve diferença na comparação das faixas etárias entre os grupos “MeF” e “MaF” ($p < 0,001$), com tamanho de efeito ($r=0,85$).

Conclusão: Conclui-se que, para esta amostragem, os árbitros de “Menor faixa etária” reagem cognitivamente mais rápido quando comparados aos árbitros de “Maior faixa etária”.

Tabela 1. Comparação do TRC e TM entre os grupos “Menor faixa etária” (MeF) e “Maior faixa etária” (MaF)

	MeF	MaF	<i>p</i>
TRC (ms)	383,42±48,48	445,93±70,11	*0,006
TRM (ms)	144,50±31,22	147,62±37,40	0,727

Tempo de reação cognitiva (TRC), Tempo motor (TM)

* $p < 0,05$

Evidências de validade da Escala de Estados de Humor em árbitros de basquetebol (AP104)

Flávia Renata de Almeida¹; Carolina de Campos¹; João Baptista Gil Junior¹; Claudia Borim da Silva¹; Marcelo Callegari Zanetti¹; Maria Regina Ferreira Brandão¹

¹Universidade São Judas Tadeu.

Introdução: Dentre as variadas funções profissionais atreladas ao esporte, a arbitragem é responsável por garantir que as regras e regulamentos sejam aplicados. Neste sentido, habilidades psicológicas como estados de humor são importantes para serem averiguadas, pois a falta deste controle pode interferir em seu desempenho.

Objetivo: Assim, o objetivo do presente estudo foi verificar as evidências de validade da escala dos estados de humor em árbitros de basquetebol.

Métodos: Foram avaliados 391 árbitros brasileiros de basquetebol, de ambos os sexos, pertencentes às categorias regional, nacional e internacional (de acordo com normas estabelecidas pela Federação Internacional de Basquetebol), com média de idade de $33,12 \pm 9,8$ anos e tempo médio de arbitragem de $10,13 \pm 8,1$ anos, através da Escala de Humor BRAMS (Rohlf, 2006) que avalia seis estados de humor: tensão (T), depressão (D), raiva (R), vigor (V), fadiga (F) e confusão (C). Foi aplicada a análise fatorial exploratória com rotação varimax utilizando cargas fatoriais acima de 0,5 e correlação de Pearson. O nível de significância adotado foi de 0,01.

Resultados: Sessenta e um por cento da variância explicada foi distribuída em 22 itens, subdivididos em cinco fatores de estados de humor, sendo que quatro deles (D, R, V e F) são rigorosamente iguais ao instrumento original (BRAMS). O quinto estado de humor foi denominado preocupação (P) e compreende a somatória de dois dos estados de humor originais (T e C). O valor do coeficiente alpha de Cronbach para analisar a confiabilidade do inventário foi de 0,806. Houve correlação linear positiva e significativa entre todos os estados de humor negativos (P, D, R, F) e negativa e significativa com o V. Este instrumento passou a ser denominado de BRAMSAB (BRAMS para Árbitros de Basquetebol).

Conclusão: Pode-se concluir que em relação às qualidades psicométricas, o BRAMS-AB pode ser considerado válido e fidedigno na avaliação de estados de humor em árbitros de basquetebol.

Aspectos psicológicos envolvidos no processo de recuperação de atletas lesionados (AP105)

Beatriz Mendes Cavallini¹; Dominique Gonçalves de Azevedo¹; Marcelo Verrone Villela¹; Fabiano Fonseca da Silva¹

¹Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Introdução: O presente estudo se propôs a investigar os aspectos psicológicos que estão envolvidos no processo de recuperação de atletas lesionados. Quando se tem alguma questão emocional o atleta fica mais propenso a sofrer uma lesão no treino ou na competição. Devido à frequência de aspectos relacionados ao assunto abordado, averiguamos a importância da psicologia para avaliar e auxiliar o que se apresenta um tema habitual no ambiente esportivo. O atleta tem que se conscientizar de suas reais condições de recuperação física e a parte emocional deve-se ser trabalhada em conjunto ao psicólogo do esporte intervir, a fim de potencializar o processo de recuperação.

Objetivo: Investigar como os fatores psicológicos influenciam na lesão e recuperação de atletas e estudar quais tipos de sentimentos os atletas passam ao retornar as suas atividades após um período lesionado.

Métodos: Para sua realização participaram 44 atletas de 11 modalidades esportivas, que atenderam aos critérios de processo de recuperação de lesão, que atuaram em sua modalidade esportiva em alto rendimento profissionalmente, com idades variando de 18 a 36 anos, sendo 29 mulheres e 15 homens. Estes, em seu local de treino ou via e-mail, responderam um questionário de 16 perguntas abertas. É um estudo do tipo exploratório, correlacional e descritivo.

Resultados: Com base na análise de dados, os resultados indicaram que quando se tem alguma questão emocional o atleta fica mais propenso a sofrer uma lesão no treino ou na competição, os fatores envolvidos na lesão o atleta perde a oportunidade de participar de competições, perde posição dentro do time, ou em alguns casos não pode mais atuar como atleta profissional. O atleta faz cobranças prejudicando seu rendimento ao invés de melhorar, tendo pensamentos negativos, colocando uma pressão sobre si, há tensão por algum fator externo ou interno. Tanto mulheres quanto homens tendem a “banalizar” sua lesão para voltar rápido aos treinos e competições. Outro dado importante é que a maioria dos atletas respondeu que não tinha um profissional de psicologia para auxiliá-los, os fatores envolvidos na recuperação o atleta possui a ambição de voltar o quanto antes para treinar e participar de campeonatos, e a própria equipe coloca pressão sobre o atleta para o

seu retorno. É presente na recuperação do atleta a sensação de medo para voltar a treinar e sofrer outra lesão, tem receio de realizar movimentos. Percebemos que algumas modificações no humor do atleta diminui sua *performance*, podendo ser por muita confiança ou por alguma dificuldade que o atleta está passando. Os atletas que se lesionam frequentemente passam pelo processo de resposta como a negação. O estudo ajudou a compreender os estados emocionais de atletas lesionados antes, durante e após sua lesão, o trabalho do psicólogo é auxiliar a equipe e o atleta nessas etapas, conseguindo uma conscientização de todos para que o atleta esteja sempre em melhores condições.

Conclusões: Os resultados obtidos nos questionários geram reflexões acerca de fazer prevenções com os atletas, para evitar pensamentos, emoções negativas que os prejudiquem em treinos e competições. Percebeu-se durante o processo que o estado emocional anterior dos atletas muitas vezes influenciou no acontecimento da lesão. Seja por excesso de confiança ou falta de atenção, o trabalho do psicólogo também é observar o estado emocional do atleta e fazer intervenções pontuais quanto a isso.

Esporte adaptado competitivo e a psicologia: uma investigação crítica da literatura (AP106)

Luís Eduardo D’Almeida Manfrinati¹; Caio Possati Campos¹; Ricardo da Costa Padovani¹

¹Universidade Federal de São Paulo.

Introdução: O Esporte Adaptado é definido como a adaptação de modalidades esportivas convencionais visando à participação de pessoas com deficiência. A estreita relação com o esporte competitivo e tornando-se uma alternativa para a melhora psicológica, social e física de seus praticantes, a respectiva modalidade vem ganhando destaque expressivo no cenário mundial. Assim como no esporte convencional, o manejo do estresse e da ansiedade apresentam-se como elementos centrais no desempenho esportivo.

Objetivo: O objetivo do estudo foi analisar, com base em revisão da literatura, a área da psicologia no campo do Esporte Adaptado.

Métodos: Revisão bibliográfica nas bases LILACS, PUBMED e PsycINFO. Descritores: Esporte Adaptado, Psicologia, Paraolimpíadas, Paratletas e Deficiência. Sem limitação de idioma, no período de 2000 a 2015.

Resultados: Dentre os 63 estudos encontrados, foram selecionados 19 artigos. Observou-se o aumento de publicações nos últimos cinco anos, com expressiva participação nacional e prevalência em países estrangeiros, como Canadá e EUA. Notam-

se dois tipos de produções: pesquisas voltadas à importância do esporte adaptado e seu impacto nas vidas dos atletas; e aquelas direcionadas às avaliações psicológicas e preparação de paratletas para competições.

Conclusão: A participação no esporte adaptado contribuiu positivamente no processo de mudança psicológica e social. Contudo, nota-se escassez de estudos acerca de fatores associados aos estados emocionais negativos dos paratletas. O Esporte Adaptado é capaz de promover mudanças positivas na vida de seus praticantes. Porém, faz-se necessário ampliar o entendimento dos potenciais agentes estressores prejudiciais à saúde e ao rendimento atlético dos envolvidos, bem como desenvolver estudos referentes à identidade atlética e à necessidade de adaptação de técnicas psicológicas para indivíduos com diferentes deficiências, como forma de aprimorar a preparação de paratletas e dos profissionais envolvidos.

A incidência de lesões em adolescentes praticantes de futsal (AP107)

Paulo Cesar Silvino Abreu; Evanice Avelino de Souza; Felipe Rocha Alves; Fabricio Furtado da Rocha; Francisco Alex Alves Teixeira

Introdução: A principal característica do futsal é a realização de inúmeras ações motoras rápidas que exigem esforços intensos de caráter intermitente, fato esse que predispõe o risco de instalação de lesões desportivas (LD) em seus praticantes.

Objetivo: Investigar a incidência de lesões em praticantes de futsal.

Métodos: Estudo transversal realizado com 33 atletas (sexo masculino, 10 – 17 anos de idade) na Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS), localizada na cidade de Caucaia, Ceará. O Inquérito de Morbidade Referida (IMR) foi utilizado para a obtenção das variáveis (sexo, idade, tempo de treino em anos e quantidade de horas/treino por semana) e para as informações referentes às lesões (local anatômico, momento da lesão, gravidade da lesão, retorno às atividades físicas e recidivas). Utilizou-se a estatística descritiva para análise dos dados.

Resultados: Do total de participantes (07) relataram ter sofrido algum tipo de lesão, sendo o joelho, tornozelo e as mãos os locais anatômicos mais afetados com (2) casos respectivamente.

Conclusão: Os resultados do presente estudo mostram que houve baixa incidência de lesões entre os entrevistados. Assim, dada às limitações desse estudo (tamanho da amostra, faixa etária e periodicidade de treinamentos/competições) recomenda-se que outros estudos investiguem essa temática considerando outros fatores associados.

Avaliação da carga de trabalho em jogadores de futebol em jogo reduzido: comparação entre estatutos posicionais (AP108)

Gustavo Caetano¹; Felipe Moniz^{1,2}; Guilherme Machado¹; Davi Correia da Silva¹; Israel Tealdo¹

¹Núcleo de Pesquisa e Estudos no Futebol (NUPEF), Universidade Federal de Viçosa; ²Faculdade Governador Ozanam Coelho.

Introdução: No futebol, a carga de trabalho está relacionada com fatores organizacionais diretamente ligados ao desempenho das ações realizadas, como jogos reduzidos. Os jogos reduzidos são utilizados por possuírem características fundamentais para representar os constrangimentos reais do jogo de futebol, os quais são caracterizados como problemas advindos do jogo que são resolvidos pelos jogadores através do desempenho de ações. No entanto, o desempenho dessas ações parece ser específico por jogador, uma vez que os jogadores são divididos por estatutos posicionais, classificados em Defesa, Meio Campo e Ataque. Dessa forma, vê-se a necessidade de buscar informações sobre as exigências do jogo frente ao posicionamento de cada jogador dentro de campo.

Objetivo: O objetivo do estudo foi avaliar a carga de trabalho em jogadores de futebol no jogo reduzido comparando por estatutos posicionais.

Métodos: A amostra foi composta por 105 jogadores com idade (M=14,06; DP=1,04) anos, sendo 44 Defensores, 39 Meio-campistas e 22 atacantes. Para avaliar a carga de trabalho foi utilizado o questionário *Task Load Index Scale* "NASA-TLX". Este questionário utiliza as exigências mental, física, temporal, de desempenho, de esforço e de nível de frustração para avaliar a carga de trabalho. O jogo reduzido utilizado foi o Goleiro+3x3+Goleiro. Para verificar a diferença entre as posições foi utilizado o teste ANOVA unifatorial com nível de significância de $p < 0,05$.

Resultados: Foi verificado que não houve diferença significativa na carga de trabalho em jogadores de futebol em situações de jogo reduzido quando comparada por estatutos posicionais. Esses resultados podem ser explicados pelo fato de que esta configuração de jogo reduzido proporcionar aos jogadores uma maior participação efetiva, desempenhando ações com maior frequência que o jogo formal, independentemente do estatuto posicional.

Conclusão: Conclui-se que a carga de trabalho de jogadores de futebol na configuração Goleiro+3x3+Goleiro não difere quando comparada por estatuto posicional.

Comparación de la carga de trabajo entre jugadores de fútbol de las categorías sub-13 y sub-15 (AP109)

Alvaro Martinez^{1,3}; Felipe Moniz^{1,2}; Davi Correia da Silva¹; Guilherme Machado¹; Israel Tealdo¹

¹Núcleo de Pesquisa e Estudos em Futebol (NUPEF), Universidade Federal de Viçosa; ²Faculdade Governador Ozanam Coelho; ³Universidad del Tolima.

Introducción: La carga de trabajo es descrita como el nivel de esfuerzo físico y mental realizado por un individuo en determinadas tareas. En el fútbol, diferentes tareas son requeridas por los entrenadores para crear situaciones-problema y a su vez estos sean resueltos por los jugadores. Sin embargo, los jugadores son divididos por categorías etarias durante el proceso de formación y el entendimiento de las características de las diferentes categorías puede ayudar en el desarrollo deportivo de los mismos. Por lo tanto, comprender la percepción de la carga de trabajo de los jugadores en diferentes categorías puede ayudar a los entrenadores en la planificación y organización de su entrenamiento.

Objetivo: El objetivo del estudio fue comprar la carga de trabajo en una tarea de juego reducido entre las categorías Sub-13 y Sub-15. La muestra fue compuesta por 127 jugadores de fútbol de la categoría Sub-13 (n=56) con edad (M=12,98; DP=0,56) y Sub-15 (n=71) con edad (M=12,98; DP=0,56) en años. La carga de trabajo fue evaluada a través del cuestionario *Task Load Index Scale* "NASA-TLX". Este cuestionario utiliza las exigencias mental, física, temporal, de desempeño, de esfuerzo y de nivel de frustración para evaluar la carga de trabajo. La tarea utilizada fue un juego reducido con configuración de portero+3x3+portero. La distribución de los datos fue verificada por el test *Kolmogorov-Smirnov*. Para verificar la diferencia entre los juegos fue utilizado el test *Mann-Whitney* con nivel de significancia de $p < 0,05$ a través del *software SPSS 22.0*.

Resultados: No fueron verificadas diferencias estadísticamente significativas en la percepción de la carga de trabajo en la tarea de juego reducido entre las categorías Sub-13 e Sub-15.

Conclusión: Se concluye que la carga de trabajo en la configuración de juego reducido de portero+3x3+portero no difiere cuando fue comparado entre las categorías Sub-13 e Sub-15 de jugadores de fútbol.

Portal de Portales
latindex



SBB

BRAZILIAN SOCIETY
OF BIOMECHANICS



ABEPEEX

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS EM PSICOLOGIA DO ESPORTE E DO EXERCÍCIO

EXÉRCITO BRASILEIRO

Braço Forte – Mão Amiga



**Centro de Capacitação Física do Exército
(CCFEx)**



2015

<http://www.revistadeeducacaofisica.com/>